



A CASA A VAPOR

Jules Verne

EXILADO DOS
LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Jules Verne



A CASA A VAPOR



JULES VERNE
LA MAISON A VAPEUR



DIGITALIZADO E CORRIGIDO POR:

Aventino de Jesus Teixeira Gonçalves

Maio de 2003

Esta obra é constituída por dois volumes

Para comodidade de leitura, foram retiradas as legendas das gravuras que, como é natural, não integram a versão digital

Nota do digitalizador

A casa a vapor – I Volume – A chama errante

TRADUÇÃO DE AM D Cunha e Sá

Desenhos da edição original francesa de BENETT

LIVRARIA BERTRAND LISBOA

Título da edição original. LA MAISON A VAPEUR

Primeira Parte



A CHAMA ERRANTE



CAPÍTULO I



Uma Cabeça Posta a Prêmio

«Concede-se o prêmio de duas mil libras a quem entregar, vivo ou morto, um dos antigos chefes da revolta dos sipaios, que consta ter aparecido na presidência de Bombaim, o nababo Dandu-Pant, mais conhecido pelo nome de...»

Tal era o edital que os habitantes de Aurungabad podiam ler na noite de 6 de Março de 1867.

O último nome execrado, amaldiçoado para todo o sempre por uns, admirado e abençoado em segredo por outros -, o último nome, dizíamos, faltava no edital, que havia pouco fora afixado na parede de um *bungalow* em ruínas, nas margens do Dudhma.

Se assim sucedia era porque o ângulo inferior do edital, onde esse nome se achava estampado em grandes letras, acabava de ser rasgado pela mão de um faquir, por cuja presença ninguém dera naquela margem, então deserta.

Com aquele nome igualmente desaparecera o do governador-geral da presidência de Bombaim, que acompanhava a assinatura do vice-rei das Índias.

Que ideia seria a do faquir?

Esperava ele que, rasgando o edital, o rebelde de 1857 escaparia à vindicta pública e às consequências da resolução oficial que a seu respeito se tomava?

Seria loucura.

Outros editais como aquele apareciam profusamente pelas paredes das casas, dos palácios, das mesquitas, dos hotéis de Aurungabad

Além disso, percorria as ruas um pregoeiro da cidade, que lia em voz alta a última ordem do governador.

Os habitantes das mais pequenas aldeias da província sabiam já que se prometia uma verdadeira fortuna a quem entregasse o Dandu-Pant.

O seu nome, inutilmente aniquilado, ia correr em menos de doze horas toda a presidência.

Se eram exactas as informações, se o nababo na verdade procurara um refúgio naquela zona do Indostão, não havia dúvida de que ele dentro de pouco cairia em mãos grandemente interessadas em realizar a sua captura.

A que impulso obedecera então aquele faquir ao rasgar um edital de que existiam milhares de exemplares?

À irritação, sem dúvida, ou talvez a algum pensamento desdenhoso.

Fosse o que fosse, depois de encolher os ombros, o faquir embrenhou-se no bairro mais populoso e mais pobre da cidade.

Chama-se Decão o extenso tracto da península indiana compreendido entre os Gates ocidentais e os Gates do mar de Bengala. É o nome que geralmente se dá à parte meridional da Índia aquém do Ganges.

Este Decão, cujo nome em sânscrito significa sul, conta nas presidências de Bombaim e de Madrasta certo número de províncias. Uma das principais é a província de Aurungabad, cuja capital até foi outrora a de todo o Decão.

No século XVII, o célebre imperador mongol Aureng-Zeb transferiu a sua corte para aquela cidade, que nos primeiros tempos da história do Indostão era conhecida pelo nome de Kirkhi.

Contava, então, cem mil habitantes. Hoje, sob o domínio dos Ingleses, que a administram por conta do nizão de Haiderabad, tem uns cinquenta mil.

Entretanto, é uma das cidades mais saudáveis da península, poupada até hoje pela temível cólera asiática, e que as febres

epidémicas, tão terríveis na Índia, nunca visitam.

Aurungabad conserva magníficos restos do seu antigo esplendor.

O palácio do grão-mongol, edificado na margem direita do Dudhna, o mausoléu da sultana favorita do xá Jahan, pai de Aureng-Zeb, a mesquita copiada do elegante Tadge de Agra, que ergue os seus quatro minaretes em volta de uma cúpula graciosamente arredondada, e vários outros monumentos, artisticamente edificados, atestam o poder e a grandeza do mais ilustre dos conquistadores do Indostão, que levou o seu reino, ao qual incorporou o Cabul e o Assão, a incomparável grau de prosperidade.

Apesar de, como se disse, a população de Aurungabad ter sofrido considerável redução, podia qualquer pessoa esconder-se facilmente entre os tipos tão variados que a compunham.

Verdadeiro ou falso, o faquir, misturado com todo aquele populacho, não se distinguia por modo algum de entre ele.

Os seus iguais fervilham na Índia. Constituem com os *sayeds* uma corporação de mendigos religiosos, que pedem esmola, a pé ou a cavalo, e sabem exigí-la quando não lha dão de bom grado!

Tão-pouco desdenham o papel de mártires voluntários, e gozam de grande crédito nas classes inferiores do povo indiano.

O faquir que apresentámos em cena era homem de estatura elevada, de mais de cinco pés e nove polegadas inglesas.

Se passava dos quarenta, seria um ano ou dois.

No rosto lembrava o belo tipo marata, principalmente pelo brilho dos olhos negros, sempre esplêndidos de vivacidade. Não obstante, dificilmente se descobririam as feições tão finas da sua raça sob o grande número de sinais de bexigas que lhe crivavam o rosto.

Ainda em toda a força da idade, parecia ágil e robusto.

Sinal particular: faltava-lhe um dedo na mão esquerda.

Com os cabelos tintos de vermelho, um turbante na cabeça, estava descalço, meio nu, apenas coberto com uma pobre camisa de lã

esfarrapada, apertada na cintura.

No peito viam-se-lhe em cores vivas os emblemas dos dois princípios, conservador e destruidor, da mitologia hindu, a cabeça de leão da quarta encarnação de Vixnu, os três olhos e o tridente simbólico do feroz Xiva.

Verdadeira e bem compreensível comoção agitava as ruas de Aurungabad, e mais particularmente as ruas onde se aglomerava a população dos bairros pobres. Fervilhava esta fora dos casebres que lhe servem de morada. Homens, mulheres, crianças, velhos, europeus ou indígenas, soldados dos regimentos reais ou dos regimentos de nativos, mendigos de toda a casta, campónios dos arredores, chegavam-se uns aos outros, conversavam, gesticulavam, comentavam a noticia, calculavam as probabilidades de ganharem o enorme prémio prometido pelo Governo.

A exaltação do espírito público não seria mais ardente diante da roda de uma lotaria cujo prémio grande valesse duas mil libras.

Pode-se até acrescentar que daquela vez não havia ninguém que não pudesse alcançar um bom bilhete o que apanhasse em prémio a cabeça de Dandu-Pant.

A verdade, porém, é que era preciso ter sorte para encontrar o nababo, e ser bastante audaz para se apoderar da sua pessoa.

O faquir evidentemente o único de entre todos a quem não excitava a esperança de ganhar o prémio deslizava pelo meio dos grupos, parando de vez em quando, comentando o que se dizia, como pessoa que podia muito bem tirar proveito do que ouvia.

Mas não se metia na conversa de ninguém. Não obstante, se a sua boca permanecia calada, não conservava ociosos os olhos e os ouvidos.

- Duas mil libras por descobrir o nababo! - exclamava um, erguendo ao céu as mãos recurvas.

- Não por descobri-lo - acudia outro -, mas por apanhá-lo, o que é bem diferente!

- Mas não se dizia ultimamente que ele morrera de febre, nos juncais de Nepal?

- Nada disso é verdade! O velhaco do Dandu-Pant quis passar por morto, a fim de continuar a viver com mais segurança. Chegou a correr o boato de que o tinham enterrado no meio do seu acampamento, na fronteira. Falsas exéquias, para enganar!

O faquir não pestanejava ao ouvir afirmar aquele último facto de uma maneira que não admitia dúvidas.

Contraíu, porém, involuntariamente, a fronte quando ouviu um indiano um dos mais exaltados do grupo em que se confundira dar as informações seguintes, informações demasiado precisas para não serem verídicas:

O que é certo dizia o indiano é que em 1859 o nababo refugiou-se com o seu irmão Balão Rao e o ex-rajá de Gonda, Debi-Bux-Singh, num campo junto de uma das montanhas do Nepal. Ali, perseguidos muito de perto pelas tropas inglesas, resolveram os três transpor a fronteira indochinesa. Mas, antes de o fazerem, o nababo e os seus dois companheiros, a fim de tornarem mais crível o boato da sua morte, procederam ao seu próprio funeral. Apesar disso, o que unicamente enterraram da sua pessoa foi um dedo da mão esquerda, que a si próprios cortaram na ocasião da cerimónia fúnebre.

- E como sabes isso? - perguntou um dos ouvintes ao indiano que falava com tanta segurança.

- Presenciei as exéquias - respondeu este. - Os soldados de Dandu-Pant tinham-me feito prisioneiro, e só passados seis meses é que pude fugir.

Enquanto o indiano falava de um modo tão afirmativo, o faquir não o perdia de vista.

Chispavam-lhe os olhos.

Ocultou prudentemente a mão mutilada sob o farrapo de lã que lhe cobria o peito.

Escutava sem proferir palavra, mas tremiam-lhe os lábios, que deixavam ver os dentes acerados.

- Visto isso, conheces o nababo? - perguntaram ao antigo prisioneiro de Dandu-Pant.

- Conheço - respondeu.

- E conhecê-lo-ias, sem hesitação, se o acaso te pusesse em frente dele?

- Tão bem como me conheceria a mim mesmo.

- Então tens alguma probabilidade de ganhar o prémio de duas mil libras! retorquiu um dos interlocutores, não sem um tom de inveja mal dissimulada.

- Talvez... - respondeu o indiano - se é verdade que o nababo teve a imprudência de se atrever a entrar na presidência de Bombaim, o que me parece bastante inverosímil.

- E o que viria ele cá fazer?

- Tentar decerto promover algum levantamento - disse um dos homens do grupo -, senão entre os sipaios, pelo menos entre as populações dos campos do centro.

- Logo que o Governo afirma terem-no visto na província - tornou um dos interlocutores, pertencente a essa classe de indivíduos que entendem que a autoridade nunca se pode enganar -, é que o Governo anda certamente bem informado a tal respeito!

- Assim deve ser - confirmou o indiano. - Permita Brama que Dandu-Pant passe por mim, e fica feita a minha fortuna!

O faquir recuou alguns passos, mas não perdeu de vista o ex-prisioneiro do nababo.

Era já noite cerrada, mas apesar disso a animação nas ruas de Aurungabad não diminuía.

A respeito do nababo circulavam ainda mais boatos.

Num ponto, dizia-se que fora visto na própria cidade; noutro, que estava já longe.

Afirmava-se que um correio, expedido da província ao anoitecer, acabava de trazer ao governador a notícia da prisão de Dandu-Pant.

Às nove da noite, os mais bem informados sustentavam que já estava preso na cadeia da cidade, em companhia de alguns tugues, que ali vegetavam havia mais de trinta anos, e que seria enforcado no dia seguinte, ao romper do dia, sem mais formalidades, como o fora Tantia-Toipi, seu célebre companheiro de revolta na praça de Sipri.

Às dez horas, porém, correu outro boato contraditório. Espalhou-se que o preso conseguira evadir-se logo em seguida, o que deu novas esperanças aos que se engodavam com o prémio das duas mil libras. A realidade era que todos estes boatos não passavam de pura falsidade.

Os mais bem informados sabiam tanto como os que o estavam menos ou como os que nada sabiam. A cabeça do nababo continuava a valer o prémio. Era ainda para quem o apanhasse.

Pelo facto de conhecer pessoalmente Dandu-Pant, o indiano estava, pois, mais habilitado que ninguém a ganhar o prémio. Poucas pessoas, principalmente na presidência de Bombaim, haviam tido ocasião de se encontrar com o feroz chefe da grande insurreição.

Mais ao norte e mais ao centro, na Sindhia, no Bundelkund, no Ude, nos arredores de Agra, de Deli, de Cawnpore, de Lucknow, no principal teatro das atrocidades cometidas por ordem sua, as populações levantar-se-iam em massa contra ele e entregá-lo-iam à justiça inglesa.

Os parentes das suas vítimas, maridos, irmãos, filhos, esposas, choravam ainda aqueles a quem o nababo fizera trucidar aos centos.

Não bastavam dez anos decorridos para apagar os mais legítimos sentimentos de ódio e de vingança.

Em vista disso, não era possível que Dandu-Pant fosse tão imprudente que se aventurasse por aquelas províncias, onde o seu nome era de todos execrado.

Se, pois, como se dizia, ele tornara a transpor a fronteira indochinesa, se algum motivo ignorado projectos de insurreição ou quaisquer outros projectos o tinham feito abandonar o esconderijo que ninguém lograva descobrir, cujo segredo a polícia anglo-indiana ainda não conseguira violar, só as províncias do Decão, com o campo livre, lhe podiam garantir uma espécie de segurança.

Como se vê, o governador tivera indícios do seu aparecimento na presidência, e a sua cabeça fora logo posta a prêmio.

Convém sempre notar que em Aurungabad, na classe superior, entre os magistrados, os oficiais, os funcionários, duvidava-se um pouco das informações obtidas pelo governador. Tantas eram já as vezes que se espalhava que o intangível Dandu-Pant fora visto e até apanhado! Tantas eram já as falsas notícias que tinham circulado a seu respeito, que se formara uma espécie de lenda sobre o dom de ubiquidade de que o nababo era dotado e da sua habilidade em iludir os mais hábeis agentes de polícia. Entre a plebe, porém, é que não se duvidava.

Como era natural, no número dos menos incrédulos figurava o antigo prisioneiro do nababo.

Aquele pobre diabo do indiano, engodado pelo prêmio, animado além disso por uma necessidade de vingança pessoal, não pensava noutra coisa senão em sair a campo, e considerava como seguro o êxito.

Era muito simples o plano que formara.

Tencionava, logo no dia seguinte, oferecer os seus serviços ao governador; em seguida, depois de colher o que se sabia com exactidão a respeito de Dandu-Pant, isto é, quais os fundamentos

sobre que se baseava o edital, dirigir-se-ia ao próprio local onde o nababo fora descoberto.

Por volta das onze da noite, depois de ter ouvido tantos boatos diversos, que, ao mesmo tempo que se lhe baralhavam no espírito, o fortaleciam nos seus planos, o indiano tratou finalmente de ir descansar um pouco.

Tinha por morada apenas um barco amarrado nas margens do Dudhma, e dirigiu-se para aquele lado cismando, com os olhos meio cerrados.

Sem que o suspeitasse, era seguido pelo faquir. Este não lhe largava a pista, mas de modo que não lhe despertava a atenção, e não saindo nunca do escuro.

Para o extremo do populoso bairro de Aurungabad, as ruas eram menos animadas àquela hora.

A sua principal artéria terminava nuns terrenos incultos, cuja orla extrema formava uma das margens do Dudhma.

Atravessavam-na ainda alguns retardatários, não sem pressa, reentrando nas zonas mais frequentadas.

Não tardou que se ouvisse o ruído dos últimos passos, mas o indiano não reparava que era o único que seguia pela beira do rio.

O faquir não o largava e escolhia os sítios imersos na escuridão, ocultando-se umas vezes com as árvores, outras costeando as paredes sombrias das casas arruinadas, que se erguiam de distância em distância.

Não era inútil a precaução. Acabava de nascer a Lua, que espalhava uma vaga claridade na atmosfera.

O indiano poderia ter notado que era espiado e até seguido de perto.

Quanto a ouvir passos do seu inimigo, ser-lhe-ia isso impossível.

O faquir, descalço, não andava, deslizava.

Nenhum ruído denunciava a sua presença na margem do Dudhma.

Decorreram assim cinco minutos.

O indiano resolvera regressar, por assim dizer, à miserável barca onde costumava passar a noite.

Não podia explicar-se de outro modo a direcção que levava.

Ia como homem costumado a percorrer todas as noites aquele lugar deserto. Absorvia-o o pensamento do passo que tencionava dar no dia seguinte.

A esperança de se vingar do nababo, que não fora humano com os seus prisioneiros, juntamente com a feroz «cobiça do prémio» em perspectiva, tornavam-no a um tempo cego e surdo.

Não tinha, por isso, a consciência do perigo que as suas palavras imprudentes lhe faziam correr.

Não viu o faquir aproximar-se dele pouco a pouco.

Mas, de repente, um homem saltou-lhe em cima como um tigre, empunhando um objecto reluzente.

Era um raio da Lua que cintilava na folha de um punhal malaio.

Ferido no peito, o indiano caiu de chofre no chão.

Apesar de ter sido vibrado o golpe com braço firme, não estava morto.

Juntamente com uma golfada de sangue, soltaram-se-lhe dos lábios algumas palavras meio articuladas.

O assassino curvou-se, agarrou na vítima, levantou-a, e, expondo em cheio o rosto ao luar, disse:

- Conheces-me?

- Ele! - murmurou o indiano.

E o terrível nome do faquir ia ser a sua última palavra, quando expirou no meio de rápida sufocação.

Um momento depois, o corpo do indiano desaparecia na corrente do Dudhma, que jamais o devia restituir.

O faquir esperou que as águas sossegassem. Em seguida voltou pelo mesmo caminho, tornou a atravessar os terrenos incultos, os bairros onde começava a reinar a solidão, e a passo rápido dirigiu-se para uma das portas da cidade.

Mas essa porta acabavam de a fechar no momento em que ali chegou.

Alguns soldados do exército real ocupavam o posto que lhe defendia a entrada.

O faquir não podia, como era sua intenção, sair de Aurungabad.

- Pois é preciso que saia esta noite mesmo... ou nunca mais sairei!...
—murmurou.

Retrocedeu, tomou pelo caminho de circunvalação, andou uns duzentos passos, trepou pelo talude e chegou à parte superior da trincheira.

O alto da muralha ficava a uns cinquenta pés acima do nível do fosso, cavado entre a escarpa e a contra-escarpa.

Era uma muralha a prumo, sem saliências nem asperezas que proporcionassem algum ponto de apoio.

Parecia absolutamente impossível que alguém deslizasse pelo revestimento exterior.

Só com uma corda se poderia efectuar a descida, mas o cinto que o faquir trazia em volta de si apenas media alguns pés, e não lhe permitia chegar à base do talude.

Parou por um momento, olhou em roda, e reflectiu.

Pela parte superior da trincheira boiavam algumas comas de verdura, pertencentes ao arvoredado que rodeia Aurungabad como de um cinto vegetal.

Das comas penduravam-se compridos ramos, flexíveis e resistentes, que se poderiam talvez utilizar para chegar, não sem grande risco, ao fundo do fosso.

Assim que esta ideia lhe ocorreu, o faquir não hesitou um momento.

Meteu-se logo por baixo de um dos domos de verdura, e desapareceu pelo lado de fora da muralha, suspenso da parte superior de um ramo, que pouco a pouco ia vergando sob o seu peso.

Assim que o ramo se curvou o suficiente para roçar na ameia, o faquir deixou-se deslizar lentamente, como se tivesse entre as mãos uma corda de nós.

Pôde por esta maneira descer até meia altura da escarpa, mas separavam-no ainda do solo uns trinta pés.

Achava-se, pois, suspenso, a todo o comprimento dos braços, balouçando, procurando com o pé alguma fenda que lhe servisse de ponto de apoio...

De súbito, sulcaram a escuridão muitos clarões.

Várias detonações soaram.

O fugitivo fora descoberto pelos soldados da guarda.

Tinham feito fogo sobre ele, mas sem conseguirem alcançá-lo.

Contudo, uma bala bateu duas polegadas acima da sua cabeça, no ramo que o sustentava, e cortou-o em parte.

Passados vinte segundos, o ramo quebrava-se e o faquir caía no fosso... Outro qualquer morreria; ele estava são e salvo.

Levantar-se, tornar a subir o talude da contra-escarpa, no meio de um segundo chuva de balas, que o não alcançaram, desaparecer na escuridão, foi um brinquedo para o fugitivo.

Duas milhas adiante, sem que dessem por ele, passava próximo do alojamento das tropas inglesas, acampadas fora de Aurungabad.

A duzentos passos daqui, parava, voltava-se, erguia na direcção da cidade a mão mutilada e proferia estas palavras:

Desgraçados dos que caírem em poder de Dandu-Pant! Ingleses, ainda não destes cabo de Nana Sahib!

Nana Sahib! Este nome de guerra, o mais terrível daqueles a quem a revolta de 1857 dera sangrenta nomeada, acabava o nababo de o lançar mais uma vez, como supremo desafio, aos conquistadores da Índia!

Capítulo II



O Coronel Munro

- Então, meu caro Maucler, não me fala da minha viagem? perguntou-me o engenheiro Banks. Dir-se-á que ainda não saiu de Paris! Que lhe parece a Índia?

Eu respondi:

- A Índia! Mas para lhe falar dela com algum acerto, era preciso ao menos que a tivesse visto.

- Ora essa! - retorquiu o engenheiro. - Pois não acaba de atravessar a península de Bombaim a Calcutá, e só sendo cego...

- Não sou cego, amigo Banks, mas durante a jornada tiraram-me a vista...

- Tiraram-lhe a vista?...

- Sim, tiraram-me a vista com o fumo, com o vapor, com a poeira e, mais ainda, com a rapidez do transporte. Não quero falar mal dos caminhos de ferro, porque o ofício de Banks é construí-los, mas calafetar-se uma pessoa no compartimento de um vagão, ter unicamente por campo visual o vidro das portinholas, correr noite e dia com uma velocidade média de vinte milhas por hora, umas vezes sobre viadutos, em companhia das águias ou dos gipaetos, outras sob túneis, na companhia dos arganazes e dos ratos, só parar nas estações, as quais se parecem todas umas com as outras, não ver das cidades senão o exterior das muralhas, ou o alto dos minaretes, perpassar no meio da incessante confusão do ruído da locomotiva, dos silvos da caldeira, do ranger dos carris e do gemer dos freios, será isto viajar?

- Falou muito bem! - exclamou o capitão Hod. - Responda a isso, se pode, Banks! O que pensa, meu coronel?

O coronel, a quem o capitão Hod acabava de se dirigir, inclinou levemente a cabeça, e limitou-se a responder:

- Estou com curiosidade de saber o que Banks vai replicar ao nosso hóspede, Senhor Maucler.

- Não me colocam no mais pequeno embaraço as palavras de Maucler respondeu o engenheiro, e confesso que tem razão em todos os pontos.

- Nesse caso - exclamou o capitão Hod -, porque é que o senhor constrói caminhos de ferro?

- Para que o capitão possa ir de Calcutá a Bombaim em sessenta horas, quando tiver pressa.

- Nunca tenho pressa!

- Nesse caso, tome a estrada do Great Trunk - volveu o engenheiro.

- Tome-a, Hod, e vá a pé!

- É isso mesmo que tenciono fazer.

- Quando?

- Quando o meu coronel estiver disposto a acompanhar-me numa bonita caminhada de oitocentas a novecentas milhas através da península!

O coronel limitou-se a esboçar um sorriso e recaiu numa dessas longas meditações das quais os seus amigos, entre outros o engenheiro Banks e o capitão Hod, só muito dificilmente o faziam sair.

Havia um mês que eu chegara à Índia, e porque tomara a via férrea chamada a Great Indian Peninsular, que liga Bombaim com Calcutá por Allahabad, nada absolutamente conhecia da península.

A minha tenção era percorrer primeiramente a parte setentrional daquelas regiões além do Ganges, visitar as grandes cidades, estudar os principais monumentos e dedicar a esta exploração todo o tempo necessário para que ela fosse completa.

Conhecera em Paris o engenheiro Banks.

Ligava-nos, havia anos, uma amizade que não podia deixar de se ir arreigando, graças a uma intimidade muito profunda.

Eu tinha-lhe prometido vir vê-lo a Calcutá, logo que o acabamento da secção de Scind Punjab and Deli, de que ele se achava encarregado, o deixasse livre.

Ora, os trabalhos estavam concluídos. Banks tinha direito a um descanso de muitos meses, e eu viera pedir-lhe que descansasse fatigando-se a correr a Índia.

Se aceitara ou não com entusiasmo a minha proposta, é escusado dizê-lo.

Por isso devíamos pôr-nos a caminho, dentro de algumas semanas, assim que a estação nos fosse favorável.

Por ocasião da minha chegada a Calcutá, no mês de Março de 1867, Banks fizera-me travar conhecimento com um dos seus valentes camaradas, o capitão Hod; em seguida apresentara-me ao seu amigo o coronel Munro, em casa do qual tínhamos vindo passar a noite.

O coronel, então com a idade de quarenta e sete anos, morava numa casa um pouco isolada, no bairro Europa, e por conseguinte fora do movimento que caracteriza a cidade comercial e a cidade negra de que se compõe na realidade a capital da Índia.

O bairro do coronel fora chamado outrora a «Cidade dos Palácios», e com efeito não faltam nela os palácios, se uma tal denominação se pode aplicar a habitações que só têm de palácios os pórticos, as colunas e os terraços.

Calcutá é o ponto de reunião de todas as ordens arquitectónicas, que o gosto inglês geralmente escolhe e aproveita de entre as diversas ordens de todas as cidades dos dois mundos.

Pelo que dizia respeito à residência do coronel, era o *bungalow* com toda a sua simplicidade, uma habitação levantada sobre um rodapé

de tijolos, constando de um andar apenas, coberto com um telhado em forma de pirâmide.

Circundava-a uma *verandah* ou *varangue*, sustentada por ligeiras colunatas.

Dos lados, cozinhas, cavalariças, quartos dos criados, formavam duas asas.

Isto tudo compreendia-se dentro de um jardim ornado de belas árvores e cingido de muros pouco elevados.

A casa do coronel era a de um homem que vive muito bem.

Tinha criadagem numerosa, tanto quanto o comporta o serviço das famílias indo-inglesas.

Mobília, material, disposições interiores e exteriores, tudo se encontrava nos seus devidos lugares.

Conhecia-se que a mão de uma mulher inteligente presidira àqueles diversos arranjos e deixara deles a tradição, mas também se conhecia que essa mulher já ali não devia estar.

Quanto à direcção da criadagem, ao governo da casa, o coronel deixara isso inteiramente entregue a um dos seus companheiros, um escocês, *um condutor* do exército real, o sargento Mac Neil, com o qual fizera todas as campanhas da Índia, um desses belos corações que parecem bater no peito daqueles a quem se dedicam.

Era um homem de quarenta e cinco anos, alto, vigoroso, usando a barba toda como os escoceses das montanhas.

No aspecto e na fisionomia, assim como no traje tradicional, ficara um montanhês de corpo e alma, apesar de haver deixado o serviço militar ao mesmo tempo que o coronel Munro.

Ambos haviam saído da actividade depois de 1860.

Mas em vez de regressarem aos *glens* do país natal, para o meio dos velhos clãs dos seus antepassados, tinham ficado na Índia, e viviam em Calcutá, numa espécie de solidão e reserva que carecem de explicação.

Quando Banks me apresentou ao coronel Munro, fez-me apenas uma recomendação:

- Não aluda nunca à revolta dos sipaios, e sobretudo não profira o nome de Nana Sahib!

O coronel Edward Munro pertencia a uma antiga família da Escócia, cujos antepassados se distinguiam na história do Reino Unido.

Contava entre os seus avós aquele Sir Hector Munro, que comandava o exército de Bengala em 1760, e que teve precisamente de dominar um levantamento, que os sipaios, um século depois, haviam de repetir por sua conta.

O major Munro reprimiu a revolta com despiidade enérgica, e não hesitou em amarrar, no mesmo dia, vinte e oito revoltosos à boca das peças, suplício espantoso, muitas vezes renovado durante a insurreição de 1857, e cujo terrível inventor fora o avô do coronel.

Na época em que os sipaios se revoltaram, o coronel Munro comandava o 93.º Regimento de Infantaria escocesa do exército real.

Fez quase toda a campanha às ordens de Sir James Outram, um dos heróis daquela guerra, aquele que soube granjear o epíteto do «Bayard do exército das Índias», como o proclamou Sir Charles Napier.

O coronel Munro esteve pois com ele em Cawnpore; tomou parte na segunda campanha de Colin Campbell, na Índia; figurou no cerco de Lucknow, e não deixou aquele ilustre soldado senão quando ele foi nomeado, em Calcutá, membro do conselho da Índia.

Em 1858, o coronel Sir Edward Munro era cavaleiro da Estrela da Índia, «*the Star of India* (K. C. S. I.)». Fizeram-no baronete, e sua mulher ter-se-ia intitulado Lady Munro^{1} se, em 27 de Junho de 1857, a infeliz não percesse na horrível carnificina de Cawnpore, a carnificina executada à vista e por ordem de Nana Sahib.

Lady Munro os amigos do coronel não lhe davam outro nome era adorada pelo marido.

Contava apenas vinte e sete anos quando desapareceu juntamente com as duzentas vítimas daquela abominável mortandade.

Mistress Orr e Miss Jackson haviam sobrevivido, uma ao marido, outra ao pai.

Quanto a Lady Munro, não tinha podido ser restituída ao coronel Munro.

Não fora possível encontrar e dar sepultura cristã aos seus restos, confundidos com os de tantas outras vítimas no poço de Cawnpore.

Desesperado, Sir Edward Munro não teve senão um pensamento, um só: encontrar Nana Sahib, que o Governo inglês fazia procurar por toda a parte, e saciar, com a sua vingança, uma espécie de sede de justiça que o devorava.

Para ter inteira liberdade de acção retirou-se do serviço.

O sargento seguiu-o em todos os passos e diligências.

Animados das mesmas ideias, vivendo para o mesmo intuito, aspirando ao mesmo fim, os dois lançaram-se no seguimento de todas as pistas, recolheram todos os vestígios, mas não foram mais felizes que a polícia anglo-indiana.

O Nana escapou a todas as suas pesquisas.

Após três anos de infrutíferos esforços, o coronel e o sargento tiveram de, provisoriamente, suspender todas as investigações.

Depois, por aquele tempo, correra na índia o boato da morte de Nana Sahib, e daquela vez com tais visos de verdade que excluía toda a dúvida.

Sir Edward Munro e Mac Neil voltaram então a Calcutá, onde se instalaram no *bungalow* isolado.

Sem nunca sair de casa, sem nunca ler jornais ou livros, que lhe poderiam avivar lembranças da sangrenta época da insurreição, o coronel vivia como homem cuja existência não se dirige a um fim.

Contudo, não o largava a recordação da mulher.

Parecia que o tempo não tinha acção sobre ele, que não lhe podia minorar as saudades.

Devemos acrescentar que a notícia do reaparecimento do Nana não chegara ao conhecimento do coronel.

E foi uma fortuna, porque ele teria logo deixado o *bungalow*.

De tudo isto me informara Banks antes de me apresentar naquela casa, donde fora para sempre banida toda a alegria.

Eram estas as razões por que se devia evitar toda a alusão à revolta dos sipaios e ao mais cruel dos seus chefes, Nana Sahib.

Só dois amigos dois amigos a toda a prova frequentavam assiduamente a casa do coronel. Eram o engenheiro Banks e o capitão Hod.

Como já disse, Banks acabava de concluir os trabalhos de que fora incumbido para a construção do caminho de ferro Great Indian Peninsular.

Era um homem de quarenta e cinco anos, em toda a força da idade.

Devia tomar parte activa na construção do caminho de ferro de Madrastra, destinado a ligar o golfo arábico com a baía de Bengala.

Não era, porém, provável que os trabalhos pudessem começar antes de um ano.

Descansava pois em Calcutá, ocupando-se entretanto de diversos projectos de mecânica, porque era um espírito activo e fecundo, constantemente em busca de novos inventos.

Todo o tempo que lhe sobrava das suas ocupações consagrava-o ao coronel, a quem o ligava uma amizade de vinte anos.

Por isso, quase todas as suas noites se passavam na varanda do *bungalow*, em companhia de Sir Edward Munro e do capitão Hod, que acabava de obter uma licença de dez meses.

Hod, que pertencia ao 1.º Esquadrão dos Carabineiros do exército real, fizera toda a campanha de 1857-1858, primeiramente com Sir

Colin Campbell no Ude e no Rohilkhande, depois com H. Rose, na Índia central, campanha que só terminou pela tomada de Gwalior.

O capitão Hod, educado na rude escola da Índia, um dos membros distintos do Clube Madrasta, de cabelos e barba ruivos, não tinha mais de trinta anos.

Apesar de pertencer ao exército real, tomá-lo-iam por um oficial do exército indígena, tanto se indianizara durante a sua permanência na península.

Se ali houvesse nascido, não seria mais indiano.

É que a Índia figurava-se-lhe o país por excelência, a terra prometida, o único país onde o homem podia e devia viver.

É que efectivamente ali é que ele encontrava ocasião de satisfazer as suas tendências.

Soldado por temperamento, renovavam-se constantemente as ocasiões de se bater.

Caçador inveterado, não estava no país onde a natureza parece ter reunido os animais ferozes da criação, todo o género de caça dos dois mundos?

Alpinista resolutivo, não tinha à mão a formidável cordilheira do Tibete, que compreende os mais altos cumes do Globo?

Viajante intrépido, quem lhe impedia de pôr o pé onde ainda ninguém o tinha posto, nas inacessíveis regiões da fronteira do Himalaia?

Amador exaltado de corridas de cavalos, faltavam-lhe acaso os hipódromos da Índia, que a seus olhos valiam os da Marche ou de Epsom?

Neste mesmo assunto, ele e Banks estavam em perfeito desacordo.

O engenheiro, na sua qualidade de verdadeiro mecânico, só se interessava muito mediocrementemente nas proezas hípicas dos *Gladiator* e das *Fille-de-l'air*.

Um dia até, como o capitão Hod muito apertasse com ele a esse respeito, Banks respondeu-lhe que na sua opinião, as corridas só seriam verdadeiramente interessantes dada uma condição.

- Qual? - perguntou Hod.

- Estabelecer-se bem positivamente - respondeu Banks, muito a sério - que o último jóquei a chegar à meta fosse imediatamente fuzilado junto ao poste da partida.

- É uma ideia!... - exclamou o capitão Hod com simplicidade.

- E ele era, sem dúvida alguma, muito capaz de correr em pessoa aquele risco!

Tais eram os dois assíduos comensais do *bungalow* de Sir Edward Munro.

O coronel gostava de os ouvir discutir sobre todas as coisas, e as suas eternas discussões faziam-no às vezes sorrir.

Um desejo comum naqueles dois excelentes companheiros era arrastar o coronel a alguma viagem que o pudesse distrair.

Já por vezes lhe haviam proposto que fosse passar alguns meses nos arredores desses *sanitarium*, onde a sociedade abastada anglo-indiana costuma refugiar-se durante a quadra dos calores.

O coronel recusara-se sempre a isso.

Quanto à viagem que eu e Banks tencionávamos empreender, já o havíamos sondado a esse respeito.

Naquela mesma noite voltou o assunto à discussão.

Como se viu, o capitão Hod falava nada menos do que em fazer a pé uma grande excursão ao norte da Índia.

Se Banks não gostava de cavalos, Hod não gostava de caminhos de ferro.

Eram parceiros no jogo.

O meio termo seria inquestionavelmente viajar ou de carruagem, ou de palanquim, à sua vontade, às horas que lhes aprouvesse, coisa

fácil nas grandes estradas bem traçadas e bem conservadas do Indostão.

- Não me falem dos seus carros e bois, dos seus zebus de corcovas!
- exclamou Banks. - Se não fôssemos nós, estariam os senhores ainda com os seus veículos primitivos, que já ninguém queria há quinhentos anos na Europa!

- Ora essa, Banks - retorquiu o capitão Hod -, valem bem os seus vagões estofados e os seus Crampton. Bois grandes, brancos, que sustentam perfeitamente o galope, e que se substituem nas mudas de posta de duas em duas léguas...

- E que puxam uma espécie *de* baús de quatro rodas, onde uma pessoa é sacudida mais rudemente do que os pescadores nos seus barcos, num mar revolto!

- Pois não falemos nessas carrimónias, Banks - redarguiu o capitão Hod. - Mas não temos nós carruagens a dois, três e quatro cavalos, que podem rivalizar em velocidade com os seus comboios de funérea reputação? Eu preferia o simples palanquim...

- Os seus palanquins, capitão Hod, verdadeiros esquifes de seis pés de comprimento, quatro de largo, onde uma pessoa vai estendida como se fosse um cadáver!...

- Pois irá, Banks, mas não há abalos ou solavancos. Pode-se ler, pode-se escrever, pode-se dormir à vontade, sem se ter de acordar em cada estação. com um palanquim de quatro ou seis *gamais*^{2} bengalis, fazem-se ainda quatro milhas e meia por hora, e, ao menos, como nos vossos desapiedados expressos, não corre a gente o risco de chegar ao seu destino, mesmo antes de haver partido... e isso, quando se chega!

- O melhor digo eu então seria um indivíduo levar a casa consigo.

- Como o caracol! - exclamou Banks.

- Meu amigo, um caracol que pudesse sair e entrar na casca quando lhe apetecesse, não seria muito digno de dó! Viajar numa casa,

numa casa que rodasse, era talvez o último progresso em questão de viagens.

- A isso - acudiu o coronel Munro -, a isso não digo nada. Deslocar-se o viajante conservando-se contudo na sua casa, levar consigo o lar doméstico e todas as recordações que o compõem, variar sucessivamente o seu horizonte, modificar os seus pontos de vista, a sua atmosfera, o seu clima, sem mudar em coisa alguma a sua vida... sim, a isso não digo...

- Acabavam-se esses *bungalows* destinados aos viajantes - disse o capitão Hod -, onde o conforto deixa sempre a desejar, e nos quais não se pode permanecer sem licença da administração local.

- Acabavam-se as detestáveis estalagens, onde, moral e fisicamente, se é esfolado de todas as maneiras! - exclamei eu, não sem alguma razão.

- O carro dos saltimbancos - exclamou o capitão Hod -, mas o carro modernizado! Que ideal! Parar uma pessoa quando quiser, pôr-se a caminho quando lhe apetecer, ir a passo se gostar de espairecer, galopar logo que o deseje, levar consigo não só o quarto de dormir, mas o salão, a casa de jantar, o gabinete de fumar, e principalmente a cozinha e o cozinheiro, aí é que está o progresso, amigo Banks! É cem vezes superior aos caminhos de ferro! Atreva-se a desmentir-me, senhor engenheiro, atreva-se!

- Alto! Amigo Hod - redarguiu Banks -, seria inteiramente do seu parecer se...

- Se o quê!... - perguntou o capitão, meneando a cabeça.

- Se, na sua ascensão para o progresso, não parasse repentinamente a meio caminho.

- Há então coisa melhor ainda?

- Veja. Acha a casa ambulante muito superior ao vagão, mesmo ao vagão-salão, mesmo ao *sleeping-car* dos caminhos de ferro. Tem razão, meu capitão, se podemos perder tempo, se viajamos por

divertimento, não para negócio. Parece-me que a tal respeito estamos todos de acordo?

- Todos - respondi.

O coronel Munro baixou a cabeça em sinal de afirmação.

- Fica isto - assente tornou Banks. - Continuo, pois. Os senhores dirigiram-se a um construtor de carros que acumula as funções de arquitecto, e ele construiu-lhes a sua casa ambulante. Ei-la, bem apropriada, bem compreendida, satisfazendo todas as exigências de um amigo da comodidade. Não é muito alta, o que lhe evitará as quedas, nem muito larga, para que possa ir por todos os caminhos; é engenhosamente suspensa, para que os movimentos sejam fáceis e suaves. Muito bem, muito bem! Foi construída pelo nosso amigo coronel, suponho. Ofereceu-nos nela hospitalidade. Se quiserem, vamos visitar as regiões setentrionais da Índia, à maneira de caracóis, mas caracóis a quem a cauda não prende inseparavelmente à casca. Pronto, tudo! Nada se esqueceu... nem o cozinheiro, nem a cozinha, a que o capitão dá tanto apreço. É chegado o dia de partir, vamo-nos pôr a caminho. *All right!*... E quem é, meu excelente amigo, que há-de puxar a sua casa ambulante?

- Quem? - exclamou o capitão Hod. - Ora, mulas, cavalos, burros, bois!...

- Às dúzias? - perguntou Banks.

- Elefantes - retrucou o capitão Hod -, elefantes! Eis o que seria majestoso e magnífico! Uma casa puxada por um tiro de elefantes, bem ensinados, de altivo aspecto, partindo, galopando, como os melhores cavalos do mundo!

- Isso seria magnífico, capitão!

- Um trem de rajá em campanha, meu engenheiro!

- Sim, mas...

- Mas... o quê! Temos ainda alguns mas! - exclamou o capitão Hod.

- E um mas muito sério!

- Ah! Estes engenheiros não servem senão para ver dificuldades em tudo!...

- E para as vencer quando não são invencíveis - replicou Banks.

- Então vença-as.

- Venço-as, e eis como. Meu querido Munro, todos esses motores de que o capitão falou caminham, arrastam, puxam, mas também cansam. Depois, são manhosos; às vezes teimam, e sobretudo comem. Ora, à mais pequena falta de pasto, como não podem arrastar após si quaisquer trezentos acres de pastagens, o tiro pára, cansa, cai, morre de fome, a casa ambulante deixa de rodar, e fica tão imóvel como o *bungalow* onde agora discutimos. Segue-se, pois, que a dita casa não será prática senão no dia em que for uma casa a vapor.

- Que deslize sobre carris - observou o capitão, encolhendo os ombros.

- Não; sobre estradas - respondeu-lhe o engenheiro -, puxada por alguma locomotiva aperfeiçoada.

- Bravo! - exclamou o capitão. - Bravo! Logo que a sua casa não rode sobre uma via férrea, e se possa dirigir a capricho, sem ter de seguir a sua imperiosa linha de ferro, conte comigo.

- Mas - observei eu a Banks -, se mulas, jumentos, cavalos, bois, elefantes comem, também uma máquina come, e por falta de combustível pára no caminho.

- Um cavalo-vapor - replicou Banks - equivale em força a três ou quatro cavalos de sangue e essa força ainda é susceptível de aumento. Um cavalo-vapor não está sujeito nem à fadiga nem à doença. com todo o tempo, em todas as latitudes, ao sol, à chuva, por baixo da neve, caminha sempre sem cansar. Não tem de recear os ataques das feras, a mordedura das serpentes, o ferrão dos mosquitos e de outros temíveis insectos. Não carece do aguilhão do carreiro, do chicote do condutor. Descansar, não precisa, passa sem dormir. Produto da mão do homem, considerado com relação ao seu fim e não se exigindo dele que sirva um dia para o assarmos no

espeto, o cavalo-vapor é superior a todos os animais de tiro que a Providência pôs à disposição da humanidade. Um pouco de azeite ou de gordura, um pouco de carvão ou de lenha, é tudo quanto consome. Ora, os meus amigos bem o sabem, não são as florestas que faltam na península indiática, e a lenha pertence a todo o mundo!

- Isso é que é falar bem - exclamou o capitão Hod.

- Viva o cavalo-vapor! Parece que já estou a ver a casa ambulante do engenheiro Banks puxada pelas grandes estradas da Índia, penetrando nos juncais, embrenhando-se nas florestas, aventurando-se nos covis dos leões, dos tigres, dos ursos, das panteras e dos lobos-tigres, e nós ao abrigo das suas paredes, e desforrando-nos com hecatombes de caça grossa, capazes de vexarem os Nemrod, os Anderson, os Gérard, os Pertuiset, os Chassaing do mundo! Ah! Banks, vem-me a água à boca, e essa sua ideia faz-me ter pena de eu não nascer daqui a uns cinquenta anos!

- Mas porquê, meu capitão?

- Porque daqui a cinquenta anos estará realizado o seu sonho, e far-se-á a sua casa a vapor.

- Está feita respondeu com simplicidade o engenheiro.

- Feita? E pelo meu amigo, talvez?!

- Por mim, e só receio uma coisa: é que ela não saia superior ao que imaginam...

- A caminho, Banks, a caminho! - exclamou o capitão, que se ergueu como impelido por uma descarga eléctrica.

Estava pronto a partir. O engenheiro tranquilizou-o com um gesto. Em seguida, com voz mais grave, disse, dirigindo-se a Sir Edward Munro:

- Edward, se puser uma casa ambulante à tua disposição, se daqui a um mês, quando a estação for conveniente, eu te vier dizer: «Eis o teu quarto, que se deslocará e irá aonde tu quiseres, eis os teus amigos, Maucler, o capitão Hod e eu, que não queremos outra coisa

senão que nos acompanhes numa excursão ao Norte da Índia», poderei contar que me respondas: “Partamos, Banks, partamos, e que o deus dos viajantes nos proteja»?

- Sim, meus amigos - respondeu o coronel Munro -, depois de reflectir por um momento. Banks, ponho à tua disposição o dinheiro necessário. Cumpre a tua promessa! Traze-me essa casa a vapor ideal, que talvez exceda o ideal de Hod, e atravessaremos toda a Índia!

- Hurra! Hurra! Hurra! - exclamou o capitão Hod.

- Pobre da caça grossa nas fronteiras do Nepal!

Atraído pelos vivas do capitão, o sargento Mac Neil apareceu à porta.

O coronel Munro disse-lhe:

- Dentro de um mês, Mac Neil, partimos para o Norte da Índia. Vais?

- Por força, visto que o meu coronel também vai! - respondeu o sargento Mac Neil.

Capítulo III



A Revolta dos Sipaio

Poucas palavras farão sumariamente conhecer o que era a Índia na época a que pertence esta narrativa, e mais particularmente o que foi a formidável revolta dos sipaios, cujos principais factos importa aqui referir.

Foi em 1600, no reinado da rainha Isabel, em plena raça solar, na Terra Santa de Aryavarta, no meio de uma população de duzentos milhões de habitantes, dos quais cento e doze milhões pertenciam à religião hindu, que se fundou a muito respeitável Companhia das Índias, conhecida pela alcunha inglesa de «Old John Company».

Era ao princípio uma simples associação de comerciantes, que faziam comércio com as Índias orientais, à testa da qual se colocara o duque de Cumberland.

Por esse tempo, já o poderio português, que fora grande nas Índias, começava a declinar.

Aproveitando esta circunstância, os Ingleses tentaram um primeiro ensaio de administração política e militar, na presidência de Bengala, cuja capital, Calcutá, se ia tornar o centro do novo Governo.

A primeira coisa que se fez foi mandar-se o 39.º Regimento ocupar a província.

Desta circunstância é que provém a razão de este regimento trazer ainda na bandeira a seguinte divisa: *Primus in Indus*.

Quase pela mesma época fundava-se uma companhia francesa, sob o patronato de Colbert.

Tinha fim idêntico ao da companhia dos comerciantes de Londres.

Desta rivalidade deviam originar-se conflitos de interesses.

Seguiram-se, com efeito, vitórias e reveses, que ilustraram os Dupleix, os Labourdonnais, os Lally-Tollendal.

Por fim, esmagados pelo número, os franceses tiveram de abandonar a Carnatica, isto é, a porção da península que compreende uma parte da margem oriental do Indostão.

Lord Clive, desafrontado de concorrentes, nada já receando nem de Portugal nem da França^{3}, tratou de tornar mais sólida a conquista de Bengala, da qual Lord Hastings foi nomeado governador-geral.

Uma administração hábil e perseverante empreendeu o sistema de reformas.

Mas, a partir de então, a Companhia das Índias, tão poderosa, tão absorvente até, era lesada directamente nos seus mais caros interesses.

Alguns anos depois, em 1784, Pitt modificou-lhe novamente a carta primitiva. O ceptro da Companhia teve de passar para as mãos dos conselheiros da Coroa.

Em resultado desta nova ordem de coisas, a Companhia ia perder, em 1813, o monopólio do comércio das Índias e, em 1833, o monopólio do comércio da China.

Se a Inglaterra não tinha de lutar contra associações estrangeiras na península, teve de sustentar guerras difíceis, já com os antigos possuidores do solo, já com os últimos conquistadores asiáticos daquele rico domínio.

No tempo de Lord Cornwallis, em 1784, foi a luta com Tippto Sahib, morto em 4 de Maio de 1799, no último assalto do general Harris em Seringapatão. Foi a guerra com os Maratas, esse povo de raça superior, muito poderoso durante o século XVIII, e a guerra com os Pindarris, que ofereceram corajosa resistência. E, além disto, a luta com os Gurcas do Nepal, esses valentes montanheses, que, na dura provação de 1857, haviam de conservar-se fiéis aliados dos Ingleses.

Finalmente, foi a guerra contra os Birmãs, de 1823 a 1824.

Em 1828, os Ingleses estavam senhores directa ou indirectamente de grande parte do território.

Com Lord William Bentinck inaugurou-se nova fase administrativa.

Desde a regularização das forças militares da Índia, o exército compreendia sempre dois contingentes muito distintos: o contingente europeu e o contingente nativo ou indígena.

O primeiro formava o exército real, composto de regimentos de cavalaria, de batalhões de infantaria, e de batalhões de infantaria europeia ao serviço da Companhia das Índias; o segundo compunha o exército nativo, compreendendo batalhões de infantaria e batalhões de cavalaria regulares, mas indígenas, comandados por oficiais ingleses.

A isto havia a ajuntar uma artilharia, cujo pessoal, pertencente à Companhia, era europeu, com excepção de algumas baterias.

Qual era o efectivo destes regimentos ou batalhões, que são indiferentemente nomeados desta maneira no exército real?

Para a infantaria, mil e cem homens por batalhão no exército de Bengala e oitocentos a novecentos homens nos exércitos de Bombaim e de Madrasta; para a cavalaria, seiscentos cavalos em cada regimento dos dois exércitos.

Em suma, em 1857, como o estabelece com precisão o Senhor Valbezen nos seus *Novos Estudos sobre os Ingleses e a Índia*, obra muito notável, podia-se avaliar em duzentos mil homens de tropas indígenas e em quarenta e cinco mil homens de tropas europeias o total das forças das três presidências.

Os sipaios, se bem que formavam um corpo regular, comandado por oficiais ingleses, não deixavam de ter suas veleidades de sacudir o duro jugo da disciplina europeia, que os conquistadores lhes impunham.

Já em 1806, por inspiração talvez do filho de Tippto Sahib, a guarnição do exército nativo de Madrasta, aquartelado em Vellora, assassinara os guardas do 69.º Regimento do exército real,

incendiara os quartéis, degolara os oficiais, fuzilara no próprio hospital os soldados doentes.

Qual fora a causa desta rebelião, a causa aparente, pelo menos?

Uma pretendida questão de bigodes, de toucado e de brincos.

No fundo havia o ódio dos invadidos contra os invasores.

Este primeiro levantamento foi prontamente sufocado pelas tropas reais aquarteladas em Ascot.

Era uma razão deste género, um pretexto também, que devia ocasionar o primeiro movimento da revolta de 1857, revolta muito mais terrível, que talvez houvesse aniquilado o poder inglês na Índia, se as tropas nativas das presidências de Madrasta e de Bombaim tivessem tomado parte nela.

Mas, primeiro que tudo, deve-se muito claramente assentar que a revolta não foi nacional.

É facto averiguado que os indianos dos campos e das cidades se separaram completamente do movimento.

Além disso, a revolta limitou-se aos Estados semi-independentes da Índia central, às províncias do Noroeste e ao reino de Ude.

O Pendjab, com o seu regimento de três esquadrões do Cáucaso indiático, permaneceu fiel aos Ingleses.

Conservaram-se também fiéis os Sikhs, esses artífices de casta inferior, que se distinguiram particularmente no cerco de Deli; os Gurcas, que o rajá de Nepal trouxe em número de doze mil ao cerco de Lucknow, e, finalmente, os marajás de Gwalior e de Patalyá, o rajá de Rampore, a rani de Bhopal, fiéis às leis da honra militar, e, para empregar a expressão usada pelos naturais da Índia, «fiéis ao sal».

No começo da revolta, Lord Canning estava à testa da administração, na qualidade de governador-general.

Este homem de Estado iludiu-se talvez quanto ao alcance do movimento.

Havia já alguns anos que a estrela do Reino Unido visivelmente desmaiara no céu da Índia.

Em 1842, a retirada de Cabul vinha diminuir o prestígio dos conquistadores europeus. Durante a guerra da Crimeia o procedimento do exército inglês tão-pouco estivera à altura da sua reputação militar.

Chegou por isso um momento em que os sipaios, muito ao facto do que se passava nas margens do mar Negro, se persuadiram de que uma revolta das tropas nativas seria bem sucedida.

Demais, bastava uma faísca para inflamar os espíritos bem preparados, a quem os bardos, os brâmanes, os *mulvis* excitavam com as suas prédicas e os seus cânticos.

O momento de que falámos ofereceu-se no ano de 1857, durante o qual o contingente do exército real tinha de ser um pouco reduzido em consequência de umas complicações externas.

No princípio deste ano, Nana Sahib, ou, por outras palavras, o nababo Dandu-Pant, que residia perto de Cawnpore, dirigira-se a Deli, depois a Lucknow, com o fim, por certo, de promover o levantamento preparado havia muito.

Efectivamente, pouco tempo depois da retirada de Nana, declarava-se o movimento insurreccional.

O Governo inglês acabava de adoptar no exército indiano o uso da carabina «Enfield», a qual demanda o emprego de cartuchos engordurados.

Um dia espalhou-se o boato de que a gordura era de vaca ou de porco, conforme o destino que os cartuchos tinham, ou para os soldados indianos ou para os soldados muçulmanos do exército indígena.

Num país onde a população renuncia ao uso do sabão, porque pode entrar no seu fabrico a gordura de um animal vil ou sagrado, o emprego de cartuchos untados desta substância cartuchos que era preciso rasgar com a boca dificilmente havia de ser admitido.

Perante as reclamações que se lhe fizeram, o Governo transigiu em parte, mas debalde modificou o manejo da carabina, debalde afiançou que as gorduras em questão não serviam para a confecção dos cartuchos: não conseguiu tranquilizar nem persuadir ninguém no exército dos sipaios.

A 24 de Fevereiro, em Berampore, o 34.º Regimento recusa os cartuchos.

No mês de Março é assassinado um ajudante, e o regimento, licenciado depois do suplício dos assassinos, vai espalhar de pronto pelas províncias próximas mais activo fermento de revolta.

A 10 de Maio, em Mirat, um pouco ao norte de Deli, o 3.º, o 11.º e o 20.º Regimentos revoltam-se, matam os respectivos coronéis e vários oficiais do estado-maior, entregam a cidade ao saque e depois retiram sobre Deli.

Ali. o rajá, um descendente de Timur, reúne-se-lhes. O arsenal cai em seu poder, e os oficiais do 54.º Regimento são degolados.

A 11 de Maio, em Deli, o major Fraser e os seus oficiais são desapiedadamente assassinados pelos revoltosos de Mirat, no próprio palácio do comandante europeu, e no dia 16 de Maio quarenta e nove prisioneiros, homens, mulheres, crianças, caem sob o ferro dos algozes. A 20 de Maio, o 26.º Regimento, acantonado próximo de Lahore, mata o comandante do porto e um sargento europeu.

Estava dado o sinal para horrorosas carnificinas.

A 28 de Maio. em Nurabad, novas vítimas entre os oficiais anglo-indianos.

A 30, nos quartéis de Lucknow, assassinio do brigadeiro comandante, do seu ajudante de campo e de muitos outros oficiais.

A 31, em Bareilli, no Rohilkhande, morticínio de alguns oficiais, que, apanhados de surpresa, nem podem defender-se.

Na mesma data, em Schah-Jahanpore, os sipaios assassinam o colector e um certo número de oficiais do 38.º Regimento e, no dia

seguinte, para além de Barwar, assassínio dos oficiais, mulheres e crianças, que se tinham posto a caminho da estação de Sivapore, a uma milha distante de Aurungabad.

Nos primeiros dias de Junho, em Bhopal, morticínio de uma parte da população europeia, e, em Jansi, sob a inspiração da terrível rani, despojada do seu poder, assassina, com requintes de uma crueldade sem exemplo, mulheres e crianças refugiadas no forte.

A 6 de junho, em Allahabad, oito jovens caem aos golpes dos sipaios.

A 14 de Junho, em Gwalipr, revolta de dois regimentos nativos e assassínio dos oficiais.

No dia 27, em Cawnpore, primeira hecatombe de vítimas de todas as idades e de ambos os sexos, fuziladas ou afogadas, prelúdio do horrroso drama que havia de representar-se dali a seis semanas.

Em Holkar, no dia 1.º de Julho, assassínio de trinta e quatro europeus, oficiais, mulheres, crianças, pilhagem, incêndio; em Ugow, no mesmo dia, assassínio do coronel e do ajudante do 23.º Regimento do exército real.

A 15 do mesmo mês, segundo morticínio em Cawnpore. Naquele dia, muitas centenas de crianças e mulheres, e, entre elas, Lady Munro, são assassinadas, com uma crueza sem igual, por ordem do próprio Nana, que chamou em seu auxílio os carniceiros muçulmanos dos matadouros.

Horrível mortandade, depois da qual os corpos foram lançados num dos poços, que ficou legendário.

Em 26 de Setembro, numa praça de Lucknow, que se chama agora o «*square* das liteiras», grande número de feridos foram acutilados sem piedade e arremessados ainda vivos às chamas.

E, finalmente, tantos outros morticínios isolados, nas cidades e no campo, que deram a esta insurreição um horrível carácter de atrocidade!

A estes assassínios os generais ingleses trataram logo de responder com represálias inegavelmente necessárias, porque acabaram por espalhar o terror do nome inglês entre os insurgentes -, mas que foram na verdade horrendas.

No começo da insurreição, em Lahore, o juiz supremo Montgomery e o brigadeiro Corbett tinham podido desarmar, sem derramamento de sangue, sob a ameaça de doze bocas de fogo e morrão aceso, os 8.º, 16.º, 26.º e 49.º Regimentos do exército indígena.

Em Moultan, o 29.º e o 62.º Regimentos indígenas haviam-se também visto obrigados a render-se, sem poderem tentar uma resistência.

Em Peschawar, os 24.º, 27.º e 51.º Regimentos foram desarmados pelo brigadeiro S. Colton e pelo coronel Nicholson, no momento em que a revolta ia rebentar. Tendo, porém, os oficiais do 51.º Regimento fugido para a montanha, as suas cabeças foram postas a preço, e dentro em pouco eram todas trazidas pelos montanheses.

Era o princípio das represálias.

Uma coluna comandada pelo coronel Nicholson foi então mandada em perseguição de um regimento indígena, que marchava na direcção de Deli.

Não tardou que os revoltosos fossem alcançados, batidos, dispersos, e cento e vinte prisioneiros regressaram a Peschawar.

Foram todos condenados à morte; mas só um de cada três havia de ser executado.

Alinharam-se dez peças no campo de manobras, amarraram um prisioneiro a cada uma das bocas de fogo, e quatro vezes as dez fizeram fogo e cobriram a planície de restos mutilados e informes, no meio de uma atmosfera empestada pelo cheiro da carne queimada.

Estes supliciados, segundo diz Valbezen, morreram quase todos com essa heróica indiferença que os indianos tão bem sabem conservar em face da morte.

- Senhor capitão - disse para um dos oficiais que presidiam à execução um belo sipaio de vinte anos, afagando indolentemente com a mão o instrumento da morte -, senhor capitão, não é preciso amarrar-me; eu não pretendo fugir.

Assim se realizou esta primeira e horrível execução, que devia ser seguida de tantas outras.

Além disto, eis a ordem do dia que naquela data, em Lahore, o brigadeiro Chamberlain levava ao conhecimento das tropas indígenas, depois da execução de dois sipaios do 55.º Regimento:

«Acabais de ver amarrar vivos à boca das peças e fazer em pedaços dois dos vossos camaradas; este castigo será o de todos os traidores. A vossa consciência vos dirá as penas que eles sofrerão no outro mundo. Os dois soldados foram executados pelo canhão e não pela força, porque se quis evitar que os manchasse o contacto do carrasco e provar por este modo que o Governo, mesmo nestes dias de crise, nada quer fazer que possa contender com os vossos preconceitos de religião e de casta.»

No dia 30 de Julho, mil duzentos e trinta e sete prisioneiros caíam sucessivamente diante do pelotão de execução; uns cinquenta escaparam ao último suplício, morrendo de fome e de asfixia na prisão onde os tinham encerrado.

Em 28 de Agosto, de oitocentos e setenta sipaios que fugiram de Lahore, seiscentos e cinquenta e nove eram desapiedadamente assassinados pelos soldados do exército real.

Em 23 de Setembro, depois da tomada de Deli, três príncipes da família real, o herdeiro presuntivo e os seus dois primos, rendiam-se sem condições ao general Hodson, que os conduziu com uma escolta de cinco homens apenas, em meio de uma multidão ameaçadora de cinco mil indianos um contra mil.

E, apesar disso, Hodson, a meio caminho, fez parar o carro que conduzia os prisioneiros, subiu para junto deles, ordenou-lhes que descobrissem o peito, e matou-os a tiros de revólver.

Esta sanguinolenta execução, pela mão de um oficial inglês, diz Valbezen, devia causar no Pendjab a maior estupefacção.

Após a tomada de Deli, três mil prisioneiros pereciam na forca ou a tiro de canhão, e com eles vinte e nove membros da família real.

É verdade que o cerco de Deli custara aos sitiados dois mil cento e cinquenta e um europeus e mil seiscentos e oitenta e seis naturais.

Em Allahabad houve horríveis carnificinas, não já entre os sipaios, mas entre as mais humildes classes da população, que se haviam quase inconscientemente associado ao saque, arrastadas por alguns fanáticos.

Em Lucknow, a 16 de Novembro, dois mil sipaios, passados pelas armas em Sikander Bagh, juncavam com os seus cadáveres um espaço de cento e vinte metros quadrados aproximadamente.

Em Cawnpore, após o morticínio, o coronel Neil obrigava os condenados, antes de os entregar à forca, a lambem e a limpem com a língua, em proporção com a sua casta, cada nódoa de sangue que ficara nas casas onde as vítimas tinham perecido.

Isto, para os indianos, era fazer preceder a morte pela desonra.

Durante a expedição na Índia central, as execuções dos prisioneiros foram contínuas, e sob o fogo da mosquetaria «desabavam no solo muralhas de carne humana!»

Em 9 de Março de 1858, no ataque da Casa Amarela, por ocasião do segundo cerco de Lucknow, depois de uma horrível dizimação dos sipaios, parece averiguado que um destes infelizes foi queimado vivo pelos Sikhs, na presença dos próprios oficiais ingleses.

No dia 11, cinquenta corpos de sipaios enchiam os fossos do palácio da begume em Lucknow, sem que um só ferido fosse poupado pelos soldados, que já não podiam conter o seu furor.

Finalmente, em doze dias de combate, três mil naturais expiravam enforcados ou a tiro, e entre eles trezentos e oitenta fugitivos aglomerados na ilha de Hidaspe, que tinham conseguido fugir até Caxemira.

Enfim, sem meter em conta os sipaios que foram mortos com as armas na mão, durante esta repressão desapietada repressão em que não se admitiam prisioneiros, só na campanha de Pendjab não se enumeram menos de seiscentos e vinte e oito indígenas fuzilados ou amarrados à boca das peças por ordem da autoridade militar, mais mil trezentos e setenta por ordem da autoridade civil, e trezentos e oitenta e seis por ordem das duas autoridades.

Tudo somado, no princípio do ano de 1859 calculava-se em mais de cento e vinte mil o número de oficiais e soldados naturais que pereceram e em mais de duzentos mil o dos indígenas civis que pagaram com a vida a sua participação, muitas vezes duvidosa, na insurreição.

Terríveis represálias contra as quais, não sem razão, talvez, Gladstone energicamente protestou no parlamento de Inglaterra.

Em razão da narrativa que se vai seguir, importava, tanto de um como do outro lado, fazer o apuramento desta necrologia.

Assim era preciso, para fazer compreender ao leitor que insaciável ódio devia ficar fermentando, tanto no coração dos vencidos, sequiosos de vingança, como no dos vencedores, que passados dez anos ainda traziam luto pelas vítimas de Cawnpore e de Lucknow.

Quanto aos feitos puramente militares de toda a campanha empreendida contra os rebeldes, abrangem eles as seguintes expedições, que vão ser sumariamente citadas.

Em primeiro lugar, a primeira campanha do Pendjab, que custou a vida a John Lawrence.

Veio depois o cerco de Deli, a capital da insurreição, reforçada por milhares de fugitivos, e no qual Maomet Schah Bahadur foi proclamado imperador do Indostão.

Acabe com Deli! imperiosamente ordenara o governador-geral num último despacho ao comandante-chefe, e o cerco, principiado na noite de 13 de Junho, terminava em 19 de Setembro, depois de ter custado a vida aos generais Sir Harry Barnard e John Nicholson.

Ao mesmo tempo, depois de Nana Sahib se ter feito proclamar *peischwah* e coroar na fortaleza de Bilhur, o general Havelock operava a sua marcha sobre Cawnpore.

Entrava ali a 17 de Julho, mas muito tarde para impedir a última carnificina e apoderar-se do Nana, que pôde fugir com cinco mil homens e quarenta peças de artilharia.

Feito isto, Havelock empreendia uma primeira campanha no reino de Ude, e a 28 de Julho passava o Ganges com mil e setecentos homens e dez peças apenas, dirigindo-se para Lucknow.

Entraram então em cena Sir Colin Campbell e o major-general Sir James Outram.

O cerco de Lucknow devia durar oitenta e sete dias, custar a vida a Sir Henry Lawrence e ao general Havelock.

Em seguida, Colin Campbell, depois de se ver forçado a retirar sobre Cawmpore, de que definitivamente se apoderava, preparava-se para uma segunda campanha.

A este tempo, outras tropas livraram Mohir, uma das cidades da Índia central, e faziam uma expedição através do Malwa, que restabelecia a autoridade inglesa neste reino.

No princípio de 1858, Campbell e Outram empreendiam nova campanha no Ude, com quatro divisões de infantaria, comandadas pelos maiores-generais Sir James Outram e Sir Edward Luger e pelos brigadeiros Walpole e Franks.

A cavalaria estava sob o comando de Sir Hope Grant, as armas especiais sob os de Wilson e Robert Napier, isto é, cerca de vinte e cinco mil combatentes, aos quais se ia reunir o marajá do Nepal com doze mil gurcas.

Mas o exército revoltoso da begume não contava menos de cento e vinte mil homens e a cidade de Lucknow setecentos a oitocentos mil habitantes.

Deu-se o primeiro ataque a 6 de Março.

A 16, depois de uma série de combates em que sucumbiram o capitão-de-mar-e-guerra Sir William Peel e o major Hodson, os Ingleses estavam de posse da cidade situada no Goumti.

Apesar destas vantagens, a begume e seu filho resistiam ainda no palácio de Mousa-Bagh, na extremidade noroeste de Lucknow, e o Mulvi, chefe muçulmano, que se tinha refugiado no próprio centro da cidade, recusava render-se.

Em 19, um ataque de Outram, e em 21, um combate feliz, asseguravam finalmente aos Ingleses plena posse daquele formidável reduto da insurreição dos sipaios.

No mês de Abril, a revolta entrava na sua última fase. Dirigia-se uma expedição para o Rohilkhande, para onde se tinham encaminhado grande número de insurgentes fugitivos.

Bareilli, capital do reino, foi logo o objectivo do chefe do exército real.

Não foi feliz a estreia. Os Ingleses sofreram uma aparente derrota em Judgespore. O brigadeiro Adrien Hope foi morto. Mas no final do mês chegava Campbell, tomava Schah-Jahanpore e a 5 de Maio atacava Bareilli, incendiava a cidade em diversos pontos e apoderava-se dela, sem poder evitar que os rebeldes a evacuassem.

Por esse tempo, na Índia central abriam-se as campanhas de Sir Hugh Rose.

Nos primeiros dias de Janeiro de 1858, este general marchava sobre Saungor, através do reino de Bhopal, livrava a guarnição a 3 de Fevereiro, tomava o forte de Gurakota dez dias depois, forçava os desfiladeiros da cordilheira dos Vindhya, na garganta de Mandanpore, passava o Betwa, chegava diante de Jansi, defendida por onze mil revoltosos, sob as ordens da feroz rani, investia-a em

22 de Março debaixo de um calor tórrido, destacava dois mil homens do exército assaltante para impedir o caminho a vinte mil homens do contingente de Gwalior, conduzidos pelo famoso Tantia-Topi, destroçava este chefe rebelde, dava assalto à cidade em 2 de Abril, forçava a muralha, apoderava-se da cidadela, donde a rani conseguia escapar, encetava novas operações contra o forte de Calpi, onde a rani e o Tantia-Topi tinham resolvido morrer, assenhoreava-se do forte em 22 de Maio, após um heróico assalto, continuava a campanha em perseguição da rani e do seu companheiro, que se haviam lançado em Gwalior, e concentrava em 16 de Junho as suas duas brigadas, às quais se reunia um reforço do brigadeiro Napier, esmagava os revoltosos em Morar, submetia a praça em 18, e regressava a Bombaim, após uma campanha triunfal. Foi precisamente num encontro de avançadas, em frente de Gwalior, que a rani sucumbiu.

Esta temível rainha, dedicada de corpo e alma ao nababo, a sua mais fiel companheira durante aquela temerosa insurreição, foi morta ali pelas próprias mãos de Sir Edward Munro.

Nana Sahib sobre o cadáver de Lady Munro, em Cawnpore, o coronel sobre o cadáver de rani, em Gwalior, eram os dois homens em que se resumiam a revolta e a repressão, eram dois inimigos cujo ódio produziria terríveis efeitos se alguma vez se encontrassem frente a frente!

Neste momento pode-se considerar vencida a revolta, salvo em algumas partes do reino de Ude.

Por isso, a 2 de Novembro, Campbell entra novamente em campanha, apoderar-se das últimas posições dos insurgentes, obriga alguns chefes importantes a submeter-se.

Contudo, um desses chefes, Beni Madho, não é aprisionado.

Em Dezembro sabe-se que se refugiou num distrito limítrofe do Nepal.

Afirma-se que se acham com ele Nana Sahib, Balão Rao, seu irmão, e a begume de Ude.

Mais tarde, nos últimos dias do ano, corre o boato de que haviam ido procurar asilo na Rapti, no limite dos reinos do Nepal e de Ude.

Campbell persegue-os vigorosamente, mas eles transpõem a fronteira.

Só nos primeiros dias de Fevereiro de 1859 é que uma brigada inglesa, da qual um dos regimentos era comandado pelo coronel Munro, os pôde perseguir até o Nepal.

Beni Madho é morto, a begume de Ude e seu filho são feitos prisioneiros e obtêm licença para residir na capital do Nepal.

Quanto a Nana Sahid e a Balão Rao, muito tempo os julgaram mortos.

Não estavam.

Em todo o caso achava-se aniquilada a formidável insurreiçãõ.

Tantia-Topi, entregue pelo seu tenente Man-Singh e condenado à morte, era executado em 15 de Abril, em Sipri.

Este rebelde, «esta personagem verdadeiramente notável do grande drama da insurreiçãõ indiana, diz Valbezen, e que deu provas de um génio político todo de combinações e de audácia», morreu corajosamente no cadafalso.

Não obstante, o termo desta revolução dos sipaios, que houvera custado a Índia aos Ingleses se ela se tivesse alastrado por toda a península, e sobretudo se o movimento tivesse sido nacional, havia de ocasionar a queda da respeitável Companhia das Índias.

A direcção fora ameaçada com a demissão por Lord Palmerston logo no fim do ano de 1857.

No 1.º de Novembro de 1858, uma proclamação, publicada em vinte línguas, anunciava que sua majestade Vitória Beatriz, rainha de Inglaterra, empunhava o ceptro da Índia, da qual, anos depois, era coroada imperatriz.

Foi obra de Lord Stanley.

O título de governador substituído pelo de vice-rei, um secretário de Estado e quinze membros compondo o Governo central, os membros do conselho da Índia tirados de entre pessoas estranhas ao serviço indiano, os governadores das presidências de Madrasta e de Bombaim nomeados pela rainha, os membros dos serviços indianos e os comandantes-chefes escolhidos pelo secretário de Estado, tais eram as principais disposições do novo Governo.

Quanto às forças militares, o exército real conta hoje dezassete mil homens mais que antes da revolta dos sipaios, isto é, cinquenta e dois regimentos de infantaria, nove regimentos de atiradores, com uma artilharia considerável, contando cada regimento de cavalaria quinhentos cavalos e cada regimento de infantaria setecentas baionetas.

O exército indígena compõe-se de cento e trinta e sete regimentos de infantaria e de quarenta regimentos de cavalaria. A sua artilharia é, porém, europeia, quase sem excepção.

Tal é o estado actual da península sob o aspecto administrativo e militar; tal é o efectivo das forças que guardam um território de oitocentas mil léguas quadradas.

«Os Ingleses diz muito acertadamente Monsieur Grandidier foram felizes em encontrar neste vasto e esplêndido país um povo dócil, industrioso, civilizado, e de há muito habituado a todos os jugos. Mas que tenham cuidado: a docilidade tem os seus limites, que o jugo não seja esmagador, ou as cabeças um dia erguem-se e acabam com ele.»

Capítulo IV



No Fundo das Cavernas de Ellora

Era efectivamente verdade. O príncipe marata Dandu-Pant, o filho adoptivo de Baji Rao, *peischwah* de Puna, numa palavra, Nana Sahib talvez então o único sobrevivente dos chefes das revoltas dos sipaios -, pudera fugir do seu inacessível esconderijo do Nepal.

Valente, audaz, habituado à provação dos perigos imediatos, hábil em iludir os seus perseguidores, profundo na arte de emaranhar os vestígios da fuga, excessivamente ardiloso, aventurara-se pelas próprias províncias do Decão, movido da inspiração sempre nova de um ódio que as terríveis represálias de 1857 não tinham feito senão decuplicar.

Sim, era um ódio de morte que o Nana votara aos possuidores da Índia.

Era o herdeiro de Baji Rao, e quando *o peischwah* morreu, em 1851, a Companhia não quis continuar a dar-lhe a pensão de oito laques de rupias^{4} a que tinha direito. Daqui uma das causas desse ódio, que devia acabar nos maiores excessos.

Mas que esperava Nana Sahib?

Havia oito anos que a revolta estava completamente vencida.

O Governo inglês tomara pouco a pouco o lugar da respeitável Companhia das Índias e mantinha toda a península sob uma autoridade muito mais forte que a da associação dos negociantes.

Da rebelião já não restavam vestígios, nem sequer nas fileiras do exército indígena, inteiramente reorganizado sobre novas bases.

Pretendia acaso o Nana fomentar um movimento nacional entre as classes inferiores do Indostão?

Bem depressa serão conhecidos os seus projectos.

Em todo o caso, o que ele não ignorava era que a sua presença tinha sido descoberta na província de Aurungabad, que o governador-geral tinha disso prevenido o vice-rei, que a sua cabeça estava posta a preço.

O que era certo é que havia tido de fugir precipitadamente, e pensava em refugiar-se num asilo tão oculto que lhe permitisse escapar às buscas dos agentes da polícia anglo-indiana.

Durante aquela noite de 6 para 7 de Março, Nana Sahib não perdeu uma hora.

Conhecia perfeitamente o país. Resolveu alcançar Ellora, situada a vinte e cinco milhas de Aurungabad, a fim de ali se reunir a um dos seus cúmplices.

Estava escura a noite.

O falso faquir, depois de se certificar de que não era perseguido, dirigiu-se para o mausoléu, levantado a alguma distância da cidade, em honra do maometano Sha-Soufi, um santo cujas relíquias têm a reputação de operar curas medicinais.

Mas tudo dormia então junto do mausoléu, padres e peregrinos, e o Nana pôde passar sem que o inquietasse nenhuma pergunta indiscreta.

Não era, porém, tão profunda a escuridão que, quatro léguas mais ao norte, se não divisasse o contorno do morro de granito onde se ergue o forte inexpugnável de Daulutabad, morro da altura de duzentos e quarenta pés, situado no meio de uma planície.

Ao avistá-lo, o nababo lembrou-se de que um dos imperadores do Decão, um dos seus antepassados, quisera fazer da cidade, outrora estabelecida na base daquele forte, a capital do seu império.

E, com efeito, seria uma posição invencível, muito própria para centro de um movimento insurreccional naquela região da Índia.

Mas Nana Sahib voltou a cabeça e só teve um-olhar de ódio para aquela fortaleza, agora em poder dos seus inimigos.

Passada aquela planície, apareceu uma região mais acidentada.

Eram as primeiras ondulações de um solo que ia tornar-se montanhoso.

Nana, ainda em todo o vigor da idade, não moderou o passo quando principiou a subir aquelas encostas tão íngremes.

Queria fazer vinte e cinco milhas durante a noite, isto é, transpor a distância que separava Ellora de Aurungabad.

Esperava descansar ali com toda a segurança.

Por isso não fez alto, nem num caravansará franco para quem passasse, nem num *bungalow* meio arruinado, onde poderia dormir uma ou duas horas, na parte mais recôndita da montanha.

Ao romper do Sol, a aldeia de Rauzah, que possui o túmulo, muito singelo, do maior dos imperadores mongóis, Aureng-Zeb, foi contornada pelo fugitivo.

Chegara finalmente àquele célebre grupo de escavações que tomaram o nome da pequena aldeia vizinha de Ellora.

A colina, onde foram abertos estes subterrâneos, em número de trinta, tem a forma de crescente.

Quatro templos, vinte e quatro mosteiros búdicos, algumas grutas menos importantes, tais são os monumentos do grupo.

A carreira de basalto foi largamente explorada pela mão do homem.

Mas não foi para construir as obras-primas dispersas em todos os pontos da imensa superfície da península que os architectos indianos, nos primeiros séculos da era cristã, extraíram o basalto.

Não. Aquelas pedras arrancaram-se unicamente para se formarem cavernas no maciço, e aquelas cavernas tornaram-se *chaityas* ou *viharas*, segundo o seu destino.

Destes templos, o mais extraordinário é o dos Kaílas.

Imagine-se uma grande mole da altura de cento e vinte pés e da circunferência de seiscentos.

Com uma audácia incrível, aquela mole foi cortada da própria montanha, foi isolada no meio de um espaço de trezentos e sessenta pés de comprimento e de cento e oitenta e seis de largura, espaço que o ferro do trabalhador conquistou à própria carreira basáltica.

Depois, desprendida esta massa granítica, os arquitectos entalharam-na, como o estatuário faz a um pedaço de marfim.

No exterior acavalaram colunas, recortaram coruchéus, arredondaram cúpulas, pouparam quanto careciam para obter a saliência dos baixos-relevos, nos quais elefantes, maiores que o natural, parecem sustentar todo o edifício.

Dentro reservaram uma vasta sala, rodeada de capelas, sala cuja abóbada assenta sobre colunas tiradas da massa total.

Finalmente, deste monólito fizeram um templo que não foi, no sentido rigoroso da palavra, «edificado», mas um templo único no mundo, digno de rivalizar com os edifícios mais maravilhosos da Índia, e que não pode sequer ser comparado com os hipogeus do antigo Egito.

Este templo, agora quase abandonado, começou a ser atacado pela acção do tempo.

Deteriora-se em certas partes.

Os baixos-relevos alteram-se, como as paredes do maciço de onde foram tirados.

Têm apenas mil anos de existência.

Mas o que para as obras da natureza é somente a juventude, para as obras humanas é já caducidade.

No rodapé lateral da esquerda já se tinham aberto algumas fendas profundas, e por uma dessas fendas, que a garupa de um dos elefantes de suporte ocultava em parte, é que Nana Sahib se enfiou, sem que ninguém pudesse suspeitar da sua chegada a Ellora.

A fenda correspondia interiormente a um sombrio corredor, que atravessava o rodapé e ia profundando até à «cella» do templo.

Nesse ponto abria-se uma espécie de cripta, ou, melhor dizendo, de cisterna, então seca, que servia de receptáculo às águas pluviais.

Assim que Nana penetrou no corredor, assobiou de um modo particular.

Respondeu-lhe um assobio idêntico. Não era um efeito do eco. Na escuridão brilhava uma luz.

Apareceu no mesmo instante um indiano, com uma pequena lanterna na mão.

- Nada de luz! - disse Nana.

- És tu, Dandu-Pant? - retorquiu o indiano, que apagou logo a lanterna.

- Sou eu, irmão!

- Acaso?...

- Primeiro quero comer - respondeu Nana -, depois conversaremos. Mas nem para comer nem para falar tenho precisão de luz. Agarra-me a mão e guia-me.

O indiano pegou na mão de Nana, levou-o para o fundo da estreita cripta e ajudou-o a estender-se sobre um montão de ervas secas, de onde acabava de se levantar.

O assobio do faquir interrompera-lhe o sono.

Muito acostumado a girar naquele obscuro recinto, o indiano depressa encontrou algumas provisões: pão, uma espécie de pastel de *mourghis*, preparado com a carne de frangos, muito vulgares na Índia, e uma cabaça com meio quartilho de licor violento conhecido pelo nome de araca. licor produzido pela destilação da seiva do coqueiro.

O Nana comeu e bebeu sem proferir palavra.

Morria de fome e de fadiga.

Toda a sua vida se lhe concentrava então nos olhos, que brilhavam na escuridão como as pupilas dum tigre.

Sem fazer um movimento, o indiano esperava que ao nababo conviesse tomar a palavra.

Este homem era Balão Rao, o próprio irmão de Nana Sahib.

Balão Rao, mais velho que Dandu-Pant, mas um ano apenas, parecia-se fisicamente com o irmão, quase a ponto de se confundirem ambos.

Sob o aspecto moral, Balão Rao era tal qual Nana Sahib.

O mesmo ódio aos Ingleses, a mesma astúcia nos projectos, a mesma crueldade na execução, a mesma alma em dois corpos.

Durante todo o período da insurreição, os dois irmãos não se tinham separado.

Após a derrota, dera-lhes asilo o mesmo acampamento da fronteira do Nepal.

E agora, unidos sob o único pensamento de prosseguirem a luta, achavam-se ambos novamente dispostos a porem-se em acção.

Depois de restaurar as forças com aquela refeição, devorada a toda a pressa, o Nana permaneceu algum tempo com a cabeça apoiada nas mãos.

Julgando que o irmão queria refazer-se com algumas horas de sono, Balão Rao continuava silencioso.

Mas Dandu-Pant, levantando a cabeça, agarrou-lhe na mão e exclamou com voz abafada:

- Fui descoberto na presidência de Bombaim! A minha cabeça foi posta a preço pelo governador. Prometem-se duas mil libras a quem entregar Nana Sahib!

- Dandu-Pant - exclamou Balão Rao -, a tua cabeça vale mais. Essa quantia seria, o muito, o preço da minha, e em menos de três meses dar-se-iam por muito felizes se apanhassem ambos por vinte mil!

- Bem - replicou Nana -, daqui a três meses, em 23 de Junho, é o aniversário da batalha de Plassey, cujo centenário, em 1857, devia coincidir com o termo do domínio inglês e a emancipação da raça solar. Haviam-no predito os nossos profetas! Haviam-no cantado os nossos bardos! Daqui a três meses, irmão, terão decorrido cento e nove anos, e a Índia continua esmagada pelo pé do invasor!

- Dandu-Pant volveu Balão Rao -, o que não se conseguiu em 1857 pode e deve conseguir-se dez anos depois. Em 1827, 1837 e 1847 houve movimentos na Índia! De dez em dez anos, os indianos experimentam acessos febris de revolta! Pois este ano hão-de curar-se da febre banhando-se em ondas de sangue europeu!

- Que Brama nos guie murmurou o Nana -, e, então, suplício por suplício! Desgraçados dos chefes que não forem vítimas dos golpes dos nossos sipaios! Lawrence, Barnard, Hope, Napier, Hobson, Havelock, morreram! Porém, alguns sobreviveram! Campbell e Rose vivem ainda, entre eles aquele a quem sobre todos odeio, o coronel Munro, o descendente do verdugo que foi o primeiro que fez amarrar os indianos à boca das peças, o homem que matou com a sua própria mão a minha companheira, a rani de Jansi! Caia ele em meu poder, e verá se esqueci os horrores do coronel Neil, as carnificinas de Sekander Bagh, as degolações do palácio da begume, de Bareilli, de Jansi, de Morar, da ilha de Hidaspe e de Deli. Verá se esqueci que jurou a minha morte, como eu jurei a sua!

- Mas ele não deixou o serviço? - perguntou Balão Rao.

- Oh! - respondeu Nana Sahib. - À primeira revolta que houver, voltará para o exército! Mas, se abortar o levantamento, irei apunhalá-lo no seu próprio *bungalow* de Calcutá.

- Bem, e agora?...

- Agora é preciso continuar a obra principiada. O movimento será nacional desta vez. Que os indianos se levantem nas cidades e no campo, e depressa os sipaios farão causa comum com eles. Percorri o centro e o norte do Decão. Encontrei por toda a parte os espíritos dispostos para a revolta. Não há cidade, não há aldeia onde não

tenhamos chefes prontos a saírem a campo. Os brâmanes fanatizam o povo. Desta vez a religião arrastará os sectários de Xiva e de Vixnu! Na época aprazada, ao sinal convencionado, levantar-se-ão milhões de indianos, e o exército real será vencido!

- E Dandu-Pant?... - perguntou Balão Rao, agarrando na mão do irmão.

- Dandu-Pant - respondeu Nana - não será só o *peischwah* coroadado na fortaleza de Bilhur! Será o soberano da terra sagrada das índias!

Dito isto, Nana Sahib, com os braços cruzados, o olhar vago dos que contemplam, não já o passado ou o presente, mas o futuro, ficou silencioso.

Balão Rao tinha o cuidado de não o interromper.

Aprazia-lhe deixar aquela alma feroz inflamar-se com os seus próprios elementos, e, se tanto fosse preciso, ele ali estava para atear todo o fogo que lavrava no íntimo do irmão.

Nana Sahib não podia ter um cúmplice mais estreitamente ligado à sua pessoa, um conselheiro que o incitasse com mais ardor à realização dos seus desígnios.

Como já se disse, era outro Nana Sahib.

Após alguns momentos de silêncio, o Nana ergueu a cabeça e volveu à consciência da situação em que se achava.

- Onde estão os nossos companheiros? - perguntou.

- Nas cavernas de Adjuntah, onde se combinou que nos esperassem respondeu Balão Rao.

- E os nossos cavalos?

- Deixei-os a um tiro de espingarda, na estrada que conduz de Ellora a Boregami.

- É Ralagani quem toma conta deles?

- Ele mesmo, irmão. Estão bem guardados, bem nutridos, bem descansados, e só esperam por nós para partir.

- Partamos então - volveu Nana. - É preciso que antes do romper do dia nos achemos em Adjuntah.

- E daí aonde vamos? - perguntou Balão Rao. - Não te contrariam os projectos esta fuga precipitada?

- Não respondeu Nana Sahib. - Alcançaremos os montes Sautpurra, cujos desfiladeiros conheço e no meio dos quais posso desafiar as pesquisas da polícia inglesa. Demais, ali estaremos no território dos Bilhs e dos Gunds, que se têm conservado fiéis à nossa causa. Poderei esperar o momento favorável nessa guarida, no meio da montanhosa região dos Vindhya, onde o fermento da revolta está sempre pronto a levedar.

- A caminho! - redarguiu Balão Rao. - Ah! Eles prometeram duas mil libras a quem se apoderasse de ti! Mas não basta pôr uma cabeça a preço, é preciso obtê-la.

- Não a obterão - volveu Nana Sahib. - Vem daí sem perda de um instante, vem daí, irmão!

Balão Rao caminhou a passo firme pelo estreito corredor que conduzia àquele escuro recinto, cavado sob o chão do templo.

Quando chegou ao orifício oculto pela garupa do elefante de pedra, deitou a cabeça de fora com toda a prudência, procurou devassar a escuridão com o olhar para um e outro lado, verificou que estavam desertas as proximidades, e atreveu-se a sair.

Para maior cautela, deu uns vinte passos pela avenida que se desdobrava no sentido do eixo do templo; depois, como não descobrisse coisa alguma suspeita, deu um assobio, indicando a Nana que o caminho estava livre.

Passados instantes, os dois irmãos deixavam este vale artificial, do comprimento de meia légua, que é todo perfurado de galerias, de abóbadas, de escavações, em certos lugares sobrepostas até grande altura.

Evitaram passar perto daquele mausoléu maometano que serve de *bungalow* aos peregrinos ou aos curiosos de todas as nacionalidades, atraídos pelas maravilhas de Ellora. Finalmente, depois de rodearem a aldeia de Rauzah, acharam-se na estrada que liga Adjuntah e Boregami.

Era de cinquenta milhas^{5} a distância a percorrer de Ellora a Adjuntah; mas o Nana já não era o fugitivo que se evadia de Aurungabad a pé e sem meios de transporte.

Como Balão Rao dissera, esperavam-no na estrada três cavalos guardados pelo indiano Kalagani, fiel servidor de Dandu-Pant.

Os cavalos estavam ocultos numa espessa floresta, a uma milha da aldeia.

Um era destinado ao Nana, outro a Balão Rao, o terceiro a Kalagani, e dali a nada galopavam os três na direcção de Adjuntah.

Ninguém se admirava de ver um faquir a cavalo. Efectivamente, grande número destes imprudentes mendigos pedem esmola do alto das suas cavalgaduras.

Demais, a estrada era pouco frequentada naquela época do ano, menos favorável às peregrinações.

O Nana e os seus dois companheiros faziam pois rapidamente a sua jornada, sem terem de recear coisa alguma que os pudesse embaraçar ou deter.

Apenas perdiam o tempo necessário para desaguarem os animais, e durante estas pequenas paragens recorriam às provisões que Kalagani trazia no arção da sela.

Por este modo evitaram os sítios mais frequentes da província, os *bungalows* e as aldeias, entre outras a aldeia de Roja, triste montão de casas enegrecidas, que a acção do tempo enfumaçou, como fez às sombrias habitações de Cornouailles e à aldeia de Pulmary, pequeno lugarejo perdido entre as plantações de um país já selvático.

O solo era plano e igual. Estendiam-se em todas as direcções campos cobertos de mato rasteiro, sulcados de espessos juncais.

Mas nas proximidades de Adjuntah o país torna-se mais acidentado.

As formosas grutas deste nome, rivais das cavernas de Ellora, e talvez as mais belas no seu conjunto, ocupam a parte inferior de um pequeno vale, quase a meia légua da cidade.

Nana Sahib podia portanto deixar de passar por Adjuntah, onde o edital do governador devia já estar afixado. Desaparecia, pois, todo o receio de ser reconhecido.

Quinze horas após ter deixado Ellora, embrenhava-se com os seus dois companheiros pelo estreito desfiladeiro que conduzia ao célebre vale, cujos vinte e sete templos, abertos no interior da rocha, se debruçavam sobre vertiginosos abismos.

A noite estava esplêndida, o céu brilhantemente constelado, mas sem Lua.

Grandes árvores, banianas e algumas dessas *bars* que figuram entre os gigantes da flora indiana, recortavam-se em cor negra sobre o fundo estrelado do céu.

Nem a mais pequena aragem perturbava a atmosfera, nem uma folha se mexia, nem um rumor se fazia ouvir, a não ser o murmúrio de uma torrente, que corria a algumas centenas de pés, no fundo do abismo.

Mas o murmúrio acentuou-se e tornou-se um verdadeiro ronco quando os cavalos chegaram à cascata do Satkhund, que se despenha de uma altura de cinquenta toesas, dilacerando-se na saliência dos rochedos de quartzo e de basalto.

No desfiladeiro redemoinhava uma poeira líquida, a qual se houvera listrado com as sete cores do arco-íris se a Lua iluminasse o espaço naquela formosa noite de Primavera.

Tinham chegado o Nana, Balão Rao e Kalagani. Na curva inesperada do desfiladeiro, que faz um cotovelo naquele sítio, deparou-se-lhes o

vale enriquecido por aquelas maravilhas da arquitectura búdica. Sobre as paredes dos templos, ornados profusamente de colunas, de florões, de arabescos, de varandas, povoados de figuras colossais de animais de fantásticas formas, escavados de sombrias celas outrora habitadas pelos padres, guardas daquelas sagradas habitações, o artista pode ainda admirar alguns frescos, que se diria pintados de ontem e que representam cerimónias religiosas, batalhas onde figuram todas as armas da época, tais quais eram naquele esplêndido país da Índia nos primeiros tempos da era cristã.

Nana Sahib conhecia todos os segredos daqueles misteriosos hipogeus. Mais de uma vez ele e os seus companheiros, perseguidos de perto pelas tropas reais, aí encontraram refúgio nos dias funestos da insurreição.

As galerias subterrâneas que os ligavam, os mais estreitos viadutos que se abriam no maciço de quartzo, os sinuosos caminhos que cruzavam em todos os sentidos, as mil ramificações daquele labirinto, cujo enredamento fatigava os mais pacientes, tudo lhe era familiar. Não podia perder-se por ali, ainda quando qualquer facho não alumiasse aquelas negras profundezas.

E no meio daquela escura noite, como homem que tinha a certeza do que fazia, o Nana foi direito a uma das escavações menos importantes do grupo.

A entrada desta escavação estava obstruída por um espesso cortinado de arbustos e um montão de grandes pedras, que um antigo desabamento parecia para ali ter lançado, entre as plantas silvestres do solo e as plantas lapidarias da rocha.

Bastou ao nababo esgaravatar um pouco com a unha no orifício da escavação para anunciar a sua presença.

Apareceram logo entre os ramos duas ou três cabeças de indianos, seguindo-se-lhes muitas outras; atrás das cabeças os respectivos corpos deslizaram como serpentes por entre as pedras e em breves

instantes formava diante do Nana um grupo de uns quarenta homens bem armados.

- A caminho! ordenou Nana Sahib.

E sem pedirem explicações, sem saberem aonde os conduziam, os fiéis companheiros do nababo seguiram-no, prontos a deixarem-se matar a um simples sinal dele.

Estavam a pé, mas as suas pernas podiam competir em velocidade com as de um cavalo.

O pequeno bando meteu-se pelo desfiladeiro que costeava o abismo, subindo na direcção do norte, e contornou o cume da montanha. Dali a uma hora chegava à estrada de Kandeish, que vai perder-se entre os desfiladeiros dos montes de Sautpurra.

Ao romper do dia tinham passado para diante do ramal de Bombaim a Allahabad sobre o Nagpore e a própria via principal, que corre na direcção de nordeste.

Naquele momento corria a toda a velocidade o comboio de Calcutá, lançando o seu alvo vapor às magníficas banianas que lhe ficavam no trânsito, e os seus relinchos às feras assustadas dos juncais.

O nababo fez parar o cavalo, e com uma voz forte e a mão estendida para o comboio, que se afastava rapidamente, exclamou:

– Vai, vai dizer ao vice-rei das Índias que Nana Sahib continua a viver, e que ele há-de afogar no sangue dos invasores essa via de ferro, obra maldita das suas mãos!

Capítulo V



O Gigante de Aço

Não sei de mais completa estupefacção do que aquela de que os transeuntes parados na estrada de Calcutá a Chandernagor, homens, mulheres e crianças, tanto ingleses como indianos, davam mostras não equívocas na manhã de 6 de Maio.

Francamente, aquele profundo sentimento de surpresa era bem natural.

Ao romper do Sol, de um dos arrabaldes da capital da Índia, entre duas alas compactas de curiosos, saía um comboio de bem estranho aspecto, se tal nome se podia dar ao espantoso aparelho que subia a margem do Hougly.

À frente, e como único motor do comboio, um elefante gigantesco, da altura de vinte pés, do comprimento de trinta, e largura proporcional, avançava tranquila e majestosamente. Tinha uma tromba um pouco curva, com a ponta para cima, que lembrava enorme cornucopia. As presas, todas douradas, saíam da enorme queixada, semelhantes a duas foices ameaçadoras. Sobre o seu corpo, caprichosamente sarapintado, desdobrava-se uma rica coberta de cores vistosas, enfeitada de filigranas de ouro e prata, orlada de pesada franja. Trazia sobre o dorso uma espécie de torre, coroada de uma cúpula à moda da Índia, e as paredes da torre eram providas de grossos vidros lenticulares, semelhantes às clarabóias de um camarote de navio.

Puxava o elefante um comboio composto de dois enormes carros, ou, melhor dizendo, de duas verdadeiras casas, espécie de *bungalows* ambulantes, cada um deles montado em quatro rodas esculpidas nos eixos, nos raios e nas caibas.

Estas rodas, de que só se via o segmento inferior, moviam-se dentro de caixas meio ocultas pelo rodapé dos enormes aparelhos de locomoção.

Uma pequena ponte articulada, que se prestava aos caprichos das voltas que era preciso dar, punha o primeiro veículo em comunicação com o segundo.

Como podia um só elefante, por muito forte que fosse, puxar aquelas duas maciças construções, sem nenhum esforço aparente? A verdade é que o possante animal a puxava.

As grandes patas levantavam-se e baixavam-se automaticamente, com uma regularidade puramente mecânica, e imediatamente passava do passo ao trote, sem que se visse a mão ou se ouvisse a voz de um *mahout*.

Era isto de que os curiosos se deviam logo admirar quando se conservavam a distância. Mas quando se aproximavam do colosso, faziam novas descobertas, e à admiração sucedia-se a surpresa.

Primeiro que tudo, uma espécie de mugido cadenciado, muito parecido com o uivo particular dos gigantes da fauna indiana, feria logo o ouvido. Além disso, com pequenos intervalos, saíam da tromba, erguida para o céu, rápidos jactos de vapor.

Não havia, porém, dúvida de que era um elefante!

A sua pele rugosa, de um verde-escuro, cobria com toda a certeza uma dessas ossadas poderosas com que a natureza favoreceu o rei dos paquidermes!

Os seus membros eram dotados de movimentos!

Mas, se algum curioso se arriscasse a pôr a mão sobre o enorme animal, tudo se explicaria. Aquilo não passava de uma ilusão, de uma imitação surpreendente, que mesmo de perto apresentava todas as aparências de vida.

O elefante era de aço, nas suas entranhas abrigava-se uma locomotora completa.

Quanto ao comboio, à «Steam House», para empregarmos o qualificativo que lhe convém, era a habitação ambulante prometida pelo engenheiro.

O primeiro carro, ou, antes, a primeira casa, servia de habitação ao coronel Munro, ao capitão Hod, a Banks e a mim.

Na segunda instalava-se o sargento Mac Neil e os indivíduos de que se compunha o pessoal ao serviço da expedição.

Banks cumprira a sua promessa, o coronel também, e aqui está a razão por que nós tínhamos partido naquela manhã de 6 de Maio, conduzidos por aquele trem verdadeiramente extraordinário, a visitarmos as regiões setentrionais da península indiática.

Mas para que era aquele elefante artificial? De que servia aquela fantasia, tanto em desacordo com o espírito prático dos Ingleses? Até então nunca ninguém se lembrara de dar a uma locomotiva, destinada a circular, quer pelo macadame das estradas, quer pelos carris dos caminhos de ferro, a forma de qualquer quadrúpede!

Da primeira vez que nos deixaram ver aquela máquina surpreendente, foi, devemos confessar, geral o espanto!

Os «porquês» e os «como» caíram à carga cerrada sobre o nosso amigo Banks. Aquela locomotiva para estradas ordinárias fora construída sob a sua direcção e conforme os seus planos.

– Quem, pois, lhe sugerira a extravagante ideia de a ocultar sob as paredes de aço de um elefante mecânico?

Banks limitou-se a responder com muita seriedade:

– Conheces o rajá de Buthan?

– Conheço respondeu o capitão Hod -, ou antes, conhecia-o, porque morreu há uns treze meses.

– Pois devo dizer-lhes tornou o engenheiro que o rajá Buthan era não só uma criatura inteligente como também vivia de um modo muito diverso do viver de toda a gente. Gostava de faustos, fossem de que género fossem. Não se privava de coisa nenhuma, quero dizer, da que lhe passasse pela ideia. Gastava o cérebro a imaginar o

impossível. Se a sua bolsa não fosse inesgotável, tê-la-ia esgotado em realizar o que imaginava.

«Era rico como os nababos de outros tempos.

«Nos seus cofres abundavam os laques de rupias.

«Se alguma vez se incomodava era a cogitar a maneira como havia de gastar os seus milhões de modo menos banal que os seus colegas milionários.

«Um dia acudiu-lhe uma ideia, que dentro em pouco o preocupava a ponto de não o deixar dormir, uma ideia de que Salomão se houvera orgulhado, levando-a por certo à execução se aquele sábio tivesse conhecido o vapor. Consistia ela em viajar de um modo completamente novo até ao seu tempo, e ter um trem como ninguém fosse capaz de imaginar.

(Conhecia-me, fez-me comparecer na sua corte, e ele mesmo me desenhou o plano do seu aparelho de locomoção.)

«Ah! Se imaginam, meus amigos, que desatei a rir ao ouvir a proposta do rajá, enganam-se!

«Compreendi perfeitamente que uma tão grandiosa ideia devia, naturalmente, brotar da cabeça de um soberano indiano, e o meu único desejo foi realizá-lo quanto antes, em condições que pudessem satisfazer o meu poético cliente e a mim mesmo.

«Um verdadeiro engenheiro não tem todos os dias ensejo de entrar nos domínios do fantástico e de acrescentar um animal do seu gosto à fauna do Apocalipse ou às criações das *Mil e uma Noites*.

«Numa palavra, a fantasia do rajá era realizável. Sabem muito bem o que se faz, o que se pode fazer e o que se há-de fazer em mecânica.

«Pus, portanto, mãos à obra; neste invólucro de aço consegui encerrar a caldeira, o mecanismo, o tender de uma locomotiva com todos os seus acessórios.

«A tromba articulada, que, sendo preciso, se pode baixar ou levantar, serviu-me de chaminé; permitiu-me um excêntrico adaptar

as pernas do meu animal às rodas do aparelho; dei-lhe aos olhos a disposição das lentes de um farol, de modo que projectassem dois jactos de luz eléctrica, e o elefante artificial concluiu-se.

«Mas a criação não foi espontânea. Encontrei mais de uma dificuldade, que não se resolveu à primeira.

«Este motor, jóia enorme, se assim lhe quiserem chamar, custou-me não poucas vigílias, tantas que o meu rajá, que não podia conter a impaciência e passava a melhor parte do seu tempo nas minhas oficinas, morreu antes que a última martelada do operário permitisse ao elefante abalar por esses campos fora.

«Não teve o infeliz tempo de experimentar a sua casa ambulante! Menos fantasiosos que ele, os seus herdeiros consideravam este aparelho com terror e superstição, como a obra de um doido. Do que tiveram mais pressa foi de se desfazerem dele por vil preço, e comprei tudo por conta do coronel.

«Já sabem, pois, meus amigos, como é que, no mundo, só nós, afixo-lhes, temos à nossa disposição um elefante a vapor da força de oitenta cavalos, para não dizer da força de oitenta elefantes de trezentos quilogramas^{6}!

– Bravo, Banks, bravo! – exclamou o capitão Hod. – Um mestre engenheiro que é ainda por cima um artista, um poeta de ferro e aço, que é ave rara entre nós!

– Morto o rajá – prosseguiu Banks – e feita a aquisição do trem, não tive a coragem de destruir o meu elefante e de restituir a locomotiva à sua forma ordinária.

– E fez muitíssimo bem acudiu o capitão. É magnífico o seu elefante, magnífico. E que efeito não havemos nós de produzir com este gigantesco animal quando ele passear pelas planícies e juncais do Indostão. É uma ideia de rajá. Havemos de aproveitar tal ideia, não é verdade, coronel?

O coronel Munro quase sorriu. Era o equivalente a uma completa aprovação, por ele dada, às palavras de Banks.

Ficou, pois, resolvida a viagem, e aqui está como um elefante de aço, um animal único no seu género, um leviatão artificial, foi obrigado a puxar a habitação ambulante de quatro ingleses, em lugar de passear com toda a sua pompa um dos mais opulentos rajás da península indiana.

Qual era, porém, a disposição desta locomotiva de estradas ordinárias, a que Banks tinha aplicado todos os aperfeiçoamentos da ciência moderna?

É o que vamos expor.

Achava-se colocado entre as quatro rodas todo o maquinismo: cilindros, bielas, gavetas, bomba de alimentação, excêntricos, tudo isto coberto pelo corpo da caldeira.

Esta caldeira não é de fogo circular e apresenta uma superfície de aquecimento de sessenta metros quadrados.

Contém-se toda ela na parte anterior do corpo do elefante, que é de chapa de ferro, e a parte posterior do animal cobre o tênder, destinado à condução da água e combustível.

Caldeira e tênder, ambos montados no mesmo *truck*, estão separados por um intervalo, que fica livre para o serviço do fogueiro.

O maquinista toma lugar na pequena torre, construída à prova de bala, sobre o dorso do animal, e, em caso de agressão séria, toda a nossa gente pode refugiar-se na torre. O maquinista tem diante de si as válvulas de segurança e o manómetro que indica a tensão do fluido, e ao alcance o regulador e a alavanca, que lhe servem, o primeiro para regular a introdução do vapor, o segundo para manobrar as gavetas, e por conseguinte para fazer andar o trem para diante ou para trás. Da torre, através de espessos vidros lenticulares, dispostos de propósito em estreitas seteiras, pode observar a estrada, que se desenrola em frente, e, modificando por meio de um pedal o ângulo das rodas anteriores, segue as curvas, quaisquer que elas sejam.

Molas do melhor aço, adaptadas aos eixos, sustentam a caldeira e o tãnder, de modo que amortecem os solavancos causados pelas desigualdades do solo. As rodas, de solidez a toda a prova, são raiadas nas caibas, para que possam fazer pega no terreno e não arrastarem.

Como Banks nos disse, a força nominal da máquina é de oitenta cavalos, mas podem obter-se cento e cinquenta efectivos, sem receio de explosão.

Combinada segundo o sistema de Field, esta máquina é de cilindro duplo. Uma caixa hermeticamente fechada envolve todo o mecanismo, para o resguardar da poeira das estradas, que rapidamente o danificaria.

O seu extremo aperfeiçoamento consiste sobretudo nisto: em gastar pouco e produzir muito. com efeito, nunca a despesa média, comparada com o efeito utilizado, foi tão bem calculada, quer o aquecimento se obtenha com carvão, quer se obtenha com lenha, porque as grelhas da fornalha são próprias para queimar toda a espécie de combustível.

Quanto à velocidade normal desta locomotiva de estradas ordinárias, o engenheiro avalia-a em vinte e cinco quilómetros por hora, mas sobre um terreno propício poderá chegar a quarenta.

Como disse, as rodas não correm perigo de arrastar em vez de rodar, não só em razão da pega que as caibas fazem no solo, mas também porque todo o trem se acha suspenso em molas de primeira qualidade, e esta circunstância faz também distribuir com igualdade o peso, que os solavancos tendem a desequilibrar. Além disso, as rodas podem facilmente travar-se, quer gradual, quer instantaneamente, por meio de freios atmosféricos.

É notável a facilidade que esta máquina tem de subir as ladeiras.

Banks obteve os melhores resultados neste sentido, calculando o peso e a força propulsora exercida sobre cada um dos pistões da locomotiva. Por este motivo pode facilmente vencer inclinações de dez a doze centímetros por metro, o que já é considerável.

Demais, as estradas que os Ingleses têm construído na Índia, e cuja rede comporta um desenvolvimento de muitos milhares de milhas, são excelentes.

Devem prestar-se perfeitamente a este género de locomoção. Para não falar senão do Great Trunk Road, que atravessa a península, basta dizer-se que esta via tem uma extensão, não interrompida, de duzentas milhas.

Falemos agora da «Steam House», que o elefante artificial arrastava após si.

O que Banks obtivera dos herdeiros do nababo, por conta do coronel Munro, não era só a locomotiva, era também o que ela puxava.

Não se hão-de admirar de que o rajá de Buthan a fizesse construir conforme a sua fantasia e segundo a moda indiana.

Já lhe chamei um *bungalow* ambulante. Merece efectivamente este nome, e em verdade os dois carros que o compõem são simplesmente uma maravilha da arquitectura do país.

Imaginem-se como uns pagodes sem minaretes, com duplo telhado em forma de cúpula, balcões sustentados por pilastras esculpidas, uma ornamentação de recortes multicores em madeiras preciosas, todos contornados de curvas graciosas e elegantes, e que nas extremidades anterior e posterior rematavam por varandas esplêndidas. Sim, dois pagodes que se suporiam removidos da colina santa de Sonnaghur, e que, ligados um ao outro, iam correr as estradas principais da Índia, puxados por aquele elefante de aço.

E a isto devemos acrescentar uma circunstância que perfeitamente completa este prodigioso aparelho de locomoção: a de flutuar. A parte inferior do corpo do animal, ou, para melhor dizer, o ventre, que encerra a máquina, como também a parte inferior das duas casas ambulantes, formam ligeiros batéis de chapa de ferro. Apresenta-se por acaso qualquer corrente: o elefante entra nela, o trem segue-o, e as patas do animal, movidas pelas bielas, como se

fossem pás, conduzem toda a «Steam House» sobre a superfície dos rios e das ribeiras.

Incalculável vantagem naquela região das Índias, onde abundam as vias fluviais, cujas pontes estão ainda por construir.

Tal era o trem, único no seu género, e tal o quisera o caprichoso rajá de Buthan. Porém, se Banks respeitara aquele capricho, que dava ao motor a forma de um elefante e aos veículos o aspecto de pagodes, entendera, apesar disso, dever dispor a parte interna ao gosto inglês, apropriando-a para uma viagem de longa duração. Saíra excelente a lembrança.

Como disse, a «Steam House» compunha-se de dois carros, que interiormente não mediam menos de seis metros de largura. Excediam os eixos das rodas, que tinham apenas cinco. Suspensos sobre molas muito compridas e de extrema flexibilidade, os solavancos eram-lhes tão pouco sensíveis como os mais fracos abalos numa via férrea bem construída.

O primeiro carro tinha um comprimento de quinze metros. Na dianteira, um elegante alpendre ou dossel, sustentado por ligeiras pilastras, abrigava um grande balcão, no qual meia dúzia de pessoas podiam estar muito à vontade.

O salão tinha duas janelas e uma porta, e era, além disso, alumiado por mais duas janelas laterais. Consistia a sua mobília numa mesa, numa livraria e fofos divãs, que o guarneciam em todo o comprimento, sendo artisticamente decorado e forrado com magníficos tecidos estofados.

Cobria-lhe o sobrado um rico tapete de Esmirna. Das janelas, tanto nas do salão como nas dos compartimentos que serviam de quartos, pendiam *tattis* cortinas transparentes de vetiver -, continuamente aspergidos de água perfumada, os quais mantinham uma agradável frescura tanto no salão como nos quartos. Do tecto pendia uma *punha*, espécie de ventarola imensa, agitada automaticamente por uma correia de transmissão durante o andamento do trem, e nas paragens pelo braço de um servidor. Não seria conveniente combater

por todos os meios os excessos de uma temperatura que, durante certos meses do ano, se eleva, à sombra, acima de quarenta e cinco graus centígrados?

Na extremidade do salão oposto à janela do alpendre abria-se segunda porta, de madeira preciosa, que dava entrada para a casa de jantar, iluminada não só pelas janelas laterais, mas também por um tecto de vidro despolido.

Em volta da mesa, que ocupava o centro do compartimento, podiam sentar-se oito convivas. Nós éramos apenas quatro e, portanto, ficaríamos à vontade.

Credencias e bufetes, carregados luxuosamente de pratas, cristais e porcelanas exigidas pelo conforto inglês, mobilavam a casa de jantar. Escusado será dizer que os objectos frágeis, meio metidos em encaixes especiais, como se faz a bordo dos navios, estavam a salvo dos choques, mesmo sobre os maus caminhos, dada a hipótese de nos vermos obrigados a meter por eles.

Na casa de jantar havia outra porta, que dava acesso para um corredor, o qual ia ter a um balcão posterior, também coberto por um elegante alpendre. Ao longo deste corredor havia dois quartos de cada lado, que recebiam luz lateralmente e que continham um leito, um armário, um divã, dispostos como os camarotes dos melhores paquetes transatlânticos.

O primeiro quarto, à esquerda, era ocupado pelo coronel Munro; o segundo, à direita, pelo engenheiro Banks.

O quarto do capitão Hod seguia-se, à direita, ao do engenheiro; o meu, à esquerda, seguia-se ao do coronel Munro.

O segundo carro, do comprimento de doze metros, tinha, como o primeiro, uma varanda, a qual dava luz a uma grande cozinha, flanqueada lateralmente por duas despensas e munida de todo o necessário material.

Esta cozinha comunicava com um corredor, que na sua parte central alargava em forma de quadrilátero, servindo este de casa de jantar

para o pessoal inferior da expedição. Era iluminada por uma clarabóia que havia no tecto.

Nas quatro faces deste quadrilátero abriam-se quatro camarotes; ocupavam-nos o sargento Mac Neil, o maquinista, o fogueiro e a ordenança do coronel Munro. Na parte anterior havia mais dois camarotes, um destinado ao cozinheiro, o outro à ordenança do capitão Hod, e vários outros compartimentos que serviam de armaria, de geleira, de depósito de bagagens, etc., terminando isto tudo por uma janela de alpendre.

Como se vê, o engenheiro Banks tinha inteligente e confortavelmente disposto as duas habitações ambulantes da «Steam House».

No Inverno (podiam ser aquecidas por meio de um aparelho, cujo ar quente, fornecido pela máquina, circulava pelos aposentos, sem falar em dois pequenos fogões instalados na sala e na casa de jantar. Achávamo-nos, pois, habilitados a arrostar os rigores da estação fria, mesmo nos primeiros declives das montanhas do Tibete.

Como se deve avaliar, a importante questão das provisões não tinha sido desprezada, e levávamos, em conservas escolhidas, com que sustentar um ano inteiro todo o pessoal da expedição.

Do que tínhamos maior abundância era de latas de carnes conservadas, das melhores marcas, principalmente vaca cozida e vaca estufada, e também empadas de *mourbhis*, frangos, cujo consumo é tão considerável em toda a península indiana.

Tão-pouco havíamos de deixar de ter leite para o almoço de manhã, que precede o jantar da noite, graças aos novos preparados que permitem transportar este alimento a grandes distâncias no estado concentrado.

Depois de submetido à evaporação, que lhe dá uma consistência de massa, é metido o leite em latas hermeticamente fechadas, na porção de quatrocentos e cinquenta gramas, os quais podem fornecer três litros de líquido, adicionando-lhes o quádruplo do seu

peso em água. Nestas condições é idêntico ao leite normal e de boa qualidade. O mesmo sucede com o caldo, que, depois de ter sido conservado por meios análogos e reduzido a pequenas formas, dá pela dissolução excelentes líquidos alimentícios.

Quanto ao gelo, de uso tão útil sob aquelas ardentes latitudes, é fácil produzi-lo por meio dos aparelhos Garre, que promovem o abaixamento da temperatura pela evaporação do gás amoníaco liquefeito.

Um dos compartimentos posteriores era até disposto como uma geleira, e, ou fosse pela evaporação do amoníaco, ou pela volatilização do éter metílico, o produto das nossas caçadas podia ser indefinidamente conservado, graças ao emprego dos processos devidos a um meu compatriota, o francês Ch. Tellier.

Há-de-se convir que era este um recurso precioso, que devia pôr à nossa disposição, em todas as circunstâncias, alimentos da melhor qualidade.

Quanto às bebidas, a nossa adega estava bem fornecida. Vinhos de França, cervejas diversas, aguardente, araca, ocupavam lugares especiais e eram em quantidades suficientes para as primeiras necessidades.

Demais, deve-se observar que o nosso itinerário não devia afastar-nos muito das províncias habitadas da península. A índia não é um deserto; longe disso.

Dada a condição de não se pouparem as rupias, é fácil obter-se não só o necessário mas também o supérfluo.

Talvez, quando invernásemos na base do Himalaia, nos víssemos reduzidos aos nossos últimos recursos.

Ainda neste caso, ser-nos-ia fácil fazer face a todas as exigências de uma existência confortável. O espírito prático do nosso amigo Banks tudo previra, e podia-se descansar nele quanto aos nossos fornecimentos em jornada.

Em suma, eis qual era o nosso itinerário itinerário que foi estabelecido em princípio, salvo quaisquer modificações, que circunstâncias imprevistas porventura pudessem nele introduzir:

Partir de Calcutá, seguindo pelo vale do Ganges até Allahabad; subir através do reino de Ube, de modo que se alcançassem as primeiras rampas do Tibete, acampar durante alguns meses ora num lugar ora noutro, dando ao capitão Hod toda a facilidade para organizar as suas caçadas, e depois tornar a descer até Bombaim.

Eram quase novecentas léguas que andar. Mas a nossa casa, com todo o seu pessoal, viajavam connosco.

Em tais condições, quem se recusaria a dar, até muitas vezes, volta à roda do mundo?

Capítulo VI



As Primeiras Paragens

No dia 6 de Maio, logo ao romper do Sol, deixei o hotel Spencer, um dos melhores de Calcutá, onde residia desde que chegara à capital da Índia.

Já não tinha segredos para mim esta grande cidade. Passeios a pé, pela manhã, durante as primeiras horas do dia; passeios à tarde, de carruagem, no Strand, até à esplanada do forte William, no meio dos esplêndidos trens dos europeus, que cruzam com bastante desdém por entre as carruagens não menos esplêndidas dos gordos e opulentos *babus* indígenas; excursões através das curiosas ruas comerciais, a que se dá com muita propriedade o nome de bazares; visitas aos campos de incineração dos mortos, nas margens do Ganges, aos jardins botânicos do naturalista Hooker, à «senhora Kali», a horrenda mulher de quatro braços, a deusa feroz da morte, que se oculta num pequeno templo de um desses arrabaldes, onde a civilização moderna passa ombro com ombro pela civilização antiga tudo isto estava feito. Contemplar o palácio do vice-rei, que se erguia exactamente em frente do hotel Spencer; admirar o curioso palácio de Chowringhi Road e a Town-Hall, consagrados à memória dos grandes homens da nossa época; estudar minuciosamente a interessante mesquita de Hougly; percorrer o porto, atulhado com as mais belas embarcações mercantes da marinha inglesa; dizer finalmente adeus aos *arghilas*, ajudantes ou filósofos são aves com tantos nomes! que se encarregam de limpar as ruas e conservar a cidade num perfeito estado salubre, eram também coisas que já estavam feitas, e só me restava partir.

Por isso, naquela manhã, um *palki-ghari*, espécie de detestável carruagem de quatro rodas, puxada por dois cavalos, indigna de figurar entre os confortáveis produtos dos segeiros ingleses, veio

buscar-me à Praça do Governo e punha-me em pouco tempo à porta do *bungalow* do coronel Munro.

A cem passos fora do arrabalde esperava-nos o nosso trem. Para falarmos apropriadamente, não tínhamos mais que tomar posse da casa.

Escusado é dizer que as nossas bagagens tinham sido antecipadamente arrumadas no seu compartimento especial.

Demais, só levávamos o indispensável. Apenas em questão de armas, o capitão Hod havia entendido que o indispensável não podia consistir em menos de quatro carabinas Enfield», de balas explosivas, quatro espingardas de caça, dois espingardões, sem contar com um certo número de espingardas e de revólveres, armas suficientes para armar todo o pessoal. Este aparato ameaçava mais as feras que a caça miúda, mas a este respeito não se podia chamar à razão o nosso Nemrod.

O capitão Hod estava encantado. O prazer de arrancar o coronel à solidão do seu recolhimento, a alegria de partir para as províncias setentrionais da Índia num trem como não havia igual, a perspectiva de exercícios ultracinegéticos e de excursões nas regiões himalaicas, tudo isto o animava, o sobreexcitava e lhe arrancava interjeições intermináveis e apertos de mão de quebrar os ossos a uma pessoa.

Chegara a hora da partida. A caldeira estava em pressão, a máquina prestes a funcionar. O maquinista achava-se no seu posto, com a mão sobre o regulador. Soltou-se o apito regulamentar.

– A caminho! – exclamou o capitão Hod, agitando o chapéu. – A caminho, Gigante de Aço!

O maravilhoso motor merecia bem o nome que o capitão lhe acabava de dar, e esse nome ficou-lhe.

Resta-nos dar alguns esclarecimentos a respeito do pessoal da expedição, que ocupava a segunda casa ambulante.

O maquinista Storr, um inglês, fora empregado da companhia Great Southern of India, cujo serviço ele deixara havia algum tempo. Banks, que o conhecia e o julgava muito competente, tinha-o feito entrar para o serviço do coronel Munro. Era homem de quarenta anos, hábil operário, muito entendido no seu mister, e que por isso devia prestar-nos grandes serviços.

O fogueiro chamava-se Kalouth. Pertencia a essa casta de indianos, tão procurados pelas companhias de caminhos de ferro, que podem impunemente suportar o calor tropical das índias, aumentado com o calor da caldeira. O mesmo sucede com os árabes, aos quais as companhias de transportes marítimos confiam o serviço de fogueiros durante a travessia do mar Vermelho. São criaturas excelentes, que se contentam, o muito, com se deixarem cozer, numa situação em que os europeus ficariam assados em poucos instantes. Fora também uma boa escolha.

A ordenança do coronel Munro era um indiano de trinta e cinco anos de idade, Gurca de raça, chamado Gumi. Fazia parte do regimento que, para dar provas de disciplina, aceitou o uso das novas munições, cuja adopção ocasionou ou, pelo menos, serviu de pretexto para a revolta dos sipaios. Baixo, ligeiro, boa figura, de uma dedicação a toda a prova, trazia ainda o uniforme negro da brigada dos Rifles, uniforme a que ele queria tanto como à sua própria pele.

O sargento Mac Neil e Gumi eram de corpo e alma os dois fiéis servidores do coronel Munro.

Depois de se terem batido a seu lado em todas as guerras da Índia, depois de o terem ajudado nas suas infrutíferas tentativas para encontrar Nana Sahib, haviam-no acompanhado depois que ele se retirara do serviço e já o não deviam deixar.

Se Gumi era a ordenança do coronel Munro, Fox, inglês de raça pura, alegre e muito comunicativo, era o impedido do capitão Hod, e caçador não menos entusiasta que seu amo.

Este excelente moço não trocava a sua posição social por outra, fosse ela qual fosse.

A sua finura tomava-o digno do nome que tinha. Fox, é, raposa! Mas raposa que já contava os seus trinta e sete tigres três menos que o seu capitão. Além disso, não tencionava ficar por aqui.

Para completar o pessoal da expedição, devemos ainda citar o nosso cozinheiro negro, que reinava na parte anterior da segunda casa entre as duas despensas.

Francês de origem, que já fizera assados e fricassés em todas as latitudes, Monsieur Parazard era o seu nome imaginava exercer, não um mister vulgar, mas funções de alta importância.

Fazia em verdade de pontífice, quando andava de fonalha em fonalha, distribuindo, com a precisão de um químico, o sal, a pimenta e outros condimentos, que tornavam mais apetitosas as suas preparações.

Em todo o caso, como Monsieur Parazard era sujeito hábil e asseado, perdoava-se-lhe de bom grado a vaidade culinária.

Portanto, Sir Edward Munro, Banks, o capitão Hod e eu, de um lado, Mac Neil, Storr, Kalouth, Gumi, Fox e Monsieur Parazard do outro ao todo dez pessoas -, tal era a expedição que o Gigante de Aço, com o seu trem de duas casas ambulantes, conduzia para o Norte. Não esqueçamos os dois cães «Phann» e «Black», cujas qualidades na caça grossa e miúda o capitão já conhecia muito bem.

Bengala é talvez, senão a mais curiosa, pelo menos a mais rica das presidências do Indostão. Não é com certeza o país propriamente dito dos rajás, que abraça mais especialmente o centro deste vasto reino; mas esta província estende-se sobre um território muito populoso, que pode ser considerado como o verdadeiro país dos indianos. Estende-se ao norte até às fronteiras intransitáveis do Himalaia, e o nosso itinerário ia permitir-nos atravessá-lo obliquamente.

Depois de uma discussão a respeito dos primeiros lugares onde devíamos parar, concordámos todos neste projecto: subir durante algumas horas o Hougly, o braço do Ganges que banha Calcutá, deixar à direita a cidade francesa de Chandernagor, daí seguir a linha

férrea até Burdwan, depois atravessar obliquamente o Behar, de modo que se fosse encontrar o Ganges em Benares.

– Meus amigos dissera o coronel Munro -, entrego-lhes absolutamente a direcção da viagem... Resolvam sem mim. Tudo o que fizerem será bem feito.

– Meu caro Munro redarguiu Banks -, sempre conviria que desses o teu parecer...

– Não, Banks tornou o coronel -, pertença-te, e em rigor não prefiro visitar esta ou aquela província. Entretanto, quando chegarem a Benares, que direcção tencionam seguir?

– A direcção do norte! exclamou impetuosamente o capitão Hod. A estrada que sobe directamente até às primeiras rampas do Himalaia, através do reino de Ude.

– Pois nessa ocasião, meus amigos – volveu o coronel Munro -, talvez lhes peça... Mas falaremos nisso quando for tempo. Até então, como quiserem!

Estas palavras de Sir Edward Munro não deixaram de me causar algum espanto. Que ideia era a sua? Não consentiria ele na viagem persuadido de que o acaso talvez o servisse melhor ainda que a sua própria vontade? Diria ele consigo que, se Nana Sahib não tivesse morrido, talvez o encontrasse ao norte da Índia?

Quanto a mim, tinha um pressentimento de que algum pensamento reservado guiava o coronel Munro, e pareceu-me que o sargento Mac Neil devia conhecer o segredo do amo.

Durante as primeiras horas daquela manhã ocupámos o salão da «Steam House».

Estavam abertas a porta e as duas janelas da varanda, e a *punka*, agitando o ar, tornava suportável a temperatura.

O Gigante de Aço ia a passo, mantido neste andamento pela mão de Storr.

Uma pequena légua à hora era o que por enquanto lhe exigiam os viajantes, desejosos de ver o país que atravessavam.

À saída dos arrabaldes de Calcutá tínhamos sido seguidos por um certo número de europeus, aos quais o nosso trem maravilhava, e por uma multidão de indianos, que o contemplavam com admiração e ao mesmo tempo com respeito.

A multidão fora rareando, mas não podíamos subtrair-nos ao assombro dos transeuntes, que nos prodigalizavam os seus *wahs! wahs!* admirativos.

Escusado é dizer que todas estas interjeições não eram tanto para os dois soberbos carros como para o gigantesco elefante que os puxava, vomitando grandes novelos de vapor.

Às dez horas, pôs-se a mesa na casa de jantar, e, com certeza menos sacudidos do que o seríamos no compartimento de um vagão-salão de primeira classe, fizemos as honras ao almoço de Monsieur Parazard.

O comboio, que o nosso trem seguia, costeava então a margem esquerda do Hougly, o mais ocidental dos braços do Ganges, rio que no seu conjunto compreende a rede inextricável do delta dos Sunderbunds.

Toda esta porção do território é de formação aluvionária.

– O que está vendo, meu caro Maucler - disse-me Banks -, é uma conquista do rio sagrado sobre o golfo não menos sagrado de Bengala. Questão de tempo. Não há talvez uma parcela dessa terra que não viesse das fronteiras do Himalaia, transportada pela corrente do Ganges. O rio tem pouco a pouco desagregado a montanha para compor o solo desta província, onde formou para si próprio um leito...

– Que muitas vezes abandona por outro – acrescentou o capitão Hod. – Ah! É um rio caprichoso, fantasioso, lunático, este Ganges! Levanta-se nas suas margens uma cidade e, alguns séculos depois, a cidade acha-se no meio de uma planície, os seus cais estão a seco, o rio mudou de direcção e de foz! Foi o que sucedeu a Rajmahal, a Gaur, agora morrendo à sede em meio dos arrozais dessecados da planície!

Não será para rezear que sorte igual esteja reservada a Calcutá? volvi eu.

- Quem sabe?

– Ora, para que servimos nós? – retorquiu Banks. – É uma questão de diques! Se for preciso, os engenheiros saberão muito bem conter as inundações do Ganges. Vestir-se-lhe á a camisa de forças!

- Felizmente para si disse Hod que os indianos não lhe ouvem falar por esse modo do seu rio sagrado! Não lhe perdoariam.

– Efectivamente observou Banks -, o Ganges é um filho de Deus, se não é o próprio Deus, e aos olhos dos indianos nada do que ele faz é mau!

– Nem as febres, a cólera, a peste, que ele mantém no estado endémico! – exclamou o capitão Hod. – É verdade que os tigres e os crocodilos, que formigam nos Sunderbunds, não se dão muito mal com isso. Pelo contrário! Parece até que o ar empestado convém àqueles animais, como o ar puro de um *sanitarium* convém aos anglo-indianos na estação das calmas. Ah! estes animais carnívoros!

– Fox – acrescentou Hod, voltando-se para o seu impedido, que servia à mesa.

– Meu capitão?

– Não foi acolá que mataste o teu trigésimo sétimo?

– Sim, meu capitão, a duas milhas do porto Canning respondeu Fox. Era uma noite...

– Basta, Fox! –olveu o capitão, acabando de beber um grande grogue. – Conheço a história do trigésimo sétimo. A do trigésimo

oitavo é que me havia de interessar mais.

– O trigésimo oitavo ainda não está morto, meu capitão.

– Hás-de matá-lo, Fox, como eu hei-de matar o meu quadragésimo primeiro!

Nas conversas do capitão Hod e do seu impedido a palavra «tigre», como se vê, nunca se proferia.

Era escusado. Os dois caçadores compreendiam-se maravilhosamente.

À medida que avançávamos, o Hougly, que tem quase um quilómetro de largo em frente de Calcutá, ia estreitando. A montante da cidade, são muito baixas as suas margens. É ali que muitas vezes se engolfam os ciclones, cujos desastres se estendem por toda a província.

Bairros completamente destruídos, centenas de casas derrubadas, imensas plantações devastadas, milhares de cadáveres juncando a cidade e os campos, tais são as ruínas que estes irresistíveis meteoros deixam após si, e dos quais o ciclone de 1864 foi um dos mais terríveis exemplos.

É sabido que o clima da Índia compreende três estações: a estação chuvosa, a estação fria e a estação quente. A última é a que menos dura, mas também a que mais custa a passar. Março, Abril e Maio é a mais quente. Nesta época, expor-se ao sol durante certas horas do dia é arriscar a vida, pelo menos para os europeus. Não é raro, mesmo à sombra, a coluna termométrica elevar-se a cento e seis graus Fahrenheit, isto é, quase 41 centígrados.

– Os homens, diz o Senhor Valbezen, resfolgam então como cavalos, e, durante a guerra de repressão, oficiais e soldados foram obrigados a recorrer aos duches de água fria a fim de evitarem as congestões.»

Contudo, graças à marcha da «Steam House»), à agitação do ar produzida pelos movimentos da *punha*, à atmosfera húmida que

circulava através das cortinas de vetiver, regadas com frequência, não nos incomodava muito o calor. Depois, a estação das chuvas, que dura desde o mês de Julho até ao mês de Outubro, não vinha longe. Afinal, nas condições em que se operava a nossa viagem, não tínhamos nada grave que recear.

Pela uma hora da tarde, depois de um delicioso passeio a pequena velocidade, que fizemos sem sair de casa, chegámos a Chandernagor.

Eu já visitara este canto de terra, o único que resta à França em toda a presidência de Bengala.

Esta cidade, abrigada pela bandeira tricolor, e que não tem direito a mais de quinze soldados para a sua própria guarda, esta antiga rival de Calcutá, durante as lutas do século XVIII, está hoje bem decaída, sem indústria, sem comércio, com os bazares abandonados, o forte desocupado.

Talvez Chandernagor houvesse recuperado alguma vitalidade se o caminho de ferro de Allahabad a atravessasse, ou pelo menos lhe costeasse os muros; mas, em presença das exigências do Governo francês, a companhia francesa teve de fazer obliquar a via, de modo que só contornasse o nosso território, e Chandernagor perdeu então a única ocasião de alcançar alguma importância comercial. O nosso trem não entrou na cidade. Parou na estrada, à distância de três milhas, à entrada de uma floresta de lataneiros.

Depois de se organizar o acampamento, parecia um começo de aldeia que ali acabava de se fundar. Mas era móvel a aldeia, e logo no dia seguinte, 7 de Maio, recomeçou a sua marcha interrompida, após uma noite tranquila, passada nos nossos confortáveis camarotes.

Durante esta paragem, Banks fizera renovar o combustível. Apesar de que a máquina consumira pouco, queria que o tênder trouxesse sempre a sua carga completa, isto é, que trouxesse em água, lenha ou carvão o preciso para caminhar durante sessenta horas.

O capitão Hod e o seu fiel Fox não deixaram de aplicar esta regra a si mesmos, e a sua fornalha interior, quero dizer, o seu estômago, que apresentava grande superfície de aquecimento, andava sempre fornecido de combustível azotado, indispensável para fazer marchar bem e por muito tempo a máquina humana.

Agora a viagem devia ser mais demorada, íamos viajar dois dias, descansar duas noites, de maneira que chegássemos a Burdwan e visitássemos esta cidade durante o dia 9

.

Às seis horas da manhã, Storr soltava um apito agudo, descarregava os cilindros, e o Gigante de Aço tomava um andamento um pouco mais rápido que na véspera.

Por espaço de algumas horas costeámos a via férrea, que por Burdwan vai tomar o vale do Ganges, que ela depois segue até além de Benares.

O comboio de Calcutá passou por nós, em grande velocidade. Parecia desafiar-nos com as exclamações admirativas dos viajantes.

Não respondemos ao desafio.

Podiam eles caminhar mais rapidamente que nós, mas não com mais comodidade!

A região que se atravessou, durante estes dois dias, era plana, e por isto mesmo bastante monótona.

Num ou noutro ponto, balouçavam-se alguns flexíveis coqueiros, os últimos dos quais iam ficar para trás, para além de Burdwan.

Estas árvores, que pertencem à grande família das palmeiras, dão-se bem nas orlas do mar e gostam de encontrar algumas moléculas de ar marinho na atmosfera que respiram. Por isso não se encontram fora de uma zona bastante estreita, que confina com o litoral, e é escusado procurá-las na Índia central. Mas a flora do interior não é por isso menos interessante e variada.

De ambos os lados da estrada, o terreno, para falar propriamente, não era senão um imenso tabuleiro de arrozais, que se estendia a

perder de vista.

O solo estava dividido em quadriláteros, rodeados de diques, como as salinas ou os parques de ostras de um litoral. Mas a cor verde predominava, e a colheita prometia ser excelente sobre aquele terreno húmido e quente, cujos lamaçais indicavam a prodigiosa fertilidade.

No outro dia à tarde, à hora aprazada, com uma exactidão para ser invejada por um expresso, a máquina imprimia o seu último esforço de vapor e parava as portas de Burdwan.

Administrativamente, esta cidade é a capital de um distrito inglês, mas o distrito pertence propriamente a um marajá, que não paga menos de dez milhões de impostos ao Governo.

É em grande parte composta de casas baixas, separadas por formosas alamedas de coqueiros e arecas. Estas alamedas eram bastante largas para dar passagem ao nosso trem.

Fomos, pois, acampar num lugar encantador, cheio de sombra e de frescura.

Naquela noite a capital do marajá contou mais um pequeno bairro. Era a nossa aldeia portátil, a nossa vila composta de duas casas, e não a trocaríamos por todo o bairro onde se eleva o esplêndido palácio de arquitectura anglo-indiana do soberano de Burdwan.

Como se deve imaginar, o nosso elefante produziu ali o efeito costumado, isto é, uma espécie de terror admirativo em todos os bengalis, que acudiam de vários lados, sem nada na cabeça, os cabelos cortados, e tendo, por único fato, os homens uma tanga em volta dos rins, e as mulheres um *sari* branco, que as envolvia da cabeça até aos pés.

– Só tenho um único receio – disse o capitão Hod, – é que o marajá queira comprar o nosso Gigante de Aço, e ofereça uma tal quantia que sejamos obrigados a vendê-lo a Sua Alteza!

– Nunca! – exclamou Banks. – Fabricar-lhe-ei outro elefante quando ele quiser, e tão potente que possa arrastar toda a sua capital de uma extremidade dos seus estados à outra Mas o nosso não lho vendemos por preço nenhum. Não é verdade, Munro?

– Por preço nenhum! - repetiu o coronel, no tom de um homem a quem o oferecimento de um milhão não seria capaz de seduzir.

Não houve contudo ocasião para discutir a compra do nosso colosso. O marajá não estava em Burdwan.

A única visita que recebemos foi a do seu *kandar*, espécie de secretário particular, que veio examinar o nosso comboio.

Em seguida ao exame, esta personagem propôs-nos, o que foi aceito com muito boa vontade, que visitássemos os jardins do palácio, plantados dos mais belos exemplares da vegetação tropical, humedecidos por águas de nascentes, distribuídas em lagos ou deslizando em regatos, e igualmente o parque, ornado de caprichosos quiosques do mais belo efeito, atapetado de verdejantes tabuleiros de relva, povoado de cabritos, de cervos, de gamos, de elefantes, representantes da fauna doméstica, e de tigres, de leões, de panteras e de ursos, representantes da fauna selvagem, metidos em grandes jaulas.

– Tigres de gaiola como os pássaros, meu capitão! exclamou Fox. Até me mete dó!

– Sim, Fox! – volveu o capitão. – Se as consultassem, essas boas feras diriam que preferiam vaguear livremente nos juncais... mesmo ao alcance da bala explosiva de uma carabina!

– Ah! meu capitão, como eu compreendo isso – retorquiu a ordenança, soltando um profundo suspiro.

No dia seguinte, 10 de Março, deixámos Burdwan.

A «Steam House», bem abastecida, atravessava a via férrea numa passagem de nível e dirigia-se directamente para Ramghur, cidade situada a quase setenta e cinco léguas de Calcutá.

É verdade que este itinerário deixava à nossa direita a importante cidade de Murchedabad; Monghir, espécie de Birmingham do Indostão, empoleirada num promontório que domina a corrente do rio sagrado; Patna, capital do reino de Behar, que íamos atravessar obliquamente, famoso centro de comércio do ópio, e que tende a desaparecer sob a invasão das plantas trepadeiras em que a sua flora abunda. Porém, tínhamos coisa melhor que fazer, e era seguir na direcção mais meridional, a dois graus acima do vale do Ganges.

Nesta parte da viagem deu-se mais alguma força ao Gigante de Aço, que sustentou um trote miúdo, e esta circunstância permitiu-nos apreciar a perfeita instalação das nossas casas suspensas. Além disso, a estrada era excelente e prestava-se à experiência.

Coisa incrível! Na passagem do gigantesco elefante, vomitando fumo e fogo, as feras parece que se assustavam. A verdade, com grande assombro do capitão Hod, é que não víamos nenhuma no meio dos juncais daquele território. No entanto, era através das regiões setentrionais da Índia, não nas províncias de Bengala, que ele esperava satisfazer os seus instintos de caçador, e por isso não se queixava ainda.

A 15 de Maio, estávamos perto de Ramghur, quase a cinquenta léguas de Burdwan. A média da velocidade fora de quinze léguas por doze horas, não mais que isso.

Três dias depois, a 18, o trem parava, cem léguas mais adiante, próximo da pequena cidade de Chittra.

Nenhum incidente assinalara aquele primeiro período da viagem. Os dias estavam quentes, mas como era fácil a sesta ao abrigo dos toldos Passámos debaixo deles as horas mais ardentes, num *farniente* delicioso,

À tarde, Storr e Kalouth, sob a vigilância de Banks, ocupavam-se em limpar a caldeira e examinar a máquina.

Durante isto, eu e o capitão Hod, acompanhados de Fox, de Gumi e de dois cães de caça, íamos caçando nos arredores do acampamento.

Não passava por enquanto de caça miúda; mas se o capitão lhe dava pouco apreço como caçador, dava-lhe muito como gastrónome, e no dia seguinte, com extremo contentamento seu e grande satisfação de Monsieur Parazard, a lista do jantar contava algumas peças saborosas, que economizavam as nossas conservas.

Às vezes Gumi e Fox ficavam, para desempenharem o cargo de lenhadores e carregadores de água. Pois não era preciso foinecer o tênder para a jornada do dia seguinte?

Por esta razão, Banks também escolhia sempre, para as paragens, lugares situados junto de alguma ribeira, próximos de algum bosque. Os indispensáveis abastecimentos operavam-se sempre sob a direcção do engenheiro, que não desprezava nenhuma minuciosidade.

Concluído tudo, acendíamos os nossos charutos, excelentes produtos das fábricas de Manila, e fumávamos, conversando ao mesmo tempo acerca deste país, que Hod e Banks conheciam a fundo.

Quanto ao capitão, desprezando o charuto vulgar, aspirava com os vigorosos pulmões de que a natureza o dotara, através de um tubo de vinte pés de comprimento, o fumo aromatizado de um *houkah*, preparado pela mão do impedido.

Era sempre o nosso maior desejo que o coronel Munro nos acompanhasse nas excursões aos arredores do acampamento. Invariavelmente lhe propúnhamos isto no momento de partir, mas também invariavelmente ele recusava o nosso oferecimento e ficava com o sargento Mac Neil. Punham-se ambos a passear, de cá para lá, na extensão de uns cem passos.

Falavam pouco, mas pareciam entender-se maravilhosamente e não tinham necessidade de trocar palavras para trocar os pensamentos.

Absorviam-se ambos nas funestas recordações, que nada podia apagar-lhes da memória.

Quem sabe até se essas recordações se não avivavam à medida que eles se aproximavam do teatro da insurreição!

Evidentemente, alguma ideia fixa, que só mais tarde conheceremos, e não o simples desejo de não se separar de nós, levava o coronel Munro a tomar parte nesta expedição ao Norte da Índia.

Devo dizer que Banks e o capitão Hod tinham a mesma opinião a este respeito. Por isso, nós três perguntávamos no nosso íntimo se aquele elefante de aço, correndo através das planícies da península, arrastava após si um drama completo.

Capítulo VII



Os Peregrinos de Phalgou

O Behar formava outrora o império de Magadha. Era uma espécie de território sagrado no tempo dos budistas, e ainda está coberto de templos e de mosteiros.

Há já, porém, muitos séculos que os brâmanes sucederam aos padres de Buda. Apoderaram-se dos *viharas*, exploraram-nos e vivem dos produtos do culto; de todas as partes vêm ter com eles os fiéis; fazem concorrência às águas sagradas do Ganges, às peregrinações de Benares, às cerimónias de Jaggernaut; finalmente, pode dizer-se que todo o território lhes pertence.

Região rica, com os seus imensos arrozais verde-esmeralda e as suas vastas plantações de papoila, povoada de inúmeras aldeias, perdidas por entre a verdura, das tamareiras, das *taras*, sobre as quais a natureza lançou uma espécie de rede inextricável de cipós.

As estradas que a «Steam House» segue formam outros tantos caminhos cobertos de densas latadas, cuja frescura é alimentada por um solo sempre húmido.

Os relinchos do nosso elefante misturam-se com o concerto ensurdecido da população alada e com a gritaria discordante das tribos simianas. O fumo da máquina enrola densas espirais nas fénix campestres e nas bananeiras, cujos frutos dourados se destacam como estrelas em meio de ligeiras nuvens.

Quando o trem passa levantam-se nuvens de aves do arroz, cujas penas brancas se confundem com as brancas espirais do vapor.

Num ou noutro ponto, grupos de banianas, pequenos bosques de pamplumossas, tabuleiros de *dalhs* espécie de ervilhas arbóreas,

cujo tronco tem um metro de altura destacam-se vigorosamente, servindo de contraste às paisagens de fundo.

Mas que calor! Apenas um pouco de ar húmido entra pelas cortinas de vetiver das janelas. Os *hot winds*, os ventos quentes, que se carregam de calórico ao perpassarem pela superfície das extensas planícies do Norte, bafejam a campina com o fôlego abrasado.

Não é sem tempo que a monção de Junho venha modificar o estado atmosférico.

Ninguém poderia suportar a acção deste sol de fogo sem risco de alguma sufocação mortal.

Por isso o campo está deserto. Os próprios *raiots*, apesar de bastante habituados a estes jactos de lume, não poderiam dar-se aos trabalhos da cultura.

Só é transitável a estrada coberta de ramagem, e ainda assim com a condição de a percorrermos ao abrigo do nosso *bungalow* ambulante.

É preciso que o fogueiro Kalouth seja, já não digo de platina, porque a platina fundiria, mas de carbono puro, para não entrar em fusão diante da grelha ardente da caldeira. Não! O bravo indiano resiste. Como que adquiriu uma segunda organização refractária na sua vida sobre as plataformas das locomotivas, a correr pelos caminhos de ferro da Índia central.

No dia 19 de Maio, o termómetro Fahrenheit, suspenso da parede da casa de jantar, indicou cento e seis graus, ou 41 centígrados.

Naquela tarde não pudemos dar o nosso passeio higiénico do *hawakana*.

Esta palavra significa «devorar o ar», isto é, que, depois das sufocações produzidas por um dia tropical, se vai respirar um pouco do ar tépido e puro da tarde. Agora, se déssemos um tal passeio, seria a atmosfera que nos devoraria.

– Senhor Maucler - disse-me o sargento Mac Neil, lembra-me isto os últimos dias de Março, durante os quais Sir Hugh Rose, com uma bateria de duas peças apenas, procurava abrir brecha na muralha de Lucknow. Havia dezasseis dias que transpuséramos o rio Betwa, e durante esses dias nem uma só vez se tinham desenfreado os cavalos. Batíamos-nos entre enormes muralhas de granito, que vale o mesmo que dizer entre as paredes de tijolos de um alto forno. *Chitsis*, que traziam água nos odres, atravessavam as nossas fileiras, e, enquanto nós atirávamos, despejavam-nos o líquido sobre a cabeça, sem o que cairíamos fulminados. Espere. Lembro-me ainda! Estava exausto. Parece que me estalava o crânio. Ia cair... O coronel Munro vê-me e, arrancando o odre das mãos de um *chitsi*, despeja-o sobre mim... e era a última água que os *chitsis* tinham podido obter!... Isto nunca se esquece, sabe? Não! Gota de sangue por gota de água! Mesmo que eu desse todo o meu sangue pelo coronel, ainda ficava devedor!

Eu perguntei então ao sargento:

– Não acha que o coronel Munro, depois que se pôs a caminho, tem o aspecto mais preocupado do que de costume? Parece que de dia para dia...

– Sim, senhor – interrompeu com vivacidade Mac Neil; – mas isso é muito natural! O meu coronel aproxima-se de Lucknow, de Cawnpore, do lugar onde Nana Sahib fez assassinar... Ah! Não posso falar de semelhante coisa sem que me suba o sangue à cabeça! Talvez tivesse sido melhor seguir outro itinerário, e não atravessar as províncias que a revolta devastou. Não vão ainda muito longe esses terríveis acontecimentos, para que a sua lembrança esteja já um pouco desvanecida!

– Porque não mudamos, nesse caso, de caminho? – perguntei. – Se quer, Mac Neil, vou falar nisso a Banks, ao capitão Hod...

– Já é tarde – respondeu o sargento. – Demais, tenho motivos para crer que o meu coronel deseja tornar a ver, talvez pela última vez, o teatro dessa guerra horrível, que quer ir ao sítio onde Lady Munro foi assassinada, e de que modo!

– Se lhe parece, – Mac Neil retorquiu, – é melhor deixar o coronel fazer o que entende, e não alterar em nada os nossos projectos. É muitas vezes uma consolação à nossa dor o virmos chorar sobre o túmulo daqueles que nos são caros...

– Sobre o túmulo, decerto! - exclamou Mac Neil.

– Mas pode-se chamar túmulo a esse poço de Cawnpore, onde tantas vítimas foram precipitadas em montão? Tem isso por acaso semelhanças com os monumentos funerários dos cemitérios da Escócia, conservados por mãos piedosas, cobertos de flores, ensombrados pelas copas das árvores, e onde se lê um nome, um nome só, o da pessoa que já não existe? Ah! senhor, receio bem que a dor do coronel seja terrível! Mas, repito, é já tarde para o fazer mudar de caminho. Quem sabe se ele imediatamente não recusaria acompanhar-nos! Deixemos ir tudo como vai, e que Deus nos guie!

Não podia haver dúvida de que Mac Neil, ao falar assim, sabia o que devia pensar a respeito dos projectos de Sir Edward Munro. Mas diria ele tudo quanto sabia, não teria sido exactamente o projecto de tornar a ver Cawnpore que havia resolvido o coronel a sair de Calcutá? A verdade é que parecia que um íman o atraía ao teatro onde se dera o desenlace daquele funesto drama!... Era preciso deixá-lo.

Lembrei-me então de perguntar ao sargento se desistia, pela parte que lhe dizia respeito, de toda a ideia de vingança, numa palavra, se julgava que Nana Sahib houvesse morrido.

Não respondeu-me muito terminantemente ; apesar de que não tenho nenhum indício sobre que possa fundar a minha opinião, não creio, não posso crer que Nana Sahib morresse sem ter sido castigado de tantos crimes! Não! E, contudo, não sei nada, nada pude saber! É uma espécie de instinto que me impele! Ah! Senhor, votar-se a uma vingança legítima já seria alguma coisa na vida de uma pessoa. Permita o céu que os meus pressentimentos não me enganem, e um dia...

O sargento não concluiu. O seu gesto indicou o que a boca não quisera dizer.

O criado era digno do amo!

Quando referi esta conversa a Banks e ao capitão Hod, concordaram ambos que o itinerário não devia nem podia ser modificado.

Depois, nunca viera à discussão se devíamos ou não passar por Cawnpore, e, transposto o Ganges em Benares, o que devíamos era subir directamente para o norte, atravessando a parte oriental dos reinos de Ude e do Rohilkande.

Pensasse Mac Neil o que pensasse, não havia a certeza de que Sir Edward Munro quisesse tornar a ver Lucknow ou Cawnpore, que lhe despertariam tão horríveis recordações. Mas, em suma, se ele quisesse isso, não o haviam de contrariar.

Quanto a Nana Sahib, era tal a sua fama que, se a notícia da sua presença na presidência de Bombaim não mentia, deveríamos ter ouvido novas dele. Mas quando partimos de Calcutá, já não se falava do nababo, e as informações colhidas pelo caminho faziam crer que a autoridade fora enganada.

Em 19 de Maio, pelo meio-dia, tínhamos passado além da aldeia de Chitra. A «Steam House» achava-se agora a 450 quilómetros do seu ponto de partida.

No dia seguinte, ao cair da noite, o Gigante de Aço chegava, após um dia tórrido, aos arredores de Gaya.

Fez-se alto na margem de um rio sagrado, o Phalgou, que é bem conhecido dos peregrinos. A casa ambulante estacionou numa bonita praia, sombreada por belas árvores, quase a duas milhas da cidade.

Era nossa intenção passar trinta e seis horas naquele lugar, isto é, duas noites e um dia, porque aquele sítio é muito curioso e merece ser visitado.

No dia seguinte, logo às quatro horas da manhã, a fim de evitarmos os calores do meio-dia, eu, Banks e o capitão Hod, depois de nos despedirmos do coronel Munro, dirigimo-nos para Gaya.

Afirma-se que cento e cinquenta mil devotos afluem anualmente àquele centro dos estabelecimentos bramânicos. Efectivamente, nas proximidades da cidade, achavam-se os caminhos invadidos por um grande número de homens, de velhos e crianças.

Toda esta gente caminhava processionalmente através do campo, depois de suportar as fadigas de uma longa (peregrinação, para cumprir os seus deveres religiosos.

Banks já visitara aquele território do Behar na época em que fazia os estudos de um caminho de ferro, que não está ainda em via de execução.

Conhecia portanto a região; não podíamos ter melhor guia. Obrigou o capitão Hod a deixar no acampamento todo o seu equipamento de caçador. Não havia, pois, receio de que o nosso Nemrod nos abandonasse no caminho.

Um pouco antes de chegarmos à cidade, a que se pode com razão chamar santa, Banks fez-nos parar diante de uma árvore sagrada, à roda da qual os peregrinos de todas as idades e de ambos os sexos se achavam na postura da adoração.

A árvore era um *pipal* de enorme tronco; mas, apesar de que os seus ramos já estavam a cair de velhice, não devia contar mais de duzentos a trezentos anos de existência. Era isto que Louis Rousselet devia verificar, dois anos depois, durante a sua interessante viagem através da Índia dos rajás.

Árvore Boddhi, tal era o nome, em Ieligião, desta última representante da geração dos *pipals* sagrados, que sombrearam este mesmo lugar durante uma longa série de séculos, e o primeiro dos quais foi plantado quinhentos anos antes da era de Cristo.

É provável que, para os fanáticos prostrados diante dela, fosse a mesma que Buda consagrou naquele lugar. Actualmente erguia-se sobre um terraço em ruínas, muito perto de um templo em tijolos, cuja origem é evidentemente bastante antiga.

Não foi vista com muito bons olhos a presença de três europeus em meio daqueles milhares de indianos.

Nada nos disseram, mas não pudemos chegar ao terraço, nem penetrar nas ruínas do templo. Também, os peregrinos atulhavam-nos e seria muito difícil abrir caminho por entre eles.

– Se houvesse por aqui algum brâmane – disse Banks -, a nossa visita seria mais completa, e poderíamos visitar o edifício até aos seus subterrâneos.

– Como? – observei – Pois um padre seria menos severo que os seus próprios fiéis?

– Meu caro Maucler – redarguiu Banks -, não há padre que resista ao oferecimento de algumas rupias. Depois, sempre é preciso que os brâmanes vivam!

– Pois eu não vejo que seja preciso – tornou o capitão Hod, que cometia a falta de não ter com os costumes, superstições e objectos de veneração dos indianos a tolerância que os seus compatriotas com tanto respeito lhes concedem.

– Por então a Índia não era para eles senão uma vasta região de caças reservadas, e à população da cidade ou dos campos preferia incontestavelmente as feras dos juncais.

Depois de uma demora conveniente junto da árvore sagrada, Banks conduziu-nos pela estrada em direcção a Gaya.

À medida que nos aproximávamos da cidade santa, crescia a multidão de peregrinos. Dali a pouco, por entre uma abertura da verdura, aparecia-nos Gaya, sobre o cimo do rochedo, que ela coroa com as suas construções pitorescas.

O que principalmente atrai a atenção dos viajantes naquele lugar é o templo de Vixnu.

É de construção moderna, porque foi reedificado, há apenas alguns anos, pela rainha de Holcar.

A principal curiosidade deste templo são os vestígios que o próprio Vixnu ali deixou, quando se dignou baixar à terra para lutar com o demónio Maya.

Não podia ficar duvidosa por muito tempo a luta entre um deus e um diabo. O demónio sucumbiu, e uma grande pedra, visível no próprio recinto de Vixnu-Pad, atesta, pelos profundos vestígios dos pés do seu adversário, que este diabo tivera de se haver com inimigo muito sério.

Disse «uma pedra visível», mas apresso-me a acrescentar que é visível só para os indianos.

Nenhum europeu é admitido a contemplar aqueles divinos vestígios. Talvez que, para bem os distinguir sobre a pedra milagrosa, seja precisa uma fé robusta, que já não se encontra entre os crentes dos países ocidentais.

Desta vez Banks teve de guardar as suas rupias, apesar de ter algumas.

Nenhum padre quis aceitar o que teria sido o preço de um sacrilégio.

Se a quantia esteve ou não à altura da consciência de um brâmane, é o que não ousa resolver.

A verdade é que não pudemos entrar no templo, e ainda estou para saber qual é a forma do pé daquele formoso e meigo mancebo de cor cerúlea, vestido como um rei dos tempos antigos, celebrado pelas suas dez encarnações, que representa o princípio conservador oposto a Xiva, o feroz emblema do princípio destruidor, e que os vixnuístas, adoradores de Vixnu, conhecem como o primeiro dos trezentos e trinta milhões de deuses que povoam a sua mitologia eminentemente politeísta.

Não havia motivo para nos arrependermos da nossa excursão à cidade santa nem ao Vixnu-Pad. Seria impossível descrever a confusão de templos, a sucessão de pátios, a aglomeração de *vihaías* que nos era preciso contornar ou atravessar para se chegar ao sagrado recinto.

Naquele labirinto era capaz de se perder o próprio Teseu, com o fio de Ariane na mão!

Tornámos a descer o rochedo de Gaya.

O capitão Hod estava furioso. O seu desejo era pregar uma peça ao brâmane que nos recusara o acesso do Vixnu-Pad.

– Passa-lhe semelhante coisa pela ideia, Hod? – disse-lhe Banks, contendo-o. – Não sabe que os indianos olham os seus padres, os brâmanes, não só como criaturas de um sangue ilustre, mas também de natureza superior?

Quando chegámos à parte do Phalgou que banha o rochedo de Gaya, desdobrou-se extensamente aos nossos olhos a prodigiosa aglomeração de peregrinos. Numa confusão indescritível, acotovelavam-se homens e mulheres, velhos e crianças, gente do campo e da cidade, ricos *babus* e pobres *raïots* da mais baixa categoria; *vaichyas*, mercadores e agricultores; *kchatryas*, os feros guerreiros da região; *suaras*, miseráveis operários de seitas diferentes; *párias*, que estão fora da lei, e cujos olhos poluem os objectos para que olham numa palavra, todas as classes ou todas as castas da Índia, o *radjupt* vigoroso acotovelando desdenhosamente o *bengali* definhado, os habitantes do Pendjab, opostos aos maometanos do Sinde.

Uns vieram de palanquim, outros em veículos puxados por grandes bois de corcova.

Uns jornadasaram nos seus camelos, cuja cabeça viperina se estende pelo solo, e estão deitados junto deles, outros vieram a pé, continuando a chegar ainda mais de todos os lados da península.

Por todo o acampamento vêm-se levantadas tendas, carros desatrelados, choças de ramos, que servem de habitações provisórias a toda aquela gente.

– Que balbúrdia! – disse o capitão Hod.

– As águas do Phalgou não devem ser agradáveis de beber ao pôr do Sol! – observou Banks.

– Mas porquê? - perguntei.

– Porque todas estas águas são sagradas, e toda esta multidão suspeita vai banhar-se nelas, como os habitantes do Ganges fazem nas águas do seu rio.

– Estamos então para a banda de baixo do rio? – perguntou Hod, estendendo a mão na direcção onde se achava o nosso acampamento.

– Não, meu capitão, sossegue retorquiu o engenheiro, estamos para a banda de cima.

– Ainda bem, meu Banks! É preciso não saciar nesta corrente impura o nosso Gigante de Aço!

Nós íamos atravessando por meio dos indianos amontoados num espaço bastante acanhado.

O que feria mais os ouvidos era o ruído discordante de cadeias e de campainhas. Eram os mendigos que faziam apelo à caridade pública.

Viam-se ali fervilhar as variadas amostras dessa confraria de vadios, tão considerável em toda a península indiana.

A maior parte ostentava chagas fingidas, como os Clopin-Trouillefou da Idade Média. Mas se os mendigos de profissão são na maior parte falsos mendigos, não sucede o mesmo com os fanáticos.

É difícil levar mais longe a convicção religiosa.

Viam-se faquires quase nus, cobertos de cinza; este com uma anquilose no braço por efeito de prolongada tensão; aquele com a mão atravessada pelas unhas dos próprios dedos.

Outros haviam-se imposto a condição de medirem com o corpo todo o caminho percorrido desde o ponto de partida. Deitando-se no chão, levantando-se, tornando a deitar-se, tinham feito centenas de léguas por este modo, como se houvessem servido de medida de agrimensor.

Aqui, vários fiéis embriagados pelo *hang* ópio líquido, misturado com uma infusão de cânhamo estavam pendurados em ramos de árvores por meio de ganchos de ferro, cravados nos ombros. Suspensos por este modo, giram sobre eles próprios até que a carne lhes venha a faltar e caiam no Phalgou.

Além, vários outros, em honra de Xiva, com as pernas atravessadas, a língua perfurada, e frechas que os atravessavam de lado a lado, faziam lamber por serpentes o sangue que lhes corria das feridas.

Para um europeu este espectáculo não podia deixar de ser senão muito repugnante. Por isso eu tinha pressa de passar; mas Banks deteve-me de repente, dizendo-me:

A hora da oração!

Neste momento apareceu um brâmane no meio da multidão.

Ergueu a mão direita para o Sol, oculto até ali pelo rochedo de Gaya.

O primeiro raio do astro do dia foi o sinal.

A multidão, quase nua, entrou pelas águas sagradas.

Como nos primeiros tempos do baptismo, houve simples imersões; devo, porém, dizer que não tardaram a tornar-se em verdadeiras folias balneatórias, cujo carácter religioso era de difícil percepção.

Ignoro se os iniciados, ao recitarem os *slocas* ou versículos, que por um preço convencional lhes ditavam os padres, cuidavam mais de lavarem o corpo que a alma. A verdade é que, depois de apanharem água no côncavo da mão, de aspergirem os quatro pontos cardeais, atiravam algumas gotas ao rosto, como banhistas que se divertem com as primeiras ondas numa praia de banhos.

Devo também acrescentar que não se esqueciam de arrancar pelo menos um cabelo por cada pecado que tinham cometido. Quantos

não haveria que merecessem sair calvos das águas do Phalgou!

Eram tais as evoluções balneatórias destes fiéis, umas vezes turvando a água com os seus súbitos mergulhos, outras dando aos calcanhares como nadadores de mérito, que os crocodilos, assustados, fugiam para a margem oposta. Ali, com os olhos esverdeados fitos naquela multidão ruidosa, que lhes invadia os domínios, conservavam-se em linha, ferindo os ares com o bater das suas queixadas formidáveis. Os peregrinos faziam tanto caso deles como de lagartos inofensivos.

O almoço reuniu-nos à mesa, e o resto do dia, que foi extremamente quente, passou-se sem incidente algum.

À tarde, o capitão Hod foi bater os arredores, e trouxe alguma caça miúda. Entretanto, Storr, Kalouth e Gumi renovavam a provisão de água e de combustível e enchiam a fornalha. Tratava-se de partir ao romper do dia.

Às nove horas tínhamo-nos todos recolhido.

Preparava-se uma noite serena, mas muito escura.

Espessas nuvens ocultavam as estrelas e sobrecarregavam a atmosfera.

O calor nada perdia da sua intensidade, nem com o pôr do Sol.

A atmosfera era tão sufocante que a custo adormeci.

Através da minha janela, que eu deixara aberta, apenas entrava um ar ardente, que me parecia muito impróprio para o funcionamento regular dos pulmões!

Deu meia-noite sem eu ter tido um só momento de repouso, apesar de me haver deitado na firme resolução de dormir três ou quatro horas antes de me pôr a caminho. Debalde, porém, eu chamava pelo sono; o sono fugia de mim. A vontade nada pode neste acto da vida, bem pelo contrário.

Devia ser quase uma hora da noite quando me pareceu ouvir uma espécie de rumor, que se propagava pelas margens do Phalgou.

O que logo me acudiu à ideia foi que, sob a influência de uma atmosfera muito saturada de electricidade, algum vento tempestuoso começava a levantar-se para oeste. Seria por certo um vento ardente, mas, em suma, sempre deslocaria as camadas do ar e tornaria mais respirável o ambiente.

Enganava-me. A ramagem do arvoredado, que abrigava o acampamento, conservava imobilidade absoluta.

Deitei a cabeça fora da janela e escutei.

Tornou a ouvir-se o longínquo rumor, mas não vi nada. O vasto lençol líquido do Phalgou jazia em trevas, sem nenhum dos trémulos reflexos produzidos pela água que se agita.

Não vinha o rumor nem das águas nem do ar, mas nada vi de suspeito.

Tornei a deitar-me e, como me vencesse o cansaço, principiei a cair em modorra.

De quando em quando chegavam-me lufadas deste inexplicável murmúrio, mas acabei por adormecer de todo.

Duas horas depois, no momento em que os primeiros alvares da aurora rompiam a espessura das trevas, acordei de sobressalto.

Chamavam pelo engenheiro.

– Senhor Banks?

– Que me querem?

– Venha cá. Reconheci a voz de Banks e a do maquinista que acabavam de entrar no corredor.

Levantei-me logo e saí do meu camarote.

Banks e Storr já estavam na varanda da frente.

Também me precedera o coronel Munro, e o capitão Hod não tardou a reunir-se conosco.

– Que há de novo? - perguntou o engenheiro.

– Olhe, senhor - respondeu Storr.

À vaga claridade do dia nascente, podiam-se observar as margens do Phalgou e uma parte da estrada, que se estendia em frente por espaço de muitas milhas.

Foi grande a nossa surpresa quando avistámos muitas centenas de indianos, deitados em grupos, enchendo as margens e estorvando caminho.

– São os nossos peregrinos de ontem - disse o capitão Hod.

– Que fazem eles ali? - perguntei.

– Esperam decerto que nasça o Sol respondeu o capitão para se banharem nas águas sagradas!

– Não - observou Banks. – Pois não podiam fazer as suas abluções mesmo em Gaya? Se aqui vieram, foi que...

– Foi que o nosso Gigante de Aço produziu o seu habitual efeito! – exclamou o capitão Hod. É que souberam que um elefante gigantesco, um colosso, como nunca viram nenhum, estava nas proximidades, e vieram admirá-lo.

– O caso é que se limitem a admirá-lo – retorquiu o engenheiro, abanando a cabeça.

– Então o que receias? - perguntou o coronel Munro.

– Ora, receio... que esses fanáticos nos impeçam o caminho e nos estorvem a marcha.

– Em todo o caso, prudência! com tais devotos todos os cuidados são poucos.

Certamente concordou Banks.

E em seguida chamou pelo fogueiro e perguntou:

– Kalouth, a fornalha está preparada?

– Sim, senhor.

– Bem, então acende-a.

– Sim, Kalouth, acende a fornalha! – exclamou o capitão Hod. – Atiça o fogo, Kalouth, e que o nosso elefante lance na cara de todos esses peregrinos o seu hálito de fumo a vapor!

Eram três horas e meia da manhã. Bastava meia hora, o muito, para que a máquina estivesse na pressão devida.

Depressa se acendeu a fornalha, a lenha crepitou nas grelhas, e um fumo negro saiu da gigantesca tromba do elefante, cuja extremidade se perdia por entre os ramos das grandes árvores

Aproximaram-se neste momento alguns grupos de indianos. Houve um movimento geral na multidão. Rodearam de mais perto o trem.

Nas primeiras filas, os peregrinos levantavam os braços para o ar, estendiam-nos para o elefante, curvavam-se, ajoelhavam, prostravam-se até tocarem no pó.

Era evidentemente uma adoração, levada ao mais alto grau.

Eu, o coronel Munro e o capitão Hod assistíamos da varanda àquela cena, bastante inquietos por não sabermos onde iria parar aquele fanatismo.

Mac Neil reunira-se-nos e conservava-se silencioso.

Quanto a Banks, fora com Storr tomar lugar na torrinha que o enorme animal levava sobre o dorso, e da qual podia manobrar à vontade.

Às quatro horas já a caldeira roncava.

Este ronquido devia ser considerado pelos indianos como o rosnar colérico de um elefante de ordem sobrenatural.

Neste momento o manómetro indicava uma pressão de cinco atmosferas, e Storr deixava sair pelas válvulas o vapor, como se este

saísse da pele de gigantesco paquiderme.

– Estamos em pressão, Munro! gritou Banks.

– A caminho, Banks – volveu o coronel -, mas com prudência, não esmaguemos alguém.

Era quase dia. A estrada que corre ao longo do Phalgou estava completamente tomada por aquela multidão de devotos, pouco dispostos a deixarem-nos passar.

Em tais condições, avançar sem esmagar ninguém não era coisa fácil.

Banks soltou dois ou três apitos, aos quais os peregrinos responderam com berros frenéticos.

– Arredem-se! Arredem-se! – gritou o engenheiro, ordenando ao maquinista que abrisse um pouco o regulador.

Os rugidos do vapor, que se precipitava nos cilindros, fizeram-se ouvir. As rodas da máquina deram meia volta. Da tromba do elefante saiu um formidável jacto de fumo branco.

A multidão apartara-se por um momento.

Abriu-se metade do regulador. Os ronquidos do Gigante de Aço aumentaram, e o nosso trem começou a mover-se por entre as fileiras compactas dos indianos, que pareciam querer abrir caminho.

– Banks, toma cuidado! – exclamei de súbito. Debruçando-me da varanda, acabara de ver uma dúzia daqueles fanáticos deitarem-se na estrada com a intenção bem evidente de se deixarem esmagar debaixo das rodas da pesada máquina.

– Atenção! Atenção! Afastem-se – gritava o coronel Munro, que lhes fazia sinal para se levantarem.

– Que idiotas! - exclamou o capitão Hod. - Tomam o nosso mecanismo pelo carro Jaggernaut! Querem fazer-se esmagar debaixo dos pés do elefante sagrado!

A um sinal de Banks, o maquinista fechou a introdução do vapor.

Os peregrinos, estendidos pelo caminho, pareciam resolvidos a não se levantarem.

Em roda deles, a multidão fanatizada soltava gritos e animava-os com o gesto.

A máquina parara. Banks já não sabia que havia de fazer e achava-se muito embaraçado.

De súbito, ocorreu-lhe uma ideia.

– Agora é que vamos ver! - disse.

Abriu no mesmo instante a torneira, e intensos jactos de vapor esguicharam ao longo do solo, ao mesmo tempo que soavam apitos estridentes.

– Bravo! Bravo! Bravo! - exclamou o capitão Hod. - Escalda-os, amigo Banks, escalda-os!

O meio era bom. Apanhados pelos jactos de vapor, os fanáticos levantaram-se, soltando gritos de indivíduos que se sentiam escaldados. Fazerem-se esmagar, vá! Queimarem-se é que não!

A multidão afastou-se e o caminho ficou livre. Abriu-se então todo o regulador, e as rodas começaram a trilhar o solo com segurança.

– Avante! Avante! – bradou o capitão Hod, que batia as palmas e ria com muito gosto.

E com um andamento mais rápido o Gigante de Aço, correndo em linha recta pela estrada, desapareceu depressa aos olhos da multidão espantada, como um animal fantástico envolto em nuvens de vapor.

Capítulo VIII



Algumas Horas em Benares

Diante da «Steam House» estava agora livre a estrada a estrada que, por Sasseram, nos ia conduzir à margem direita do Ganges, em frente de Benares. Uma milha além do acampamento, a máquina tomou um andamento mais vagaroso, isto é, de quase duas léguas e meia por hora. A tenção de Banks era acampar a vinte e cinco léguas de Gaya, e passar tranquilamente a noite nos arredores da pequena cidade de Sasseram.

Geralmente, na Índia, as estradas evitam tanto quanto é possível as correntes, as quais tornam necessárias as pontes, que são muito custosas de edificar naqueles terrenos de formação aluviana. É por isso que as pontes ainda estão por construir, em muitos lugares onde foi impossível evitar que algum rio ou ribeira estorvasse o caminho. Aí, porém, existe sempre a barça, esse antigo e rudimentar aparelho, que seria com certeza insuficiente para transportar o nosso trem.

Felizmente podíamos dispensá-la. Naquela tarde, exactamente, foi preciso atravessar uma importante via fluvial, o Sone. Este rio, alimentado acima de Rhotas pelos seus afluentes do Coput e do Coyle, vai perder-se no Ganges, quase entre Arrah e Dinapore. A passagem foi a coisa mais fácil. O elefante transformou-se muito naturalmente em motor marítimo.

Desceu a praia num sítio em que esta era mais suave, entrou no rio, sustentou-se à superfície da água, e com as grandes patas, que batiam no líquido como as pás de uma roda motora, puxou brandamente o trem, que flutuava após ele.

O capitão Hod não cabia em si de alegria.

– Uma casa que roda! – exclamou – e que ao mesmo tempo é uma carruagem e um barco a vapor! Só lhe faltam asas para se transformar em aparelho voador e atravessar o espaço!

– Isso um dia ou outro há-de fazer-se, amigo Hod replicou o engenheiro, muito a sério.

- Bem sei, amigo Banks retorquiu o capitão não menos seriamente. Tudo se há-de fazer! Mas o que não se há-de fazer será ressuscitarmos daqui a duzentos anos para vermos essas maravilhas. A vida nem sempre é alegre, e, não obstante, eu de boa vontade viveria dez séculos por simples curiosidade.

À noite, a doze horas de Gaya, depois de havermos passado por baixo da magnífica ponte tubular em que assenta a via férrea, a oitenta pés acima do leito do Sone, acampávamos nos arredores de Sasseram.

Tratava-se só de passar uma noite naquele local, para renovarmos a provisão da lenha e água e tornar a partir ao romper da aurora.

Este programa foi executado em todos os seus pontos, e no dia seguinte pela manhã, 22 de Maio, antes das horas ardentes que nos reservava o sol fortíssimo do meio-dia, já estávamos outra vez a caminho.

A região continuava com o mesmo aspecto, isto é, muito fértil e muito cultivada. É assim que ela se apresenta nas proximidades do esplêndido vale do Ganges.

Não falarei das numerosas aldeias que se perdem em meio dos inúmeros arrozais, entre os bosques das *taras* de densa folhagem em abóbada, à sombra das mangueiras e de outras árvores de magnífico aspecto.

Não parávamos. Quando sucedia estar o caminho impedido por algum carro, puxado pelo passo lento dos zebus, dois ou três apitos faziam-no afastar, e o nosso trem passava, com grande pasmo dos *raiois*.

Naquele dia tive o prazer incomparável de ver grande número de campos de rosas. Efectivamente não estávamos muito longe de Ghazipore, grande centro da produção da água de rosas, ou, melhor dizendo, da essência daquelas flores.

Perguntei a Banks se me podia dar algumas informações a respeito daquele produto tão procurado, que parece ser a última palavra da arte em matéria de perfumaria.

– Eis alguns algarismos – respondeu-me Banks, – os quais lhe vão mostrar quão dispendioso é um tal fabrico. Submetem-se primeiramente quarenta libras de rosas a uma destilação lenta por meio de fogo brando, e isto tudo produz cerca de trinta libras de água de rosas. Esta água é deitada sobre um novo montão de quarenta libras de flores, cuja destilação é levada ao ponto de ficar a mistura reduzida a vinte libras. O resultado desta operação expõe-se durante doze horas ao ar fresco da noite, e no dia seguinte encontra-se, coalhada na superfície, o quê? Uma onça de líquido odorífero. Portanto, de oitenta libras de rosas quantidade que, segundo se diz, não contém menos de duzentas mil flores só se tira, afinal, uma onça de líquido! É uma verdadeira carnificina! Por isso não deve admirar que no próprio país produtor uma onça de essência de rosas custe quarenta rupias, ou cem francos.

– Olhem lá! – observou o capitão Hod. – Se para fabricar uma onça de aguardente fossem precisas oitenta libras de uva, um grogue custaria uma quantia por aí além!

Naquele dia tivemos ainda de atravessar o Karamnaca, um dos afluentes do Ganges.

Os indianos fizeram deste inocente rio uma espécie do infernal Estige, no qual não é conveniente navegar. As suas margens não são menos amaldiçoadas que as do Jordão ou do mar Morto. Os cadáveres que lhe confiam leva-os ele direitos ao inferno bramânico. Não discuto estas crenças; mas protesto contra a asserção de que as

águas deste diabólico rio sejam desagradáveis ao gosto e prejudiciais ao estômago. São, pelo contrário, excelentes.

À noite, depois de atravessarmos uma região muito pouco acidentada, entre os imensos campos de papoilas e o vasto tabuleiro de arrozais, acampámos na margem direita do Ganges, em frente da antiga Jerusalém dos indianos, cidade santa de Benares.

– Paragem de vinte e quatro horas! – declarou Banks.

– A que distância estamos agora de Calcutá? – perguntei ao engenheiro.

– A quase trezentas e cinquenta milhas, e há-de confessar, meu amigo, que não demos nem pela extensão do caminho nem pelas fadigas da jornada!

– O Ganges! Haverá algum rio cujo nome desperte mais poéticas lendas? Não parece que toda a Índia se resume nele? Existe, porventura, no mundo um vale comparável a este, que, para lhe dirigir o curso grandioso, se estende por um espaço de quinhentas léguas e não conta menos de cem milhões de habitantes? Haverá algum ponto do Globo onde, desde a aparição das raças asiáticas, se tenham acumulado maior número de maravilhas? Ó que não diria Vítor Hugo do Ganges, ele que de um modo tão altíloquo cantou o Danúbio! Sim, um rio pode ser orgulhoso quando tem:

*... como o mar a vaga,
E sobre o mundo se estende
Qual serpente, quando corre
De ocidente para oriente*

Mas o Ganges tem a sua vaga, os seus ciclones, mais terríveis que os vendavais do rio europeu.

Também ele desliza como uma serpente pelas mais poéticas regiões do mundo. Também corre do ocidente para o oriente.

Mas não é num medíocre maciço de colinas que ele nasce! É da mais alta cordilheira do Globo, das montanhas do Tibete, que ele se precipita, recebendo todos os afluentes do seu curso! Desce nada menos que do Himalaia!

No dia seguinte, 23, ao romper do Sol, o vasto lençol de água cintilava diante dos nossos olhos. Na areia branca alguns grupos de crocodilos, de grande tamanho, pareciam beber os primeiros raios do dia. Estavam imóveis, voltados para o astro radioso, como se fossem os mais fiéis sectários de Brama.

Arrancaram-nos, porém, à sua adoração alguns cadáveres que passavam flutuando.

Diz-se que estes cadáveres, que a corrente leva, deslizam de costas, quando são homens, de bruços quando são mulheres.

Pude verificar que não há nada de verdade nesta asserção.

Passados instantes, os crocodilos lançaram-se sobre a presa, que as águas da península quotidianamente lhes fornecem, e levaram-na para as profundidades do rio.

O caminho de ferro de Calcutá, antes de se bifurcar em Allahabad para correr sobre Deli, ao noroeste, e sobre Bombaim, ao sudoeste, segue constantemente a margem direita do Ganges, cujas numerosas sinuosidades economiza, graças à sua direcção em linha recta.

Da estação de Mogul-Serai, de aue apenas estávamos afastados algumas milhas, parte um ramal, que, atravessando o rio, passa por Benares e pelo vale de Goumti, vai até Jaunpore, percorrendo uns sessenta quilómetros de extensão.

Benares fica, pois, na margem esquerda. Não era, porém, neste lugar que devíamos transpor o Ganges. Era só em Allahabad.

O Gigante de Aço ficou, por isso, no acampamento que se escolheu na véspera à noite, 22 de Maio.

À margem achavam-se amarradas várias gôndolas prontas a conduzirem-nos à cidade santa, que eu desejava visitar com alguma atenção.

O coronel Munro nada tinha para ver, nada tinha que aprender nesta cidade tantas vezes visitada por ele. Não obstante, naquele dia teve, por momentos, ideias de nos acompanhar; mas, depois de reflectir, resolveu fazer uma excursão às margens do rio, em companhia do sargento Mac Neil.

Efectivamente, ainda antes de nos pormos a caminho, deixavam ambos a «Steam House».

Quanto ao capitão Hod, que já estivera na guarnição de Benares, era seu intento ir visitar alguns camaradas. Portanto, só eu e Banks o engenheiro quis servir-me de guia é que íamos visitar a cidade, levados por um simples sentimento de curiosidade.

Como disse que o capitão Hod estivera na guarnição de Benares, é bom saber que as tropas do exército real não residem habitualmente nas cidades indianas.

As suas casernas estão situadas no meio de acantonamentos, que por este facto se tornam verdadeiras cidades inglesas. É o que sucede em Allahabad, em Benares e em outros pontos do território, onde não só os soldados, mas também os funcionários, os negociantes, os rendeiros, se agrupam de preferência.

Cada uma destas cidades é, portanto, dupla.

Uma com todo o conforto da Europa moderna, outra conservando os costumes do país e os usos indianos com toda a sua cor local!

A cidade inglesa anexa a Benares é Sécrole, cujos *bungalows*, avenidas e igrejas cristãs são pouco interessantes para se visitarem.

Sécrole é uma cidade como costumam ser todas as outras, e que os fabricantes do Reino Unido poderiam expedir em caixotes, para se armarem no local destinado. Nada oferece de curioso.

Depois de embarcarmos numa gôndola, atravessámos obliquamente o Ganges, de modo que podíamos com a vista abraçar no seu todo

aquele magnífico anfiteatro formado por Benares na parte superior de uma praia elevada.

– Benares – disse-me Banks – é por excelência a cidade sagrada dos indianos. É a Meca indiana, e quem nela viver, só vinte e quatro horas que seja, tem garantida uma parte da ventura eterna. Por isto se compreende que afluência de peregrinos uma tal crença pode atrair e que número de habitantes deve contar uma cidade a que Brama reservou imunidades de tamanha importância. Dão a Benares mais de trinta séculos de existência. Por esse cálculo devia ter sido fundada na época em que Tróia ia desaparecer. Depois de haver exercido uma influência, não política, mas espiritual, sobre o Indostão, foi o centro mais autorizado da religião búdica até ao nono século. Realizou-se, então, uma revolução religiosa. O bramismo destruiu o antigo culto. Benares tornou-se a capital dos brâmanes, o centro de atracção dos fiéis, e afirma-se que trezentos mil peregrinos a visitam anualmente, e a autoridade metropolitana conservou à cidade santa o seu rajá. Este príncipe, escassamente estipendiado pela Inglaterra, habita uma residência magnífica em Ramnagar, sobre o Ganges. É um descendente autêntico dos reis de Kaci, antigo nome de Benares, mas já não dispõe de nenhuma influência, caso de que ele se consolaria facilmente se a sua pensão não se achasse reduzida a um laque de rupias, isto é, a cem mil rupias, ou cerca de duzentos e cinquenta mil francos, o que apenas perfaz o dinheiro da algibeira de um nababo de outros tempos.

«Como quase todas as cidades do vale de Ganges, Benares foi por um momento invadida pela insurreiçãõ de 1857. Nesta época, a sua guarniçãõ compunha-se do 37.º Regimento indígena, de um corpo de cavalaria irregular e de um regimento sikh. Em tropas reais, só tinha meia bateria de artilharia europeia. Este punhado de homens não podia pretender desarmar os soldados indígenas. As autoridades, por esse motivo, esperaram, não sem alguma impaciência, a chegada do coronel Neil, que se pusera a caminho para Allahabad com o 10.º Regimento do exército real. O coronel Neil entrou em Benares com duzentos e cinquenta homens apenas, e

deu-se ordem para uma parada no campo de manobras. Reunidos os sipaios, mandou-se-lhes que depusessem as armas. Recusaram.

«Empenhou-se então a luta entre eles e a infantaria do coronel Neil. Aos revoltosos reuniu-se logo a cavalaria irregular, depois os sikhs, que se julgaram traídos. Então parte da bateria rompeu fogo, cobriu os revoltosos de metralha, e, apesar do seu valor, apesar do seu encarniçamento, foram completamente derrotados. Dera-se este combate fora da cidade. Dentro dela houve apenas uma tentativa de revolta dos muçulmanos, que hastearam a bandeira verde, tentativa que logo abortou. Desde aquele dia, enquanto durou a revolta, Benares nunca mais foi perturbada, mesmo nas horas em que a insurreição parecia triunfar nas províncias do oeste.

Banks dera-me estas poucas informações, enquanto a nossa gôndola deslizava lentamente sobre as águas do Ganges.

– Meu amigo disse-me ele -, vamos visitar Benares; muito bem. Mas apesar de esta capital ser muito antiga, não encontrará nela nenhum monumento que conte mais de trezentos anos de existência. Não se admire. É a consequência das lutas religiosas, em que o ferro e o fogo desempenharam um papel bem lastimoso. Em todo o caso, Benares não deixa por isso de ser uma cidade curiosa, e não se há-de arrepender do passeio.

Dali a nada parava a nossa gôndola a uma distância que nos permitia contemplar, no fundo de uma baía azul como a de Nápoles, o pitoresco anfiteatro das casas que se vão sobrepondo pela colina, e a aglomeração dos palácios, um grupo dos quais ameaça desabar por efeito da acção destruidora que as águas do rio vão exercendo nos seus alicerces.

Um pagode nepalês, de arquitectura chinesa, consagrado a Buda, uma floresta de torres, de agulhas, de minaretes, de pináculos, projectados pelos templos e mesquitas, dominados pela agulha de ouro do *lingam* de Xiva, e as duas mesquinhos agulhas da mesquita de Aureng-Zeb, coroam este maravilhoso panorama.

Em vez de desembarcar num dos *ghats*, ou escadas, que ligam as praias à plataforma das escarpas, Banks fez passar a gôndola pela frente dos cais, cuja base é banhada pelo rio.

Encontrei ali uma reprodução do panorama de Gaya, mas com outra paisagem. Em vez das verdes florestas do Phalgou, serviam de fundo ao quadro os últimos planos da cidade.

Quanto ao assunto, esse era quase o mesmo.

Milhares de peregrinos cobriam a praia, os terraços, as escadas, e vinham devotadamente mergulhar nas águas, em grupos de três e quatro fileiras.

Não se suponha que o banho era gratuito.

Vários guardas, de turbante vermelho e sabre ao lado, postados nos últimos degraus dos *ghats*, exigiam o tributo, em companhia de industriais brâmanes, que vendiam rosários, amuletos e outros piedosos objectos.

Além disso, havia não só peregrinos que se banhavam por sua própria conta, mas também comerciantes cujo negócio consistia unicamente em transportar esta água sagrada aos pontos mais afastados da península.

Como garantia, cada frasco é marcado com o sinete dos brâmanes.

É de supor, porém, que a fraude se exerça em grande escala, tão considerável se tornou a exportação deste milagroso líquido.

– Talvez que até toda a água do Ganges não bastasse para as necessidades dos fiéis! – disse-me Banks.

Perguntei-lhe então se aqueles banhos não ocasionavam algumas vezes acidentes, que, segundo observava, não se tratava de evitar. Não havia ali banheiros para deter os imprudentes que se aventuravam na corrente rápida do rio.

– Efectivamente – respondeu-me Banks -, são frequentes os sinistros, mas, se o corpo do devoto se perde, salva-se a alma. Por este motivo não se dá muita importância ao caso.

– E os crocodilos? – perguntei.

– Os crocodilos conservam-se geralmente afastados. Qualquer ruído os assusta. Não são os monstros que se temem, mas os malfeitores, que mergulham, deslizam por baixo da água, agarram as mulheres, as crianças, levam-nas e arrancam-lhes as jóias. Cita-se até um desses patifes que, sobrepondo uma cabeça artificial, fez por muito tempo o papel de falso crocodilo, e ganhou uma pequena fortuna nesse mister, a um tempo perigoso e lucrativo.

«Um dia o falso anfíbio foi devorado por um verdadeiro, e só se lhe encontrou depois a cabeça de pele curtida, que flutuava sobre o rio.

«Além disso, há fanáticos alucinados que voluntariamente procuram a morte nas águas do Ganges, e fazem-no até com algum requinte. Amarram ao corpo uma enfiada de urnas vazias e sem tampa. A água vai pouco a pouco enchendo as urnas e submerge-os vagarosamente, com grandes aplausos dos devotos.

A gôndola conduziu-nos depressa a Manmenka-Ghat.

Nesta *ghat* sobrepõem-se as piras a que se confiam os cadáveres de todos os mortos que cuidaram da vida futura.

A cremação neste lugar é avidamente procurada pelos fiéis, e as piras ardem noite e dia.

Os ricos *babus* dos territórios afastados fazem-se transportar a Benares, assim que se sentem atacados de doença fatal.

É que, sem contradição, Benares é o melhor ponto de partida para a «viagem do outro mundo.

Se o defunto só se acusa de faltas veniais, a sua alma, levada nos fumos do Manmenka, irá direita à mansão das felicidades eternas. Se foi grande pecador, a sua alma, pelo contrário, deverá antecipadamente regenerar-se no corpo de algum brâmane que esteja para nascer.

É então de esperar que, tendo sido exemplar a sua vida durante a segunda encarnação, não lhe seja imposto terceiro castigo antes da

sua admissão definitiva à partilha das delícias do céu de Brama.

Empregámos o resto do dia em visitar a cidade, os seus principais monumentos, os seus bazares guarnecidos de lojas escuras à moda árabe.

Vendem-se neles principalmente finas musselinas de precioso tecido, e o *kinkôb*, espécie de fazenda de seda bordada a ouro, que é um dos principais produtos da indústria de Benares.

As ruas estavam muito limpas e bem conservadas, mas eram estreitas, como convém às cidades sobre as quais os raios do sol tropical dardejам continuamente.

Apesar de nelas se encontrar sombra, o calor ainda abafa. Causavam-me dó os condutores do nosso palanquim, mas eles não pareciam queixar-se muito.

Depois, aqueles pobres diabos tinham ocasião de ganhar algumas rupias, e isto dava-lhes força e coragem. Mas nem desse estímulo precisava um certo indiano, ou, melhor dizendo, bengali, de olhar vivo, fisionomia astuciosa, que, sem fazer grande diligência para se ocultar, nos seguiu durante toda a nossa excursão.

Ao desembarcar no cais de Manmenka-Ghat, tinha eu, conversando com Banks, proferido o nome do coronel Munro.

O bengali, que estava a ver a nossa gôndola abordar a terra, estremeceu.

Não dei então ao facto mais atenção do que convinha, mas veio-me à ideia a comoção do bengali quando vi esta espécie de espião incessantemente atrás de nós.

Não nos largava senão para aparecer, instantes depois, adiante ou atrás.

Era amigo ou inimigo?

Não sabia, mas era um homem para quem com certeza não parecia ser indiferente o nome do coronel Munro.

Dali a pouco o nosso palanquim parava no princípio da escadaria de cem degraus que sobe do cais à mesquita de Aureng-Zeb.

Outrora os devotos só subiam de joelhos esta espécie de Santa Scala, à imitação dos fiéis de Roma. Era então o templo de Vixnu que ali se erguia, ao qual sucedeu a mesquita do conquistador.

Desejaria contemplar Benares do alto de um dos minaretes desta mesquita, cuja construção é tida por um prodígio architectónico.

De altura de cento e trinta e dois pés, tem apenas o diâmetro de uma simples chaminé de oficina, e dentro de tão estreito âmbito sobe uma escada de caracol.

Já não se pode lá subir, e com razão. Os dois minaretes afastam-se sensivelmente da vertical, e, menos dotados de vitalidade do que a torre de Pisa, acabarão um dia por cair.

Quando saímos da mesquita de Aureng-Zeb, encontrei o bengali, que nos esperava à porta.

Desta vez fitei-o, e ele baixou os olhos.

Antes de chamar a atenção para este incidente, quis ver se continuava o proceder equívoco do bengali, e não disse nada.

Naquela maravilhosa cidade de Benares é aos centos que se contam os pagodes e as mesquitas.

O mesmo sucede com os palácios esplêndidos, dos quais o mais belo, sem contradição, pertence ao rei de Nagpore.

São poucos os rajás que deixam de ter uma residênciã na cidade santa, que vão ali na época das grandes festas religiosas de Mela.

Não podia ter a pretensão de visitar todos aqueles edifícios no pouco tempo de que dispúnhamos.

Limitei-me a visitar o templo de Bicheshwar, onde se ergue o *lingam* de Xiva.

Esta pedra informe, considerada como uma parte do corpo do mais feroz dos deuses da mitologia indiana, cobre um poço cuja água estagnada possui, segundo se diz, virtudes milagrosas.

Vi também o Mankarnika, ou a fonte sagrada, na qual se banham os devotos, para maior proveito dos brâmanes, depois o Man-Mundir, observatório edificado há duzentos anos pelo imperador Akbar, cujos instrumentos, todos de uma imobilidade marmórea, são apenas figurados em pedra.

Eu ouvira também falar de um palácio dos macacos, que os turistas não deixam de visitar em Benares. Era natural um parisiense supor que ia encontrar-se diante da célebre jaula do Jardim Zoológico. Nada disso.

O palácio é apenas um templo, o Durga-Khund, situado um pouco fora dos arrabaldes. Data do século IX e figura entre os mais antigos monumentos da cidade.

Os macacos não estão encerrados em nenhuma jaula.

Vagueiam livremente através dos pátios, saltam de um muro para o outro, sobem ao cimo das enormes mangueiras, disputam entre si, com grandes gritos, os grãos torrados, de que são muito gulosos e que os visitantes lhes trazem.

Ali, como em toda a parte, os guardas cobram uma pequena retribuição, que torna incontestavelmente este mister um dos mais lucrativos da Índia.

É escusado dizer que estávamos sofrivelmente fatigados com o calor quando, para a noite, tratámos de regressar à Steam House».

Havíamos almoçado e jantado em Secrole num dos melhores hotéis da cidade inglesa, e contudo devo dizer que esta cozinha nos fez ter saudades da de Monsieur Farazard.

Quando a gôndola voltou para junto do *gath*, a fim de nos reconduzir à margem direita do Ganges, encontrei pela última vez o bengali, a dois passos da embarcação.

Esperava-o uma canoa tripulada por um indiano. Ele embarcou.

Queria passar o rio e seguir-nos até ao acampamento?

Tornava-se isto muito suspeito.

– Banks – avisei eu então em voz baixa, indicando o bengali -, eis ali um espião que não nos tem largado.

– Bem o vi – redarguiu Banks, – e observei que foi o nome do coronel, proferido pelo meu amigo, que lhe despertou a atenção.

– Não seria ocasião...? - perguntei.

– Não! Deixemo-lo à vontade. É melhor que não saiba que se desconfia dele... Demais, já não se vê.

Efectivamente a canoa do bengali já havia desaparecido em meio das numerosas embarcações de toda a espécie que então sulcavam as águas sombrias do Ganges.

Banks, voltando-se para o nosso barqueiro, perguntou-lhe num tom aparentemente indiferente:

– Conheces aquele homem?

– Não; é a primeira vez que o vejo – respondeu o marinheiro.

Caíra a noite. Centenas de barcos embandeirados, iluminados de lanternas multicores, cheios de cantores e de instrumentistas, cruzavam-se em todos os sentidos pêlo rio festivo.

Da margem esquerda subiam aos ares fogos de artifício variadíssimos, que me recordavam que não ficava longe o Celeste Império, onde esses fogos são tão estimados.

Seria difícil dar uma descrição deste espectáculo, que é na verdade incomparável.

A que propósito se celebrava esta festa nocturna, que parecia improvisada, e na qual tomavam parte indianos de todas as classes, foi o que não pude saber.

No momento em que ela acabava, chegava a gôndola à outra margem.

Foi como uma visão. Durou apenas o que duraram aqueles fogos efémeros, que iluminaram por um instante o espaço e se sumiram nas sombras da noite.

Mas, como já disse, a Índia venera trezentos milhões de deuses, de toda a espécie, de santos de categoria superior e inferior, e o ano não tem horas, minutos e segundos suficientes que se possam consagrar a cada uma destas divindades.

Quando chegámos ao acampamento, já ali se encontravam Munro e Mac Neil.

Banks perguntou ao sargento se não tinha havido novidade na nossa ausência.

- Nenhuma – respondeu Mac Neil.
- Não viu nenhum vulto suspeito vaguear por aqui?
- Nenhum, Senhor Banks. Tem alguma razão para desconfiar?
- Fomos seguidos na nossa excursão a Benares – respondeu o engenheiro – e não gosto que nos espiem.
- E o espião era...
- Um bengali, a quem o nome do coronel Munro despertou a atenção.
- O que pode esse homem querer de nós?
- Não sei, Mac Neil. Será bom vigiar!
- Vigiar-se-á – redarguiu o sargento.

Capítulo IX



Allahabad

Entre Benares e Allahabad, a distância é quase *de* cento e trinta quilómetros.

A estrada segue quase invariavelmente a margem direita do Ganges, entre o caminho de ferro e o rio.

Storr obtivera carvão e carregara o tênder.

Ficava, pois, o elefante com a alimentação garantida para muitos dias. Bem limpo, ia dizer bem escovado e limpo, asseado como se saísse da oficina onde o acabassem de armar, esperava impacientemente o momento de partir.

Não campeava como quadrúpede que era, mas alguns frêmitos das suas rodas demonstravam a tensão dos vapores que lhe enchiam os pulmões de aço.

Partimos no dia 24, muito cedo, com uma velocidade de três a quatro milhas por hora.

A noite passara sem incidentes e não tornáramos a ver o bengali.

Declaremos, uma vez para sempre, que o programa de todos os dias, compreendendo horas de levantar, de deitar, do almoço, do lanche, do jantar, da sesta, se executava com uma exactidão militar.

Na «Steam House» a existência deslizava tão regularmente como no *bungalow* de Calcutá.

A paisagem modificava-se incessantemente a nossos olhos, sem que a nossa residência parecesse deslocar-se.

Já estávamos completamente habituados a esta nova vida, como um passageiro à vida de bordo de um paquete transatlântico, menos a monotonia, porque não nos víamos encerrados num mesmo horizonte do mar.

Naquele dia, às onze horas, encontrámos na planície um curioso mausoléu, de arquitectura mongólica, que fora levantado em honra de duas santas personagens do Islão, Kassim Solimão, pai e filho.

Meia hora depois surgia-nos a importante fortaleza de Chunar, cujas pitorescas muralhas coroam um rochedo inexpugnável, situado a pique, cento cinquenta pés acima do Ganges.

Não se tratou de saber se visitaríamos ou não esta fortaleza, uma das mais importantes do vale do rio sagrado, cuja posição lhe permitia economizar pólvora e balas em caso de ataque. Toda a coluna que procurasse chegar às suas muralhas seria esmagada por uma avalanche de rochedos dispostos para este fim.

Em baixo está edificada a cidade do seu nome, cujas habitações graciosas quase desaparecem sob a verdura.

Como vimos, em Benares existem muitos lugares privilegiados, que são tidos pelos indianos como os mais sagrados do mundo.

Se bem se contasse, encontrar-se-iam centenas de sítios desta espécie por toda a península.

A própria fortaleza de Chunar também possui um sítio maravilhoso. Mostra-se nela a laje de mármore sobre a qual um deus qualquer vem regularmente dormir a sesta. É verdade que o tal deus é invisível, e por isso também nós não procurámos vê-lo.

Ao descair do dia, o Gigante de Aço fazia alto perto de Mirzapore, para aí passar a noite.

Além de não ser desprovida de templos, a cidade tem também oficinas e um porto, para se carregar o algodão que aquele território produz.

Há-de vir um dia a ser uma cidade comercial.

No dia seguinte, pelas duas horas, transpusemos a vau a ribeira de Tonsa, cujas águas, naquela época, não tinham um pé de altura,

Às cinco horas, tínhamos passado a ponte onde liga o grande ramal de Bombaim a Calcutá.

Quase no lugar onde o Jumna desagua no Ganges, admirámos o magnífico viaduto de ferro, cujos dezasseis pilares, da altura de sessenta pés, mergulham nas águas daquele magnífico confluente.

Chegados à ponte de barcos, do comprimento de um quilómetro, que liga a margem direita à margem esquerda do rio, atravessámo-la sem grandes dificuldades, e à noite acampámos no extremo de um dos arrabaldes de Allahabad.

O dia 26 devia ser consagrado à visita daquela importante cidade, da qual partem os principais caminhos de ferro do Indostão.

É admirável a sua posição no meio de um dos mais ricos territórios, entre os dois braços do Jumna e do Ganges.

A natureza dispôs tudo para que Allahabad seja a capital da Índia inglesa, o centro do Governo, a residência efectiva do vice-rei.

Não é pois impossível que um dia o venha a ser, se os ciclones pregarem algumas partidas a Calcutá, a metrópole actual. O que é certo é que alguns espíritos claros já têm previsto esta eventualidade.

Nesse vasto corpo chamado Índia, Allahabad jaz no coração, como Paris jaz no coração da França.

É verdade que Londres não está no centro do Reino Unido; mas também Londres não tem sobre as grandes cidades inglesas, Liverpool, Manchester, Birmingham, a proeminência de Paris sobre todas as outras cidades da França.

– E a partir deste ponto vamos seguir directamente para o norte? – perguntei a Banks.

– Sim – respondeu Banks -, ou pelo menos quase directamente. Allahabad é, no oeste, o limite da primeira parte da nossa expedição.

– Até que enfim! – exclamou o capitão Hod. – Correr as grandes cidades é bom, mas correr as grandes planícies, os grandes juncais, é melhor ainda! Se continuássemos a seguir ao longo dos caminhos de ferro, acabaríamos por correr por cima deles, e o nosso Gigante de Aço passaria ao estado de simples locomotiva! Que decadência!

– Sossegue, Hod, não sucederá assim – volveu o engenheiro. – Não tarda que nos metamos pelas regiões da sua predilecção.

– Nesse caso, Banks, iremos direitos à fronteira indochinesa, sem atravessarmos Lucknow?

– A minha opinião é visitarmos essa cidade, e principalmente Cawnpore, muito cheia de funestas recordações para o coronel Munro.

– Tem razão retorqui -, e nunca passaremos suficientemente longe dela!

– Diga-me, Banks – perguntou o capitão Hod, – durante a sua visita a Benares não soube nada a respeito de Nana Sahib?

– Nada – respondeu o engenheiro. – É provável que o governador de Bombaim fosse mais uma vez enganado, e que Nana nunca reaparecesse na presidência de Bombaim.

– É provável, efectivamente – admitiu o capitão -, senão já o antigo rebelde teria dado que falar.

– Seja como for acrescentou Banks -, tenho pressa de deixar este vale do Ganges, que foi o teatro de tantos desastres durante a insurreição dos sipaios, desde Allahabad até Cawnpore. Mas é preciso, sobretudo, que o nome desta cidade não seja proferido diante do coronel, assim como o de Nana Sahib! Deixemo-lo pensar à vontade.

No dia seguinte, Banks quis acompanhar-me mais uma vez durante as horas que ia consagrar a Allahabad.

Talvez não fossem precisos menos de três dias para se verem as três cidades que a compõem, mas que, em suma, sempre é menos curiosa que Benares, apesar de também figurar no número das cidades santas.

Da cidade indiana não há nada que dizer. É uma aglomeração de casas baixas, separadas por meio de ruas estreitas, ensombradas nalguns sítios por tamarinheiros, que são magníficos.

O mesmo, com respeito à cidade inglesa e seus acantonamentos.

Belas alamedas com boas árvores, ricas habitações, largas praças, todos os elementos de uma cidade destinada a ser uma grande capital.

Tudo isto está situado numa vasta planície, limitada ao norte e ao sul pelos dois rios, o Ganges e o Jumna.

Chamam a esta planície a «Planície das Esmolas», porque em todos os tempos ali têm ido os príncipes indianos praticar obras de caridade.

Segundo refere Rousselet, que cita uma passagem da *Vida de Hionen Thsang*, «é mais meritório dar neste lugar uma só moeda do que mil em qualquer outra parte».

O Deus dos cristãos, esse só dá na razão de cem. É menos, por certo; mas inspira-me mais confiança.

Uma palavra acerca do forte de Allahabad, que é curioso e merece a pena visitar-se.

Está construído a oeste da grande planície das Esmolas, e ergue com altivez as suas altas muralhas de grés vermelho, cujos projecteis podem, permita-se-nos a expressão, quebrar os braços aos dois rios. No meio do forte, um palácio, que se tornou num arsenal, outrora residência do sultão Akbar, a um canto, o Lat de Feroze-Schachs, magnífico monólito de trinta e seis pés, que serve de pedestal a um leão; pouco distante do monólito, um pequeno templo, que os

indianos, aos quais se recusa a entrada no forte, não podem visitar, apesar de ser um dos lugares mais sagrados do mundo, tais são os principais pontos da fortaleza que atraem a atenção dos viajantes.

Informou-me Banks de que o forte de Allahabad tem também a sua legenda, que lembra a legenda bíblica relativa à reconstrução do templo de Salomão, em Jerusalém.

Quando o sultão quis construir o forte de Allahabad, parece que as pedras se mostraram muito rebeldes.

Apenas um muro se construía, desabava logo.

Consultou-se o oráculo. Segundo o costume, o oráculo respondeu que era precisa uma vítima voluntária para conjurar a fatalidade.

Ofereceu-se um indiano em holocausto. Foi sacrificado, e o forte concluiu-se.

Este indiano chamava-se Brog, e eis a razão por que a cidade ainda hoje é designada pelo duplo nome de Brog-Allahabad.

Banks conduziu-me em seguida aos jardins de Khusru, que são célebres e merecem bem a sua celebridade. Ali, à sombra dos mais belos tamarinheiros do mundo, elevam-se muitos mausoléus de maometanos.

Um deles é a última morada do sultão de que estes jardins tomaram o nome.

Num dos muros de mármore branco está incrustada uma palma de mão, enorme.

Mostraram-na com uma complacência que não encontrámos para os vestígios sagrados de Gaya.

É verdade que não era agora o vestígio do pé de um deus, mas o da mão de um simples mortal, sobrinho do profeta Maomet.

Durante a insurreição de 1857, não correu em Allahabad menos sangue que nas outras cidades do Ganges.

O combate que o exército real deu aos revoltosos, no campo de manobras de Benares, provocou a revolta das tropas indígenas, e em especial a do 6.º Regimento do exército de Bengala.

Foram mortos oito alferes, mas, graças à atitude enérgica de alguns artilheiros europeus, pertencentes ao corpo dos inválidos de Chunar, os sipaios acabaram por depor as armas.

Foi mais sério nos acantonamentos. Os naturais revoltaram-se, foram abertas as prisões, as docas saqueadas, as casas europeias incendiadas.

A este tempo, o coronel Neil, depois de haver restabelecido a ordem em Benares, apareceu com o seu regimento e cem fuzileiros do regimento de Madrasta.

Retomou a ponte de barcos aos revoltosos, ganhou os arrabaldes da cidade no dia 18 de Junho, dispersou os membros de um governo provisório instalado por um muçulmano e tornou-se senhor de toda a província.

Durante esta pequena excursão a Allahabad, eu e Banks observámos cuidadosamente se éramos seguidos, como nos sucedera em Benares.

Mas desta vez nada vi de suspeito.

– Não importa – disse-me o engenheiro -, será bom sempre desconfiar! Eu desejaria passar incógnito, porque o nome do coronel Munro é demasiado conhecido dos naturais desta província!

Às seis horas voltávamos para jantar.

Sir Edward Munro, que deixara o acampamento por uma hora ou duas, estava de volta e esperava-nos.

Quanto ao capitão Hod, que fora visitar alguns dos seus camaradas em guarnição nos acantonamentos, regressava quase ao mesmo tempo que nós.

Notei então, e fi-lo notar a Banks, que o coronel Munro parecia, não mais triste, mas mais preocupado que de ordinário.

Parecia-me surpreender nos seus olhares um fogo que as lágrimas deviam ter apagado há muito.

– Tem razão volveu-me Banks, alguma coisa há! Que sucederia?

– Se Banks interrogasse Mac Neil? sugeri eu.

– Sim, Mac Neil talvez saiba.

E o engenheiro, saindo da sala, foi abrir a porta do camarote do sargento.

O sargento não estava ali.

– Onde está Mac Neil? perguntou Banks a Gumi, que se preparava para nos servir à mesa.

– Deixou o acampamento respondeu Gumi.

– Há quanto tempo?

– Há quase uma hora, e por ordem do coronel Munro.

– Não sabe aonde ele foi?

– Não, Senhor Banks, nem mesmo a razão por que ele saiu.

– Não sucedeu novidade na nossa ausência?

– Nada.

Banks voltou, informou-me da ausência do sargento, ausência cujo motivo todos ignoravam, e rematou:

– Não sei o que há, mas com certeza que há alguma coisa. Esperemos.

Pusemo-nos à mesa.

De ordinário, o coronel Munro tomava parte na conversa durante a hora das refeições.

Gostava que lhe contássemos as nossas excursões.

Interessava-se pelo que havíamos feito durante o dia, e eu tinha o cuidado de não lhe falar, mesmo por alto, da insurreição dos sipaios.

Creio que ele notava a minha reserva, mas agradecer-me-ia...?

Sempre devo dizer que era uma reserva difícil, quando se tratava de cidades, tais como Benares ou Allahabad, que haviam sido teatro de cenas insurreccionais.

Hoje, durante o jantar, tinha eu razão para temer que me visse obrigado a falar de Allahabad.

Foi um receio infundado. O coronel Munro não me interrogou, nem interrogou Banks acerca do que havíamos feito durante o dia.

Esteve calado todo o jantar. Até parecia que aumentava a sua preocupação à medida que o tempo avançava.

Olhava frequentemente para a estrada que ia ter aos acantonamentos, e parece até que muitas vezes esteve prestes a levantar-se para ver melhor nessa direcção.

Era evidentemente o regresso do sargento Mac Neil que Sir Edward Munro aguardava com impaciência.

Por isso o jantar correu bastante triste.

O capitão Hod perguntava a Banks com o olhar o que havia. Ora Banks não sabia mais que ele.

Terminado o jantar, em vez de dormir a sesta, como tinha por costume, o coronel Munro desceu o degrau da varanda, deu alguns passos pela estrada, alongou mais uma vez o olhar por ela fora e depois, voltando-se para nós, disse:

Banks, Hod e o senhor também, Maucler, poderiam fazer-me o favor de me acompanhar até às primeiras casas dos acantonamentos?

Levantámo-nos imediatamente da mesa e seguimos o coronel, que caminhava lentamente sem dizer palavra.

Após uns cem passos, Sir Edward Munro parou diante de um poste, que se erguia à direita da estrada, e no qual havia um letreiro.

– Leiam – pediu.

Era o edital, que já tinha nada menos de dois meses de existência, em que se punha a preço a cabeça do nababo Nana Sahib, anunciando-se a sua presença na residência de Bombaim.

Banks e Hod não puderam conter um gesto de desapontamento.

Até então, tanto em Calcutá como durante toda a viagem, tinham conseguido evitar que o edital fosse visto pelo coronel.

Um funesto acaso acabava de transtornar as suas precauções.

Banks perguntou Sir Edward Munro, agarrando na mão do engenheiro -, conhecias este edital?

Banks não respondeu.

– Há já dois meses– continuou o coronel – que sabias da presença de Nana Sahib em Bombaim, e nada me disseste!

Banks conservou-se calado, não sabendo que responder.

– Sim, meu coronel – exclamou o capitão Hod, sim, é verdade, sabíamos, mas para que lho havíamos de dizer? Quem nos prova que o facto anunciado neste edital seja verdade, e de que serve despertar-lhe recordações que tanto o incomodam?

– Banks – exclamou o coronel Munro, em cujo rosto acabava de se operar uma espécie de transformação, – pois tu esqueces que é a mim, a mim mais que a ninguém, que pertence justificar esse homem? Fica sabendo o seguinte: se consenti em deixar Calcutá, foi porque a viagem me devia levar para o Norte da Índia, foi porque nunca esqueci os meus deveres de justiceiro! Se parti, foi só com uma ideia, com uma esperança! Para me aproximar do meu destino, contei com os acasos da viagem, com o auxílio de Deus! Tive razão! Deus conduziu-me até este edital! Não é já ao Norte que se deve ir procurar Nana Sahib, é ao Sul! Bem! Irei ao Sul!

Não nos tinham enganado os nossos pressentimentos! Era verdade, e bem verdade! Um pensamento reservado, uma ideia fixa, para melhor dizer, dominava ainda, dominava mais que nunca o coronel Munro.

Ele acabava de, completamente, nos revelar essa ideia.

– Munro – disse então Banks -, se te não falei em nada foi porque não acreditava na presença de Nana Sahib na presidência de Bombaim. É fora de dúvida que a autoridade foi mais uma vez enganada. Este edital tem a data de 6 de Março e de então para cá nada veio ainda confirmar a notícia da aparição do nababo.

O coronel Munro não respondeu logo a esta observação do engenheiro.

Deitou um último olhar para a estrada e depois declarou:

– Meus amigos, vou saber o que há. Mac Neil foi a Allahabad com uma carta para o governador. Dentro de pouco saberei se Nana Sahib efectivamente reapareceu numa das províncias de oeste, se ainda aí se encontra, ou se já desapareceu.

– E se foi visto, se o facto é indubitável, que tencionas fazer, Munro?
– perguntou Banks, travando da mão do coronel.

– Partirei! - respondeu Sir Edward. Irei a toda a parte aonde for do meu dever ir em nome da justiça!

– É uma resolução decidida, Munro?

– Sim, Banks, absoluta. Continuarão sem mim a viagem, meus amigos... Esta noite mesmo tomarei o comboio de Bombaim.

– Bem, mas não irás só! - retorquiu o engenheiro, voltando-se para nós. Acompanhar-te-emos, Munro!

– Sim, meu coronel, sim - exclamou o capitão Hod. - Não o deixaremos partir sem nós. Em vez de caçarmos as feras, caçaremos os malvados!

– Coronel Munro – acrescentei -, há-de permitir que me reúna ao capitão e aos meus amigos!

– Sim, Maucler – respondeu Banks -, e esta noite deixaremos todos Allahabad.

– É escusado! disse uma voz grave. Voltámo-nos.

O sargento Mac Neil estava diante de nós com um jornal na mão.

– Leia, meu coronel disse. Eis o que o governador me encarregou de lhe apresentar.

E Sir Edward leu o que se segue:

«O governador da presidência de Bombaim faz saber, para conhecimento do público, que o edital de 6 de Março último, com respeito ao nababo Dandu-Pant, passa a ser considerado de nenhum efeito. Ontem, Nana Sahib, atacado nos desfiladeiros dos montes Saubpurra, onde se refugiara com o seu bando, foi morto na luta. Não há dúvida possível a respeito da sua identidade. Foi reconhecido pelos habitantes de Cawnpore e de Lucknow. Faltava-lhe um dedo da mão esquerda, e sabe-se que Nana Sahib fizera amputação de um dos dedos, quando pretendeu, com falsas exéquias, fazer acreditar na sua morte. O reino da Índia já não tem pois nada a temer do cruel nababo, que lhe custou tanto sangue.»

O coronel Munro lera estas linhas com voz abafada; depois deixou cair o jornal.

Nós calávamo-nos. A morte de Nana Sahib, indiscutível desta vez, livrava-nos de todo o futuro receio.

Depois de alguns minutos de silêncio, o coronel Munro passou a mão pelos olhos, como que para apagar horríveis recordações.

– Quando é que devemos deixar Allahabad? – perguntou.

– Amanhã, ao romper do dia – respondeu o engenheiro.

– Banks – tornou o coronel Munro -, não nos poderíamos demorar algumas horas em Cawnpore?

– Queres?...

– Sim, Banks, desejava... quero ver mais uma vez... uma última vez, Cawnpore!

– Lá chegaremos daqui a dois dias! - respondeu simplesmente o engenheiro.

– E depois?...

– Depois?... acrescentou Banks. Continuaremos a nossa expedição para o Norte da Índia!

– Sim!... para o Norte! para o Norte!...disse o coronel, com uma voz que me comoveu profundamente.

Parecia que Sir Edward Munro conservava algumas dúvidas a respeito do resultado daquela última luta entre Nana Sahib e os agentes da autoridade inglesa.

Teria ele razão contra o que parecia a própria evidência?

O futuro é que no-lo há-de dizer.

Capítulo X



Via Dolorosa

O reino de Ude foi outrora um dos mais importantes da península e é ainda um dos mais ricos da Índia.

Teve diversos soberanos, fracos uns, outros enérgicos.

A fraqueza de um deles, Wajad-Ali-Schah, foi o que motivou a anexação do seu reino ao domínio da Companhia, em 6 de Fevereiro de 1857.

Como se vê, dava-se isto poucos meses antes de rebentar a insurreição, e foi precisamente neste território que se cometeram as mais horríveis carnificinas, seguidas das mais terríveis represálias.

A partir de então ficaram tristemente célebres duas cidades: Lucknow e Cawnpore.

Lucknow é a capital, Cawnpore uma das principais cidades do antigo reino.

Era a Cawnpore que o coronel Munro queria ir, e foi ali que nós chegámos na manhã de 29 de Maio, depois de seguirmos a margem direita do Ganges, através de uma planície coberta de numerosas plantações de algodão.

Durante dois dias, o Gigante de Aço caminhará com uma velocidade média de três léguas por hora, transpondo os duzentos e cinquenta quilómetros que separam Cawnpore de Allahabad.

Achávamo-nos então quase a mil quilómetros de Calcutá, nosso ponto de partida.

Cawnpore é uma cidade de cerca de sessenta mil habitantes.

Ocupa sobre a margem direita do Ganges uma faixa de terreno do comprimento de cinco milhas.

Tem um acantonamento militar, onde estão aquartelados sete mil homens.

Debalde o viajante procura nesta cidade algum monumento digno de atrair a sua atenção, apesar de ser povoação muito antiga, e anterior, dizem, à era cristã.

Nenhum sentimento de curiosidade nos poderia atrair a Cawnpore. Só aí nos levava a vontade de Sir Edward Munro.

Deixámos o nosso acampamento no dia 30 de Maio. Eu, Banks e o capitão Hod seguíamos o coronel e o sargento Mac Neil por aquela via dolorosa, cujas estações Sir Edward Munro queria visitar mais uma vez.

Eis o que é preciso saber, e que vou dizer em breves palavras, resumindo o que Banks me dissera.

Cawnpore, que estava guarnecida por tropas de muita confiança no momento em que fora anexada ao reino de Ude, apenas contava no começo da insurreição duzentos e cinquenta soldados do exército real contra três regimentos nativos de infantaria, o 1.º, o 53.º e o 56.º, dois regimentos de cavalaria e uma bateria de artilharia do exército de Bengala.

Além disso, achava-se ali um grande número de europeus, empregados, funcionários, negociantes, etc., e mais algumas centenas de mulheres e crianças, família dos militares do 32.º Regimento do exército real, que tinha guarnição em Lucknow.

O coronel habitava Cawnpore havia muitos anos. Foi ali que ele conheceu a donzela a quem deu o título de esposa.

Miss Laurence Honlay era uma menina inglesa, encantadora e inteligente, carácter cheio de elevação, coração nobre, índole heróica, digna de ser amada por um homem como o coronel, que a admirava e adorava. Residia com a mãe num *bungalow*, nos

arredores da cidade, e foi ali, em 1855, que Edward Munro a desposou.

Dois anos depois, em 1857, quando rebentaram as primeiras explosões da revolta em Mirat, o coronel Munro teve de reunir-se ao seu regimento sem perda de um dia.

Viu-se por isso obrigado a deixar a mulher e a sogra em Cawnpore, recomendando-lhe que fizessem imediatamente os seus preparativos para partirem para Calcutá.

O coronel entendia que Cawnpore não oferecia segurança e, infelizmente, os factos vieram justificar demasiadamente os seus pressentimentos.

A partida de Mrs. Honlay e de Lady Munro sofreu demoras, que tiveram funestas consequências. As infelizes senhoras foram surpreendidas pelos acontecimentos e não puderam sair de Cawnpore.

A divisão era então comandada pelo general Sir Hugh Wheeler, soldado recto e leal, que dentro de pouco devia ser vítima dos manejos astuciosos de Nana Sahib.

O nababo ocupava então, a dez milhas de Cawnpore, o seu castelo de Bilhur, e havia muito tempo que fingia viver nas melhores relações com os europeus.

Entretanto davam-se as primeiras tentativas de insurreição em Mirat e em Deli.

A nova destas tentativas chegou em 14 de Maio a Cawnpore.

Neste mesmo dia mostrava o 1.º Regimento de sipaios disposições hostis.

Foi então que Nana Sahib ofereceu ao Governo o seu préstimo.

O general Wheeler, imprudentemente, acreditou na boa fé daquele traidor, cujos soldados particulares vieram logo ocupar o edifício da tesouraria.

No mesmo dia, um regimento irregular de sipaios, de passagem por Cawnpore, assassinava os seus oficiais europeus mesmo às portas da cidade.

O perigo apareceu então tal qual era, imenso.

O general Wheeler deu ordem a todos os europeus que se refugiassem na caserna onde habitavam as mulheres e as crianças do 32.º Regimento de Lucknow, caserna situada no ponto mais próximo da estrada de Allahabad, a única por onde poderiam chegar os socorros.

Foi ali que Lady Munro e sua mãe tiveram de se encerrar.

Durante todo o tempo deste encerramento, a jovem mostrou uma dedicação sem limites pelos seus companheiros de infortúnio.

No dia seguinte, mortas ou vivas, mulheres e crianças eram precipitadas num poço próximo, e quando chegaram os soldados de Havelock, o poço, cheio de cadáveres até à borda, fumegava ainda.

Principiaram então as represálias. Um certo número de revoltosos, cúmplices de Nana Sahib, haviam caído em poder do general Havelock.

Este publicou a seguinte terrível ordem do dia, cujos termos nunca esquecerei:

«O poço onde repousam os restos mortais das pobres mulheres e crianças assassinadas pelo descrente Nana Sahib será acabado de encher e escrupulosamente tapado à maneira de túmulo. Desempenhará este piedoso dever um destacamento de soldados europeus, comandado por um oficial. A casa e os aposentos onde se praticou o atentado não serão limpos nem lavados pelos compatriotas das vítimas. Entende e resolve o brigadeiro que cada gota de sangue inocente seja apanhada ou lambida com a língua dos condenados, antes da execução, proporcionalmente à sua casta e à parte que tomaram na carnificina. Em conformidade com esta ordem, todo o condenado, depois de ouvir a sentença de morte,

será conduzido à casa do morticínio e obrigado a limpar certa porção do sobrado. Procurar-se-á tornar a tarefa tão revoltante quanto for possível aos sentimentos religiosos do condenado, e o preboste-marechal fará uso do látigo, se tanto for preciso. Depois de cumprir o que se lhe impõe, a sentença será executada na forca levantada próximo da casa.»

– Tal foi – continuou Banks, muito impressionado, – a ordem do dia. Cumriu-se religiosamente. Mas das vítimas pouco restava. Tinham sido assassinadas, mutiladas, despedaçadas! Quando o coronel Munro, chegando dois dias depois, quis reconhecer alguns dos restos de Lady Munro e de sua mãe, nada encontrou... nada!

Eis o que Banks me contara antes da nossa chegada a Cawnpore, e era para o próprio lugar onde se dera o horrendo morticínio que o coronel se dirigia. Mas primeiro quis ver o *bungalow* onde residira Lady Munro, onde passara a sua mocidade, a morada onde pela última vez a vira, o limiar da porta onde recebera dela os ósculos da despedida.

Este *bungalow* era edificado um pouco fora dos arrabaldes, a pequena distância da linha dos acantonamentos militares.

Ruínas, paredes ainda enegrecidas, algumas árvores derrubadas e ressequidas, era quanto restava daquela habitação.

O coronel não consentira que se reparasse coisa alguma.

O *bungalow* estava ainda, ao fim de seis anos, no estado em que o pusera o facho dos incendiários.

Passámos uma hora naquele lugar desolado.

Sir Edward Munro caminhava silenciosamente através daquelas ruínas, onde se lhe deparavam tantas recordações.

O seu espírito evocava toda aquela existência de felicidade que já não lhe podia ser restituída.

Representava-se-lhe na imaginação a jovem, vivendo feliz na casa onde nascera, onde a conhecera, e algumas vezes fechava os olhos

como para melhor a contemplar!

Mas afinal, repentinamente, como quem tem de se violentar, retrocedeu e tirou-nos dali para fora.

Banks julgou que o coronel se limitaria a visitar o *bungalow*... Mas não! Sir Edward Munro resolvera esgotar até à última as amarguras que lhe reservava aquela cidade funesta.

Depois da residência de Lady Munro, quis tornar a ver a caserna, onde tantas vítimas, às quais a enérgica senhora heroicamente se dedicara, haviam sofrido todos os horrores de um cerco.

Esta caserna era situada na planície, fora da cidade, e naquele lugar, onde toda a população de Cawnpore tivera de procurar refúgio, edificava-se então uma igreja^{7}.

Para nos dirigirmos para ali, seguimos uma estrada macadamizada, sombreada por belas árvores.

Era o local onde se representara o primeiro acto da horrível tragédia.

Ali tinham vivido, sofrido, agonizado, Lady Munro e sua mãe, até ao momento em que a capitulação entregou ao poder de Nana Sahib aquela multidão de vítimas, já votadas a um horrendo morticínio, e que o traidor prometera conduzir sãs e salvas a Allahabad.

Em volta das construções por concluir, distinguam-se ainda restos de muralhas de tijolo, vestígios das obras de defesa levantadas pelo general Wheeler.

O coronel Munro conservou-se por muito tempo imóvel e silencioso diante daquelas ruínas. Avivavam-se-lhe na memória as horríveis cenas de que elas tinham sido o teatro.

Depois do *bungalow*, onde Lady Munro tinha vivido feliz, a caserna onde sofrera além de quanto se pode imaginar!

Faltava visitar BibiGhar, a morada que Nana Sahib transformou em prisão, onde se abria o poço no fundo do qual a morte havia confundido as vítimas.

Quando Banks viu o coronel dirigir-se para aquele lugar, agarrou-lhe no braço como para o deter.

Sir Edward encarou-o bem de frente e disse-lhe com uma voz em que havia horrível serenidade:

– Vamos!

– Munro, peço-te...

– Irei então só!

Não era possível resistir.

Dirigimo-nos então para o Bibi-Ghar, atravessando pelos jardins bem traçados e plantados de formosas árvores que o precedem.

Eleva-se naquele local uma colunata em estilo gótico, de forma octogonal. Rodeia esta colunata o sítio onde se abria o poço, cuja boca está agora coberta com um revestimento de pedras.

Este revestimento forma uma espécie de soco, que sustenta uma estátua de mármore branco, o Anjo da Piedade, uma das últimas obras devidas ao cinzel do escultor Marochetti.

Lord Canning, governador-geral das Índias durante a revolta de 1857, foi quem fez elevar este monumento expiatório, construído pelos desenhos do coronel Yule, e à sua própria custa.

Diante daquele poço, onde as duas senhoras, mãe e filha, depois de feridas pelos algozes de Nana Sahib, haviam sido precipitadas, talvez ainda com vida, Sir Edward Munro não pôde conter as lágrimas.

Caiu de joelhos sobre a pedra do monumento.

Junto dele, o sargento Mac Neil chorava em silêncio.

Nós tínhamos todos o coração despedaçado, não encontrando nada com que consolar aquela dor, esperando que Sir Edward Munro ali exaurisse as últimas lágrimas dos seus olhos!

Ah! Se ele houvesse sido dos primeiros soldados do exército real que chegaram a Cawnpore, que penetraram no Bibi-Ghar depois da horrível carnificina, o coronel Munro teria morrido de dor!

Eis o que refere um dos oficiais ingleses, narração que foi recolhida por Rousselet:

«Apenas entrámos em Cawnpore, corremos em busca das pobres mulheres, que nós sabíamos estarem em poder do odioso Nana, mas depressa fomos informados da horrenda execução. Torturados por uma terrível sede de vingança e compenetrados do sentimento dos espantosos sofrimentos que as desgraçadas vítimas deviam ter padecido, sentimos despertar em nós ideias estranhas e selváticas.

Impetuosos e meio doidos, corremos para o triste lugar do martírio.

O sangue coagulado, misturado de restos informes, cobria o chão do pequeno aposento onde elas tinham estado encarceradas e davam-nos pelo artelho.

Juncavam o chão molhado compridas e lustrosas tranças, pedaços de vestidos, sapatinhos e brinquedos de crianças.

Nas paredes, em laivos de sangue, viam-se vestígios de horrível agonia.

Apanhei um livrinho de orações, em cuja primeira página se liam as seguintes palavras sensibilizadoras: 27 de Junho, desembarcámos... 7 de Julho, prisioneiros do Nana... dia fatal.»

Não eram só, porém, estes os horrores que nos esperavam. Muito mais horrível era a vista do poço profundo e estreito onde tinham amontoado os restos mutilados daquelas ternas criaturas!

Sir Edward Munro não se achava presente quando os soldados de Havelock começaram a apoderar-se da cidade! Só chegou dois dias depois da odiosa imolação! Agora só tinha diante dos olhos o local onde se abria o funesto poço, túmulo sem nome das duzentas vítimas de Nana Sahib!

Desta vez, Banks, ajudado pelo sargento, conseguiu tirá-lo dali à força.

O coronel Munro não devia nunca esquecer as duas palavras que um dos soldados de Havelock traçara com a baioneta no bocal do poço:

Remember Cawnpore! Lembra-te de Cawnpore!

Capítulo XI



Mudança de Monção

As onze horas estávamos de volta ao acampamento, porque tínhamos, como se compreende, a maior pressa de sair de Cawnpore; mas algumas reparações, que havia a fazer na bomba de alimentação da máquina, não permitiam partir antes do dia seguinte de manhã.

Restava-me, portanto, meio dia.

Julguei que não podia empregá-lo melhor do que em visitar Lucknow.

A intenção de Banks era não passar por aquela cidade, onde o coronel Munro se encontraria num dos principais teatros da guerra, e tinha razão! Eram ainda recordações muito pungentes para ele.

Ao meio-dia, depois de ter deixado a «Steam House», tomei pela pequena linha que liga Cawnpore a Lucknow.

O percurso não excede vinte léguas, e cheguei em duas horas a essa importante capital do reino de Ude, de que só queria tomar uma vista sumária o que se chama uma impressão.

Reconheci, de resto, a verdade do que ouvira dizer a propósito dos monumentos de Lucknow, construídos no reinado dos imperadores muçulmanos do século XVIII.

Foi um francês, de Lião, chamado Martin, um simples soldado do exército de Lally-Tollendal, quem, em 1730, tornado favorito do rei, criou, organizou e, poder-se-ia dizer, architectou essas pretendidas maravilhas da capital de Ude.

A residência oficial dos soberanos, o Kaiserbagh, reunião heteróclita de todos os estilos que podiam sair da imaginação de um cabo, é

apenas uma obra superficial.

Nada por dentro, tudo por fora, mas esse exterior é ao mesmo tempo indiano, chinês, mourisco e... europeu.

Sucedo o mesmo com outro palácio mais pequeno, Farid Bakch, que é igualmente obra de Martin.

Quanto ao Imambara, edificado no meio da fortaleza de Kaifiatulla, o primeiro arquitecto das Índias no século XVIII, é realmente soberbo e produz um efeito grandioso com os mil coruchéus que lhe erigam os muros.

Não podia deixar Lucknow sem visitar o palácio Constantin, que é ainda obra pessoal do cabo francês e tem por nome palácio de Martinière.

Quis ver também o jardim próximo, o Secunder Bagh, onde foram assassinados aos centos os sipaios que haviam violado o túmulo do cabo Martin antes de abandonarem a cidade.

Deve-se acrescentar que o nome de Martin não é o único nome francês celebrado em Lucknow. Um antigo oficial inferior de Caçadores de África, chamado Duprat, distinguiu-se de tal modo pela sua bravura durante o período insurreccional, que os revoltosos lhe propuseram que se pusesse à frente deles.

Apesar das riquezas que lhe prometeram, apesar das ameaças com que o perseguiram, Duprat recusou nobremente. Conservou-se fiel aos Ingleses.

Mas, particularmente apontado aos golpes dos sipaios, que não tinham podido fazer dele um traidor, foi morto num recontro.

Cão infiel disseram os revoltosos, serás nosso, mau grado teu!

E pertenceu-lhes, mas morto.

Os nomes destes dois soldados franceses foram, pois, reunidos nas mesmas represálias.

Os sipaios, que tinham violado o túmulo de um e aberto a cova de outro, foram sem piedade assassinados.

Finalmente, depois de admirar os magníficos jardins que cingem esta grande cidade, de quinhentos mil habitantes, com um cinto de verdura e de flores, depois de percorrer sobre dorso de elefante as suas ruas principais, o seu magnífico *boulevard* de Hazrat Gaudj, tornei a meter-me no caminho de ferro e voltei naquela mesma noite para Cawnpore.

No dia seguinte, 31 de Maio, logo de madrugada, estávamos a caminho.

– Até que finalmente – exclamou o capitão Hod, – acabámos com as Allahabad, as Cawnpore, as Lucknow e outras cidades que me importam tanto como um cartucho vazio!

– Sim, acabámos, Hod – redarguiu Banks, – e agora vamos marchar directamente para o norte, de modo que chegaremos quase em linha recta à base do Himalaia.

– Bravo! – tornou o capitão. – O que eu chamo a Índia por excelência não são as províncias ericadas de cidades ou povoadas de indianos, é a região onde vivem em liberdade os meus amigos elefantes, leões, tigres, ursos, panteras, lobos, búfalos, serpentes! Essa é que é verdadeiramente a parte habitável da península! Verá, Maucler, e não terá saudades das maravilhas do vale do Ganges!

– Na sua companhia de nada terei saudades, capitão – redargui eu.

– Contudo – disse Banks, – há ainda no nordeste outras cidades muito interessantes: Deli, Agra, Lahore.

– Ora, amigo Banks – exclamou Hod -, quem é que jamais ouviu falar dessas miseráveis aldeias?

– Miseráveis aldeias retorquiu Banks -, isso é que não, Hod, mas cidades esplêndidas!

– Fique descansado, meu amigo acrescentou o engenheiro, voltando-se para mim -, nós diligenciaremos mostrar-lhas sem transtorno para os planos de campanha do capitão.

– Como quiser, Banks – replicou Hod; – mas é só hoje que verdadeiramente principia a nossa viagem.

Depois, com uma voz forte:

– Fox! gritou.

O impedido acudiu logo.

– Pronto, meu capitão!

– Fox, as espingardas, as carabinas e os revólveres estão prontos a disparar?

– Estão.

– Examina as fecharias.

– Já examinei.

– Prepara os cartuchos.

– Estão preparados,

– Está tudo pronto?

– Tudo pronto.

– Pois mais pronto ainda, se for possível.

– Aprontar-se-á.

– O trigésimo oitavo! - exclamou o impedido, por cujo olhar passou um relâmpago. vou preparar-lhe uma boa balazinha explosiva de que não há-de ter razão de queixa.

– Anda Fox, anda!

Fox fez a continência, deu meia volta e foi fechar-se no seu arsenal.

Eis agora qual é o itinerário da segunda parte da nossa viagem, itinerário que não deve ser modificado, salvo se se derem sucessos impossíveis de prever.

Por espaço de quase setenta e cinco quilómetros, este itinerário sobe o curso do Ganges, dirigindo-se para noroeste; mas, a partir

deste ponto, endireita para o norte, por entre um dos afluentes do grande rio e outro afluente importante do Gutmi.

Por esta forma evita um certo número de braços fluviais, que irradiam para a direita e para a esquerda, e por Biswah eleva-se obliquamente até às primeiras ondulações das montanhas do Nepal, através da parte ocidental do reino de Ude e de Rohilkhande.

Este trajecto fora judiciosamente escolhido pelo engenheiro, de modo que se torneassem todas as dificuldades.

Se o carvão era mais difícil de encontrar no norte do Indostão, a lenha não devia faltar.

Quanto ao Gigante de Aço, poderia facilmente girar, fosse com que andamento fosse, por aquelas estradas, tão bem conservadas, através das mais belas florestas da península indiana.

Distanciavam-nos uns oitenta quilómetros da pequena cidade de Biswah.

Concordou-se que os transportávamos com uma velocidade muito moderada: em seis dias.

Este prazo permitiria pararmos quando o sítio agradasse, e os caçadores da expedição teriam tempo de praticar as suas proezas. Além disso, o capitão Hod e o impedido Fox, aos quais Gumi se juntava de muito boa vontade, poderiam facilmente bater a estrada enquanto o Gigante de Aço caminhava a passos contados. Não me era proibido acompanhá-los nas suas batidas, apesar de eu ser caçador pouco experimentado, e algumas vezes me reuni com eles.

Devo dizer que desde o momento em que a nossa viagem entrou numa nova fase o coronel Munro se conservou menos afastado.

Pareceu-me que se tornava mais sociável fora dos muros das cidades, no meio das florestas e planícies, longe do vale do Ganges, que acabávamos de percorrer.

Nestas condições como que encontrava a tranquilidade da vida que passava em Calcutá. E, contudo, podia ele esquecer que a sua casa ambulante se encaminhava para o norte da Índia, aonde o atraía

alguma fatalidade irresistível? Em todo o caso, a sua conversa era mais animada durante as horas da comida e da sesta, e muitas vezes prolongava-se até muito tarde nessas formosas noites que a estação calmosa ainda nos dava.

Quanto a Mac Neil, desde a visita ao poço de Cawnpore, parecia-me mais sombrio do que de costume.

Teria a vista de Bibi-Ghar despertado nele um ódio que ainda esperava saciar?

Nana Sahib disse-me ele um dia ; – não, senhor, não! Não é possível que no-lo tenham morto!

O primeiro dia passou-se sem incidentes que valha a pena contar.

Nem o capitão Hod nem Fox tiveram ocasião de fazer pontaria ao mais insignificante animal.

Era desolador, e até bastante extraordinário, sendo caso para se perguntar se a aparição do Gigante de Aço não conservava a distância as terríveis feras daquelas planícies.

Efectivamente custearam-se alguns juncais, que são as guaridas habituais dos tigres e de outros carnívoros da raça felina. Não apareceu nenhum, apesar de os dois caçadores se haverem afastado uma ou duas milhas dos flancos do nosso comboio.

Tiveram portanto de se resignar a levarem consigo Black e Phann para apanharem caça miúda, de que Monsieur Parazard exigia fornecimento quotidiano.

O nosso cozinheiro negro não admitia desculpas a esse respeito; quando o camarada lhe falava de tigres, lobos-tigres ou de outras feras pouco comestíveis, encolhia desdenhosamente os ombros e dizia:

– Isso não é coisa que se coma!

Ao anoitecer, acampámos ao abrigo de um grupo de banianas enormes.

Esta noite foi tão tranquila como o dia fora sossegado. O silêncio não foi sequer perturbado pelos uivos das feras.

Entretanto o nosso elefante descansava. Já não se ouviam os seus relinchos. Tinham-se apagado os fogos do acampamento e, para satisfazer o capitão, Banks nem mesmo estabeleceu a corrente eléctrica, que transformava os olhos do Gigante de Aço em dois poderosos faróis. Nada!

Sucedeu o mesmo nos dias 1 e 2 de Junho. Era para desesperar.

– Mudaram-me o meu reino de Ude! – repetia o capitão Hod. – Transportaram-no para o meio da Europa! Não há mais tigres aqui do que nas terras baixas da Escócia!

– É possível, amigo Hod – observou o coronel Munro, – que por estes terrenos se tenham dado recentemente batidas, e que os animais emigrassem em massa. Mas não desespere, e deixe-nos aproximar das montanhas do Nepal. Há-de lá encontrar em que utilmente empregue os seus instintos de caçador.

– É preciso ter esperança – redarguiu Hod, abanando a cabeça; – aliás, só nos restaria derreter as balas para transformá-las em grãos de chumbo.

O dia 3 de Junho foi um dos mais quentes que suportámos até ali.

Parece-me que teríamos ficado assados na nossa morada ambulante se a estrada não fosse sombreada por grandes árvores.

O termómetro subiu quarenta e sete graus à sombra, e não soprava a mais leve aragem. Em vista disto, era possível que, sob uma tal temperatura, sob aquela atmosfera de fogo, os animais carnívoros nem se lembrassem de deixar os seus antros, mesmo durante a noite.

No dia seguinte, ao nascer do Sol, o horizonte mostrou-se, pela primeira vez, bastante enevado para a banda do ocidente. Presenciámos então o esplêndido espectáculo de um fenómeno de miragem, que em certos pontos da Índia se chama *seekote*, ou castelos aéreos e, noutros, *dessasur*, ou ilusão.

Não era um suposto lençol de água, com os seus curiosos efeitos de retracção, que se desdobrava diante dos nossos olhos: era toda uma cordilheira, composta de colinas pouco elevadas, encimadas pelos mais fantásticos castelos do mundo, alguma coisa parecida com as alturas do vale do Reno, coroadas com as suas antigas residências de burgraves.

Víamos-nos num momento transportados, não só à porção romana da velha Europa, mas a quinhentos ou seiscentos anos atrás, em plena Idade Média.

Este fenómeno, cuja nitidez era surpreendente, dava-nos o sentimento de uma realidade absoluta. Por isso, o Gigante de Aço, com todo o seu aparelho de moderno mecanismo, avançando em direcção a uma cidade do século XV, parecia-me muito mais deslocado do que quando corria, todo emplumado de vapores, pela região de Vixnu e de Brama.

– Obrigado, senhora natureza! – exclamou o capitão Hod. – Depois de tantos minaretes e cúpulas, de tantos pagodes e mesquitas, aí temos alguma velha cidade da época feudal, com as maravilhas romanas ou góticas que ela desenrola a nossos olhos!

– Que poeta que está o nosso amigo Hod esta manhã! – observou Banks. – Engoliria ele alguma balada antes do almoço?

– Ria, Banks, graceje, zombe – retorquiu o capitão Hod, – mas olhe! Eis os objectos que avultam nos primeiros planos! Eis os arbustos que se tornam em árvores, colinas que se tornam em montanhas, os...

– Os simples gatos que se tornariam em tigres, se houvesse gatos, não é assim, Hod?

– Ah! Banks, não seria coisa para desprezar!... Bravo! – exclamou o capitão. Eis os meus castelos do Reno que abatem, a cidade que se desmorona, e caímos na realidade, uma simples paisagem do reino de Ude, que nem as feras querem habitar!

O Sol, transpondo o horizonte oriental, acabava de instantaneamente modificar o efeito da refração. Como castelos de cartas, os burgos desabavam com a colina, que se transformava em planície.

– Ora bem disse Banks -, visto que a miragem se desfez e com ela se dissipou toda a veia poética do capitão Hod, querem os meus amigos saber o que este fenómeno pressagia?

– Diga, engenheiro! - exclamou o capitão.

– Uma mudança muito próxima de tempo – explicou Banks. Demais, estamos nos primeiros dias de Junho, que ocasionam modificações climatéricas. A mudança da monção vai-nos trazer a estação das chuvas periódicas.

– Meu caro Banks - observei eu, - estamos fechados e abrigados, não é verdade? Pois que venha a chuva! Diluviana que ela seja, parece-me preferível a estes calores...

– Há-de ficar satisfeito, meu caro amigo – respondeu Banks. – Parece-me que a chuva não vem longe, e que não tardará que vejamos surgirem as primeiras nuvens do sudoeste.

Banks não se enganava. Para o norte, o horizonte ocidental começou a carregar-se de vapores, o que indicava que a monção, como sucede a maior parte das vezes, ia estabelecer-se durante a noite.

Era o oceano Índico que nos enviava, através da península, os seus nevoeiros saturados de electricidade, como outros tantos grandes odres do deus Eolo, onde se continham o tufão e a tempestade.

Alguns outros fenómenos, a respeito dos quais um anglo-indiano não poderia ter dúvida alguma, tinham-se também manifestado durante aquele dia. Espirais de uma poeira muito fina tinham-se

visto redemoinhar sobre a estrada durante a marcha do nosso comboio.

O movimento das rodas, aliás pouco rápido tanto das rodas do nosso motor como as dos dois carros -, poderiam decerto levantar esta poeira, mas não com tamanha intensidade. Dir-se-ia uma nuvem dessa penugem que aparece no ar junto de uma máquina eléctrica posta em movimento.

O sol podia, pois, ser comparado a um imenso receptor, no qual a electricidade se houvesse acumulado por" espaço de muitos dias. Depois, essa poeira tingia-se de reflexos amarelados, do efeito mais singular, e em cada molécula brilhava um pequeno centro luminoso.

Houve momentos em que o nosso aparelho pareceu marchar em meio de chamas, chamas sem calor, mas que, nem pela cor nem pela vivacidade, lembravam as do fogo-de-santelmo.

Storr contou-nos que vira algumas vezes os comboios correr pelos carris entre duas paredes formadas de poeira luminosa, e Banks confirmou o que o maquinista dizia.

Durante um quarto de hora pude observar aquele singular fenómeno através dos vidros da torrinha, donde se dominava a estrada na extensão de cinco a seis quilómetros.

Levantava-se grande poeira da estrada sem árvores, aquecida a um ponto insuportável pelos raios verticais do Sol. Pareceu-me até que naquele momento o calor da estrada era superior ao da fornalha da máquina.

Era em todo o caso um ambiente insuportável, e quando vim respirar um ar mais fresco debaixo das asas oscilantes da *punha* estava meio sufocado.

À noite, pelas sete horas, «Steam House» parava.

O sítio da paragem, escolhido por Banks, foi à beira de uma floresta de esplêndidas banianas, que parecia dilatar-se para o norte numa extensão infinita.

Atravessava-a uma bela estrada, que prometia para o dia seguinte um trajecto mais fácil por debaixo de altas e vastas cúpulas de verdura.

As banianas, esses gigantes da flora indiana, são verdadeiras avós, e poder-se-ia dizer chefes de família vegetal, aos quais rodeiam os filhos e os netos.

Estes, evoluindo de uma raiz comum, perfilam-se em volta do tronco principal, do qual estão completamente soltos, e vão perder-se no meio da alta verdura paternal.

Dão ares de serem criados sob esta espécie de folhagem, como os pintos sob as asas da mãe.

Daí o curioso aspecto que apresentam estas florestas muitas vezes seculares.

As velhas árvores parecem pilares isolados, que sustentam a imensa abóbada, cujas finas nervuras se apoiam em banianas ainda novas, que um dia hão-de vir a transformar-se em pilares.

Naquela noite o acampamento foi organizado mais completamente do que era costume. Se o dia seguinte fosse tão quente como havia sido o que acabava de passar, Banks tencionava prolongar a paragem, ainda que tivesse de seguir viagem de noite.

O que mais desejava o coronel Munro era exactamente passar algumas horas naquela formosa floresta, tão umbrosa e tão sossegada.

Todos se puseram do lado do coronel, uns porque tinham verdadeira necessidade de descanso, outros porque queriam ver se enfim encontravam algum animal digno do tiro de espingarda de um Anderson ou de um Gérard.

Adivinha-se quem eram os últimos.

– Fox, Gumi, são apenas sete horas! – bradou o capitão Hod. – Uma volta pela floresta antes de se cerrar completamente a noite! Acompanha-nos, Maucler?

– Meu caro Hod – disse Banks, – antes de eu ter tempo de responder, faria melhor não se afastar do acampamento. O céu está seriamente ameaçador. Se a tempestade se desencadear, talvez tenha alguma dificuldade em se nos reunir. Amanhã, se ainda aqui estivermos, irá!...

– Amanhã será dia – redarguiu o capitão Hod e a hora é própria para tentar a aventura.

– Bem sei, Hod, mas a noite que se prepara não é nada tranquilizadora. Em todo o caso, se quer por força ir, não se afaste para longe. Dentro de uma hora será noite fechada, e pode ver-se em grandes dificuldades para tornar a encontrar o acampamento.

– Fique descansado, Banks. São apenas sete horas, e só peço ao meu coronel uma licença de duas horas.

– Vá, amigo Hod – acedeu Sir Edward Munro -, mas tenha em atenção as recomendações de Banks.

– Sim, meu coronel.

O capitão Hod, Fox e Gumi, armados de umas excelentes carabinas de caça, deixaram o acampamento e desapareceram por baixo das altas banianas que orlavam a direita da estrada.

Tinha-me fatigado tanto o calor naquele dia que preferi ficar na «Steam House».

Entretanto, por ordem de Banks, em vez de se apagar completamente o lume, deixou-se o calor suficiente para conservar a caldeira com uma ou duas atmosferas de pressão.

O engenheiro queria estar preparado para qualquer eventualidade.

Storr e Kalouth ocuparam-se então em renovar a água e o combustível. Um regato à esquerda da estrada forneceu-lhes o líquido necessário, e as árvores próximas a lenha para carregar o tênder.

Parazard tratava entretanto das suas ocupações habituais, e, ao mesmo tempo que servia o resto do jantar do dia, meditava no que havia de compor o jantar do dia seguinte.

Havia ainda bastante claridade. O coronel Munro, Banks, o sargento Mac Neil e eu fomos dormir a sesta à borda do regato.

A corrente da água límpida refrescava a atmosfera, que realmente sufocava mesmo àquela hora.

Não se pusera ainda o Sol. A sua luz, por oposição, tingia de azul a massa de vapores que pouco a pouco se via acumular no zénite, através dos rasgões das folhagens.

Eram nuvens pesadas, espessas, condensadas, cujo movimento parecia não ser produzido por vento algum e cujo motor parecia residir nelas mesmo.

Durou até quase às oito horas a nossa conversa.

De quando em quando, Banks levantava-se e observava o horizonte de um ponto de vista mais largo, avançando até à floresta, que cortava de improviso a planície a um quarto de milha do acampamento.

Quando regressava, abanava a cabeça com ar pouco tranquilo.

A última vez acompanhámo-lo. A escuridão começava já a reinar por baixo das banianas. Chegando à borda da floresta, vi que uma planície imensa se estendia para oeste até uma série de pequenas colinas contornadas por modo indeciso e que já se confundiam com as nuvens.

Era então terrível o aspecto do céu em meio da sua serenidade.

Nenhuma aragem agitava as altas folhas nas árvores.

Não era o repouso da natureza adormecida que os poetas têm tantas vezes cantado; era, pelo contrário, um sono pesado e doentio. Parecia que na atmosfera havia uma tensão reprimida.

A melhor comparação que achei para o espaço foi a de uma gaveta de vapor de uma caldeira, quando o fluido muito comprimido está prestes a fazer explosão.

As nuvens da tempestade achavam-se a grande altura, como geralmente sucede por cima das planícies, e apresentavam largos contornos curvilíneos delineados com muita nitidez. Pareciam até dilatar-se, diminuir em número e aumentar em tamanho, e era fora de dúvida que brevemente se fundiriam todas numa só massa, que aumentaria a densidade de uma nuvem única. As pequenas nuvens adicionais já sofriam uma espécie de influência atractiva, e batendo, esmagando-se umas contra as outras, repelindo-se mutuamente, perdiam-se confusamente no conjunto.

Pelas oito horas da noite, um relâmpago em ziguezague, de ângulos muito agudos, rasgou a sombria massa numa extensão de dois mil e quinhentos a três mil metros.

Sessenta e cinco segundos depois estalava um trovão, cujos surdos ribombos, inerentes à natureza deste género de relâmpagos, duraram quase quinze segundos.

Vinte e um quilómetros disse Banks, depois de consultar o relógio. É quase a distância máxima a que o trovão se pode fazer ouvir. Mas a tempestade, uma vez desencadeada, chegar-nos-á depressa, e é preciso não esperarmos por ela. Recolhamo-nos, meus amigos.

– E o capitão Hod? – perguntou o sargento Mac Neil.

– O trovão está-lhe dando ordem de voltar – retorquiu Banks. – Espero que obedecerá.

Dali a cinco minutos estávamos de volta ao acampamento e tomávamos lugar na varanda do salão.

Capítulo XII



Tríplices Fogos

A Índia partilha com certas regiões do Brasil, entre outras a do Rio de Janeiro, o privilégio de ser de todos os países do Globo o mais perturbado pelas tempestades.

Se em França, na Inglaterra, na Alemanha, nesta parte central da Europa, não se calculam em mais de vinte por ano o número de dias em que se ouvem os ribombos do trovão, deve-se ficar sabendo que na península indiana esse número se eleva anualmente além de cinquenta.

Eis quanto à meteorologia em geral.

No caso particular de que tratamos, em razão das circunstâncias especiais em que ele se dava, devíamos esperar uma tempestade de extrema violência.

Logo que entrámos na «Steam House», consultei o barómetro. Na coluna mercurial dera-se uma súbita descida de duas polegadas, isto é, de vinte e nove para vinte e sete polegadas^{8}.

Fiz notar isto ao coronel Munro.

– Inquieta-me a ausência do capitão Hod e dos seus companheiros volveu ele. Está iminente a tempestade, a noite chega, as trevas aumentam. Os caçadores afastam-se mais do que prometem e até mais do que querem. Como hão-de encontrar o caminho nesta profunda obscuridade?

– Doidos! – exclamou Banks. – Não foi possível trazê-los à razão! Teriam feito muito melhor não indo.

– Decerto, Banks, mas foram-se, e é preciso fazer o possível para que voltem – observou Munro.

– Não há meio de indicarmos o lugar onde estamos? – perguntei ao engenheiro.

– Há respondeu Banks -, acendendo os nossos faróis eléctricos, que são de grande intensidade iluminante e se vêem de muito longe. Vou estabelecer a corrente.

– Excelente ideia, Banks.

– Quer que vá em busca do capitão Hod? perguntou o sargento.

– Não, meu velho Neil respondeu o coronel -, não o acharias e perder-te-ias também.

Banks preparou-se logo para utilizar os fogos de que dispunha.

Foram postos em actividade os elementos da pilha, estabeleceu-se a corrente, e depressa os dois olhos do Gigante de Aço, como dois faróis eléctricos, projectaram o seu feixe luminoso por baixo da sombria abóbada das banianas.

É indubitável que em meio daquela noite tão escura o alcance dos dois fogos devia ser considerável e podia guiar os nossos caçadores.

Neste momento desencadeou-se uma espécie de furacão de violência extrema. Quebrou os ramos superiores das árvores, obliquou para o solo e sibilou através das colunazinhas das banianas, como se atravessasse os tubos sonoros de um órgão.

Foi súbito.

Caía sobre a estrada um chuva de ramos secos, de folhas arrancadas.

Os tectos da «Steam House» ressoaram de um modo plangente sob esta projecção, que produzia como um rimbombo prolongado.

Tivemos de nos abrigar no salão e fechar todas as janelas.

A chuva ainda não caía.

– É uma espécie de *tofan* – disse Banks.– Os indianos dão este nome às tempestades de ventos impetuosos e súbitos, que mais particularmente devastam as regiões montanhosas e são muito temidas no país.

- Storr gritou Banks ao maquinista -, fechaste bem as janelas da torre?
- Sim, Senhor Banks respondeu o maquinista. Desse lado não há nada a recear.
- Onde está Kalouth?
- Acaba de arrumar o combustível no tênder.
- Amanhã – volveu o engenheiro -, não temos mais do que nos darmos ao incómodo de apanhar a lenha no chão. O vento faz-se lenhador! Poupa-nos trabalho! Conserva a tua pressão, Storr, e torna a abrigar-te.
- Vou já, senhor.
- Tens os depósitos cheios, Kalouth? perguntou Banks.
- Sim, Senhor Banks respondeu o fogueiro.
- Bem; recolhe-te, anda!

O maquinista e o fogueiro tomaram depressa lugar na segunda carruagem.

Os relâmpagos eram então frequentes, e a explosão das nuvens eléctricas fazia ouvir um abafado ribombo. O tufão não refrescara a atmosfera. Era um vento tórrido, um vento abafado, que queimava como se saísse da boca de um forno.

Apenas saíamos do salão para ir à varanda. Olhando para a alta ramagem das banianas, víamo-la desenhar-se como fina renda sobre o fundo ígneo do céu.

Não brilhava um relâmpago que não fosse seguido, com intervalo de segundos, pelos ribombos do trovão.

Não tinha um eco o tempo de se extinguir, quando já um novo ribombo repercutia após ele. Daqui resultava um desferir continuado de notas de baixo profundo, sobre o qual se destacavam a espaços essas detonações secas que Lucrèce tão propriamente comparou com o estalido do papel que se rasga.

- Pois ainda a tempestade não os trouxe? – dizia o coronel Munro.

– Talvez – lembrou o sargento – o capitão Hod e os seus companheiros achassem algum abrigo na floresta, no côncavo de alguma árvore ou de algum rochedo, e só se nos reunam amanhã pela manhã! O acampamento continuará sempre no mesmo sítio para os receber.

Banks abanou a cabeça como homem que não está convencido. Não parecia participar da opinião de Mac Neil.

Neste momento, eram quase nove horas, começou a chuva a cair com violência. Vinha misturada de granizo enorme, que nos lapidava e crepitava sobre o tecto sonoro da «Steam House».

Era uma espécie de rufar de tambores.

Teria sido impossível ouvirmo-nos uns aos outros, mesmo que os ribombos do trovão não atroassem o espaço.

As folhas das banianas, cortadas por esta chuva de pedra, redemoinhavam por todos os lados.

Banks não conseguia explicar-nos o facto de viva voz no meio deste tumulto ensurdecador e por isso estendeu o braço e mostrou-nos o granizo que batia nos flancos do Gigante de Aço.

Custava a crer! Tudo cintilava ao contacto daqueles corpos duros.

Dir-se-ia que o que caía das nuvens eram verdadeiras gotas de um metal em fusão que, batendo na chapa de ferro, produziam um jacto luminoso.

Banks, com um gesto, fez-nos entrar no salão e fechou a porta que se abria sobre a varanda.

Havia, com certeza, ao ar livre, perigo na exposição às influências eléctricas.

Ficámos no interior.

Qual não foi a nossa admiração quando vimos que a nossa própria saliva era luminosa! Para isso devíamos estar impregnados, a um ponto extraordinário, do fluido ambiente.

«Cuspíamos fogo», para nos servirmos de uma expressão com que se tem caracterizado este fenómeno, raras vezes observado, mas sempre temível e assustador.

Na verdade, em meio desta deflagração contínua, fogo por dentro, fogo por fora, no meio dos ribombos acentuados pelo estalar formidável dos raios, o coração mais firme não podia deixar de bater rapidamente.

– E eles! - disse o coronel Munro.

– E eles!... sim!... eles! - repetiu Banks.

Era horrivelmente inquietador. Nada podíamos fazer em auxílio do capitão Hod e dos seus companheiros, muito seriamente ameaçados.

Efectivamente, se algum abrigo tinham encontrado, não podia ser senão debaixo das árvores, e é sabido, em tais condições, que perigo se corre durante as tempestades.

No meio desta floresta, tão densa, como se poderiam eles colocar a cinco ou seis metros de uma vertical que passe pela extremidade dos ramos mais compridos, segundo se recomenda às pessoas surpreendidas nas proximidades das árvores?

Acudiam-me ao espírito todas estas reflexões quando um trovão, mais destacado que os outros, estalou subitamente.

Um intervalo de um segundo apenas o separara do relâmpago.

A «Steam House» tremeu e como que se levantou sobre as molas. Julguei que se ia virar o trem.

Ao mesmo tempo derramou-se no espaço um cheiro forte o cheiro penetrante dos vapores nitrosos e com toda a certeza que na água da chuva que se recolhesse durante aquela tempestade se devia encontrar grande quantidade de ácido nítrico.

– Caiu um raio... - informou Mac Neil.

– Storr! Kalouth! Parazard!– gritou Banks.

Os três homens acudiram ao salão. Felizmente nenhum tinha sido ferido.

O engenheiro empurrou então a porta da varanda e chegou-se ao balcão.

– Eis! Vejam! disse.

Uma enorme baniana, a dez passos, à esquerda da estrada, fora fulminada.

Graças aos incessantes clarões eléctricos, via-se então como se fosse dia claro. O tronco da baniana, que os ramos já não podiam sustentar, tinha caído, atravessado, sobre as árvores próximas. Estava perfeitamente descascado em todo o seu comprimento, e uma comprida tira de cortiça, que a ventania agitava como uma serpente, torcia-se, fustigando o ar.

A árvore devia ter sido despojada de baixo para cima, sob a acção de um raio ascendente de extrema violência.

– Um pouco mais, e «Steam House» teria sido fulminada! – afirmou o engenheiro. Mas deixemo-nos ficar. Sempre é abrigo mais seguro que o das árvores.

– Fiquemos! – concordou o coronel Munro.

Neste momento ouviram-se gritos. Seriam os nossos companheiros que, afinal, voltavam?

É a voz de Paiazard disse Storr. Efectivamente o cozinheiro, que estava debaixo do toldo, chamava por nós em grandes gritos.

Fomos logo ter com ele.

Para trás, a mais de cem metros, à direita do acampamento, a floresta das banianas estava incendiada.

O cimo das árvores mais altas desaparecia já detrás de uma cortina de chamas.

O incêndio desenvolvia-se com incrível intensidade e avançava para a «Steam House» com maior velocidade do que se poderia imaginar.

Era iminente o perigo. Uma longa seca, a elevação da temperatura durante os três meses da estação calmosa, haviam ressequido as árvores, os arbustos, as plantas.

O incêndio alimentava-se com todo este combustível inflamável.

Como frequentemente sucede nas índias, toda a floresta estava em risco de ser consumida pelo incêndio.

O fogo ia-se propagando. Se chegasse ao local do acampamento, em poucos minutos seriam destruídos os dois carros, porque as suas delgadas chapas de ferro não podiam livrá-los do fogo, como sucede com as paredes de um cofre de segurança.

Permanecíamos silenciosos em presença daquele perigo. O coronel estava de braços cruzados.

Afinal, disse com simplicidade:

- Banks, é a ti que pertence tirar-nos daqui!
- Sim, Munro – volveu o engenheiro -, e, visto que não temos meio algum de extinguir o incêndio, é preciso fugir dele!
- A pé! - exclamei.
- Não, com o nosso comboio.
- E o capitão e os seus companheiros? - perguntou Mac Neil.
- Nada podemos fazer em seu auxílio. Se até ao momento de partirmos não aparecerem, partiremos apesar disso!
- Não devemos abandoná-los - declarou o coronel.
- Munro – volveu Banks -, quando o comboio se achar em segurança, fora do alcance do fogo, voltaremos e bateremos a floresta até os encontrarmos!
- Faze o que dizes, – Banks retorquiu Munro, que teve de se conformar com o parecer do engenheiro, o único que na realidade se podia seguir.

Storr ordenou – Banks, à tua máquina! Kalouth, à tua caldeira e atija o lume! Que pressão há no manómetro?

- Duas atmosferas – respondeu o maquinista.
- É preciso que em dois minutos tenhamos quatro! Vamos, meus amigos, vamos.

O maquinista e o fogueiro não perderam um instante.

Dali a pouco saíam nuvens de fumo negro da tromba do elefante, as quais se misturaram com as torrentes de chuva que o gigante parecia arrostar.

Aos relâmpagos, que abrasavam o espaço, respondia com feixes de faíscas.

Sibilava na chaminé um jacto de vapor e a tiragem artificial activava a combustão da lenha que Kalouth amontoava na fornalha.

Eu tinha-me deixado ficar na varanda de trás com Sir Edward Munro e Banks, e observávamos os progressos do incêndio através da floresta.

Eram rápidos e assustadores esses progressos.

As grandes árvores abatiam na imensa fornalha, os ramos crepitavam com estrondo de revólveres; os cipós estorciam-se de um tronco ao outro, e o fogo comunicava-se quase imediatamente a novos focos.

No espaço de cinco minutos o incêndio avançara cinquenta metros, e as chamas, farpadas, e poder-se-ia dizer esfarrapadas pela ventania, subiam a uma tal altura que os raios as sulcavam em todos os sentidos.

É preciso que em cinco minutos tenhamos saído daqui, ou fica tudo incendiado afirmou Banks.

- E o incêndio caminha rapidamente! - observei eu.
- Mas nós havemos de caminhar mais depressa que ele.
- Se Hod aqui estivesse, se os seus companheiros já se achassem de volta... - disse Sir Edward Munro.

– Apitem, apitem! - exclamou Banks. Talvez que eles ouçam.

E, correndo à torre, atroou os ares com agudos sons, que sobressaíam de entre os ribombos do trovão e deviam ouvir-se longe.

Pode-se imaginar esta situação, o que não se pode é descrevê-la!

Por um lado, a necessidade de fugir o mais rapidamente possível; por outro, a obrigação de esperar os que não tinham regressado!

Banks voltara para a varanda de trás. A faixa incendiada estendia-se agora a menos de cinquenta pés de distância da «Steam House».

Desenvolvia-se um insuportável calor, e o ar, já ardente, tornar-se-ia depressa irrespirável.

Numerosas faúlhas já quase caíam sobre o nosso trem.

Por grande fortuna, os chuveiros torrenciais protegiam-no até certo ponto, mas com certeza que não nos poderiam defender do ataque directo do fogo.

A máquina continuava a soltar os seus apitos estridentes; mas nem Hod, nem Fox, nem Gumi apareciam.

Neste momento o maquinista chegou-se a Banks e anunciou-lhe:

– Estamos em pressão.

– Pois então, a caminho, Storr!volveu Banks mas não muito rapidamente!... O suficiente para nos conservar fora do alcance do incêndio!

– Espera, Banks, espera! – recomendou o coronel Munro, que não podia resolver-se a deixar o acampamento.

– Mais três minutos, Munro – redarguiu Banks, friamente, – mas nada mais. Dentro de três minutos pegará fogo na retaguarda do trem!

Decorreram dois minutos.

Era impossível conservarmo-nos na varanda. Não podíamos pôr a mão sobre as chapas de ferro, que, já em brasa, começavam a arquear.

Seria a maior das imprudências permanecer ali mais alguns instantes.

A caminho, Storr! ordenou Banks.

- Ah! exclamou o sargento.

- Ei-los!... - disse eu.

O capitão Hod e Fox apareciam à direita da estrada. Traziam nos braços Gumi, como um corpo inerte, e chegaram ao degrau de trás.

– Morto! - exclamou Banks.

Não, ferido pelo raio, que lhe despedaçou a espingarda na mão--volveu o capitão Hod, e apenas paralisado da perna esquerda.

– Louvado seja Deus! - disse o coronel Munro.

– Obrigado, Banks! – acrescentou o capitão. Se não fossem os seus apitos, não poderíamos encontrar o acampamento.

– A caminho! exclamou Banks. A caminho! Hod e Fox tinham-se precipitado no trem, e Gumi, que não perdera os sentidos, foi deposto no seu camarote.

– Que pressão temos? - perguntou Banks, que acabava de se reunir ao maquinista.

– Quase cinco atmosferas - respondeu Storr.

– A caminho! - repetiu Banks.

Eram dez horas e meia. Banks e Storr foram tomar lugar na torrinha.

Abriu-se o regulador, o vapor precipitou-se nos cilindros, ouviram-se os primeiros mugidos, e o trem partiu a pequena velocidade, no meio da tríplice intensidade de luz, produzida pelo incêndio da floresta, pelos fogos eléctricos dos faróis e pelas fulgurações do céu.

O capitão Hod contou-nos em poucas palavras o que sucedera durante a excursão.

Não tinham encontrado, nem ele nem os seus companheiros, vestígios de animais.

Com a aproximação da tempestade, a escuridão crescera mais rapidamente e sobretudo mais profundamente do que eles julgavam.

Surpreendeu-os por isso o primeiro trovão quando já se encontravam a mais de três milhas do acampamento.

Quiseram então voltar para trás; mas, por mais que fizessem para se orientar, não tardaram a perder-se no meio daqueles grupos de banianas, que se parecem todos uns com os outros, e sem que nenhum caminho lhes indicasse a direcção que deviam seguir.

Dali a pouco a tempestade desencadeava-se com extrema violência.

Neste momento achavam-se os três fora do alcance dos fogos eléctricos.

Não puderam por isso dirigir-se em linha recta para a Steam House».

A chuva e o granizo caíam em torrentes. Abrigo não tinham nenhum, salvo a coma insuficiente das árvores, a qual não tardou que fosse rota pela tempestade.

De repente, estalou um trovão, acompanhado de um imenso relâmpago.

Gumi caiu fulminado junto do capitão Hod. aos pés de Fox.

Da espingarda que tinha na mão, só restava a coronha. Cano, fecharia, tudo o que era de metal, desaparecera.

Os companheiros julgaram-no morto.

Felizmente, não sucedeu assim. Só a perna esquerda, ainda que não atacada directamente pelo fluido, lhe ficara paralisada. O pobre Gumi não podia dar um passo. Era preciso transportá-lo.

Debalde ele pedia que o deixassem, ainda que tivessem de o ir buscar mais tarde.

Os companheiros não eram dessa opinião, e, agarrando-o um pelos ombros, outro pelos pés, meteram-se pela floresta conforme

puderam.

Por espaço de duas horas, Hod e Fox vaguearam ao acaso, hesitando, parando, pondo-se novamente a caminho, sem ponto algum de referência que lhes pudesse indicar a direcção da «Steam House».

Felizmente, afinal, os apitos, mais perceptíveis no meio do estrondo dos elementos do que o seriam os próprios tiros de espingarda, ouviram-se acima do ruído do temporal.

Aqueles apitos eram a voz do Gigante de Aço.

Dali a um quarto de hora chegavam os três, no momento exactamente em que o lugar da paragem ia ser abandonado.

Era tempo!

Se o comboio corria pela estrada larga e plana da floresta, o incêndio caminhava com igual velocidade.

O que tornava o perigo mais ameaçador era a mudança do vento, mudança frequente durante aquelas tempestades.

Em vez de soprar de lado, soprava agora pela banda de trás, e com a sua violência activava o incêndio, como um ventilador que satura qualquer fornalha de oxigénio.

O fogo avançava a olhos vistos.

Os ramos em ignição, as faúlhas ardentes choviam no meio de uma nuvem de cinzas quentes, levantadas do solo como se alguma cratera arremessasse para o espaço matérias eruptivas.

E, na verdade, não se podia achar melhor comparação para este incêndio do que a marcha de um rio de lava, correndo através do campo e tudo destruindo na sua passagem.

Banks viu isto, e, se não visse, tê-lo-ia sentido pelo sopro requemado que perpassava pela atmosfera.

Trataram, pois, de apressar a marcha, apesar do perigo que isso oferecia por aquele caminho desconhecido.

Mas a estrada, alagada pelas águas do céu, estava agora tão cheia de barrancos que não foi possível darem à máquina tanta força quanta queriam.

Pelas onze horas e meia, novo raio, novo trovão, que foi terrível!

Soltámos um grito. Julgámos que Banks e Storr tinham ambos sido fulminados na torre de onde dirigiam a marcha.

Escapámos a esta desgraça. Fora o nosso elefante que acabara de ser fulminado na extremidade de uma das suas grandes orelhas pendentes.

Felizmente, não resultara disto nenhum prejuízo para a máquina, e pareceu até que o Gigante de Aço quis responder aos ímpetos da tempestade com os seus mugidos mais precipitados.

– Hurra! bradou o capitão Hod. – Hurra! Um elefante de carne e osso teria caído fulminado pelo raio! Mas tu, tu arrostras o próprio fogo do céu, e nada te pode deter! Hurra!, Gigante de Aço, hurra!

Durante meia hora o trem manteve a distância conveniente. com receio de esbarrar nalgum obstáculo, Banks apenas lhe dava a velocidade necessária para que o fogo o não pudesse alcançar.

Da varanda onde eu tomara lugar com Munro e Hod, víamos passar grandes sombras, que saltavam no meio das projecções luminosas dos relâmpagos e do incêndio.

Eram finalmente as feras!

Por precaução, Hod lançou mão da espingarda, porque podia suceder que os animais, assustados, quisessem arremessar-se para dentro dos veículos e aí procurar um refúgio.

Efectivamente, tentou fazê-lo um tigre enorme; porém, ao formar um salto prodigioso, ficou preso pelo pescoço entre duas banianas novas. A árvore principal, curvando-se então sob o sopro da tempestade, puxou os seus rebentos como duas imensas cordas, as quais estrangularam o animal.

– Pobre animal! - disse Fox.

– Animais daqueles retorqui o capitão Hod, indignado – fizeram-se para serem mortos pela bala decente de uma carabina! Sim, também digo: pobre animal!

Na verdade, aquilo era ainda a má sorte do capitão Hod! Quando procurava tigres, não os via, e quando os não procurava passavam voando, sem que lhes pudesse atirar, ou ficavam estrangulados como um rato nos arames de uma ratoeira!

À uma hora da noite, o perigo, apesar de ser já muito grande, aumentou ainda.

Sob a acção daqueles ventos desatinados, que saltavam para todos os pontos do espaço, o incêndio tomara-nos a dianteira e estávamos absolutamente cercados.

Entretanto, a tempestade diminuía muito em violência, como sucede quase invariavelmente quando estes meteoros passam por cima de uma floresta, cujas árvores atraem e esgotam pouco a pouco a matéria eléctrica.

Mas se os relâmpagos eram mais raros, os trovões mais espaçados, se a chuva caía com menos força, o vento continuava a correr sobre a superfície do solo com incrível furor.

Custasse o que custasse, era preciso apressar a marcha do trem, ainda que com perigo de este esbarrar nalgum obstáculo, ou de se precipitar nalgum barranco.

Foi o que Banks fez; mas fê-lo com admirável sangue-frio, os olhos chegados aos vidros lenticulares da torre e a mão sobre o regulador, que ele não largava.

O caminho parecia ainda um pouco livre entre duas alas de fogo. Era forçoso portanto passar entre aquelas duas alas.

Banks precipitou-se resolutamente por entre elas com uma velocidade de seis a sete milhas por hora.

Julguei que ficaríamos ali, principalmente quando foi preciso atravessar um sítio muito estreito da fornalha numa extensão de cinquenta metros.

As rodas do Gigante de Aço rangeram sobre as brasas que juncavam o solo, e uma atmosfera ardente envolveu-nos completamente...

Finalmente, às duas horas da manhã, a orla extrema da floresta apareceu-nos ao fulgor de raros relâmpagos.

Para trás de nós desenrolava-se um vasto panorama de chamas.

O incêndio só devia extinguir-se depois de haver consumido até à última baniana da imensa floresta.

Parámos finalmente quando era dia; a tempestade dissipara-se completamente, e formámos um acampamento provisório.

O nosso elefante, que foi revistado com toda a atenção, tinha a ponta da orelha direita esburacada, e as rebarbas dos buracos curvavam-se em diversas direcções.

Qualquer outro animal, que não fosse de aço, ferido por um raio daqueles, teria caído para nunca mais se levantar, e o incêndio consumiria depois o perdido comboio.

Às seis horas da manhã, depois de um pequeno descanso, continuávamos o caminho, e ao meio-dia vínhamos a acampar nos arredores de Rewah.

Capítulo XIII



Proezas do Capitão Hod

Passaram-se tranquilamente no acampamento o resto do dia e a noite de 5 de Junho.

Depois de tantas fadigas, aumentadas por tantos perigos, era-nos devido este repouso.

Não era agora o reino de Ude que desenrolava diante de nós as suas férteis planícies.

A «Steam House» corria então através daquele território, ainda fértil, mas cortado de *nullahs*, ou barrancos, que forma o Rohilkhande.

Bareilli é a capital deste vasto quadrado de cento e cinquenta e cinco milhas de terreno acidentado, banhado por numerosos afluentes e subafluentes do Cogra, matizado de grupos de magníficas mangueiras, coberto, a espaços, de juncais espessos, que tendem a desaparecer diante da cultura.

Foi ali o centro da insurreição, depois da tomada de Deli; foi ali que Sir Colin Campbell fez uma das suas campanhas; foi ali que a coluna do brigadeiro Walpole sofreu a princípio alguns reveses; foi ali que pereceu um amigo de Sir Edward Munro, o coronel do 93.º escocês, que muito se distinguira nos dois assaltos de Lucknow, em 14 de Abril.

Em vista da disposição deste território, não podia haver outro mais favorável à marcha do nosso comboio. Belas estradas, muito bem niveladas, correntes fáceis de transpor entre as duas artérias mais importantes que descem do norte, tudo concorria para facilitar esta parte do itinerário.

Apenas nos restavam alguns centos de quilómetros a percorrer, antes de percebermos as primeiras elevações do solo, que ligam à

planície as montanhas do Nepal.

Era preciso, porém, tomar muito em conta a estação das chuvas, que se aproximava.

A monção, que reina de noroeste para sudoeste durante os primeiros meses do ano, acabava de mudar.

O período pluvioso é mais violento no litoral que no interior da península, e também um pouco mais tardio.

É isto devido a que as nuvens se esgotam antes de chegarem ao centro da Índia. Depois, a sua direcção é um pouco modificada pela barreira das altas montanhas, que ocasionam uma espécie de redemoinho atmosférico.

Na costa do Malabar, a monção principia no mês de Maio; no meio das províncias centrais e setentrionais, só se faz sentir algumas semanas mais tarde, no mês de Junho.

Ora, nós estávamos no mês de Junho, e era nestas circunstâncias particulares, mas previstas, que a nossa viagem ia dali em diante efectuar-se.

Devo já declarar que logo no dia seguinte o nosso bom Gumi, tão desastrosamente desarmado pelo raio, melhorou.

Foi apenas temporária a paralisia da perna esquerda. Não conservou dela vestígios, nem tão-pouco ficou por isso com rancor ao fogo celeste.

Durante os dias 6 e 7 de Junho, o capitão Hod fez melhor caça com a ajuda de Phann e de Black. Conseguiu matar um casal dos antílopes chamados nilgós no país.

São os bois azuis dos indianos, a que seria mais razoável chamar veados, porque se parecem mais com estes animais do que se parecem com os congéneres do deus Ápis.

Deveria até dar-se-lhes o nome de veados *gris-perle*, porque a sua cor lembra mais a cor do céu tempestuoso do que a do céu azul.

Afirma-se, contudo, que em alguns destes magníficos animais, de pequenos chavelhos acerados, cabeça comprida e ligeiramente arqueada, o pêlo se torna completamente azul, cor que a natureza parece ter invariavelmente recusado aos quadrúpedes, mesmo à chamada raposa azul, cujo pêlo é, pelo contrário, negro.

Não era, porém, em carnívoros que consistiam os sonhos do capitão Hod. Contudo, o nilgó, se não é feroz, não deixa de ser perigoso quando, ligeiramente ferido, volve sobre o caçador.

Uma primeira bala do capitão, uma segunda de Fox, fizeram parar na corrida aqueles dois esplêndidos animais.

Foram, por assim dizer, mortos no voo. Por isso, para Fox, aquilo não passava de caça de pena!

Monsieur Parazard, esse, foi de opinião inteiramente diversa, e as excelentes pernas dos bichos, que ele naquele mesmo dia nos serviu assadas, fizeram-nos passar para o seu lado.

No dia 8 de Junho, logo de madrugada, deixávamos o nosso acampamento, que fora estabelecido junto de uma pequena aldeia de Rohilkhande.

Tínhamos ali chegado na véspera à noite, depois de transpormos os quarenta quilómetros que a separam de Rewah.

Havíamos, portanto, caminhado com uma velocidade muito moderada naquele solo que as chuvas continuavam a encharcar. Além disso, os ribeiros começaram a engrossar, e vários vaus causaram-nos uma demora de algumas horas.

A região montanhosa, onde contávamos instalar a nossa «Steam House» durante alguns meses do Estio, como no meio de um *sanitarium*, tínhamos a certeza de a alcançar antes do fim de Junho.

Por consequência, a este respeito nenhuma inquietação podíamos ter.

Durante o dia 8, o capitão Hod teve a lastimar a perda de um bom tiro.

A estrada era ladeada de densos juncais de bambus, como frequentemente se encontram em roda destas aldeias, que parecem estabelecidas em meio de açafates de flores.

Não era ainda o verdadeiro juncal, porque este nome, no sentido indiano, aplica-se à planície escabrosa, desprovida de vegetação, estéril, sobre a qual se alinham escuros matagais.

Nós, pelo contrário, estávamos numa região cultivada, no meio de um fértil território, a maior parte das vezes enxadrezado de pantanosos arrozais.

O Gigante de Aço ia avançando tranquilamente, dirigido pela mão de Storr, soltando os seus belos penachos de fumo, que o vento espalhava sobre os bambus do caminho.

De repente, com surpreendente agilidade, saltou um animal sobre o pescoço do elefante.

Um *tchita!* Um *tchita!* – exclamou o maquinista. A este grito, o capitão Hod correu à varanda da frente e deitou a mão à espingarda, que estava sempre ali pronta.

– Um *tchita!* exclamou ele também, por sua vez.

– Então atire-lhe! – exclamei eu.

– Tenho muito tempo! – redarguiu o capitão Hod, que se limitou a conservar a pontaria.

O *tchita* é uma espécie de leopardo especial das índias, mais pequeno que o tigre, mas quase tão temível como este animal, tão vivo, tão flexível de espinha, tão robusto de membros ele é.

Eu, o coronel Munro e Banks, em pé sobre a varanda, observávamos o animal, à espera do tiro do capitão.

Incontestavelmente, o leopardo enganara-se com o nosso elefante. Precipitara-se atrevidamente sobre ele, mas, onde julgara achar carne viva, em que pudesse enterrar as garras ou os dentes, achara ferro, em que os seus dentes e garras não podiam entrar.

Furioso com o engano, pendurou-se às compridas orelhas do falso animal, e ia com certeza abandoná-lo quando deu connosco.

O capitão Hod continuava a tê-lo debaixo da pontaria da espingarda, como caçador que, seguro do seu tiro, não quer ferir o animal senão no momento oportuno e em parte adequada.

O *tchita* endireitou-se, rugindo. Conheceu decerto o perigo, mas não pareceu que quisesse evitá-lo. Talvez procurasse o movimento favorável para se precipitar sobre a varanda.

Efectivamente, vimo-lo em seguida trepar à cabeça do elefante, abraçar com as patas a tromba que servia de chaminé, e subir até ao orifício de onde saíam jactos de vapor.

– Então atire, Hod - disse eu outra vez.

Tenho muito tempo! - volveu o capitão.

Depois, sem perder de vista o leopardo, que olhava para nós, prosseguiu:

– Nunca matou nenhum *tchita*, Maucler?

– Nunca.

– Quer matar um?

– Capitão respondi, não quero privá-lo desse tiro magnífico.

– Ora retorquiu o capitão com desdém, – não é tiro digno de um caçador! Pegue numa espingarda e aponte à extremidade da espádua. Se lhe falhar o tiro, eu apanharei o animal no salto!

– Como quiser...

Fox, que voltara para junto de nós, deu-me uma carabina de dois tiros que tinha na mão. Peguei nela, armei-a, apontei ao leopardo, que permanecia imóvel, e atirei.

O animal, ferido, porém, ligeiramente, deu um pulo enorme e, passando por cima da torre do maquinista, veio cair sobre o primeiro tecto da «Steam House».

Apesar de muito bom caçador, o capitão Hod não tivera tempo de lhe acertar na passagem.

– Vem, Fox, vem! – exclamou.

E ambos, precipitando-se para fora da varanda, foram postar-se na torre.

O leopardo, que andava de cá para lá, saltou o segundo tecto, depois de transpor a ponte de um salto. No momento em que o capitão ia fazer fogo, o animal, com outro salto, caiu no solo, levantou-se com ímpeto vigoroso e desapareceu no juncal.

– Stop! Stop! - gritou Banks para o maquinista, o qual, fechando a comunicação do vapor, travou instantaneamente todas as rodas com o freio atmosférico.

O capitão e Fox saltaram para a estrada e meteram-se pela espessura em busca do *tchita*.

Passaram-se alguns minutos. Pusemo-nos à escuta, não sem alguma impaciência.

Não se ouviu nenhum tiro de espingarda.

Os dois caçadores voltaram sem coisa alguma.

– Desapareceu! Voou! exclamou o capitão Hod. E nem um sinal de sangue nas ervas!

– Foi culpa minha! disse eu ao capitão Hod. Teria feito melhor atirando em meu lugar O animal não escapava.

– Bem volveu Hod -, o senhor acertou-lhe, mas não foi no lugar conveniente!

– Não é aquele que fará o meu trigésimo oitavo, nem o seu quadragésimo primeiro! – lamentou Fox, bastante descoroçado.

Ora adeus! - exclamou o capitão Hod, num tom de indiferença um pouco afectado. Um *tchita* não é um tigre. Se não fosse isso, meu caro Maucler, não teria tomado a responsabilidade de lhe ceder este tiro.

– Para a mesa, meus amigos – disse o coronel Munro. – O almoço está à nossa espera e consolá-los-á...

– Tanto mais – acrescentou Mac Neil – que tudo isto foi culpa de Fox!

– Culpa minha! - retorquiu o impedido, muito confuso com esta inesperada observação.

– Com certeza, Fox – tornou o sargento. – A carabina que deste ao Senhor Maucler tinha apenas chumbo!

E Mac Neil mostrava o segundo cartucho, que acabava de tirar da arma de que eu me servira.

Efectivamente, não continha senão carga de chumbo para perdizes.

– Fox! - disse o capitão Hod.

– Meu capitão?

– Dois dias de prisão.

– Sim, meu capitão.

E Fox retirou-se para o seu camarote, resolvido a não tornar a aparecer senão passadas quarenta e oito horas.

Estava todo vexado do seu erro e queria ocultar a sua vergonha.

No dia seguinte, 9 de Junho, o capitão Hod, Gumi e eu fomos bater a planície ao longo da estrada, durante o meio dia de paragem que Banks acabava de conceder.

Chovera durante toda a manhã; mas por volta do meio-dia o céu serenara um pouco, e podia-se contar com uma aberta de algumas horas.

Desta vez não era o perseguidor de feras que me levava consigo, era o caçador.

No interesse da nossa mesa, ia vaguear pelas proximidades dos arrozais, em companhia de Black e de Phann.

Parazard fizera saber ao capitão que a despensa estava vazia, e esperava que Sua Honra se dignasse tomar as *medidas necessárias*

para a encher.

O capitão resignou-se, e partimos armados com simples espingardas de caça.

Durante duas horas, a nossa batida não deu outro resultado senão fazer voar algumas perdizes ou levantar algumas lebres, mas a tais distâncias que, apesar da boa vontade dos nossos cães, tivemos de abandonar toda a esperança de as alcançar.

O capitão Hod estava por isso de muito mau humor. Demais, no meio daquela vasta planície, sem juncais, sem mato, coberta de aldeias e de estabelecimentos agrícolas, não podia esperar o encontro de qualquer carnívoro que o indenizasse do leopardo da véspera.

Viera ali na qualidade de fornecedor, e lembrava-se da recepção que lhe faria Parazard se voltasse com a bolsa de caça vazia.

Mas não era culpa nossa.

Às quatro horas não havíamos ainda tido ocasião de atirar um só tiro. Como já disse, a caça levantava-se toda fora de alcance.

– Meu caro amigo – disse-me então o capitão Hod -, decididamente isto vai mal! Ao saírmos de Calcutá prometi-lhe excelentes caçadas, e uma má sorte, uma persistente fatalidade, acerca da qual nada compreendo, impede-me que cumpra a minha promessa.

– Ora, meu capitão, não se deve desesperar. Se sinto algum pesar, é mais por si que por mim!... Nós nos desferraremos nas montanhas do Nepal!

– Sim - disse o capitão Hod, aí, nas primeiras encostas do Himalaia, estaremos em melhores condições para operar. Sabe, Maucler, que ia apostar que os nossos veículos, com todo o seu mecanismo, os seus rugidos do vapor, e principalmente com o seu elefante gigantesco, assustam essas malditas feras, mais ainda que as assustaria um comboio de caminho de ferro, e sucederá sempre assim enquanto estivermos em marcha! Parados, é de esperar que sejamos mais

felizes. Na verdade, aquele leopardo era um doido! Era preciso que estivesse a morrer de fome para se atirar sobre o nosso Gigante de Aço, e merecia que o tivessem morto redondamente com uma boa bala de calibre próprio! Maldito Fox! Nunca esquecerei o que ele fez! Que horas são?

– Quase cinco.

– Já cinco horas e ainda não pudemos queimar um só cartucho!

– Só às sete horas nos esperam no acampamento. Pode ser que até lá...

– Não! Não estamos em sorte – exclamou o capitão Hod – e só o estar em sorte constitui o bom êxito!

– E também a perseverança – volvi eu. – Em todo o caso, capitão, deve concordar que não havemos de voltar com as mãos vazias! Está por isto?

– Estou! - exclamou Hod. - Não torno com a palavra atrás.

– Está dito!

– Olhe, Maucler, mais depressa voltarei com um arganzaz ou um esquilo do que irei com as mãos a abanar!

Eu, Gumi e Hod achávamo-nos na disposição de espírito em que nada se perdoa. A caçada continuou-se com uma teimosia digna de melhor sorte; mas parecia que os pássaros mais inofensivos adivinhavam as nossas intenções hostis. Era impossível aproximarmo-nos de um só que fosse.

Fomos assim continuando entre os arrozais, ora para um lado, ora para o outro, voltando muitas vezes para trás, a fim de não nos afastarmos muito do acampamento. Baldado empenho! Às seis horas e meia da tarde, tínhamos ainda intactos os cartuchos. Poderíamos ter vindo à caça com uma bengala em vez de uma espingarda. O resultado seria o mesmo.

Olhava para o capitão Hod. Levava os dentes cerrados.

Tinha na frente, entre as sobrancelhas, uma profunda ruga, indício de raiva concentrada.

Resmungava entre os lábios fincados não sei que vãs ameaças contra qualquer animal de pêlo ou pena, de que não aparecia um só espécime naquela planície.

Com toda a certeza, havia de chegar a disparar a espingarda contra um objecto qualquer, árvore ou rochedo maneira cinegética com que ele fazia passar a cólera.

A arma queimava-lhe os dedos, via-se. Punha-a no braço, colocava-a a tiracolo, encostava-a ao ombro, tudo isto como contra vontade. Gumi olhava para ele.

– O capitão dá em doido se isto continua!– disse-me ele, abanando a cabeça.

– Decerto volvi eu -, e eu daria bem trinta xelins pelo mais modesto pombo doméstico que qualquer mão caridosa lhe lançasse ao alcance da espingarda! Sossegá-lo-ia.

Mas nem por trinta xelins, nem pelo dobro, nem pelo triplo, se poderia àquela hora obter a peça de caça menos custosa e mais vulgar.

Era deserta a campina, e já não avistávamos nem aldeia nem herdade.

Com efeito, parece-me que, se fosse possível, teria mandado Gumi comprar por todo o preço uma ave qualquer, uma galinha, depenada que fosse, para a entregar como represália, aos tiros do nosso despeitado capitão.

A noite ia-se aproximando.

Em menos de meia hora já não haveria claridade suficiente para se poder continuar aquela infrutífera expedição.

Apesar de havermos concordado em não aparecer no acampamento com a bolsa vazia, íamo-nos ver obrigados a isso, salvo se

quiséssemos passar a noite na planície. Mas, além de estar a noite chuvosa, o coronel Munro e Banks, não nos vendo voltar, ficariam numa inquietação que era preciso evitar-lhes.

O capitão Hod, com os olhos muito abertos, que relanceava para a direita e para a esquerda com a prontidão de um pássaro, levava uma dianteira de dez passos e caminhava numa direcção que não nos aproximava positivamente da «Steam House».

Eu ia apressar o passo, para lhe dizer que se deixasse enfim de lutar contra a má sorte, quando se ouviu à minha direita um forte bater de asas. Olhei.

De entre o mato elevava-se lentamente uma forma esbranquiçada.

Rapidamente, sem dar ao capitão Hod tempo de se voltar, pus a espingarda à cara, e os meus dois tiros partiram sucessivamente.

A ave desconhecida a que eu acabava de atirar caiu pesadamente à beira de um arrozal.

Phann deu um pulo, apoderou-se da caça que eu acabava de abater, e trouxe-a ao capitão.

– Finalmente! exclamou Hod. – Se o Sr. Parazard não ficar satisfeito, que se atire ao caldeiro, de cabeça para baixo.

– Mas será ao menos caça que se coma? – perguntei.

– Com certeza... à falta de outra! – replicou o capitão.

– Felizmente, Senhor Maucler, que ninguém o viu! – disse-me então Gumi.

– Que fiz então que mereça censura?

– Ora! Matou um pavão, e é proibido matar os pavões, que são aves sagradas em toda a Índia.

– O demónio leve as aves sagradas e aqueles que as consagram! - exclamou o capitão Hod. Este está morto, havemos de comê-lo... devotamente, se quiserem, mas havemos de comê-lo!

Efectivamente, na região dos brâmanes, o pavão é animal sagrado como nenhum, desde a expedição de Alexandre, época em que se

espalhou na península.

Os indianos fizeram dele o emblema da deusa Saravasti, que preside aos nascimentos e aos consórcios.

É proibido destruir esta ave, ficando sujeito a certas penalidades quem o fizer, o que os Ingleses confirmaram.

Este exemplar dos galináceos, que enchia de alegria o capitão Hod, era esplêndido, com as suas asas verde-escuras com reflexos metálicos, orladas de listras de ouro.

A cauda, muito farta e delicadamente oculada, formava magnífico leque de sedosas franjas.

– A caminho! A caminho! – disse o capitão. – Amanhã, Parazard há-de dar-nos a comer pavão, digam o que disserem todos os brâmanes da Índia! Se o pavão não passa, afinal, de um animal vaidoso, este, com as pernas artisticamente levantadas, há-de fazer um belíssimo efeito em cima da nossa mesa!

– Em suma, está satisfeito, meu capitão?

– Satisfeito... com o senhor, decerto, meu caro amigo, mas comigo é que não estou nada contente! A minha má sorte continua, e é preciso que não continue. A caminho!

Voltámos, afinal, para os lados do acampamento, de onde nos devíamos ter afastado umas três milhas. Eu e o capitão caminhávamos um ao pé do outro pela estrada que desenrolava a sua faixa sinuosa através do matagal de bambus.

Gumi seguia-nos a dois ou três passos com a caça.

O Sol ainda não desaparecera, mas velavam-no grandes nuvens, e era-nos preciso procurar o caminho em meia escuridão.

De repente, numa espessura, à direita, soou um formidável rugido.

Este rugido pareceu-me tão temeroso que parei repentinamente, ainda que a pesar meu.

O capitão Hod agarrou-me na mão.

– Um tigre! - disse.

Em seguida soltou uma praga.

– Ah! Raios das índias! - exclamou. Nas espingardas só temos chumbo de perdizes!

Era bem verdade, e nem Hod, nem Gumi, nem eu tínhamos cartuchos com bala!

Demais, não teríamos tempo para carregar as armas.

Dez segundos depois de soltar o rugido, o animal saltava rapidamente da espessura e caía num só pulo a vinte passos, na estrada.

Era um magnífico tigre, da espécie a que os indianos chamam devoradores de homens, ferozes carnívoros, cujas vítimas se contam anualmente aos centos.

Era terrível a situação.

Eu olhava para o tigre, devorava-o com os olhos, a espingarda tremia-me na mão, confesso.

Media nove a dez pés de comprimento, era cor de laranja, listrado de riscas brancas e pretas.

Também olhava para nós. Os seus olhos de gato flamejavam na escuridão. Varria febrilmente o solo com a cauda. Rojava-se e encolhia-se como para formar salto.

Hod nada perdera do seu sangue-frio.

Conservava o animal em mira e murmurava num tom impossível de reproduzir:

– Chumbo de perdizes. Fulminar um tigre com chumbo de perdizes! Se não lhe atiro à queima-roupa, nos olhos, estamos...

Não pôde concluir. O tigre avançava, não aos pulos, mas com um passo miúdo.

Gumi, agachado atrás, também lhe fazia pontaria, mas a sua espingarda só tinha chumbo miúdo. A minha nem carregada estava!

Nenhum de nós se mexia.

O tigre avançava lentamente. Já não movia a cabeça, que ele havia pouco balouçava. Olhava fixamente, mas como que debaixo para cima.

Parecia aspirar as emanções do solo, com as fauces entreabertas e quase de rojo.

Quis tirar uma carga da cartucheira.

– Nem um movimento – segredou-me o capitão. – O tigre dava um salto, e é preciso que o não faça!

Dali a nada a fera já estava só a dez passos do capitão.

Hod, muito firme nas pernas, imóvel como uma estátua, concentrava toda a sua vida no olhar.

A formidável luta que se preparava, e de onde nenhum de nós ia talvez sair vivo, não lhe fazia decerto bater o coração mais rapidamente.

Julguei naquele momento que o tigre ia afinal saltar.

Deu mais cinco passos. Foi-me precisa toda a minha energia para não gritar ao capitão Hod:

- Mas atire! Atire!

– Não! – O capitão dissera e era evidentemente o único meio de salvação que era forçoso acertar nos olhos do animal; mas, para isso, era preciso desfechar à queima-roupa.

O tigre deu mais três passos e ergueu-se para saltar...

Soou uma violenta detonação, que logo foi seguida de outra.

A segunda detonação produzira-se mesmo no corpo do animal, que, depois de três ou quatro convulsões e rugidos de dor, caiu inanimado no solo.

Prodígio! - exclamou o capitão Hod. - Tinha então a espingarda carregada com bala, e bala explosiva! Ah! desta vez obrigado, Fox, obrigado!

– Pois será possível! - exclamei.

– Veja!

E, descansando a arma, o capitão Hod tirou o cartucho do cano esquerdo.

– Era um cartucho com bala.

Tudo se explicava.

O capitão Hod tinha uma carabina de dois canos e uma espingarda igualmente de dois canos, ambas do mesmo calibre. Ao mesmo tempo que Fox, por engano, carregara a carabina com os cartuchos de chumbo, carregara a espingarda com os cartuchos de bala explosiva. Se na véspera o engano salvara a vida ao leopardo, hoje salvou-nos a vida a nós.

Nunca observou o capitão Hod me vi tão perto da morte

Meia hora depois voltávamos ao acampamento. Hod fazia comparecer Fox à sua presença e contava-lhe o que se passara.

– Meu capitão redarguiu Fox -, prova isso que, em lugar de dois dias de prisão, merecia quatro, porque me enganei duas vezes!

– É essa a minha opinião – volveu o capitão Hod; – mas visto que o teu engano me fez apanhar o meu quadragésimo primeiro bicho, é também minha opinião que te devo oferecer este guinéu...

– Que me apresso a aceitar e a agradecer respondeu Fox, metendo o dinheiro na algibeira.

Tais foram os incidentes que caracterizaram o encontro do capitão Hod e do seu tigre número quarenta e um.

No dia 12 de Junho, à tarde, parava o nosso comboio junto de um lugarejo pouco importante, e no dia seguinte tornávamos a pôr-nos a caminho para transpor os cento e cinquenta quilómetros que ainda nos separavam das montanhas do Nepal.

Capítulo XIV



Um Contra Três

Mais alguns dias e íamos, finalmente, subir as primeiras rampas daquelas regiões setentrionais da Índia, que, de planura em planura, de colina em colina, de montanha em montanha, atingem as mais elevadas altitudes do Globo.

Até então o solo apresentara uma desnivelação insensível, o seu declive mal se conhecia, e o nosso Gigante de Aço nem parecia dar por ele.

O tempo estava tempestuoso, chuvoso principalmente, mas a temperatura mantinha-se numa média suportável. Os caminhos ainda não estavam maus, e resistiam bem às grandes cambas das rodas, apesar do enorme peso dos veículos.

Quando se encontrava algum barranco mais profundo, um quarto de volta nas válvulas de introdução acrescentava instantaneamente à sua força efectiva algumas dúzias de cavalos-vapor.

Até aqui não tínhamos senão razões para nos congratularmos, tanto por este género de locomoção como pelo motor que Banks adoptara e pelo conforto das nossas casas rolantes, que nos proporcionavam continuamente horizontes novos, que sem cessar se modificavam aos nossos olhos.

Efectivamente, já não tínhamos diante de nós a planície infinita que se estende desde o vale do Ganges até aos territórios do Ude e do Rohilkhande.

Os cumes do Himalaia formavam ao norte uma gigantesca muralha, contra a qual vinham esbarrar as nuvens impelidas pelo vento do sudoeste.

Ainda não era possível divisar perfeitamente o pitoresco perfil de uma cadeia que se recortava a uma altura média de oito mil metros acima do nível do mar; mas nas proximidades da fronteira do Tibete o aspecto da região tornava-se mais selvática, e os juncais invadiam o solo, com sacrifício dos campos cultivados.

Por isso a flora desta parte do território indiano já não era a mesma.

As palmeiras haviam desaparecido para dar lugar às magníficas bananeiras, às mangueiras copadas, que forneciam o melhor fruto da Índia, e principalmente aos grupos de bambus, cujos ramos formavam um feixe que chegava à altura de cem pés.

Também se encontravam magnólias, de grandes flores, que embalsamavam o ar com penetrantes perfumes, bordos magníficos, carvalhos de várias espécies, castanheiros com frutos eriçados de espinhos como os oiriços-do-mar, árvores de cauchu, cuja seiva corria pelas suas veias entreabertas, pinheiros de folhas enormes da espécie dos *pendanus*, e, de tamanho mais modesto, de cores mais brilhantes, gerânios, rododendros, loureiros dispostos em alegretes à beira dos caminhos.

Algumas aldeias com choupanas de palha ou de bambus, dois ou três estabelecimentos agrícolas perdidos no meio de grandes árvores, ainda apareciam, porém já separados por maior número de milhas. A população diminuía à aproximação das terras elevadas.

Sobre estas vastas paisagens, como fundo do quadro, desdobrava-se agora um céu pardacento e enevoadado.

Acrescentarei até que a chuva caía em fortes bâtegas.

Durante quatro dias, de 13 a 17 de Junho, não tivemos nem meio dia de bom tempo. Por isso víamos-nos obrigados a conservar-nos no salão da <<Steam House>>, víamo-nos precisados de entreter as longas horas como se faz numa habitação sedentária, fumando, conversando, jogando o *whist*.

Entretanto as espingardas jaziam para um canto, com grande dissabor do capitão Hod; porém, dois chelemes, que fez numa só noite, restituíram-lhe de pronto o habitual bom humor.

Pode-se sempre matar um tigre disse ele -, não se pode fazer sempre um cheleme!

Não havia que responder a proposição tão justa e formulada com tanta nitidez.

No dia 17 de Junho o acampamento estabeleceu-se junto de um *semi*, nome que se dá aos *bungalows* reservados especialmente aos viajantes.

O tempo aclarara um pouco, e o Gigante de Aço, que rudemente trabalhara durante aqueles quatro dias, reclamava, senão algum repouso, pelo menos alguns cuidados.

Concordou-se por isso em passarmos a tarde e a noite seguinte naquele lugar.

O *serai* é o caravansará, a estalagem pública das estradas da península, um quadrilátero composto de edifícios pouco elevados, rodeando um pátio interior, que lhe dá um aspecto inteiramente oriental.

No *serai* funciona um pessoal especialmente destinado ao serviço interior, o *bhisti*, ou o portador de água, o cozinheiro, essa providência dos viajantes que, pouco exigentes, sabem contentar-se com ovos e frangos, e o *khansama*, isto é, o fornecedor dos víveres, com o qual se pode tratar directamente e na maior parte das vezes por preços razoáveis.

O guarda do *serai*, o peão, é simplesmente um agente da respeitável Companhia, à qual pertencem a maior parte destes estabelecimentos, e que os faz inspeccionar pelo engenheiro-chefe do distrito.

Adopta-se ali um costume que, apesar de bastante singular, não deixa de ser mantido com o maior rigor. Todo o viajante pode ocupar o *serai* durante vinte e quatro horas; dado o caso que nele queira

residir mais tempo, precisa para isso de uma licença do inspector. Faltando esta autorização, o primeiro que chegue, inglês ou indiano, pode exigir que lhe cedam o lugar.

É escusado dizer que, assim que chegámos, o Gigante de Aço produziu o seu efeito habitual, isto é, tornou-se muito reparado, talvez mesmo invejado.

Devo, porém, afirmar que os hóspedes actuais do *serai* o contemplaram com uma espécie de desdém muito afectado para ser real.

É verdade que não tratávamos com simples mortais que viajassem para comerciar ou para se divertir. Não estava ali nenhum oficial inglês que se dirigisse aos acantonamentos da fronteira do Nepal, nem nenhum mercador indiano conduzindo a sua caravana para as estepes do Afeganistão, para além de Lahore ou de Peshawar.

Era nada menos que o príncipe Guru Singh em pessoa, filho de um rajá independente do Guzarate, rajá também, e que viajava com grande magnificência no norte da península indiana.

Ocupava não só as três ou quatro salas do *serai*, mas também todas as dependências, que tinham sido acomodadas para alojamento da sua comitiva.

Não tinha ainda visto nenhum rajá em viagem. Por isso, logo que preparámos tudo para a nossa paragem, quase a um quarto de milha do *serai*, num sítio encantador, na margem de um pequeno ribeiro e ao abrigo de magníficos *pendanus*, fui, em companhia do capitão Hod e de Banks, visitar o acampamento do príncipe Guru Singh.

O filho de um rajá, que muda de local, não o faz sozinho. Longe disso!

Se há no mundo criaturas que eu não invejo são decerto aquelas que não podem mexer uma perna nem dar um passo sem pôr imediatamente em movimento alguns centos de indivíduos.

Mais vale ser simples peão, de mala às costas, bordão na mão, espingarda ao ombro, do que príncipe nas índias, com todo o cerimonial que a sua posição lhe impõe.

– Não é um homem que vai de uma cidade para a outra disse-me Banks -, é uma aldeia inteira que modifica as suas coordenadas geográficas!

– Prefiro a «Steam House» – redargui eu, – e não me trocava por esse filho de rajá!

– E quem sabe – retorquiu o capitão Hod – se esse príncipe não preferiria a nossa casa ambulante a toda essa incómoda equipagem de jornada!

– Basta dizer uma palavra – exclamou Banks – e fabrico-lhe um palácio a vapor, contanto que o pague!

– Mas enquanto ele não faz a encomenda, vejamos um pouco este acampamento, se é que vale a pena.

Não compreendia menos de quinhentas pessoas a comitiva do príncipe.

Fora, debaixo das grandes árvores da planície, havia duzentos carros, colocados simetricamente, como as barracas de um vasto acampamento.

Uns eram puxados por zebus, outros por búfalos, sem falar em três soberbos elefantes, que tinham sobre o dorso palanquins da maior riqueza, e uns vinte camelos, oriundos das regiões a oeste da Índia, que se arreiam à Daumont.

Nada faltava nesta caravana, nem os músicos que deleitavam os ouvidos de Sua Alteza, nem as bailadeiras que lhe encantavam os olhos, nem os pelotiqueiros que lhe entretinham as horas vagas.

Trezentos condutores e duzentos alabardeiros completavam aquele pessoal, cujos soldos esgotariam qualquer bolsa que não fosse a de um rajá independente da Índia.

Os músicos eram tocadores de tamboril, de címbalo, de tanta, pertencentes à escola que substitui os sons pelos ruídos; depois,

arranhadores de guitarra e de violas de quatro cordas, cujos instrumentos não tinham nunca passado pelas mãos do afinador.

Entre os pelotiqueiros havia alguns *sapwallahs*, ou encantadores de serpentes, que atraem ou afugentam as serpentes com os seus encantamentos; *nutuis*, muito hábeis no exercício do sabre; acrobatas, que dançavam na corda bamba, com uma pirâmide de vasos de barro na cabeça e chifres de búfalos nos pés; e, ainda, prestidigitadores, que têm o talento de transformar em peçonhentas cobras velhas peles de serpente, ou vice-versa, à vontade do espectador.

Quanto às bailadeiras, pertenciam à classe dessas lindas *boundelis*, tão procuradas para as *nautchs* ou *soirees*, nas quais desempenham o papel duplo de cantoras e dançarinas. Vestidas com muita decência, umas de musselina bordada a ouro, outras de saias de pregas e com faixas que elas fazem ondular nos passes, estas bailarinas estavam enfeitadas com ricas jóias, braceletes preciosos nos braços, do príncipe, tornou-se-me impossível verificar se ele tinha razão.

No dia seguinte, 18 de Junho, achava-se tudo preparado para nos pormos a caminho ao romper da manhã.

Às cinco horas, Kalouth começou a acender as fornalhas.

O elefante, que fora desatrelado, estava a cinquenta passos dos veículos, e o maquinista ocupava-se em renovar a provisão da água.

Nós passeávamos, entretanto, pela margem do ribeiro.

Quarenta minutos depois, a caldeira achava-se em pressão suficiente, e Storr ia principiar a recuar quando se aproximou um grupo de indianos.

Eram cinco ou seis, ricamente trajados, de vestes brancas, túnicas de seda, turbantes com bordados de ouro.

Acompanhava-os uma dúzia de guardas, armados de mosquetes e de sabres. Um dos soldados trazia uma coroa de folhas verdes, o

que indicava a presença de alguma personagem importante.

Efectivamente a personagem importante era o príncipe Guru Singh em pessoa, homem de seus trinta e cinco anos, aspecto altivo, tipo menos mal acabado dos rajás legendários, em cujas feições se encontrava o característico marata.

O príncipe não se dignou, sequer, notar a nossa presença. Deu alguns passos em frente e chegou-se ao gigantesco elefante que a mão de Storr ia pôr em marcha.

Depois de o examinar, não sem alguma curiosidade, apesar de nada querer manifestar no rosto, perguntou a Storr:

– Quem fez esta máquina?

O maquinista indicou o engenheiro, que se nos reunira e se conservava a alguma distância.

O príncipe Guru Singh exprimia-se muito facilmente em inglês e, voltando-se para Banks, perguntou-lhe em voz quase imperceptível:

– Foi o senhor que...?

– Fui eu que... – respondeu Banks.

– Disseram-me que tinha sido um capricho do falecido rajá de Bouthan?

Banks fez com a cabeça um sinal afirmativo.

– Mas para que serve – volveu Sua Alteza, encolhendo os ombros indelicadamente -, para que serve uma pessoa fazer-se conduzir por uma máquina, tendo elefantes de carne e osso ao seu serviço?

– É que provavelmente – respondeu Banks – este elefante é mais forte que todos os elefantes de que o defunto rajá fazia uso.

– Oh! exclamou Guru Singh, estendendo desdenhosamente os lábios. Mais forte...!

– MUITÍSSIMO mais! retrucou Banks.

– Nenhum dos elefantes de Vossa Alteza seria capaz de fazer mexer um pé a este elefante se ele não o quisesse mexer-disse então o

capitão, a quem os modos do rajá desagradavam soberanamente.

– Diz que...? soltou o príncipe.

– Afirma um meu amigo – replicou o engenheiro – e eu afirmo com ele, que este animal artificial poderia resistir à tracção de dez parelhas de cavalos, e que os seus três elefantes, atrelados juntos, não conseguiriam fazê-lo recuar um passo!

– Nessa é que eu não creio – redarguiu o príncipe.

– Pois faz mal em não acreditar no que dizemos –olveu o capitão Hod.

– E quando Vossa Alteza quiser pagá-lo pelo seu valor – acrescentou Banks, – comprometo-me a fornecer-lhe um que terá a força de vinte elefantes escolhidos entre os melhores das suas estrebarias.

– Essas coisas dizem-se... – replicou Guru Singh muito secamente.

– E fazem-se tornou Banks.

O príncipe principiava a amuar-se. Via-se que não tolerava facilmente a contradição.

– Podia-se fazer aqui mesmo a experiência – sugeriu ele – depois de um momento de reflexão.

– Pode-se – confirmou o engenheiro.

– E também – acrescentou o príncipe Guru Singh – fazer dessa experiência o objecto de uma aposta considerável, salvo se recuar diante do receio de perder, como recuaria decerto o seu elefante, se tivesse de lutar com os meus!

– O Gigante de Aço recuar! – exclamou o capitão Hod. – Quem se atreve a sustentar que o Gigante de Aço recuaria?

– Eu – respondeu Guru Singh.

– E o que apostava Vossa Alteza? – perguntou o engenheiro, cruzando os braços.

– Quatro mil rupias – respondeu o príncipe, – se tem quatro mil rupias para perder!

Eram quase dez mil francos. O bolo era considerável, e via-se bem que Banks, apesar da sua boa vontade, não estava para arriscar uma tal quantia.

O capitão Hod, esse, apostaria o dobro, se lho permitisse o modesto soldo.

– Recusa! - disse então Sua Alteza, para quem quatro mil rupias representavam o preço de um passageiro capricho. Receia arriscar quatro mil rupias?

– Aceito! disse o coronel Munro, que acabava de se aproximar e intervinha com esta simples palavra, que tinha seu valor.

– O coronel Munro aposta quatro mil rupias? – perguntou o príncipe Guru Singh.

– E até dez mil – respondeu Sir Edward Munro -, se convém a Vossa Alteza.

– Como quiser...retorquiu Guru Singh.

Em verdade, o caso tornava-se interessante.

O engenheiro apertara a mão do coronel, como para lhe agradecer o não o ter deixado humilhado diante daquele desdenhoso rajá, mas as sobrancelhas contraíram-se-lhe por um momento, e perguntei a mim mesmo se ele não presumira demasiado da força da sua máquina.

O capitão Hod estava radiante, esfregava as mãos e, avançando para o elefante, exclamou:

– Sentido, Gigante de Aço! Trata-se de trabalhar pela honra da nossa velha Inglaterra!

Toda a nossa gente formara a um lado da estrada.

Uns cem indianos tinham largado do acampamento do *serai* e corriam a assistir à luta que se preparava.

Banks deixara-nos para subir à torre e colocara-se ao lado de Storr, que, por meio de uma tiragem artificial, aticava a fornalha, que

lançava um jacto de vapor pela tromba do elefante.

A um sinal do príncipe Guru Singh, alguns dos seus servidores foram ao *serai*, e trouxeram os três elefantes, desembaraçados de todos os seus arreios de viagem.

Eram três soberbos animais de Bengala e de tamanho superior ao dos seus congéneres da Índia meridional. Os valentes bichos, em todo o vigor da idade, não deixavam de me inspirar algum receio.

Os *mahuts*, escarranchados nos enormes pescoços dos paquidermes, dirigiam-nos com a mão e excitavam-nos com a voz.

Quando os elefantes passaram por diante de Sua Alteza, o maior dos três, um verdadeiro gigante da espécie, parou, dobrou os joelhos, levantou a tromba e cumprimentou o príncipe como cortesão bem-educado que era.

Depois chegou-se com os dois companheiros ao Gigante de Aço, parecendo olhar para ele com uma admiração misturada com algum medo.

Confesso que o coração me batia. O capitão Hod devorava o bigode e não podia parar.

Quanto ao coronel Munro, conservava-se tranquilo, direi até mais tranquilo que o príncipe Guru Singh.

– Estamos prontos disse o engenheiro. Quando Sua Alteza quiser...

– Quero já – respondeu o príncipe.

Guru Singh fez um sinal, os *mahuts* soltaram um assobio particular, e os três elefantes, escachando as poderosas pernas sobre o solo, puxaram com perfeita combinação.

A máquina começou a recuar.

Soltei um grito. Hod bateu com o pé.

– Trava as rodas! – disse o engenheiro simplesmente, – voltando-se para o maquinista.

E com um movimento rápido, que foi seguido de um assobio de vapor, o freio atmosférico foi aplicado instantaneamente.

O Gigante de Aço parou, e não se moveu mais.

Os *mahuts* incitaram os três elefantes, que, retesados os músculos, fizeram novo esforço.

Foi inútil. O nosso elefante parecia ter-se enraizado no solo.

O príncipe Guru Singh mordeu os lábios até fazer sangue.

O capitão Hod bateu as palmas.

– Avante! – bradou Banks.

– Sim, avante! – repetiu o capitão.

Abriu-se todo o regulador, da tromba saíram, umas atrás das outras, grandes volutas de vapor, as rodas, desentrvadas, giraram lentamente, mordendo o macadame da estrada, e eis os nossos três elefantes, apesar da sua resistência formidável, arrastados de recuo, abrindo no solo profundos trilhos.

– *Go ahead! Go ahead!* – berrava o capitão Hod.

E continuando o Gigante de Aço em frente, os três enormes animais caíram de lado, e foram arrastados durante uns vinte passos, sem que o nosso elefante parecesse sequer dar por isso.

– Hurra! Hurra! Hurra! – gritava o capitão Hod, que não era senhor de si. Pode-se juntar aos seus elefantes todo o *serai* de Sua Alteza! Tudo isso será uma pena para o nosso Gigante de Aço.

O coronel Munro fez um sinal com a mão. Banks fechou o regulador, e o aparelho parou.

Nada mais deplorável “do que ver os três elefantes de Sua Alteza, com a tromba em desatino, as patas para o ar, agitando-se como escaravelhos gigantescos deitados de costas.

Quanto ao príncipe, não menos irritado que vexado, retirara-se, sem esperar sequer pelo fim da experiência.

Foram então desatrelados os três elefantes.

Levantaram-se, muito visivelmente humilhados com a sua derrota.

Quando tornaram a passar pela frente do Gigante de Aço, o maior, a despeito do seu cornaca, não pôde deixar de dobrar o joelho e de cumprimentar com a tromba, como fizera diante do príncipe Guru Singh.

Um quarto de hora depois, um indiano, o *kamdar* ou secretário de Sua Alteza, chegava ao nosso acampamento e entregava ao coronel um saco que continha dez mil rupias, o preço da aposta perdida.

O coronel Munro pegou no saco e atirou com ele desdenhosamente, dizendo:

– Para a gente de Sua Alteza!

Em seguida, dirigiu-se tranquilamente para a «Steam House».

Não era possível ensinar melhor o príncipe arrogante, que tão desdenhosamente nos provocara.

Atrelado o Gigante de Aço, Banks deu logo sinal de partida, e, no meio de uma enorme multidão de indianos maravilhados, o nosso comboio abalou com grande velocidade.

Foi saudado em altos gritos na passagem, e daí a pouco perdemos de vista, numa curva da estrada, o *serai* do príncipe Guru Singh.

No dia seguinte, a «Steam House» começou a elevar-se pelos primeiros declives que ligam a planície à base da fronteira do Himalaia.

Esta subida foi um brinquedo para o nosso Gigante de Aço, ao qual os oitenta cavalos encerrados nos seus flancos tinham permitido lutar sem dificuldade contra os três elefantes do príncipe Guru Singh. O Gigante meteu-se por isso facilmente pelas íngremes estradas desta região, sem que fosse necessário exceder a pressão normal do vapor.

Era na verdade um espectáculo curioso ver o colosso, vomitando jactos de faíscas, arrastar com silvos menos precipitados, mas mais

extensos, os dois carros que se elevavam pela faixa das estradas.

A camba raiada das rodas estriava o solo, o qual, escavando-se, rangia.

O nosso pesado animal, devemos confessá-lo, deixava após si profundos sulcos e estragava a estrada, já encharcada pelas chuvas torrenciais.

Em todo o caso, a «Steam House» ia subindo, o panorama dilatava-se na nossa retaguarda, a planície baixava, e para o sul, o horizonte, alargando-se em mais vasto perímetro, distanciava-se a perder de vista.

O efeito tornava-se ainda mais sensível quando a estrada se embrenhava durante horas por baixo das árvores de espessa floresta. Então, ao abrir-se alguma vasta clareira como janela imensa, sobre o dorso da montanha, o comboio parava, por um instante, se algum húmido nevoeiro escurecia a paisagem, ou por espaço de meio dia, se esta se delineava mais nitidamente aos nossos olhos.

Nessas ocasiões íamos os quatro encostar-nos à varanda de trás, e ficávamos muito tempo a contemplar o magnífico panorama que se desenrolava a nossos olhos.

Esta ascensão, cortada de paragens mais ou menos prolongadas, interrompida pelos acampamentos da noite, não durou menos de sete dias, de 19 a 25 de Junho.

– Com um pouco de paciência subiríamos até aos últimos cumes do Himalaia! – dizia o capitão Hod.

– Nem tanta ambição, capitão Hod – redarguiu-lhe o engenheiro.

– Ele era capaz de o fazer, Banks!

– Sim, Hod, era capaz se não viesse a faltar-lhe a estrada praticável, e se levasse combustível, que lhe havia de faltar através das geleiras, e também ar respirável, que lhe faltaria a duas mil toesas de altura. Mas não precisamos de transpor a zona habitável do Himalaia. Quando o Gigante de Aço alcançar a altitude média dos

sanitarium, deter-se-á em algum ponto agradável, à beira de uma floresta alpestre, em meio de uma atmosfera refrescada pelas correntes superiores do espaço. O nosso amigo Munro terá transportado o seu *bungalow* de Calcutá para as montanhas do Nepal, e aí nos conservaremos tanto tempo quanto quisermos.

O local onde devíamos acampar durante alguns meses encontrámo-lo, felizmente, no dia 25 de Junho.

Havia quarenta e oito horas que a estrada se tornava cada vez menos praticável, ou porque estivesse mal construída, ou porque as chuvas tivessem cavado nela profundos barrancos.

O Gigante de Aço teve ali maior tiragem, e saiu-se da dificuldade devorando um pouco mais de combustível.

Alguns bocados de lenha, acrescentados à fornalha de Kalouth, era quanto bastava para aumentar a pressão do vapor.

Porém, nunca foi preciso carregar as válvulas, as quais só deixavam escapar o fluido sob uma tensão de sete atmosferas, tensão que não foi excedida.

Havia quarenta e oito horas que também o nosso trem se aventurava por um território quase deserto.

Já não se encontravam vilas nem aldeias.

Mal se nos deparava, às vezes, alguma habitação isolada, ou alguma fazenda perdida no meio dos extensos pinheirais que erijam o dorso meridional dos contrafortes.

Somente por três ou quatro vezes é que encontrámos alguns montanheses, que nos saudaram com as suas interjeições admirativas. Ao verem aquele aparelho maravilhoso elevar-se na montanha, não deveriam crer que Brama tivesse a fantasia de transportar um pagode inteiro para alguma altura inacessível da fronteira do Nepal?

Afinal, no dia 25 de Junho, Banks pela última vez nos arremessou esta palavra: Alto!, que terminava a primeira parte da nossa viagem

na Índia setentrional.

O trem parou no meio de uma vasta clareira, junto de uma torrente, cuja água límpida devia ocorrer a todas as necessidades de um acampamento de alguns meses.

Dali o olhar podia abraçar a planície no perímetro de cinquenta a sessenta milhas.

A «Steam House» achava-se então a trezentas e vinte e cinco léguas do seu ponto de partida, quase a dois mil metros acima do nível do mar e junto à base do Davalaghiri, cujo cimo se perdia nos ares a vinte e cinco mil pés de altura.

Capítulo XV



O «Pal» de Tandit

É preciso abandonar por um instante o coronel Munro e do mesmo modo os seus companheiros, o engenheiro Banks, o capitão Hod, o francês Maucler, e interromper por espaço de algumas páginas a narrativa desta viagem, cuja primeira parte, compreendendo o itinerário de Calcutá à fronteira indochinesa, termina na base das montanhas do Tibete.

Não deve ter esquecido ainda o incidente que assinalou a passagem da «Steam House» por Allahabad.

Um número do jornal daquela cidade, datado de 25 de Maio, informava o coronel Munro da morte de Nana Sahib.

Esta nova, muitas vezes espalhada, sempre desmentida, seria verdadeira desta vez?

Em vista de tão precisas informações, poderia Sir Edward Munro duvidar ainda? Não deveria, finalmente, renunciar à intenção de fazer por suas próprias mãos justiça ao rebelde de 1857?

É o que se há-de avaliar.

Eis o que se passara depois daquela noite de 7 para 8 de Março, durante a qual Nana Sahib, acompanhado de Balão Rao, seu irmão, escoltado pelos seus mais fiéis companheiros de armas e seguido do indiano Kalagani, deixara as cavernas de Adjuntah.

Sessenta horas depois, o nababo chegava aos estreitos desfiladeiros dos montes Sautpurra, depois de atravessar o Tapi, que vai desaguar na costa ocidental da península, junto de Surate. Achava-se então a cem milhas de Adjuatab, numa parte pouco frequentada da província, o que por então lhe garantia alguma segurança.

O local era bem escolhido.

Os montes Sautpurra, de altura medíocre, dominam ao sul a bacia de Nerbudda, cujo limite setentrional é coroado pelos montes Vindhya.

Estas duas cordilheiras correm paralelas uma à outra, enredam as suas ramificações e formam, nesta região acidentada, esconderijos difíceis de descobrir.

Mas se os Vindhya, na latitude vinte e três graus, cortam a Índia em quase toda a sua extensão de ocidente para oriente, formando um dos grandes lagos do triângulo central da península, não sucede o mesmo com os Sautpurra, que não passam além da longitude de setenta e cinco graus e vêm ligar-se neste ponto ao monte Kaligong.

Nana Sahib achava-se à entrada da província dos Gunds, terríveis tribos de antiga raça, imperfeitamente submetidas, que ele queria impelir à revolta.

Um território de duzentas milhas quadradas, uma população de mais de três milhões de habitantes, tal é o distrito do Gudwana, cujos habitantes Rousselet considera autóctones e onde os fermentos de rebelião estão sempre prestes a levedar.

É uma importante parcela do Indostão, e, para dizer a verdade, só nominalmente se acha sob o domínio inglês.

O caminho de ferro de Bombaim a Allahabad atravessa efectivamente este distrito de sudoeste a nordeste, lança até um ramal que chega ao centro da província de Nagpore, mas a despeito de tudo isto as tribos têm-se conservado selvagens, refractárias a toda a ideia de civilização, impacientes contra o jugo europeu e, portanto, muito difíceis de submeter no interior das suas montanhas, e Nana Sahib não ignorava estas circunstâncias.

Foi por isso que ele quis ali procurar asilo enquanto não soava a hora de provocar o movimento insurreccional.

Se o nababo conseguisse o que queria, se os Gunds se levantassem à sua voz e marchassem após ele, a revolta poderia rapidamente

tomar considerável extensão.

Efectivamente, ao norte do Gudwana fica o Bundelkund, que compreende toda a região montanhosa situada entre o planalto superior dos Vindhya e o importante rio Jumna.

Neste território, coberto, ou melhor dizendo, erigido das mais belas florestas virgens do Indostão, vive um povo de bundelas, traiçoeiro e cruel, entre o qual todos os criminosos, políticos ou não, procuram e acham facilmente refúgio; acumula-se uma população de dois milhões e meio de habitantes numa superfície de vinte e oito mil quilómetros quadrados, continuam na barbárie as províncias, e vivem ainda os velhos partidários que lutaram sob o mando de Tipu Sahib contra os invasores. Foi neste distrito que nasceram os célebres estranguladores *thugs*, que por tanto tempo foram o terror da Índia, os mesmos fanáticos que, sem nunca derramarem sangue, fizeram inúmeras vítimas; nele os bandos de Pindarris exerceram quase impunemente as mais odiosas carnificinas e pululam ainda os terríveis *dacoits*, seita de envenenadores, que seguem as pegadas dos *thugs*; fora ali, em suma, que se refugiara o próprio Nana Sahib, depois de escapar às tropas reais, senhoras de Jansie, e que transviara todas as pesquisas antes de ir pedir asilo mais seguro aos inacessíveis esconderijos da fronteira indochinesa.

A leste do Gudwana fica o Kondistão, ou reino dos Khunds. Assim se chamam os ferozes sectários de Tado Pennor, o deus da Terra, e de Maunk Soro, o deus vermelho dos combates, esses sanguinários adeptos dos *meriahs*, ou sacrifícios humanos, que aos Ingleses tanto custa a exterminar, esses selvagens dignos de serem comparados aos naturais das ilhas mais bárbaras da Polinésia, contra os quais, de 1840 a 1854, o major-general John Campbell, os capitães Macpherson, Macviccar e Frye empreenderam penosas e longas expedições fanáticas capazes de tudo quando, sob qualquer pretexto religioso, pulso vigoroso os impelisse.

A oeste do Gudwana fica um território de um milhão e quinhentas a dois milhões de almas, ocupado pelos Bhils, poderosos outrora no Malwa e no Rajastão, divididos agora em clãs, espalhados por toda a

região dos Vindhya, quase sempre embriagados com a aguardente que a árvore de *mhowah* lhes fornece, mas valentes, atrevidos, robustos, ágeis, e ouvido sempre à escuta do *kisri*, que é o seu grito de guerra e de roubo.

Como se vê, Nana Sahib fizera uma boa escolha. Nesta região central da península, em lugar de uma simples insurreição militar, esperava desta vez promover um movimento nacional, em que tomariam parte todos os indianos da costa.

Antes, porém, de empreender qualquer coisa, convinha estabelecer-se no distrito, a fim de exercer sobre as populações influência eficaz e na proporção que as circunstâncias lhe permitissem.

Portanto, precisava de encontrar um asilo seguro, embora momentâneo, ainda que tivesse de o abandonar, por esse asilo se tornar suspeito.

Foi este o primeiro cuidado de Nana Sahib.

Os indianos que o haviam seguido desde Adjuntah podiam livremente percorrer toda a presidência. Balão Rao, se não fosse a sua semelhança com o irmão, também poderia gozar da imunidade, porque a ele não se referia a ordem do governador.

Desde a sua fuga até à fronteira do Nepal, a atenção não convergia nunca sobre a sua pessoa, e havia toda a razão para o julgarem morto; mas se o tomassem por Nana Sahib, seria preso, o que era necessário evitar a todo o custo.

Para estes dois irmãos, unidos no mesmo pensamento, trabalhando para o mesmo fim, era necessário portanto um mesmo asilo.

Não devia ser demorado nem difícil encontrá-lo nos desfiladeiros dos montes Sautpurra.

Efectivamente, logo lho indicou um dos indianos da comitiva, um *gund*, que conhecia o vale até nos seus mais profundos refúgios.

Na margem direita de um pequeno afluente do Nerbudda achava-se um *pai* abandonado, chamado o *pai* de Tandit.

O *pai* é menos que uma vila, apenas um lugarejo, um grupo de cabanas, e até muitas vezes uma habitação isolada. A família nómada que o ocupa vem ali estabelecer-se temporariamente.

Depois de queimar algumas árvores, cujas cinzas vivificam o solo durante uma certa estação, o *gund* e os seus construíram a sua morada. Mas como o território nada tem de seguro, a casa tomou aparência de fortaleza. Rodeia-se de uma paliçada, e pode defender-se de uma surpresa. Oculta, além disso, em alguma espessura, sepultada, por assim dizer, sob latada de cactos e de moitas, não é fácil descobri-la.

A maior parte das vezes, o *pai* coroa algum montículo, no reverso de estreito vale, entre dois botaréis escarpados, no meio de impenetráveis bosques.

Não parece que tenham podido procurar ali refúgio criaturas humanas. Estradas que lá conduzam, nenhuma; caminhos que lhe dêem acesso, não se vê sinal nenhum de que existam. Para lá chegar, é preciso algumas vezes subir o leito cheio de barrancos de uma torrente, cuja água apaga depois todo o vestígio. Quem o percorre não deixa sinal de que por ali passasse.

Na estação quente a água dá pelo tornozelo, na estação fria, pelo joelho. Depois, uma avalanche de rochas, que uma criança era capaz de fazer desabar, esmagaria qualquer que tentasse chegar ao *pai* contra vontade dos seus moradores.

Mas, por muito isolados que estivessem nos seus ninhos inacessíveis, os *gunds* podiam rapidamente comunicar de uns *pais* para os outros. Dos píncaros desiguais dos Sautpurra, os sinais transmitem-se numa extensão de vinte léguas dentro de alguns minutos.

Uma fogueira no cimo de algum rochedo, uma árvore transformada em gigantesco archote, um simples penacho de fumo no cume de um contraforte, eis em que consistem os sinais.

Sabe-se o que isto significa. O inimigo, isto é, um destacamento de soldados do exército real, um grupo de agentes da polícia inglesa,

penetrou no vale, sobe o curso do rio Nerbudda, esquadrinha as gargantas da cordilheira em busca de algum malfeitor, ao qual o distrito oferece de bom grado abrigo.

O grito de guerra, tão familiar aos ouvidos dos montanhesees, torna-se um grito de alarme. Um estrangeiro confundi-lo-ia com o pio das aves nocturnas ou o sibilo dos répteis. O *gund*, porém, não se engana.

É preciso velar, ele vela; é preciso fugir, foge. Os *pais* suspeitos são abandonados, queimados até!

Estes nómadas refugiam-se noutros distritos, que também abandonam se são perseguidos de muito perto, e nos terrenos cobertos de cinzas os agentes das autoridades apenas encontram ruínas.

Fora a um destes *pais* o *pai* de Tandit que Nana Sahib e os seus tinham vindo buscar refúgio. Fora ali que logo os conduzia o fiel *gund*, dedicado à pessoa do nababo. Nele se instalaram no dia 12 de Março.

Logo que tomaram posse do *pai*, o primeiro cuidado dos dois irmãos foi passar um escrupuloso reconhecimento aos arredores.

Observaram em que direcção e a que distância o olhar podia alcançar.

Fizeram com que lhes mostrassem quais eram as habitações mais próximas e inquiriram quem eram os que as ocupavam.

A posição do píncaro isolado onde assentava o *pai* de Tandit, em meio de uma espessura, foi por eles estudada, e convenceram-se afinal da impossibilidade de alguém lá subir sem seguir o leito de uma torrente, a torrente do Nazzur, que eles próprios acabavam de subir.

O *pai* de Tandit oferecia, pois, todas as condições de segurança, tanto mais que se elevava por cima de um subterrâneo, cujas saídas

misteriosas davam para a encosta do contraforte, e favoreciam a fuga, quando as coisas chegassem a tal extremo.

Nana Sahib e o irmão não podiam ter encontrado melhor asilo.

Não bastava porém a Balão Rao saber o que era actualmente o *pai* de Tandit, queria saber o que fora, e, enquanto o nababo visitava o interior do pequeno forte, continuava a interrogar o *gund*.

– Ainda mais algumas perguntas disse. Há quanto tempo foi abandonado este *pai*?

– Há mais de um ano respondeu o *gund*.

– Quem morava nele?

– Uma família vagabunda, que aqui esteve alguns meses.

– Porque o abandonaram?

– Porque o solo não os podia sustentar.

– E, depois que se foram, ninguém procurou aqui refúgio, que tu saibas?

– Ninguém

– Nem nenhum soldado do exército real, nenhum agente da polícia pôs pé neste *pai*?

– Nunca.

– Nenhum... estrangeiro o visitou?

– Nenhum... – respondeu o *gund* – salvo uma mulher.

– Uma mulher – redarguiu Balão Rao, com vivacidade.

– Sim, uma mulher, que há três anos vagueia pelo vale do Nerbudda.

– Quem é?

– Ignoro – respondeu o *gund*. – Onde veio também não o posso dizer, e em todo o vale ninguém sabe mais do que eu a tal respeito! É uma estrangeira? Uma indiana? Nunca se pôde saber!

Balão Rao reflectiu um momento e depois perguntou:

– Que faz essa mulher?

– Anda de um lado para o outro. Vive unicamente de esmolas. Têm por ela em todo o vale uma espécie de veneração supersticiosa. Muitas vezes a recebi no meu próprio *pai*. Nunca fala. Podia-se supor que é muda, e não me admirava que o fosse. De noite vêem-na divagar com um ramo resinoso aceso. Por isso, ninguém a conhece senão pelo nome de Chama Errante.

– Mas – observou Balão Rao -, se essa mulher conhece o *pai* de Tandit, não poderá aparecer quando o ocuparmos e não teremos nada a recear dela?

– Nada – respondeu o *gund*. – Perdeu a *razão*. A sua cabeça já não funciona; os seus olhos já não vêem aquilo para que olham; os seus ouvidos já não ouvem o que escutam; a sua língua já não sabe proferir uma palavra! É como se fosse muda, cega, surda para as coisas exteriores. É, em suma, doida, e uma doida é uma criatura morta que continua a viver!

Na linguagem especial dos indianos das montanhas, o *gund* acabava de traçar o retrato de uma estranha criatura, muito conhecida no vale, a Chama Errante do Nerbudda.

Era uma mulher, cujo rosto pálido, formoso ainda, não velho, mas avelhentado, desprovido completamente de expressão, não indicava nem idade nem origem.

Dir-se-ia que os seus olhos espantados acabavam de se fechar para a vida cerebral por efeito de alguma terrível cena, que continuava a ver *interiormente*.

Os montanheses tinham acolhido benevolmente aquela criatura inofensiva e privada da razão.

Para os *gunds*, como para todas as populações selvagens, os doidos são criaturas sagradas, a quem um respeito supersticioso protege.

Em toda a parte onde se apresentava, a Chama Errante era recebida hospitaleiramente. Nenhum *pai* lhe fechava a porta.

Davam-lhe de comer quando ela tinha fome, davam-lhe cama quando caía de fadiga, sem esperarem uma palavra de

agradecimento, que a sua boca já não podia formular.

Há quanto tempo durava esta existência? Onde viera aquela mulher? Em que época aparecera no Gudwana? Era difícil responder precisamente a estas perguntas.

Porque divagava ela com um facho na mão? Era para procurar caminho? Era para fazer fugir as feras? Não se sabia.

Sucedia desaparecer meses inteiros. Para onde ia então? Deixaria os desfiladeiros dos montes Sautpurra pelas gargantas dos Vindhya? Transporia o Nerbudda e chegaria nas suas divagações até ao Malwa e ao Bundelkund? Ninguém o sabia.

Mais de uma vez, tanto se prolongou a sua ausência que se chegou a supor que tivesse tido fim a sua triste existência.

Não era assim, porque tornava a aparecer, sempre a mesma, sem que a fadiga, ou mesmo a doença, parecessem prejudicar-lhe o organismo, tão frágil na aparência.

Balão Rao escutara o indiano com extrema atenção.

Entrava em dúvida se não oferecia perigo a circunstância de ser conhecido da Chama Errante o *pai* de Tandit, onde ela já procurara refúgio, e onde o instinto a podia tornar a trazer.

Insistiu por isso neste ponto, e perguntou ao *gund* se ele ou os seus não sabiam onde a louca se achava actualmente.

– Ignoro – respondeu o *gund*. – Há mais de seis meses que ninguém a vê no vale. É possível que morresse. Mas, em suma, se ela reaparecesse e voltasse ao *pai* de Tandit, não haveria que temer da sua presença. É apenas uma estátua que vive. Não vos veria, não vos ouviria, não saberia quem sois. Fixar-se-ia no vosso lar por espaço de um ou dois dias, depois tornaria a acender o seu facho apagado, e deixar-vos-ia para tornar a divagar de casa em casa. Consiste nisto toda a sua existência. Depois, a sua ausência prolonga-se tanto desta vez que é provável que não volte. A que já estava morta de espírito deve estar morta do corpo...

Balão Rao entendeu que não devia falar deste incidente a Nana Sahib, e ele mesmo não lhe ligava dali a pouco importância alguma. Depois de chegarem ao *pai* de Tandit, não houve por espaço de um mês notícias da Chama Errante do vale do Nerbudda.

Capítulo XVI



A Chama Errante

Nana Sahib, durante um mês, de 12 de Março a 12 de Abril, manteve-se oculto no *pai*. Queria dar às autoridades inglesas o tempo de se iludirem, quer seguindo pistas falsas, quer abandonando todas as pesquisas.

Se durante o dia os dois irmãos não saíam, os seus fiéis seguidores percorriam o vale, visitavam as aldeias e os lugarejos, anunciavam em frases misteriosas a aparição de um terrível *multi*, meio deus, meio homem, e preparavam os espíritos para um levantamento nacional.

Quando a noite chegava, Nana Sahib e Balão Rao resolviam sair do seu refúgio. Aventuravam-se até às margens do Nerbudda.

Iam de aldeia em aldeia, de *pal* em *pal*, esperando pela hora em que pudessem percorrer com alguma segurança o domínio dos rajás enfeudados aos Ingleses. Demais, Nana Sahib sabia que muitos deles, mais independentes e impacientes contra o jugo estrangeiro, seguiriam a sua voz. Mas neste momento só se tratava das populações selvagens do Gudwana.

Estes *bhils* bárbaros, estes *kunds* nómadas, estes *gunds* tão pouco civilizados como os naturais das ilhas do Pacífico, encontrou-os Nana Sahib prestes a sublevarem-se, prestes a seguirem-no.

Se, por prudência, não se deu a conhecer senão a dois ou três poderosos chefes de tribo, bastou-lhe isto para lhe provar que o seu nome arrastaria milhões dos indianos que se acham espalhados sobre o planalto central do Indostão.

Quando os dois irmãos se recolhiam ao *pai* de Tandit, relatavam mutuamente o que tinham ouvido, visto e feito.

Os companheiros reuniam-se-lhes então, trazendo de todos os lados a notícia de que o espírito de revolta passava, como um vento tempestuoso, no vale do Nerbudda.

Os *gunds* não pediam outra coisa senão que os deixassem soltar o grito de guerra dos montanhesees, o *kisri*, e precipitara-se sobre os acantonamentos militares da presidência.

Esse momento não chegara ainda.

Efectivamente, não bastava que o incêndio lavrasse entre os montes Sautpurra e os Vindhya.

Era preciso que o incêndio tomasse maior desenvolvimento.

Para isso era preciso amontoar os elementos combustíveis nas províncias vizinhas do Nerbudda, que mais directamente estavam sob a autoridade inglesa.

De cada uma das cidades, das aldeias do Bhopal, do Malwa, do Bundelkund, e de todo o vasto reino de Bindia, importava fazer uma imensa fogueira, prestes a incendiar-se. Mas Nana Sahib não queria, com razão, incumbir senão a si próprio a missão de visitar os antigos partidários da insurreição de 1857, todos esses naturais que, tendo-se conservado fiéis à sua causa e não havendo mesmo acreditado na sua morte, esperavam vê-lo aparecer de um dia para o outro.

Um mês depois de chegar ao *pai* de Tandit, Nana Sahib entendeu que podia com toda a segurança pôr-se em acção. Pareceu-lhe que a notícia da sua reaparição na província tinha sido reconhecida como falsa. Vários conspiradores traziam-no ao facto de tudo quanto o governador da presidência de Bombaim fizera para se realizar a sua captura.

Sabia que durante os primeiros dias a autoridade procedera às pesquisas mais activas, mas sem resultado.

O pescador de Aurungabad, o antigo prisioneiro de Nana, caíra aos golpes do seu punhal, e ninguém pudera suspeitar que o faquir fugitivo fosse o nababo Dandu-Pant, cuja cabeça acabava de ser posta a prêmio.

Uma semana depois, os rumores extinguiram-se, os pretendentes ao prémio de duas mil libras perderam a esperança, e o nome de Nana Sahib recaía no esquecimento.

Portanto, o nababo podia pôr-se em acção pessoalmente, e, sem receio de ser reconhecido, tornar a principiar a sua campanha insurreccional.

Ora sob o traje de um parse, ora sob o de um simples *raiot*, umas vezes por outras acompanhado pelo irmão, começou a afastar-se do *pai* de Tandit, a subir para o norte, transpondo o Nerbudda, e passando além da encosta setentrional dos Vindhya.

Um espião que o quisesse seguir em todas as excursões encontrá-lo-ia já em Indore no dia 12 de Abril.

Aí, nessa capital do reino de Holcar, Nana Sahib, conservando sempre o mais rigoroso incógnito, pôs-se em comunicação com a numerosa população rural, empregada na cultura dos campos *de* papoilas. Eram Rihillas, Mekranis, Valayalis, ardentes, corajosos, fanáticos, na maior parte sipaios desertores do exército nativo, que se disfarçavam sob o traje do camponês indiano.

Em seguida, Nana Sahib passou o Betwa, confluente do Junina, que corre na direcção do norte, pela fronteira ocidental do Bundelkund, e no dia 19 de Abril, atravessando um vale magnífico, onde as mangueiras e as tamareiras se multiplicam em profusão, chegava a Suari.

Elevavam-se ali construções curiosas, de uma antiguidade muito remota.

São *topes*, espécie de túmulos, cobertos de zimbórios hemisféricos, que constituem o grupo principal de Saldhara, ao norte do vale.

Daqueles monumentos funerários, daquelas moradas dos mortos, cujos altares, consagrados aos ritos búdicos, estão abrigados por guarda-sóis de pedra, daqueles túmulos vazios há tantos séculos, saíram, à voz de Nana Sahib, centenas de fugitivos.

Sepultados naquelas ruínas para se subtraírem às terríveis represálias dos Ingleses, bastou uma palavra para lhes fazer compreender o que o nababo esperava do seu concurso. Bastava também um gesto, quando soasse a hora, para os arremessar em massa sobre os invasores.

Em 24 de Abril, Nana Sahib estava em Bhilsa, capital de um distrito importante do Malwa, e nas ruínas da cidade antiga reunia os elementos da revolta, que a cidade moderna não lhe ministraria.

Em 27, Nana Sahib chegou a Raygurh, junto da fronteira do reino de Pannah, e, em 30, aos restos da velha cidade de Sangor, não longe do lugar onde o general Sir Hugh Rose deu aos insurgentes uma batalha sanguinolenta, com a qual ganhou, com o desfiladeiro de Maudanpore, a chave dos desfiladeiros dos Vindhya.

Aqui reuniu-se-lhe o irmão, a quem Kalagani acompanhava, e ambos se deram a conhecer aos chefes das principais tribos, de cuja fidelidade tinham a mais completa e inabalável segurança.

Nestes conciliábulos foram discutidos e ficaram assentes os preliminares de uma insurreição geral.

Enquanto Nana Sahib e Balão Rao operavam ao sul, os seus aliados deviam manobrar nas faldas setentrionais dos Vindhya.

Antes de regressarem ao vale de Nerbudda, os dois irmãos ainda quiseram visitar o reino de Pannah. Meteram-se ao longo das margens do Keyne, à sombra de tecas gigantes, de bambus colossais, ao abrigo dessas inumeráveis árvores que se multiplicam sem cessar e que parecem destinadas a invadir toda a Índia.

Angariaram ali numerosos e ferozes adeptos entre o miserável pessoal que explora, por conta do rajá, as ricas minas de diamantes do território.

Este rajá, disse Rousselet, «compreendendo a posição em que o domínio inglês coloca os príncipes de Bundelkund, preferiu o papel

de um rico proprietário territorial ao de um insignificante principzinho».

Era com efeito rico proprietário! A região diamantífera que ele possui tem uma extensão de trinta quilómetros ao norte de Pannah, e a exploração das suas minas de diamantes, os mais estimados nos mercados de Benares e de Allahabad, emprega um grande número de indianos.

Mas entre estes desgraçados, sujeitos aos mais duros trabalhos, que o rajá faz decapitar assim que baixa o rendimento da mina, Nana Sahib devia encontrar, e encontrou efectivamente, milhares de partidários, prontos a morrer pela independência do seu país.

Daqui desceram em direcção do Nerbudda, a fim de voltarem ao *pal* de Tandit. Entretanto, antes de irem promover o levantamento do Sul, que devia coincidir com o do Norte, quiseram deter-se em Bhopal.

É uma importante cidade muçulmana, que ficou sendo a capital do islamismo na Índia, e cuja begume se conservou fiel aos Ingleses durante o período insurreccional.

Nana Sahib e Balão Rao, acompanhados de uns doze *gunds*, chegaram a Bhopal em 24 de Maio, último dia das festas do Moharum, instituídas para celebrar o restabelecimento do exército muçulmano.

Tinham ambos vestido o traje dos *joguis*, sinistros mendigos religiosos, armados com os seus punhais de folha arredondada, com que se ferem por fanatismo, mas sem grande perigo nem grande mal.

Os dois irmãos, que ninguém podia conhecer sob o seu disfarce, seguiam a procissão pelas ruas da cidade, em meio de numerosos elefantes, que traziam sobre o dorso *tadzias*, espécie de templos pequenos da altura de vinte pés; puderam misturar-se com os muçulmanos, ricamente vestidos de túnicas bordadas de ouro e adornados de turbantes de musselina, e confundiram-se por entre a multidão dos músicos, dos soldados, das bailadeiras, dos mancebos

vestidos de mulher curiosa aglomeração que dava àquela cerimónia um aspecto carnavalesco.

Com estes indianos de todas as castas, entre os quais contavam numerosos adeptos, puderam trocar uma espécie de sinal maçónico, familiar aos antigos rebeldes de 1857.

À noite, toda esta gente se dirigiu para o lago que banha o arrabalde oriental da cidade.

Aí, em meio de gritos ensurdecedores, de detonações de armas de fogo, do estalar de bombas, ao clarão de mil archotes, todos aqueles fanáticos arremessaram os *tadzias* às águas do lago.

As festas do Moharum estavam acabadas.

Neste momento, Nana Sahib sentiu que lhe tocavam no ombro.

Voltou-se. Estava a seu lado um bengali.

Nana Sahib reconheceu nele um dos seus antigos companheiros de armas de Lucknow.

Interrogou-o com o olhar.

O bengali limitou-se a murmurar as palavras seguintes, que Nana Sahib ouviu sem que um gesto denunciasse a sua comoção:

– O coronel Munro deixou Calcutá.

E onde se encontra agora?

– Estava ontem em Benares.

– Para onde se dirige?

– Para a fronteira do Nepal.

– Com que fim?

– Para ali residir alguns meses.

– E depois?

– Voltar a Bombaim.

Um indiano meteu-se por entre a multidão e aproximou-se de Nana Sahib. Era Kalagani.

– Parte no mesmo instante – ordenou o nababo. – Alcança Munro, que sobe para o norte. Não o largues. Impõe-te por algum serviço prestado, e arrisca até a vida, se for preciso. Não o deixes enquanto ele descer os Vindhya, até ao vale do Nerbudda. Então, só então, vem avisar-me da sua presença.

Kalagani limitou-se a responder com um gesto afirmativo, e desapareceu entre a multidão.

Um gesto do nababo era para ele uma ordem. Dali a dez minutos deixava Bhopal.

Neste momento, Balão Rao aproximou-se do irmão.

– É tempo de partir? – perguntou.

– Sim – respondeu Nana Sahib, é preciso chegarmos antes de romper o Sol ao *pai* de Tandit.

– A caminho.

Ambos, seguidos dos seus *gunds*, subiram a margem setentrional do lago até uma fazenda isolada. Esperavam-nos ali os seus cavalos e os da escolta.

Eram desses cavalos velozes, aos quais dão um alimento muito carregado de especiarias, e que podem fazer cinquenta milhas numa noite.

Às oito horas galopavam pela estrada de Bhopal aos Vindhya.

Se o nababo queria chegar antes do romper do dia ao *pai* de Tandit, era unicamente por prudência. Efectivamente, convinha mais que o seu regresso ao vale passasse despercebido.

O pequeno bando galopava com toda a rapidez dos seus cavalos.

Nana Sahib e Balão Rao, um ao pé do outro, não se falavam, mas o mesmo pensamento os preocupava.

Da excursão além dos Vindhya traziam mais que a esperança: traziam a certeza de que inúmeros partidários seguiam a sua causa.

O planalto central da Índia estava todo nas suas mãos.

Os acantonamentos militares distribuídos por todo aquele vasto território não poderiam resistir aos primeiros assaltos dos rebeldes. O seu aniquilamento deixaria o campo livre à revolta, que depressa levantaria de um litoral a outro uma verdadeira muralha de indianos fanatizados, contra a qual viria despedaçar-se o exército real.

Ao mesmo tempo, Nana Sahib pensava naquele favor da sorte que lhe ia entregar o coronel Munro. O coronel acabava de deixar Calcutá, onde era difícil feri-lo.

Dali em diante nenhum dos seus movimentos escaparia ao nababo.

Sem que ele desse por isso, a mão de Kalagani guiá-lo-ia para a selvática região dos Vindhya, e aí ninguém o poderia subtrair ao suplício que lhe reservava o ódio implacável de Nana Sahib.

Balão Rao não sabia ainda o que se passara entre o bengali e o irmão.

Só nas proximidades do *pai* de Tandit, enquanto os cavalos tomavam fôlego por um momento, é que Nana Sahib se limitou a participar-lho nestes termos:

Munro saiu de Calcutá e dirigiu-se para Bombaim.

A estrada de Bombaim respondeu Balão Rao chega até ao oceano Índico.

Desta vez a estrada de Bombaim só chegará aos Vindhya! retorquiu Nana Sahib.

Esta resposta dizia tudo. Os cavalos tornaram a pôr-se a galope e precipitaram-se através do arvoredado que orlava o vale do Nerbudda.

Eram cinco horas da manhã. O dia começava a romper. Nana Sahib, Balão Rao e os seus companheiros acabavam de chegar ao leito torrencial do Nazzur, que descia do *pai*.

Os cavalos pararam neste lugar e foram entregues ao cuidado de dois *gunds*, encarregados de os conduzir à aldeia mais próxima.

Os outros *gunds* seguiram os dois irmãos, que subiam os degraus abalados pelas águas da torrente.

Estava tudo tranquilo. Os primeiros rumores do dia ainda não tinham interrompido o silêncio da noite.

De repente soou um tiro, que foi seguido de muitos outros. Ao mesmo tempo ouviram-se estes gritos:

– Hurra! Hurra! Avante!

Na crista do *pai* apareceu um oficial seguido de uns cinquenta soldados. Aquele gritou novamente:

Fogo! Que nenhum escape!

E outra descarga, quase à queima-roupa, caiu sobre o grupo dos *gunds* que rodeava Nana Sahib e o irmão.

Caíram cinco ou seis indianos. O resto, precipitando-se no leito do Nazzur, desapareceu por baixo das primeiras árvores da floresta.

– Nana Sahib! Nana Sahib! – bradaram os ingleses, metendo-se pelo apertado desfiladeiro.

Então um dos que foram feridos de morte ergueu-se, estendendo a mão para eles.

Morte aos invasores! – gritou com uma voz ainda terrível. E caiu sem movimento.

O oficial aproximou-se do cadáver.

– Este será com certeza Nana Sahib? perguntou.

- É ele responderam dois soldados do destacamento, que, por terem estado na guarnição de Cawnpore, conheciam perfeitamente o nababo.

– Agora aos outros! - bradou o oficial.

E todo o destacamento se precipitou na floresta em perseguição dos *gunds*.

Assim que os soldados desapareceram, começou um vulto a descer a escarpa onde o *pai* assentava.

Era a Chama Errante, envolta numa comprida tanga escura, que era apertada na cintura pelo cordão de um *languti*.

Na véspera à noite, a louca fora guia inconsciente do oficial inglês e da sua gente.

De volta ao vale, dirigiu-se maquinalmente ao *pai* de Tandit, para o qual a impelia uma espécie de instinto.

Mas, agora, a criatura singular, que julgavam muda, soltava dos lábios um nome, um nome apenas, o do autor do morticínio de Cawnpore!

– Nana Sahib! Nana Sahib! – repetia ela, como se a imagem do nababo, por efeito de algum inexplicável pressentimento, lhe despertasse na lembrança.

Este nome fez estremecer o oficial. Seguiu os passos da louca.

A Chama Errante não pareceu sequer vê-lo nem ver os soldados que a seguiram até ao *pai*.

Seria, pois, ali que se refugiara o nababo, cuja cabeça fora posta a prémio?

O oficial tomou as medidas necessárias e fez guardar o leito do Nazzur enquanto não raiava o dia.

Quando Nana Sahib e os seus *gunds* se meteram pelo desfiladeiro, recebeu-os uma descarga, que deitou muitos por terra, e entre eles o chefe da insurreição dos sipaios.

Tal foi o encontro que o telégrafo noticiou naquele mesmo dia ao governador da presidência de Bombaim.

Este telegrama espalhou-se por toda a península, os jornais reproduziram-no imediatamente, e foi assim que o coronel Munro teve dele conhecimento na «Gazeta de Allahabad» de 26 de Maio.

Não havia agora que duvidar da morte de Nana Sahib. A sua identidade fora confirmada e o jornal podia dizer com razão:

«Doravante, o reino nada tem que temer do cruel rajá, que tanto sangue lhe fez verter.»

Depois de abandonar o *pai*, a louca principiou a descer o leito do Nazzur.

Nos seus olhos espantados brilhava uma espécie de fulgor proveniente de um fogo interno, que subitamente se houvesse acendido, e maquinalmente soltava dos lábios o nome do nababo.

Chegou assim ao lugar onde jaziam os cadáveres, e parou diante daquele que fora reconhecido pelos soldados de Lucknow.

O rosto contraído do morto parecia ainda exprimir ameaça.

Dir-se-ia que, depois de só ter vivido para a vingança, o ódio sobrevivia nele.

A louca ajoelhou, pôs as mãos sobre aquele corpo atravessado pelas balas, e cujo sangue lhe manchou as dobras da tanga.

Contemplou-o por muito tempo; depois, levantando e abanando a cabeça, desceu lentamente o leito do Nazzur.

A Chama Errante recaíra na sua indiferença habitual, e a louca já não repetia o nome maldito de Nana Sahib.

Segunda Parte



A RESSUSCITADA



CAPÍTULO I



O Nosso Sanitarium

A expressão magnífica: Os incomensuráveis da criação, de que se servia o mineralogista Haúy para qualificar os Andes americanos, não seria mais justamente aplicável ao conjunto da cordilheira do Himalaia, que o homem ainda não pôde medir com rigor matemático?

É esta a ideia que desperta o aspecto desta região incomparável, no meio da qual o coronel Munro, o capitão Hod, Banks e eu próprio íamos estacionar durante algumas semanas.

Não só estes montes são incomensuráveis, disse-nos o engenheiro, como o seu cume deve ser considerado inacessível, porque o organismo não pode suportar tais altitudes, onde o ar não tem a densidade suficiente para ser respirado!

Uma barreira de rochas primitivas granito, gneisse, Micaxisto do comprimento de dois mil e quinhentos quilómetros, que se estende desde o meridiano setenta e dois até ao meridiano noventa e cinco, cobrindo duas presidências, Agra e Calcutá, dois reinos, o Butão e o Nepal uma cordilheira, cuja altitude média é superior em um terço de altura ao cume do Monte Branco, compreende três zonas distintas, das quais a primeira, da altitude de cinco mil pés, dá uma colheita de trigo durante o Inverno; a segunda, de cinco a nove mil pés, cobre-se de neve, que se derrete quando volta a Primavera; a terceira, de nove mil a vinte e cinco mil pés, reveste-se de gelos tão espessos que na própria estação quente resistem aos raios solares; uma tumescência do Globo, através da qual, a vinte mil pés de altitude, há onze passos que, incessantemente ameaçados pelas avalanchas, escavados pelas torrentes, invadidos pelos gelos, só a custo de grandes dificuldades permitem que se vá da Índia ao

Tibete; por sobre este espinhaço, umas vezes formando grandes cúpulas, outras raso como a montanha da Mesa, no cabo da Boa Esperança, sete ou oito picos agudos, alguns vulcânicos, dominando as nascentes do Cogra, do Djumna e do Ganges, o Doukia e o intchindjinga, que se elevam a mais de sete mil metros, o Dhiodunga a oito mil, o Davalaghiri a oito mil e quinhentos, o Tchamulari a oito mil e setecentos, o monte Evereste, que ergue o seu pico a nove mil metros e de cuja altura o olhar de um observador pode percorrer uma periferia igual à da França; finalmente, uma sobreposição de montanhas, cuja altura não seriam capazes de exceder os Alpes sobre os Alpes, os Pirinéus sobre os Andes, tal é a colossal elevação, cujos últimos cumes talvez não sejam nunca trilhados pelos mais ousados alpinistas, e que se chamam os montes Himalaia!

Os primeiros degraus destes propileus gigantescos são fortes e densamente arborizados. Aí se encontram diversos representantes da família das palmeiras, que, numa zona superior, cedem o terreno às vastas florestas de carvalhos, de ciprestes e de pinheiros, às opulentas espessuras de bambus e de plantas herbáceas.

Banks, que é quem nos dá estas particularidades, informa-nos também que, se na vertente indiana da cordilheira a linha inferior das neves desce a quatro mil metros, na vertente do Tibete sobe a seis mil. Provém isto de que os vapores, trazidos pelos ventos do sul, são detidos pela enorme barreira. É por este motivo que do outro Lado se têm podido estabelecer aldeias até uma altitude de quinze mil pés, rodeadas de campos de cevada e de magníficos prados.

A acreditar o que dizem os indígenas, basta o espaço de uma noite para que um campo de erva cubra aquelas paragens!

Na zona média, representam a família alada pavões, perdizes, faisões, codornizes, abetardas. Abundam ali as cabras e pululam os carneiros.

Na zona alta só se encontram o javali, o cabrito montês, o gato selvagem, e a águia é a única ave que paira sobre os raros vegetais, que não passam de humildes espécimes de uma flora ártica.

Nada disto, porém, era de tentar para o capitão Hod.

Se não tinha de passar da caça doméstica, para que havia de vir este Nemrod às regiões do Himalaia?

Felizmente para ele não deviam escassear os grandes carnívoros, dignos da sua Enfield e das suas balas explosivas.

Efectivamente, no sopé das primeiras escarpas da cordilheira estende-se uma zona inferior, a que os indianos chamam o cinto de Tarryani. É uma extensa planície em declive, da largura de sete a oito quilómetros, húmida, quente, de vegetação sombria, coberta de espessas florestas, nas quais as feras procuram refúgio de bom grado.

Era provável que o capitão Hod visitasse os planos inferiores do Himalaia de preferência às zonas superiores. E contudo ali, segundo a opinião do mais humorístico dos viajantes, Vítor Jacquemont, ainda há importantes descobertas geográficas a fazer.

– Esta cordilheira só muito imperfeitamente se conhece? – perguntei a Banks.

– Muito imperfeitamente – respondeu o engenheiro.

– O Himalaia é uma espécie de pequeno planeta, que se agregou ao nosso globo, e ainda guarda os seus segredos.

– Mas – observei – têm-no percorrido, têm-no explorado quanto tem sido possível.

– Oh! Não faltam exploradores himalaianos! retorquiu Banks. Os irmãos Gérard de Webb, os oficiais Kirpatrik e Fraser, Hogdson, Herbert, Lloyd, Hooker, Cunningham, Strabing, Skinner, Johnson, Moorcroft, Thompson, Griffith, Vigne, Hugel, os missionários Hue e Gabet e mais recentemente os irmãos Schlagintweit, o coronel Wangh, os tenentes Reuillier e Montgomery, após consideráveis trabalhos, tornaram conhecida em grande parte a disposição orográfica desta cordilheira.

– Não obstante, meus amigos, ainda falta realizar muitos desideratos. A altura exacta dos principais picos tem dado origem a

rectificações sem conto. Por exemplo, em outros tempos o Davalaghiri era o rei de toda a cordilheira; depois, segundo novas medidas, teve de ceder o lugar ao Kintchindjinga, que parece agora estar destronado pelo Evereste.

– Até agora, este é que leva a palma aos seus rivais. Mas, no dizer dos Chineses, o Kouin-Lun, ao qual é verdade que ainda não foram aplicados os métodos dos géometras europeus, excede um pouco o monte Evereste, e não é no Himalaia que se deve procurar o ponto mais elevado do Globo. Em realidade, estas medidas não poderão ser consideradas como matemáticas senão no dia em que se houverem obtido barométricamente e com todas as precauções que comporta esta determinação directa.

– Mas como as obteremos sem levar um barómetro ao ponto extremo desses picos quase inacessíveis? Pois isto é que ainda não se fez.

- Há-de fazer-se - redarguiu o capitão Hod -, como se há-de um dia fazer as viagens ao pólo Sul e ao pólo Norte!

– Evidentemente.

- A viagem até às profundezas do oceano!

- Sem dúvida.

- A viagem ao centro da Terra!

- Como tudo se há-de fazer - acrescentei.

– Mesmo uma viagem a cada um dos planetas do mundo solar! – retorquiu Hod, para quem já não havia dificuldades.

– Não, capitão – discordei. – O homem, simples habitante da Terra, não poderia transpor-lhe os limites!

– Mas, se está preso à sua crusta, pode também penetrar-lhe todos os segredos.

– Pode e deve! volveu Banks. Tudo quanto se compreende nos limites do possível deve ser e há-de ser realidade. Depois, quando o homem já nada tiver que aprender no globo que habita. . .

- Desaparecerá com o esferóide que já não tem mistérios para ele – concluiu o capitão Hod.
- Isso é que não! – protestou Banks. – Senhor da Terra, tirará dela o melhor partido. Mas, amigo Hod, visto que estamos nas regiões do Himalaia, vou ensinar-lhe a fazer, entre outras, uma curiosa descoberta, que por certo o interessará deveras.
- De que descoberta se trata, Banks?
- Na descrição das suas viagens, o missionário Hue fala de uma árvore singular, que se chama no Tibete a árvore das dez mil imagens . Segundo a lenda hindu, Tong Kabac, o reformador da religião búdica, foi transformado em árvore, uns poucos de milhares de anos depois que a mesma aventura sucedeu a Filémon, a Baucis, a Dafné, esses curiosos entes vegetais da flora mitológica.
- Segundo a lenda, os cabelos de Tong Kabac transformaram-se nas folhas da árvore sagrada e nessas folhas afirma o missionário ter visto, visto com os seus próprios olhos vários caracteres tibetanos distintamente formados pelos traços das suas nervuras.
- Uma árvore com folhas impressas! – exclamei.
- E nas quais se lêem sentenças da moral mais pura – volveu o engenheiro.
 - Vale a pena verificar-se isso – disse eu, rindo.
 - Pois verifiquem, meus amigos – tornou Banks.
- Se existem árvores dessas na parte meridional do Tibete, também se devem encontrar na zona superior, sobre a vertente sul do Himalaia. Nas suas excursões, procurem portanto esse. . . como dizer? , esse livro de sentenças . . .
- Isso é que não! – protestou Hod. – Estou aqui para caçar. Nada tenho a ganhar com o mister de alpinista!
- Essa agora, amigo Hod! – observou Banks. – Pois um trepador tão destemido não há-de fazer uma ascensão na cordilheira?
 - Nunca!

– Mas porquê?

– Renunciei às ascensões!

– Desde quando?

– Desde o dia em que, depois de arriscar muitas vezes a vida em empresas dessas, consegui chegar ao cume do Vrigel, no reino de Butão. Afirmava-se que nenhuma criatura humana havia posto o pé no cimo daquele pico! Por isso, o meu amor-próprio interessou-se na ascensão. Finalmente, depois de perigos sem conto, cheguei ao cume, e que vejo? As seguintes palavras, gravadas num rochedo: Durand, dentista, Rua Caumartin, 14, Paris. Desde então, deixei-me de escaladas.

– Ah, valente capitão! Não pudemos deixar de rir a bom rir à vista da cara que ele fez, ao contar-nos a peça.

– Tenho falado inúmeras vezes dos sanitariums da península. Estas estações, situadas nas montanhas, são muito frequentadas, durante o Estio, pelos rendeiros, funcionários e negociantes da Índia, debilitados pela ardente canícula da planície. Em primeiro lugar deve colocar-se Simla, situada no paralelo trinta e um, a oeste do meridiano setenta e cinco. É um pedaço da Suíça, com as suas torrentes, os seus regatos, os seus chalés agradavelmente construídos à sombra dos cedros e dos pinheiros, dois mil metros acima do nível do mar. Depois de Simla, devo citar Dorjiling, com a sua casaria alvejante, que domina o Kintchindjinga, a quinhentos quilómetros ao norte de Calcutá e a dois mil e trezentos metros de altitude, por 86° de longitude e 27° de latitude um local encantador no mais belo país do mundo. Além destes, outros sanitariums existem nos diversos pontos da cordilheira do Himalaia. A estas residências frescas e saudáveis, que o ardente clima da Índia torna indispensáveis, devemos agora acrescentar a nossa Steam House . Mas pertence-nos. Proporciona todas as comodidades das mais luxuosas residências da Índia. Quando nos acharmos numa zona favorável, havemos de encontrar nela, a par da satisfação de todas as exigências modernas, um sossego que de balde se procura em Simla ou em Dorjiling, onde abundam os anglo-indianos.

O local foi acertadamente escolhido. A estrada que dá serventia à parte inferior da montanha bifurca-se naquela altura para ligar algumas aldeolas espalhadas a leste e a oeste.

A mais próxima fica a cinco milhas da Steam House .

É habitada por uma raça hospitaleira de montanhesees, criadores de cabras e de carneiros, cultivadores de férteis campos de trigo e de cevada.

Graças ao auxílio do nosso pessoal, sob a direcção de Banks, bastaram algumas horas para organizar um acampamento, em que devemos estacionar seis ou sete semanas.

Um dos contrafortes, que se desprendem dos caprichosos renques de montes que servem de apoio à enorme massa do Himalaia, proporcionou-nos um planalto suavemente ondulado, do comprimento de quase uma milha e da largura de meia milha.

A alfombra de verdura, que o cobre, é um fino e espesso tapete de erva rente, cerrada e por assim dizer felpuda, estrelada de violetas. Moitas de rododendros arbóreos, do tamanho de pequenos carvalhos, açafates naturais de camélias, representam nessa alfombra um matiz de flores cujo aspecto é encantador.

A natureza não teve necessidade de operários do Ispaão ou de Esmirna para fabricar este tapete de alta lã vegetal. Alguns milhares de sementes trazidas para aquele fértil terreno pelo vento do sul, uma pouca de água, um pouco de sol, foram suficientes para produzir aquele tecido fofo e desusado.

Sobre o planalto desenvolvem-se vários grupos de árvores magníficas.

Dir-se-iam guardas avançadas da imensa floresta que erija as faldas do contraforte e sobe a uns seiscentos metros pelos montes vizinhos. Cedros, carvalhos, pendanus de grandes folhas, faias, bordos, ali se confundem com as bananeiras, os bambus, as magnólias, as alfarrobeiras, as figueiras-do-japão.

Alguns destes gigantes alongam os seus ramos mais elevados a uma altura de cem pés acima do solo. Parecem ter sido dispostos neste lugar para dar sombra a alguma casa florestal.

A Steam House, chegando a propósito, vem completar a paisagem. Os tectos arredondados dos seus dois pagodes casam-se perfeitamente com toda esta ramagem variada, composta de ramos flexíveis ou rijos, de folhas pequenas e frágeis como asas de borboletas, ou longas e compridas como pangaios polinésicos.

As carruagens desapareceram sob uma espessura de verdura e de flores.

Nada revela a existência naquele local da casa ambulante, e o que se vê parece uma residência sedentária, fixa no solo, construída para dali não se mexer mais.

Detrás, uma corrente, cuja argêntea faixa se pode seguir por espaço de muitas milhas, corre à direita da paisagem sobre o flanco do contraforte, e precipita-se num reservatório natural, sombreado por um bosquezinho de bonitas árvores.

O que transborda deste reservatório forma um regato, que desliza através da planície e acaba numa ruidosa cascata, a qual cai num abismo, cuja profundidade se chega a perder de vista.

Eis como a Steam House foi colocada para a maior comodidade da vida comum e para mais completo deleite dos olhos.

A primeira casa da Steam House foi posta à direita, em sentido oblíquo, de modo que o panorama do sul se pode desfrutar tanto da varanda como das janelas laterais da sala, da casa de jantar e dos gabinetes da esquerda. Pela parte de cima desta posição avistam-se grandes cedros, cujo negrume vigorosamente se destaca sobre o fundo da grande cordilheira, revestidas de neves eternas.

À esquerda, está a segunda casa encostada ao flanco de um enorme rochedo de granito, queimado pelo sol. Este rochedo, tanto pela sua forma exótica como pela sua cor agreste, lembra os gigantescos

plum-puddings de pedra, de que fala Russell Killough, na narrativa da sua viagem através da Índia meridional. Desta casa, reservada ao sargento Mac Neil e aos seus companheiros de serviço, só se vê o flanco do rochedo.

Acha-se colocada a vinte passos da casa principal, como o anexo de algum pagode mais importante. Do alto de um dos tectos sai uma espiral de fumo azulado, proveniente do laboratório culinário de Monsieur Parazard. Mais à esquerda, um grupo de árvores, que pouco se afastam da floresta, sobe pela encosta de oeste, e forma o plano lateral da paisagem.

Ao fundo, entre as duas casas, perfila-se gigantesco mastodonte. É o nosso Gigante de Aço. Deram-lhe por estrebaria um caramanchel de grandes árvores. com a sua tromba levantada, dir-se-ia que se repasta nos ramos superiores do arvoredado. Está, porém, parado. Descansa, apesar de não ter necessidade alguma de descanso.

Agora, como sentinela inabalável da Steam House, como um enorme animal antediluviano, defende a entrada das duas casas, no cimo daquela estrada por onde arrastou toda a povoação ambulante.

É para notar que, apesar das suas colossais proporções, o nosso animal já não parece ter nada daquele gigante artificial com que Banks dotou a fauna indiana, salvo se pelo pensamento o separarmos da cordilheira que se ergue seis mil metros acima do planalto.

– Uma mosca na fachada de uma catedral! – disse o capitão Hod. não sem revelar algum despeito.

E não havia nada mais verdadeiro. Detrás ficava uma mole de granito, da qual facilmente se cortariam mil elefantes do tamanho do nosso, e essa mole era apenas um degrau, um dos cem degraus da escada que sobe até à crista da montanha e que o Davalaghiri domina com o seu pico agudo.

Às vezes o céu deste quadro baixa à vista do observador.

Não só os cumes mais elevados, mas até a parte média da cordilheira, desaparecem um instante. São espessos vapores, que

correm pela região média do Himalaia e lhe velam toda a parte superior.

A paisagem diminui de proporções, e, por um efeito de óptica, dir-se-ia que as habitações, as árvores, os cumes vizinhos e o próprio Gigante de Aço readquirem o seu tamanho natural.

Sucede também que, impelidas por certos ventos húmidos, as nuvens, pouco elevadas ainda, se desenrolam pela parte inferior do planalto. A vista só descobre então um mar encapelado de nuvens, e o sol produz na sua superfície admiráveis efeitos de luz. Tanto em cima como em baixo, o horizonte desapareceu, e parece que fomos transportados para alguma região aérea fora dos limites da terra.

Mas muda o vento; uma refrega do norte, precipitando-se pelas gargantas da cordilheira, vem varrer todo este nevoeiro, o mar de vapores condensa-se quase instantaneamente, a planície eleva-se da banda do sul, as sublimes projecções do Himalaia novamente se desenharam sobre o fundo límpido do céu, a moldura do quadro readquire o seu tamanho normal, e o olhar, cujo alcance já coisa alguma limita, abraça em todas as particularidades um panorama cujo horizonte tem sessenta milhas de extensão.

CAPÍTULO II



Matias Van Guitt

No dia seguinte, 26 de Junho, despertou-me logo ao romper do dia um ruído de vozes bem conhecidas. Levantei-me no mesmo instante. O capitão Hod e o seu camarada Fox estavam em conversa muito animada na casa de jantar da Steam House .

Fui logo ter com eles. Naquele instante, Banks saía do seu quarto, e o capitão interpelava-o com a sua voz sonora:

– Até que enfim, amigo Banks – disse ele, – chegámos a sítio favorável! Desta vez é coisa decisiva. Não se trata de uma paragem de algumas horas, mas de uma demora de alguns meses.

– Sim, meu caro Hod – redarguiu o engenheiro, – e pode agora organizar as suas caçadas completamente à vontade. O apito do Gigante da Aço não o chamará ao acampamento.

– Ouves, Fox?

– Sim, meu capitão – respondeu o impedido.

– Que a sorte me favoreça, e eu não deixarei o sanitarium da Steam House enquanto não deitar por terra o meu quinquagésimo! O quinquagésimo, nota bem, Fox! Tenho a cisma de que este há-de ser particularmente difícil de matar!

– Mas havemos de o matar – garantiu Fox.

– Onde lhe vem essa ideia, capitão Hod? – perguntei.

– Oh! Maucler, é um pressentimento de caçador, nada mais.

– Visto isso – observou Banks, – já hoje vão deixar o acampamento e bater terreno?

– Já hoje, é verdade respondeu o capitão Hod.

– Princiaremos por efectuar um reconhecimento nos arredores, a fim de se explorar a zona inferior, descendo até às florestas do Tarryani. Contanto que os tigres não tenham abandonado este local.

. .

– Julga isso?

– Ora! A minha pouca sorte!

– Pouca sorte! . . . no Himalaia! . . . – observou o engenheiro.

É lá possível, isso?

– Em suma, veremos. Acompanha-nos, Maucler? – perguntou o capitão Hod, voltando-se para mim.

– Decerto.

– E o senhor? – perguntou a Banks.

– Eu também – respondeu o engenheiro, – e parece-me que Munro o acompanhará como eu. . . na qualidade de amador.

– Oh! – redarguiu o capitão Hod. – Como amadores, seja, mas como amadores bem armados! Não é nenhum passeio de bengala na mão. Isso humilharia as feras do Tarryani!

– Está combinado! concordou o engenheiro.

– Portanto, Fox prosseguiu o capitão, voltando-se para o impedido, não haja engano desta vez! Estamos no país dos tigres. . . Quatro carabinas Enfield para o coronel, Banks, Maucler e para mim, e duas espingardas de bala explosiva para ti e para Gumi.

– Fique descansado, meu capitão volveu Fox.

– A caça não há-de ter razão de queixa!

Aquele dia devia ser consagrado ao reconhecimento daquela floresta do Tarryani, que erija a parte inferior do Himalaia, por baixo do nosso sanitarium.

Por isso, depois do almoço, por volta das onze horas, eu, Sir Edward Munro, Hod, Banks, Fox e Gumi descíamos a estrada que toma

obliquamente na direcção da planície, mas deixando no acampamento os nossos dois cães, que não serviriam de nada nesta expedição.

O sargento Mac Neil também ficou na Steam House, na companhia de Storr, de Kalouth e do cozinheiro, a fim de concluírem os trabalhos de instalação.

Depois de uma viagem de dois meses, o Gigante de Aço precisava de ser, interiormente e exteriormente, revisto, limpo, posto em ordem. Era uma tarefa demorada, minuciosa, delicada, que não deixaria à boa vida os cornacas ordinários do elefante, o fogueiro e o maquinista.

Às onze horas tínhamos deixado o sanitarium, e minutos depois, na primeira curva da estrada, a Steam House desaparecia detrás do seu denso cortinado de verdura.

Já não chovia.

Acossadas por um nordeste fresco, as nuvens, agora esfarrapadas, corriam velozes pelas zonas mais altas da atmosfera.

O céu estava pardacento, o que proporcionava uma temperatura conveniente aos peões, mas era inteiramente desfavorável aos efeitos de luz e sombra, encanto das grandes florestas.

Dois mil metros por um caminho direito seria tarefa para vinte e cinco a trinta minutos, se a estrada não se tornasse mais extensa nas curvas que dava para evitar os grandes declives.

Precisámos de nada menos de hora e meia para chegarmos ao limite superior das florestas do Tarryani, quinhentos a seiscentos pés acima da planície. Fizemos a caminhada de muito bom humor.

– Atenção! recomendou o capitão Hod. Entrámos nos domínios dos tigres, dos leões, das panteras, dos lobos, tigres e de outros animais benévolos da região do Himalaia! É muito bom destruir as feras, mas é muito melhor não ser destruído por elas! Não nos afastemos uns dos outros e sejamos prudentes.

Uma tal recomendação da boca de tão intrépido caçador tinha considerável importância. Por isso, tomámo-la todos na devida conta. Carregámos as carabinas e as espingardas, visitámos as baterias, os cães foram postos no descanso.

Estávamos preparados para qualquer acontecimento.

Havia não só que recear os carnívoros, como também as serpentes, as mais perigosas das quais se encontram nas florestas da Índia.

As belangas, as serpentes verdes, as serpentes-chicote e muitas outras são extremamente venenosas. O número das vítimas que anualmente sucumbem às mordeduras destes répteis é cinco ou seis vezes mais considerável que o número dos animais domésticos ou dos homens que perecem sob as garras das feras.

Nesta região do Tarryani é portanto uma simples medida de prudência estar atento a tudo, ver onde se põe o pé, onde apoia a mão, prestar o ouvido aos menores ruídos que soam por debaixo da relva ou se propagam através das moitas.

Ao meio-dia e meia hora entrávamos nós debaixo das primeiras grandes árvores da floresta.

A sua elevada ramagem estendia-se por cima de algumas largas alamedas, pelas quais o Gigante de Aço, seguido dos seus carros, poderia facilmente passar. Esta parte da floresta há muito que estava preparada para passagem das carradas de lenha cortadas pelos montanheses.

Conhecia-se isto pelos sulcos abertos de fresco no barro mole.

Estas alamedas principais corriam no sentido da cordilheira e, seguindo no sentido do comprimento do Tarryani, ligavam as clareiras abertas na selva pelo machado dos lenhadores; mas, de qualquer dos lados, só davam acesso a estreitos atalhos, que se perdiam sob o arvoredado impenetrável.

Seguíamos estes caminhos mais como geómetras do que na qualidade de caçadores, a fim de reconhecermos a sua direcção

geral.

Nenhum uivo de fera perturbava o silêncio da floresta.

Contudo, visíveis vestígios, recentemente gravados no solo, atestavam que os carnívoros não tinham abandonado o Tarryani.

De repente, quando virávamos uma das curvas da alameda, que a base de um dos contrafortes fazia tomar para a direita, deteve-nos uma exclamação do capitão Hod, que ia na frente.

A vinte passos de distância, no ângulo de uma clareira, orlada de grandes árvores, elevava-se uma construção, que era singular, pelo menos na forma.

Não era uma casa, pois que não tinha nem chaminé nem janelas. Também não era uma cabana de caçadores; não tinha nem frestas nem seteiras, Dir-se-ia antes um túmulo indiano, perdido no mais profundo da floresta. Imagine-se uma espécie de grande cubo, formado de troncos postos verticalmente, solidamente cravados no solo, ligados na sua parte superior por um espesso entrelaçamento de ramos. Por telhado, outros troncos transversais, solidamente cimentados na parte superior.

Era fora de dúvida que o construtor deste reduto quisera dar-lhe uma solidez a toda a prova em todas as suas cinco faces.

Media quase seis pés de alto, doze de comprimento, cinco de largo. De abertura, não havia indício algum, salvo se estava oculta, na face anterior, por um grosso madeiro, cujo topo arredondado saía um pouco para fora do todo daquela construção.

Por cima do tecto levantavam-se grandes varas flexíveis, dispostas de um modo singular e ligadas entre si.

Da extremidade de uma alavanca horizontal, que sustentava a armação das varas, pendia um nó corredio, ou, melhor dizendo, um laço, formado de cipós entrançados.

– Que é isto? perguntei.

– Isto respondeu Banks, depois de olhar com atenção – é simplesmente uma ratoeira; mas podemos imaginar que espécie de

ratos apanha!

– Uma armadilha para tigres? exclamou o capitão Hod.

Sim tornou Banks, uma armadilha para tigres, cuja porta foi fechada pelo madeiro, que estava preso por esta laçada de cipós, porque na alavanca interior tocou algum animal.

– É a primeira vez – disse Hod – que vejo numa floresta da Índia uma armadilha deste género. Uma ratoeira, efectivamente. Aí está uma coisa que não é digna de um caçador!

– Nem de um tigre acrescentou Fox. Decerto – ponderou Banks, – mas se se trata de destruir estes ferozes animais, e não de os caçar por divertimento, o melhor laço é o que os apanha na maior quantidade.

– Ora, este parece-me muito bem armado para atrair e apanhar feras, por muito desconfiadas e vigorosas que sejam.

– É minha opinião disse então o coronel Munro que, visto ter a alavanca que segura a porta perdido o equilíbrio, é porque, provavelmente, caiu algum animal.

– É o que havemos de ver exclamou o capitão Hod e também se o rato não morreu. . .

E, juntando o gesto às palavras, o capitão fez estalar os fechos da carabina. Os outros imitaram-no e aprontaram-se para fazer fogo.

Não podíamos pôr em dúvida que a construção fosse uma armadilha, do género das que frequentemente se encontram nas florestas da Malásia. Fosse ou não obra de um indiano, oferecia todas as condições que tornam muito práticos estes engenhos de destruição: sensibilidade delicada, solidez a toda a prova.

Tomadas as nossas disposições, o capitão Hod, Fox e Gumi aproximaram-se da armadilha, em roda da qual queriam primeiramente dar uma volta. Não encontraram nenhum interstício, entre os troncos verticais, que lhes permitisse olhar para o interior da gaiola.

Puseram-se atentamente à escuta.

Nenhum ruído denunciava a presença de criatura viva naquela caixa de madeira, tão calada como um túmulo.

O capitão Hod e os seus companheiros voltaram para a face anterior. Certificaram-se de que o madeiro móvel deslizara entre dois encaixes largos, abertos em sentido vertical. Bastava pois levantá-lo para se poder entrar no interior da armadilha.

– Nem o menor ruído! – disse o capitão Hod, que encostara o ouvido à porta. – Nem um fôlego! A ratoeira não tem um rato!

– Em todo o caso sejamos prudentes – observou o coronel Munro.

E foi sentar-se num tronco de árvore, à esquerda da clareira.

Coloquei-me junto dele.

– Vamos, Gumi – disse o capitão Hod. .

Gumi, ligeiro, baixo mas airoso, ágil como um macaco, flexível como um leopardo, um verdadeiro clow indiano, compreendeu o que o capitão queria.

A sua ligeireza estava-o naturalmente designando para o serviço que se esperava dele.

De um salto pôs-se em cima do tecto da armadilha, e num instante chegou, à força de pulso, a uma das varas que formavam a armação superior.

Depois, deslizou pela alavanca até à extremidade do madeiro que fechava a abertura.

Enfiou então o madeiro na laçada. Bastava agora produzir um movimento de vaivém, pesando sobre a outra extremidade da alavanca.

Para isso, porém, foi preciso recorrer às forças reunidas do nosso pequeno grupo.

Eu, o coronel, Banks e Fox dirigimo-nos para as traseiras da armadilha, a fim de fazermos esse movimento. Gumi deixara-se ficar

na armação, para soltar a alavanca, dado o caso de que não funcionasse livremente.

– Meus amigos – gritou-nos o capitão Hod, – se sou preciso lá, vou, mas, se podem passar sem mim, preferia ficar em frente da armadilha. Ao menos, se sair um tigre, será cumprimentado na passagem por uma bala.

– E esse perfaz o número quarenta e dois? – perguntei ao capitão.

– Porque não há-de perfazer? – replicou Hod. – Se cair ao meu tiro, cai ao menos em liberdade!

– Não vendamos a pele do urso...– retorquiu o engenheiro enquanto ele não estiver morto!

– Sobretudo quando o urso pode muito bem ser um tigre!... – acrescentou o coronel Munro.

- À uma, meus amigos bradou Banks, à uma!

O madeiro era pesado. Escorregava mal nos encaixes.

Sempre conseguimos abalá-lo. Oscilou por um momento e ficou suspenso à altura de um pé acima do solo.

O capitão Hod, meio agachado, com a carabina à cara, diligenciava ver se alguma enorme pata ou alguma goela ofegante aparecia no orifício da armadilha.

Nada aparecia ainda.

– Mais um esforço, meus amigos! – gritou Banks.

E graças a Gumi, que veio dar algum auxílio, o madeiro principiou a subir pouco a pouco.

Não tardou que houvesse uma abertura suficiente para dar passagem mesmo a um animal de grande tamanho.

Mas animal nenhum, fosse de que raça fosse, aparecia.

Em todo o caso, era possível que, em consequência do ruído que se fazia em volta da armadilha, o animal se refugiasse na parte mais

afastada da sua prisão. Talvez até só esperasse o momento favorável para sair de um salto, derribar quem se opusesse à sua fuga, e desaparecer nas profundezas da floresta.

A situação era bastante dramática.

Vi então o capitão Hod dar alguns passos à frente, o dedo no gatilho, e manobrar de modo que pudesse mergulhar a vista até ao fundo da gaiola.

O madeiro estava levantado de todo e entrava pelo orifício luz bastante.

Neste momento ouviu-se um ligeiro ruído através das paredes da gaiola, em seguida um roncar abafado, ou, melhor dizendo, um bocejo, que me pareceu muito suspeito.

Não havia dúvida de que estava ali um animal que dormia, e acabávamos de o acordar de repente.

O capitão aproximou-se mais e apontou a carabina sobre uma massa que viu mexer-se na penumbra.

De repente fez-se um movimento lá dentro.

Ouviu-se um grito de terror, que foi logo seguido destas palavras, em bom inglês:

– Não atire, pelo amor de Deus! Não atire!

Saltou para fora da armadilha um homem.

Foi tal o nosso espanto que largámos a armação, e o madeiro caiu com um ruído abafado, fechando novamente o orifício.

A inesperada personagem, que acabava de aparecer, avançou para o capitão, cuja carabina lhe fazia pontaria ao peito, e com um tom bastante pretensioso, acompanhado de um gesto enfático, dizia-lhe:

– Queira arredar a sua arma, senhor. Não tem diante de si um tigre do Tarryani. . .

Após alguma hesitação, o capitão pôs a carabina em posição menos ameaçadora.

– A quem temos a honra de falar? – perguntou Banks, dirigindo-se para a personagem.

– Ao naturalista Matias Van Guitt, fornecedor habitual de paquidermes, tardígrados, plantigrades, proboscídeos, carnívoros e outros mamíferos das casas Charles Rice, de Londres, e Hagenbeck, de Hamburgo!

Depois, designando-nos com um gesto circular:

– Os senhores? . . .

– O coronel Munro e os seus companheiros de viagem – respondeu Banks, indicando-nos.

– De passeio pelas florestas do Himalaia! – retrucou o fornecedor. – Digressão encantadora, na verdade! Para o que for prestável, meus senhores, para o que for prestável!

Quem era este original que tínhamos diante de nós?

Não seria caso para desconfiarmos de que a cabeça se lhe desarranjara durante a sua permanência na armadilha dos tigres? Estava doido ou tinha a cabeça no seu lugar? Finalmente, qual a categoria de bímanos a que pertencia este indivíduo?

Íamos sabê-lo, e para diante havíamos de vir a reconhecer melhor esta personagem singular, que se intitulava naturalista e o fora efectivamente.

O senhor Matias Van Guitt, fornecedor de colecções de feras, era um sujeito de óculos, de cinquenta anos de idade.

A cara esverdeada, os olhos piscos, o nariz no ar, a agitação contínua de toda a sua pessoa, os gestos ultra-expressivos, apropriados a cada uma das frases que lhe saíam da grande boca, tudo isto lhe dava ares de comediante de província.

Quem é que não tem encontrado pelo mundo um desses antigos actores, cuja existência, limitada ao horizonte de uma rampa e de

um pano de boca, não saiu nunca dos bastidores de um teatro de melodrama?

Palradores infatigáveis, gesticuladores incómodos, charlatães enfatuados de si mesmos, trazem sempre alta, deitando-a para trás, a cabeça, muito vazia na velhice, para que alguma vez estivesse bem cheia na idade madura.

Neste Matias Van Guitt havia com certeza alguma coisa de velho actor.

Ouvi uma vez contar esta anedota engraçada, a respeito de um pobre cantor, que julgava dever sublinhar com um gesto especial cada frase do seu papel.

O cantor quando, na ópera Masaniello, entoava em voz cheia:

Um pobre pescador em grão-monarca o seu braço direito estendido para a sala, agitava-se febrilmente, como se na extremidade da linha tivesse o peixe que acabou de apanhar com o anzol.

Depois, continuando:

Se um dia o céu quisesse transformar. . . enquanto uma das mãos se erguia direita para o zénite, a fim de marcar o céu, a outra, descrevendo um círculo em volta da cabeça, levantada com altivez, figurava uma coroa real.

Desprezando as sentenças do destino todo o seu corpo resistia com violência a um impulso que tendia a deitá-lo para trás.

E diria guiando o seu barco. . .

E então os seus dois braços, movidos com precipitação, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, davam prova da sua perícia em dirigir uma embarcação.

Pois estes processos, tão familiares ao cantor em questão, eram pouco mais ou menos os do fornecedor Matias Van Guitt.

Só empregava expressões muito escolhidas, e devia ser muito incómodo para o interlocutor que não se pudesse pôr fora do alcance dos seus gestos.

Como depois soubemos pela sua própria boca, Matias Van Guitt era um antigo professor de história natural, no museu de Roterdão, que não se dera bem com o professorado, com efeito, o bom do homem devia prestar-se à caçada, e se os discípulos frequentavam a sua aula era para se divertirem, não para aprenderem. Afinal de contas, as circunstâncias tinham feito com que ele, farto de ensinar sem resultado a zoologia teórica, viesse às Índias fazer zoologia prática.

Saiu-se melhor neste género de negócio, e conseguiu ser fornecedor oficial das importantes casas de Hamburgo e de Londres em que geralmente se fornecem as colecções públicas e particulares dos dois mundos.

E se Matias Van Guitt então se encontrava no Tarryani, era que ali o levava uma importante encomenda de feras para a Europa.

Efectivamente, o seu acampamento não estava a mais de duas milhas da armadilha de que acabávamos de o tirar.

Mas porque se encontrava o fornecedor no próprio laço que armara?

Eis o que Banks logo lhe perguntou, e foi assim que ele respondeu numa linguagem acompanhada de grande variedade de gestos:

– Foi ontem. O Sol havia já feito o semicírculo da sua rotação diurna. Veio-me à lembrança ir visitar uma das armadilhas para tigres preparadas pelas minhas próprias mãos. Saí, pois, do meu kraal, que os senhores se hão-de dignar honrar com a vossa visita, e cheguei a esta clareira. Achava-me só, o meu pessoal ocupava-se de trabalhos urgentes, dos quais não queria distraí-lo. Foi uma imprudência. Quando cheguei à armadilha, notei logo que o alçapão, formado pelo madeiro móvel, estava levantado. Donde concluí, não sem alguma lógica, que nenhuma fera ali caíra. Entretanto, sempre quis verificar se a isca continuava ainda no seu lugar e se podia contar com o bom funcionamento da alavanca. Foi por isso que, por um

movimento muito destro de reptação, me introduzi pela estreita abertura.

A mão de Matias Van Guitt indicava com uma ondulação elegante o movimento de uma serpente que se insinua através das ervas muito altas.

– Quando cheguei ao fundo da armadilha prosseguiu o fornecedor examinei o quarto de cabra, cujas emanções deviam atrair os frequentadores daquele ponto da floresta. Ia retirar-me quando uma pancada involuntária do meu braço fez girar o vaivém; a armação cedeu, o alçapão caiu, e eis-me preso no laço, que eu próprio armara, sem meio algum de poder sair.

Neste ponto, Matias Van Guitt calou-se por um momento, para melhor fazer ver toda a gravidade da sua situação.

– Entretanto, senhores tornou ele, não lhes escondo que encarei a coisa pelo seu lado cómico. Estava preso, bem! Não tinha carcereiro que me abrisse a porta, de acordo! Mas reflecti que a minha gente, não me vendo voltar ao kraal, se inquietaria com a minha ausência prolongada e se entregaria a pesquisas que, cedo ou tarde, dariam resultado. Era apenas questão de tempo. Na prisão que fazer senão cismar! , disse um fabulista francês.

«Pus-me, pois, a cismar, e passaram-se horas e horas sem que viesse coisa alguma modificar a minha situação.

«Chegando a noite, a fome fez-se sentir.

«Pareceu-me que o melhor que poderia fazer seria enganá-la com o sono. (Tomei a minha resolução com filosofia, e adormeci profundamente.

« A noite passou-se tranquilamente, no meio do profundo silêncio das florestas.

«Coisa alguma me perturbava o sono, e talvez ainda dormisse se um ruído insólito não me acordasse. Erguia-se o alçapão, a luz do dia entrava no meu silencioso reduto, quando vi o instrumento da morte apontado ao meu peito. Um instante mais, ia ser ferido! A hora da

minha libertação seria a última da minha vida! . . . Mas o senhor capitão dignou-se ver em mim uma criatura da sua espécie. . . e só me resta agradecer-lhe, senhores, o terem-me restituído a liberdade.

Tal foi a narrativa do fornecedor. Devemos confessar que não foi sem custo que pudemos disfarçar o sorriso que o seu tom e os seus gestos desafiavam.

– Visto isso, senhor – perguntou-lhe Banks, – o seu acampamento está estabelecido nesta parte do Tarryani?

– Sim, senhor – respondeu Matias Van Guitt. Como tive o gosto de lhe dizer, o meu kraal fica a umas dez milhas daqui, e se o quiserem honrar com a vossa presença, terei muito gosto em recebê-los.

– Por certo, senhor Van Guitt – volveu o coronel Munro, lá iremos visitá-lo!

– Somos caçadores acrescentou o capitão Hod e examinar a instalação de um kraal interessar-nos-á.

– Caçadores! exclamou Matias Van Guitt. Caçadores!

Não pôde deixar de mostrar no rosto que tinha pelos filhos de Nemrod uma estima muito limitada.

– Os senhores caçam as feras. . . para as matar, decerto? – tornou ele, dirigindo-se ao capitão.

– Unicamente para as matar – respondeu o capitão Hod.

– Pois eu, unicamente para as apanhar! – volveu o fornecedor, com um belo gesto de altivez.

– Pois muito bem, senhor Van Guitt, não lhe faremos concorrência! – redarguiu o capitão.

O fornecedor abanou a cabeça.

Em todo o caso, a nossa qualidade de caçadores não o fazia desistir do convite.

– Quando se dignam seguir-me? – disse ele, inclinando-se com galantaria.

Mas naquele momento ouviram-se muitas vozes na floresta, e na curva da alameda apareceram meia dúzia de indianos.

– Ah! Eis aí a minha gente! exclamou Van Guitt.

Depois aproximou-se de nós e disse-nos, estendendo um pouco os lábios e pondo um dedo na boca:

– Nem uma palavra a respeito da minha aventura! É preciso que o meu pessoal não saiba que me deixei apanhar na minha armadilha como um animal vulgar! Poderia diminuir um pouco o grande prestígio que devo conservar a seus olhos. . .

Um sinal de assentimento da nossa parte tranquilizou o fornecedor.

– Senhor – disse então um dos indianos, cuja cara inteligente e impassível atraiu a minha atenção, – andamos à sua procura há uma hora, sem que. . .

– Estava com estes senhores, que se dignam acompanhar-me ao kraal explicou Van Guitt. Mas antes de sairmos da clareira é conveniente que ponhamos a armadilha em bom estado.

Por ordem do fornecedor, os indianos trataram de pôr tudo em ordem.

Entretanto, Matias Van Guitt convidou-nos a visitar o interior da gaiola.

O capitão Hod seguiu o fornecedor, e eu segui também o capitão.

O local era acanhado para o desenvolvimento dos gestos do nosso hóspede, que procedia ali como numa sala.

– Os meus cumprimentos – disse o capitão Hod, depois de examinar o aparelho. – É muito bem imaginado. Fique certo, capitão assegurou Matias Van Guitt, este laço é muito preferível às antigas covas guarnecidas de espeques de madeira endurecida, às árvores curvadas em arco, em que há um nó corredio. No primeiro caso, o animal fica estripado; no segundo, estrangulado.

– Isto pouco importa, é claro, a quem só quer destruir as feras. Mas este, que aqui vê, quere-as vivas, intactas, sem nenhum estrago!

– Sem dúvida alguma – redarguiu o capitão Hod, – o nosso procedimento não é o mesmo.

– O meu é talvez o bom! – replicou o fornecedor. – Se se consultassem as feras. . .

– Não as consulto! – protestou o capitão.

Decididamente o capitão Hod e Matias Van Guitt haviam de chegar com dificuldade a um acordo.

– Mas – perguntei eu ao fornecedor, – depois de apanhados os animais, como é que os tiram para fora?

– Aproximamos da armadilha uma gaiola de rodas – explicou Van Guitt; – os presos atiram-se eles mesmos para a gaiola, e eu não tenho mais que conduzi-los ao kraal, ao passo lento e tranquilo dos meus búfalos.

Apenas acabávamos de dizer isto, ouviram-se gritos da banda de fora.

O meu primeiro impulso e o do capitão Hod foi corrermos para fora da armadilha.

– Que se passara?

Uma serpente-chicote, da espécie mais maligna, acabava de ser cortada em duas pela varinha que um indiano tinha na mão, e isto no momento em que o réptil venenoso ia lançar-se sobre o coronel.

Este indiano era aquele em que eu fizera reparo. Como nós próprios tivéramos ocasião de observar, a sua intervenção rápida salvara Sir Edward Munro de morte imediata.

Os gritos que acabávamos de ouvir eram de um dos servidores do kraal, que se torcia no solo nas últimas contorções de agonia.

Por uma deplorável fatalidade, a cabeça da serpente, completamente decepada, saltara-lhe ao peito, mordera-o, e o infeliz, contaminado pelo veneno subtil, expirava em menos de um minuto, sem que fosse possível socorrê-lo. Aterrados a princípio por

este horroroso espectáculo, corremos em seguida para o coronel Munro.

– Não foste mordido? – perguntou Banks, que lhe agarrou precipitadamente na mão.

– Não, Banks, sossega – respondeu Edward Munro.

Em seguida, dirigindo-se para o indiano a quem devia a vida, disse-lhe:

– Obrigado, meu amigo. com um gesto o indiano deu a entender que por isso não se lhe devia nenhum agradecimento.

– Como te chamas? – perguntou o coronel Munro.

– Alagani respondeu ele.

-

CAPÍTULO III



O Kraal

A morte daquele desgraçado impressionara-nos em extremo, principalmente pelas condições em que se dera.

A mordedura daquela espécie de serpentes é fatal.

Era mais uma vítima a acrescentar aos milhares delas que anualmente estes répteis fazem na Índia^{9}.

Disse-se por gracejo, suponho que em outros tempos na Martinica não havia serpentes, e que foram os Ingleses que para lá as levaram, quando tiveram de ceder a ilha à França.

Os Franceses não tiveram necessidade de servir-se deste género de represálias quando abandonaram a conquista da Índia.

Era inútil, e deve-se convir que a natureza foi pródiga a este respeito.

Sob a influência do veneno, o corpo do indiano decompunha-se rapidamente.

Foi preciso enterrá-lo logo.

Trataram disso os companheiros, e foi deposto numa cova bastante funda para que as feras não o pudessem desenterrar.

Concluída esta triste cerimónia, Matias Van Guitt convidou-nos a que o seguíssemos ao kraal, convite que foi aceite com satisfação.

Bastou-nos meia hora para chegarmos ao acampamento do fornecedor.

Neste acampamento justificava-se perfeitamente o nome de kraal, que é a designação empregada mais especialmente pelos colonos da

África do Sul.

Era um amplo cerrado, formado no mais profundo da floresta, no centro de uma vasta clareira.

Matias Van Guitt dispusera-o com perfeito conhecimento das necessidades do seu mister.

Cingia-o uma paliçada muito alta, com uma porta assaz vasta para poderem entrar carros.

A meio da parede do fundo havia uma grande cubata, construída de troncos de árvores e de tábuas, que servia de habitação única a todos os habitantes do kraal. Seis gaiolas, divididas em muitos compartimentos, montada cada uma delas em quatro rodas, estavam enfileiradas na extremidade à esquerda do recinto. Pelos rugidos que dali saíam, podia calcular-se que não faltavam moradores.

À direita estavam enfileirados, ao ar livre, uma dúzia de búfalos, alimentados pelas opulentas pastagens das montanhas.

Estes búfalos constituíam o tiro ordinário das casas dos bichos, movediças.

Completavam o pessoal do acampamento seis carreiros, destinados à condução dos carros, e dez indianos, especialmente exercitados na caça às feras.

Os carreiros eram só contratados para o tempo que durasse a caçada.

Consistia o seu serviço em guiar os carros aos lugares da caçada, e depois à estação mais próxima do caminho de ferro. Aí os carros eram colocados em trucks e podiam rapidamente, por Allahabad, chegar a Bombaim ou a Calcutá.

Os caçadores, indianos de raça, pertenciam à casta dos caçadores de profissão, chamados chikaris.

A sua missão consiste em procurar os vestígios dos animais ferozes, desemboscá-los e proceder à sua captura.

Tal era o pessoal do fornecedor.

Matias Van Guitt vivia com a sua gente no kraal havia alguns meses.

Achavam-se ali expostos não só aos ataques dos animais ferozes, mas também às febres de que o Tarryani é particularmente infeccionado.

A humidade das noites, a evaporação dos fermentos prejudiciais do solo, o calor húmido desenvolvido sob as ramadas das árvores, que a evaporação só imperfeitamente penetra, fazem da zona inferior do Himalaia uma região doentia.

Contudo, o fornecedor e o seu pessoal estavam tão bem aclimatados que a malária atacava-os tanto como atacava os tigres ou os outros frequentadores do Tarryani.

Nós, porém, não poderíamos impunemente permanecer no kraal. Depois, não entrava essa permanência nos planos do capitão Hod.

Exceptuando algumas noites passadas à espreita dos animais, devíamos viver na Steam House, na zona superior, onde não podiam chegar as emanções da planície.

Éramos, pois, chegados ao acampamento de Matias Van Guitt. A porta abriu-se para nos dar entrada.

Matias Van Guitt parecia lisonjear-se muito particularmente com a nossa visita.

– Agora, senhores – disse-nos, – permitam-me que lhes faça as honras do kraal. Este acampamento satisfaz a todas as exigências da minha profissão. Em realidade, é apenas uma cabana em ponto grande, o que na península os caçadores chamam um huddi.

Falando deste modo, o fornecedor franqueava-nos as portas da cubata, que ocupava em comum com a sua gente.

Não havia coisa menos luxuosa.

Uma primeira divisória para o patrão, outra para os chikaris e outra ainda para os carreiros. Em todos estes compartimentos, por único

mobiliário, uma cama de viagem; uma quarta divisória, um pouco mais espaçosa, servia de cozinha e de casa de jantar.

Como se vê, a habitação de Matias Van Guitt achava-se ainda em estado rudimentar e merecia com razão a qualificação de huddi. O holandês era simplesmente um cabaneiro na sua cabana.

Depois de visitarmos a residência destes bírnanos pertencente ao primeiro grupo dos mamíferos, fomos convidados a ver mais de perto a morada dos quadrúpedes.

Era a parte mais interessante das instalações do kraal.

Lembrava mais depressa a disposição de uma casa de bichos do que as jaulas confortáveis de um jardim zoológico.

Só ali faltavam os cenários, suspensos de cavaletes, representando com violentas cores um domador vestido de fato de malha cor-de-rosa e casaquinho de veludo, no meio de uma horda de feras prestes a saltar que, de fauces abertas e garras distendidas, se encolhem sob as chicotadas de um Bidel ou de um Pezon heróico! É verdade que não havia público para invadir a galeria.

A curta distância via-se um grupo de búfalos domésticos.

Ocupavam, à direita, uma parte lateral do kraal, aonde quotidianamente lhes levavam a ração de forragem fresca.

Não se podia deixar vaguear estes animais pelas pastagens próximas.

Como elegantemente dissera Matias Van Guitt, a liberdade de pastar, permitida nas regiões do Reino Unido, é incomparável com os perigos que apresentam as florestas do Himalaia.

A casa dos bichos propriamente dita compreendia seis jaulas, montadas sobre quatro rodas.

Cada jaula, gradeada na frente, era dividida em seis compartimentos. Uma porta, ou antes umas divisórias, que subiam e desciam, permitindo fazer passar os animais de um compartimento para o outro, conforme as necessidades do serviço.

As jaulas continham então sete tigres, dois leões, três panteras e dois leopardos.

Disse-nos Matias Van Guitt que o seu fornecimento não ficaria completo sem ter apanhado mais dois leopardos, três tigres e um leão. Deixaria então o acampamento, dirigir-se-ia à estação do caminho de ferro mais próxima e tomaria a direcção de Bombaim.

As feras, que se podiam ver à vontade nas jaulas, eram magníficas e muito ferozes.

Tinham sido apanhadas recentemente e ainda não se haviam habituado a este estado de sequestro.

Conhecia-se isto pelos rugidos terríveis, pelos seus passeios repentinos de uma divisória para outra, pelas grandes patadas que atiravam através dos varões de ferro das jaulas, falseados em muitos pontos.

Quando chegámos em frente das jaulas, estas violências aumentaram, sem que Matias Van Guitt parecesse impressionar-se com tal.

– Pobres animais! – exclamou o capitão Hod.

– Pobres animais! – repetiu Fox.

– Julga então que estas feras são mais dignas de dó que as que o senhor mata? – perguntou o fornecedor num tom bastante seco.

– São menos dignas de dó que de censura. . . por se terem deixado agarrar! – redarguiu o capitão Hod.

Se é verdade que algumas vezes os carnívoros, em regiões como o continente africano, têm de passar por grandes privações, porque aí são raros os ruminantes, de que unicamente se nutrem, não sucede o mesmo em toda a zona do Tarryani. Abundam aqui os bisões ou búfalos, os zebus, os javalis, os antílopes, aos quais os leões, os tigres e as panteras dão caça incessantemente.

Além disso, as cabras, os carneiros, sem falarmos dos pastores que os guardam, proporcionam-lhes uma presa segura e fácil. Encontrariam, portanto, nas florestas do Himalaia com que

amplamente satisfazer a fome. Por isso, a sua ferocidade, que nunca se desarma, não tem desculpa.

Era principalmente de carne de bisão e de zebra que o fornecedor alimentava os seus bichos, e os chikaris é que tinham por obrigação fornecer-lhes a despensa em certos dias.

Erra quem julgar que esta caça não oferece perigo.

Pelo contrário, o próprio tigre tem muito que recear do búfalo silvestre, que é um animal terrível quando ferido.

Mais de um caçador o tem visto arrancar com os chifres a árvore onde procurou refúgio.

É verdade dizer-se que os olhos do ruminante são umas verdadeiras lentes de aumentar, que para eles o tamanho dos objectos triplica, e que o homem, sob este aspecto gigantesco, lhe impõe respeito. Também há quem pretenda que a posição vertical da criatura humana, quando caminha, é própria para assustar os animais ferozes, e que mais vale arrostá-los em pé que agachado ou deitado.

Não sei o que há de verdade nestas asserções, mas o certo é que o homem, ainda quando se ergue a toda a altura, não impressiona o búfalo selvagem, e, se a sua arma lhe falha, está quase perdido.

É o que sucede com o bisão da Índia, de cabeça curta e quadrada, chifres esbeltos e achatados na base, lombo corcovado característica que o aproxima do seu congénere da América, pernas brancas, desde o casco até ao joelho, e medindo às vezes, do começo da cauda até à extremidade do focinho, quatro metros. O bisão, embora talvez menos feroz quando pasta em rebanho as altas ervas da planície, torna-se terrível para o caçador que imprudentemente o ataca.

Tais eram, pois, os ruminantes especialmente destinados a alimentar os carnívoros da colecção Van Guitt.

Os chikaris, para os apanharem com mais segurança, e quase sem perigo, procuravam de preferência caçá-los com armadilhas, de onde os tiravam 'mortos ou pouco menos.

Como homem que sabia do seu ofício, o fornecedor alimentava parcimoniosamente os seus hóspedes. Todos os dias, ao meio-dia, distribuía-lhes quatro ou cinco libras de carne, e mais nada.

E, além disso, e não era decerto por motivos religiosos, deixava-os jejuar de sábado até segunda-feira.

Triste domingo de dieta, na verdade! Também quando, passadas quarenta e oito horas, chegava a modesta refeição, era uma raiva impossível de conter, um concerto de uivos, uma terrível agitação, formidáveis pulos que imprimiam às jaulas ambulantes um movimento oscilatório, que fazia reçar que elas se desmanchassem.

Sim, pobres animais! tem a gente a tentação de repetir com o capitão Hod.

Mas Matias Van Guitt não procedia assim sem razão.

Esta abstinência no encarceramento livrava as suas feras de afecções cutâneas e fazia-as subir de preço nos mercados da Europa.

Como facilmente se imagina, enquanto nos mostrava a sua colecção, mais na qualidade de naturalista do que na de domador de feras, Matias Van Guitt não conservava a língua em sossego. Falava, contava, recontava, e como os carnívoros do Tarryani é que constituíam o principal tema dos seus períodos redundantes, o fornecedor interessava-nos até certo ponto.

Por isso também não devíamos deixar o kraal senão quando a zoologia do Himalaia nos confiasse os seus últimos segredos.

– Mas, senhor Van Guitt – disse Banks, – poderá dizer-me se os interesses da profissão estão em proporção com os riscos?

– Senhor – respondeu ele, – antigamente eram bem remunerados. Nestes últimos anos, porém, sou obrigado a reconhecê-lo, os animais ferozes baixaram de cotação. Podem avaliar pelos preços correntes. O nosso principal mercado é o Jardim Zoológico de Antuérpia. Voláteis, felinos, exemplares das famílias dos ofídios,

símios e sáurios, representando carnívoros dos dois mundos, é para ali que despacho habitualmente. . .

O capitão Hod inclinou-se perante esta palavra.

– ...os produtos das nossas aventurosas batidas nas florestas da península. Seja como for, o gosto do público pareceu modificar-se, e os preços de venda hão-de chegar a ser inferiores aos preços do custo! Ultimamente, um avestruz macho só se vendeu por mil e cem francos, e a fêmea apenas por oitocentos. Uma pantera negra só encontrou comprador por mil e seicentos francos, um tigre de Java por dois mil e quinhentos, e uma família de leões pai, mãe, tio, dois filhos, que prometiam um grande futuro, todos juntos, sete mil francos.

– É na verdade uma miséria! – concordou Banks.

– Quanto aos proboscídeos. . . – prosseguiu Matias Van Guitt.

– Proboscídeos? – perguntou o capitão Hod.

– Damos este nome científico aos paquidermes a quem a natureza confiou uma tromba.

– Ah! Os elefantes.

– Sim, os elefantes desde a época quaternária; os mastodontes nos períodos pré-históricos. . .

– Obrigado – volveu o capitão Hod.

– Quanto aos proboscídeos – continuou Matias Van Guitt, – deixamo-los em paz, salvo se lhes pretendemos as presas, porque o consumo do marfim não tem diminuído Mas, desde que alguns autores dramáticos, esgotados todos os expedientes, têm imaginado apresentá-los nas suas peças, os empresários andam com eles de cidade em cidade, e o mesmo elefante, correndo as províncias com a companhia ambulante, chega para a curiosidade de todo um país. Por isso os elefantes são menos procurados que noutros tempos.

– Mas – perguntei eu – o senhor fornece estes exemplares da fauna indiana somente às colecções da Europa?

– Há-de perdoar-me, senhor –olveu Matias Van Guitt,– se a este respeito, apesar de eu não ser muito competente, lhe faça uma pergunta. Inclinei-me em sinal de assentimento.

– O senhor é francês prosseguiu o fornecedor. Conhece-se, não só pela sua pronúncia, como também pelo seu tipo, que é um misto agradável de galo-romano e de celta. Ora, na sua qualidade de francês, pouca propensão há-de ter para viagens remotas e com certeza que não fez ainda uma viagem à roda do mundo?

Aqui, o gesto de Matias Van Guitt descreveu um dos grandes círculos da esfera.

– Ainda não tive esse prazer respondi.

– Perguntar-lhe-ei, pois – continuou o fornecedor, – não se já foi às índias, porque o senhor aqui se encontra, mas se conhece a fundo a península indiana?

– Por enquanto, imperfeitamente. Contudo, já visitei Bombaim, Calcutá, Benares, Allahabad, o vale do Ganges.

– Vi os seus monumentos, admirei. . .

– Ora, mas o que é isso, sim, o que é isso? – interrompeu Matias Van Guitt, voltando o rosto, enquanto a sua mão, agitada febrilmente, manifestava um supremo desdém.

Depois, procedendo por hipotipose, isto é, entregando-se a uma descrição viva e animada, continuou:

– Sim, o que é isso, se ainda não visitou as colecções desses magníficos rajás que conservam o culto dos soberbos animais de que se honra o território sagrado da Índia! O que lhe digo é que torne a pegar no bordão de viajante! Vá ao Guicowar prestar homenagem ao rei de Baroda! Veja as suas jaulas, que me devem a maior parte dos bichos leões de Kathiawar, ursos, panteras, tchitas, lince, tigres! Assista à celebração do casamento dos seus sessenta mil pombos, que todos os anos se celebra com grande pompa! Admire os seus quinhentos bulbuls, rouxinóis da península, de cuja educação se cuida como se fossem os herdeiros do trono!

Contemple os seus elefantes, um dos quais, destinado a executor das penas de morte, tem por missão esmagar a cabeça do condenado sobre a pedra do suplício! Depois, dirija-se aos domínios do rajá de Maissur, o mais rico dos soberanos da Ásia! Entre no seu palácio, onde se contam às centenas os rinocerontes, os elefantes, os tigres e todas as feras de alta categoria, pertencentes à aristocracia animal da Índia! E, depois de ver tudo isto, não poderá ser acusado de ignorância com relação às maravilhas deste incomparável país!

Não tinha mais do que inclinar-me perante as observações de Matias Van Guitt. O seu modo entusiástico de expor as coisas nem por sombras admitia a discussão.

Não obstante, o capitão Hod interrogou-o mais directamente a respeito da fauna especial daquela região do Tarryani.

– Por favor – disse o capitão, – dê-me algumas informações acerca dos carnívoros que vem procurar a estes lados da Índia. Apesar de não passar de um simples caçador, repito, não lhe farei concorrência, senhor Van Guitt, e até, se puder, ajudá-lo-ei de muito bom grado. Mas, completa a colecção, não há-de desaproveitar que me entregue à destruição de alguns animais para meu recreio pessoal.

Matias Van Guitt tomou a atitude de um homem resignado a sofrer o que desaprova, mas que não pode evitar. Entretanto sempre concordou que o Tarryani encerrava um grande número de animais daninhos, geralmente pouco pedidos nos mercados da Europa, e cujo sacrifício lhe parecia permitido.

– Mate os javalis, consinto – disse ele. – Apesar de que estes animais, da ordem dos paquidermes, não serem carnais. . . .

– Carnais? estranhou o capitão.

– Entendo por isto que são herbívoros. É tal a sua ferocidade que fazem correr os maiores perigos aos caçadores bastante audaciosos para os atacarem!

– E os lobos?

– Os lobos são numerosos em toda a península e muito temíveis quando caem em bandos sobre alguma granja solitária. Parecem-se um pouco com os lobos da Polónia, e faço tanto caso deles como de chacais ou de cães selvagens. É verdade que não nego os estragos que fazem, mas como não têm nenhum valor comercial e são indignos de figurar entre os zoocratas das altas classes, também lhos deixo, capitão Hod.

– E os ursos? perguntei eu.

– Os ursos têm as suas coisas boas, senhor respondeu o fornecedor, aprovando com sinal de cabeça. Se os da Índia não são procurados com tanto interesse como os seus congéneres da família dos ursinos, possuem contudo um valor comercial que os recomenda à benévola atenção dos conhecedores. O gosto pode hesitar entre os dois tipos que devemos aos vales de Caxemira e às colinas do Raymahal. Mas, excepto talvez o período de hibernação, estes animais são quase inofensivos e não podem tentar os instintos cinegéticos de um verdadeiro caçador, tal qual se apresenta aos nossos olhos o capitão Hod.

O capitão inclinou-se com ares significativos, mostrando claramente que, sem licença de Matias Van Guitt ou com ela, só à sua própria opinião se reportaria nestas questões especiais.

– Demais acrescentou o fornecedor, estes ursos não passam de botanófagos.

– Botanófagos? – disse o capitão.

– Sim – retorquiu Matias Van Guitt, – não vivem senão de vegetais, e não têm nada de comum com as espécies ferozes de que a Índia com razão se ufana.

– Inclui o leopardo no número das feras? – perguntou o capitão.

– Decerto, senhor. Este felino é ágil, ousado, corajoso, trepa às árvores, e por isso mesmo é às vezes mais temível que o tigre.

– Oh! – exclamou o capitão Hod.

– Senhor – contrapôs Van Guitt com *secura*, – se um caçador não pode contar com um refúgio nas árvores, está muito arriscado a ser caçado em vez de caçar!

– E a pantera? – inquiriu o capitão Hod, que quis cortar toda a discussão.

– Oh! É soberba a pantera – respondeu Matias Van Guitt, – e os senhores mesmos podem avaliar, porque tenho magníficos espécimes! Assombrosos animais, que por uma singular contradição, uma antilogia, para empregar palavra menos usual, podem ser adestrados para a caça! Sim, senhores, no Guicowar especialmente, os rajás exercitam as panteras neste nobre mister! Trazem-nas num palanquim, com a cabeça coberta com um capuz, como um gerifalte ou um esmerilhão! São verdadeiros falcões de quatro pés! Logo que os caçadores avistam um bando de antílopes, tiram o capuz à pantera e esta corre sobre os tímidos ruminantes, cujas pernas, por muito ágeis que sejam, não os podem pôr a salvo das suas terríveis garras! Sim, senhor capitão, encontrará panteras no Tarryani! Há-de talvez encontrar 'mais do que quer, mas caridosamente o previno de que essas não estão domesticadas.

– Assim o espero – redarguiu o capitão Hod.

– Como também não o estão os leões – acrescentou o fornecedor, um pouco escandalizado com a resposta.

– Ah! Os leões! – disse o capitão Hod. – Se me faz obséquio, falemos um pouco dos leões.

– Sempre lhe digo, capitão, que considero estes reis da animalidade como inferiores aos seus congêneres da antiga Líbia. Aqui o macho não tem a juba, que é o apanágio do leão africano, e na minha opinião não passam de uns Sansões tristemente tosquiados! Demais, têm desaparecido quase de todo da Índia central para se refugiarem no Kathiawar, no deserto de Theil e no Tarryani. Estes felinos degenerados vivem agora como eremitas e solitários, e não podem retemperar-se com a convivência dos seus semelhantes. Por isso, também, não os coloco em primeiro lugar na escada dos

quadrúpedes. Na verdade, senhores, pode escapar-se ao leão, mas não ao tigre!

– Sim, ao tigre repetiu Fox.

– O tigre, prosseguiu – Matias Van Guitt, animando-se, para ele a coroa! Diz-se o tigre real, não o leão real, e é justo! A Índia pertence-lhe toda e resume-se nele! Não foi ele o primeiro que ocupou esta região. Não lhe assiste o direito de considerar invasores, não só os representantes da raça anglo-saxónica, mas também os filhos da raça solar? Não é ele o verdadeiro filho desta terra santa da Argavarta? É por isso também que vêem estas admiráveis feras espalhadas por toda a superfície da península, e não abandonaram um só dos distritos dos seus antepassados, desde o cabo de Comorin até à fronteira himalaiana!

E o braço de Matias Van Guitt, depois de ter figurado da banda do sul um promontório avançado, subiu para o norte, para descrever uma cumeada de montanhas.

– No Sunderbund – prosseguiu – estão em sua casa! Reinam ali como soberanos, e desgraçados dos que quisessem disputar-lhes aquele território. Nos Nilgheries, vagueiam em massa, como gatos selvagens. Si parva licet componere magnis^{10}! Hão-de já compreender porque é que estes felinos magníficos são pedidos em todas as cidades da Europa e são o orgulho dos beluários! Qual é o grande atractivo das colecções de bichos públicas ou particulares? O tigre! Quando é que receamos pela vida do domador? Quando o domador entra na jaula do tigre! Qual é o animal que os rajás pagam a peso de ouro para ornamento dos seus jardins reais? O tigre! Quem causa a alta nos mercados de animais de Londres, de Antuérpia, de Hamburgo? O tigre! Quais são as caçadas em que se ilustram os caçadores indianos, oficiais do exército real ou indígena? Na caça do tigre! Sabem qual é o prazer que os soberanos da Índia independente oferecem aos seus hóspedes? Traz-se um tigre real numa jaula que é colocada em meio de uma vasta planície. O rajá, os seus convidados, os seus oficiais, os seus guardas armados de

lanças, de revólveres, de carabinas e a maior parte montados em valentes solípedes. . .

– Solípedes? perguntou o capitão Hod.

– Os seus cavalos, se preferem essa palavra um pouco vulgar. Mas estes solípedes, assustados com a proximidade da fera, com o seu cheiro selvático, com o fulgor que dardeja dos seus olhos, encabritam-se e é preciso toda a destreza dos cavaleiros para os sopear. De repente, abre-se a porta da jaula! O monstro corre para fora, pula, voa, lança-se sobre os grupos espalhados, imola à sua raiva uma hecatombe de vítimas! Se alguma vez consegue quebrar o círculo de ferro e de fogo que o estreita, a maior parte das vezes sucumbe. É um contra cem, e a sua morte é gloriosa, porque é de antemão vingada!

– Bravo, senhor Matias Van Guitt! – proclamou o capitão Hod, que também se animava. – Sim deve ser um belo espectáculo! O tigre é o rei dos animais!

– Uma realeza que desafia as evoluções! – acrescentou o fornecedor.

– E, se o senhor os tem apanhado – retorquiu o capitão, – eu tenho-os matado, e espero não deixar o Tarryani enquanto o quinquagésimo não cair sob os meus golpes.

– Capitão – disse o fornecedor, franzindo o sobrolho, – deixei-lhe os javalis, os lobos, os ursos, os búfalos! Não são suficientes para satisfazer os seus instintos de caçador?

Vi que o nosso Hod ia tomar tanto calor como Matias Van Guitt sobre este palpitante problema.

Teria um deles apanhado mais tigres do que o outro matara? Que tema para discussão! Valeria mais apanhá-los ou destruí-los? Que tese para sustentar!

Já ambos, o fornecedor e o capitão, principiavam a trocar frases rápidas, e, para dizerem tudo, a falar ao mesmo tempo sem se compreenderem.

Banks interveio.

– Os tigres – afirmou – são os reis da criação, está decidido; mas permita-me que acrescente que são uns reis muito perigosos para os seus vassalos. Em 1862, se não me engano, estas excelentes feras devoraram todos os telegrafistas da estação da ilha de Sangor. Menciona-se também um tigre fêmea que, no espaço de três anos, não fez menos de cento e dezoito vítimas, e outro que, no mesmo espaço de tempo, matou cento e vinte e sete pessoas. É demais para rainhas! Finalmente, depois do desarmamento dos sipaios, no intervalo de três anos, foram vítimas dos tigres doze mil quinhentos e cinquenta e quatro indivíduos.

– Mas o senhor parece esquecer-se de que esses animais são omófagos! retorqui Matias Van Guitt.

– São. . . Omófagos? perguntou o capitão Hod.

– Sim, devoradores de carne crua, e os indianos pretendem até que, depois de provarem a carne humana, já não querem outra.

– E então? – perguntou Banks.

– Então, senhor respondeu Matias Van Guitt, sorrindo, obedecem aos impulsos da natureza! . . . Não podem deixar de comer!

-

CAPÍTULO IV



Uma Rainha do Tarryani

Esta observação do fornecedor serviu de remate à nossa visita ao kraal. Eram horas de voltarmos para a Steam House .

Afinal, o capitão Hod e Matias Van Guitt não se separavam como os melhores amigos do mundo.

Se um queria destruir as feras do Tarryani, o outro queria apanhá-las, e contudo havia bastantes para contentar ambos.

Em todo o caso combinou-se que as relações entre o kraal e o sanitarium seriam frequentes. Far-se-iam mútuas prevenções quando houvesse boas empresas a tentar.

Os chikans de Matias Van Guitt, muito versados neste género de expedições, conhecedores de todos os desvios do Tarryani, estavam aptos a prestar serviços ao capitão Hod, indicando-lhe os caminhos frequentados pelos animais. O fornecedor pô-los obsequiosamente ao seu serviço, e muito especialmente Kalagani.

Este indiano, apesar de ter entrado havia pouco tempo para o serviço do kraal, mostrava-se muito entendido, e podiam confiar nele absolutamente. Em compensação, o capitão Hod prometeu ajudar, dentro dos limites dos seus recursos, a captura das feras que faltavam à colecção de Matias Van Guitt. Antes de deixar o kraal, Sir Edward Munro, que provavelmente não tencionava fazer ali muitas visitas, agradeceu mais uma vez a Kalagani, cuja intervenção o salvara. Disse-lhe que seria sempre 'bem recebido na Steam House .

O indiano inclinou-se friamente.

Se alguma satisfação experimentou por ouvir assim falar o homem que lhe devia a vida, o certo é que não o deu a conhecer.

Tínhamos regressado por causa da hora de jantar.

Como bem se imagina, Matias Van Guitt constituiu o tema da conversa.

– Com os demónios! Que bonitos gestos tem o tal fornecedor! – repetia o capitão Hod. – Que palavras tão escolhidas. Que expressões tão figuradas! Mas, se vê nas feras apenas animais para exposição, engana-se.

Nos dias seguintes, 27, 28 e 29 de Junho, choveu com tal violência que os caçadores, apesar do seu muito entusiasmo, não puderam sair! É verdade que neste tempo horrível é impossível descobrir os rastos dos animais, e os carnívoros, que gostam tanto de água como podem gostar os gatos, não saem dos seus antros.

No dia 30, o tempo e o céu apareceram melhores. Eu, o capitão Hod, Fox e Gumi fizemos os nossos preparativos para descer ao kraal.

De manhã, alguns montanhesees vieram visitar-nos.

Tinham ouvido dizer que aparecera um pagode milagroso na região do Himalaia, e trazia-os a Steam House uma curiosidade muito grande.

A raça que vive na fronteira do Tibete é de um belo tipo, são indígenas dotados de qualidades guerreiras, de uma lealdade a toda a prova, que praticam em larga escala a virtude da hospitalidade e muito superiores física e moralmente aos indianos das planícies.

Se o suposto pagode os maravilhou, o Gigante de Aço impressionou-os a ponto de lhes inspirar gestos de adoração.

E estava parado! Que seria se aquela boa gente o tivesse visto a expelir fumo e chamas e a subir as íngremes rampas das suas montanhas!

O coronel acolheu favoravelmente estes indígenas, alguns dos quais percorrem com mais frequência os territórios de Nepal, nos limites da fronteira indo-chinesa.

A conversa convergiu por um momento sobre a parte da fronteira onde Nana Sahib procurara refúgio, depois da derrota dos sipaios, quando foi perseguido por todo o território da Índia.

Afinal os montanheses apenas sabiam o que nós mesmos sabíamos. Chegara-lhes o boato da morte do nababo e não pareciam pô-lo em dúvida.

Quanto aos companheiros que lhe tinham sobrevivido, nem deles já se falava.

Talvez houvesse ido procurar refúgio nas profundezas do Tibete; mas encontrá-los naquela região era difícil. Se o coronel Munro subira para o norte da península com a ideia de conhecer tudo quanto de perto se referia a Nana Sahib, as respostas que obteve foram desencorajantes.

Por isso, ao ouvir os montanheses, ficou triste e deixou de tomar parte na conversa.

Quanto ao capitão Hod, esse fez-lhes outras perguntas, mas de um género muito diferente.

Informaram-no de que as feras, e mais especialmente os tigres, faziam terríveis razias na zona inferior do Himalaia.

Tinham chegado a ficar abandonadas aldeias inteiras.

Estavam já exterminados rebanhos inteiros de cabras e de carneiros, e contavam-se numerosas vítimas entre os indígenas.

Apesar do prémio considerável oferecido pelo Governo trezentas rupias por cada cabeça de tigre, o número destas feras não parecia diminuir, e perguntava-se se o homem não seria obrigado dentro de pouco a ceder-lhes o lugar.

Também os montanheses acrescentaram que os tigres não se limitavam ao Tarryani. Em todos os sítios onde a planície lhes proporcionava o abrigo das ervas altas dos juncais, de mato em que pudessem pôr-se de emboscada, encontravam-se em grande número.

– Animais sanguinários! disseram eles.

Aquela boa gente, e com razão já se vê, não alimentava a respeito dos tigres as mesmas ideias do fornecedor Matias Van Guitt e do nosso amigo o capitão Hod.

Os montanheses retiraram-se encantados com o acolhimento recebido e prometeram repetir a sua visita à Steam House .

Depois de eles se retirarem e feitos os nossos preparativos, o capitão Hod, comigo e com os nossos dois companheiros, todos bem armados e prontos para qualquer encontro, desceu na direcção do Tarryani.

Ao chegarmos à clareira onde se encontrava a armadilha, da qual com tanta felicidade havíamos tirado Matias Van Guitt, apareceu-nos este, não sem alguma cerimónia.

Uns cinco ou seis indivíduos da sua comitiva, no número dos quais estava Kalagani, tratavam de fazer passar da armadilha para uma jaula com rodas um tigre que se tinha deixado apanhar durante a noite.

Era um magnífico animal, e escusado será dizer se despertou ou não apetite ao capitão Hod.

– Um a menos no Tarryani! – murmurou entre dois suspiros, que encontraram eco no peito de Fox.

– Mais um na colecção– retorquiui-lhes o fornecedor. – Mais dois tigres, um leão, dois leopardos, e ficarei habilitado a satisfazer os meus compromissos antes do fim da campanha. Vêm comigo ao kraal, meus senhores?

– Agradecemos-lhes disse o capitão Hod; mas hoje caçamos por nossa conta.

– Kalagani está à sua disposição, capitão Hod – retorquiui o fornecedor. – Ele conhece perfeitamente a floresta e pode ser-lhes útil.

– Nós aceitamo-lo de boa vontade como guia.

– Então, meus senhores – acrescentou Matias Van Guitt, – boa sorte! Mas prometam-me que não matam tudo.

– Alguma coisa lhe havemos de deixar – respondeu o capitão Hod.

E Matias Van Guitt, cumprimentando com um gesto magnífico, desapareceu sob as árvores em seguimento da jaula ambulante.

– A caminho, senhores convidou o capitão Hod. – Vamos ao meu quadragésimo segundo!

– Ao meu trigésimo oitavo! – acrescentou Fox.

– Ao meu primeiro! – ajuntei eu.

Mas o tom como proferi estas palavras fez sorrir o capitão. A verdade é que eu não tinha o fogo sagrado.

Hod voltou-se para Kalagani.

– Conheces bem o Tarryani? – perguntou-lhe.

– Tenho-o percorrido muitas vezes, de dia e de noite, em todas as direcções – respondeu o indiano.

– Já ouviste falar nalgum tigre que atraia mais especialmente as atenções em volta do kraalt.

– Sim, mas é uma fêmea. Viram-na a duas milhas daqui, na parte superior da floresta, e há alguns dias que a procuram apanhar. Quer o senhor que. . .

– Sim, queremos! respondeu o capitão Hod, sem deixar o guia concluir a frase.

Na verdade o que havia de melhor a fazer era seguir Kalagani, e foi o que fizemos.

É fora de dúvida que as feras são muito numerosas no Tarryani, e neste sítio, como nos outros, precisam pelo menos de dois bois por semana para o seu consumo particular!

Calculem o que esta alimentação custa a toda a península!

Mas, embora os tigres sejam numerosos, não se imagine que percorrem a região sem necessidade.

Enquanto a fome os não impele, conservam-se ocultos nos seus covis, e seria erro julgar que se encontram a cada passo.

Quantos viajantes não têm percorrido as florestas e os juncais sem os terem visto!

Por isso, quando se organiza uma caçada, deve-se tratar primeiramente de operar um reconhecimento sobre os passos que o animal costuma dar, e principalmente descobrir o regato ou nascente aonde vão habitualmente densedentar-se.

Isto ainda não basta, é preciso atraí-los. Consegue-se isso com facilidade colocando um quarto de boi, preso a um poste, em algum lugar rodeado de árvores ou de rochedos que possam servir de abrigo aos caçadores.

É assim pelo menos que se procede na floresta.

Na planície é diferente, e o elefante torna-se o mais útil auxiliar do homem nestas perigosas caçadas. Mas os elefantes devem estar perfeitamente adestrados. Ainda assim, apodera-se deles muitas vezes o pânico, o que torna muito perigosa a posição dos caçadores empoleirados no seu dorso.

E, depois, o tigre não hesita em lançar-se sobre o elefante.

A luta entre o homem e a fera trava-se então sobre o dorso do gigantesco paquiderme, que se enfurece, e é raro não terminar desfavoravelmente para o elefante.

Todavia, é assim que se fazem as grandes caçadas dos rajás e dos caçadores ricos da Índia, as caçadas dignas de figurarem nos anais cinegéticos.

Mas não procedia assim o capitão Hod.

Era a pé que ia em busca dos tigres, era a pé que ia habitualmente combatê-los.

Seguíamos Kalagani, que caminhava rápido. Reservado como um indiano, pouco conversava e limitava-se a responder em poucas palavras às perguntas que lhe dirigiam.

Dali a uma hora fazíamos alto junto de uma torrente, em cujas margens se viam pegadas ainda recentes de animais.

No meio de uma clareira erguia-se um poste, do qual pendia um quarto de boi inteiro.

A isca não fora completamente respeitada. Acabava de ser encetada pelos dentes dos chacais, esses gatunos da fauna indiana, sempre em busca de alguma presa, ainda que a presa não lhes seja destinada.

Quando chegámos, fugiu uma dúzia destes carnívoros, deixando-nos o lugar livre.

– Capitão – informou Kalagani, – é aqui que vamos esperar a fêmea. Bem vê que o lugar é muito favorável para uma emboscada.

Efectivamente, era fácil colocarmo-nos em uma das árvores ou detrás dos rochedos, de modo que pudéssemos cruzar os fogos sobre o posto isolado no meio da clareira.

Foi o que imediatamente se fez. Eu e Gumi tomámos lugar no mesmo ramo.

O capitão Hod e Fox, empoleirados ambos na primeira bifurcação de dois grandes carvalhos verdejantes, estavam em frente um do outro.

Quanto a Kalagani, esse estava meio oculto atrás de um rochedo elevado, por onde podia subir se o perigo se tornasse iminente.

O animal ficaria pois envolvido num círculo de fogos, de que não poderia sair. Todas as probabilidades eram portanto contra ele, ainda que sempre seria bom contar com o imprevisto.

Só tínhamos que esperar.

Os chacais, espalhados em todos os sentidos, continuavam a fazer ouvir os seus uivos rouquinhos, no mato vizinho, mas já não se atreviam a vir atirar-se ao quarto de boi.

Não decorrera ainda uma hora quando cessaram os uivos. Em seguida, dois ou três chacais saltaram da espessura, atravessaram a clareira e desapareceram no mais embrenhado do bosque.

Um sinal de Kalagani, que se preparava para subir o rochedo, prevenia-nos de que nos devíamos acautelar.

A fuga precipitada dos chacais só podia ser causada pela aproximação de alguma fera o tigre decerto e devíamo-nos preparar para o vermos aparecer de um momento para o outro em algum ponto da clareira.

Tínhamos as armas preparadas. As carabinas do capitão Hod e do seu impedido, já apontadas para o sítio do bosque de onde tinham aparecido os chacais, só esperavam a pressão do dedo para desfecharem.

Não tardou que me parecesse notar uma ligeira agitação nos ramos superiores da espessura.

Ouviu-se no mesmo instante um estalido de ramos secos.

Um animal qualquer avançava, mas prudentemente, sem se apressar.

Dos caçadores que esperavam emboscados na espessa folhagem não podia com certeza ter nenhum indício. Não obstante, o instinto sempre lhe devia fazer pressentir que não havia ali segurança para ele. com certeza que, se a fome o não impelisse, se o quarto de boi o não atraísse com as suas emanções, não se atreveria a avançar mais.

Contudo, sempre assomou por entre os ramos de mato e parou desconfiado.

Era efectivamente um tigre fêmea, grande, de formidável cabeça e corpo flexível. Começou a avançar rastejando, com o movimento ondulatório de um réptil.

De comum acordo, deixámos a fera aproximar-se do poste.

Farejava o solo, erguia-se depois, tufava o dorso, como um gato enorme que se dispõe a saltar.

De repente, soaram dois tiros de carabina.

– Quarenta e dois! – bradou o capitão Hod.

– Trinta e oito! – bradou Fox.

O capitão e o impedido tinham desfechado ao mesmo tempo, e tão certamente que o tigre, com uma bala no coração, senão duas, revolvía-se no chão.

Kalagani correra para o animal. Nós também saltámos para o chão.

Mas a quem pertenciam as honras do tiro mortal? Ao capitão ou a Fox? Como se imagina, o caso era muito importante.

Abriu-se o animal. O coração fora atravessado por duas balas.

– Ora vamos disse o capitão, não sem algum pesar, metade para cada um!

– Metade, meu capitão – confirmou Fox, no mesmo tom.

E parece-me que nenhum deles seria capaz de ceder a parte que entendia caber-lhe.

Eis as circunstâncias destes maravilhosos tiros, cujo resultado mais incontestável era que o animal sucumbisse sem luta, e, por conseguinte, sem perigo para os caçadores, acontecimento muito raro nas caçadas deste género.

Fox e Gumi ficaram no campo de batalha, a fim de despojarem o animal da sua pele magnífica, enquanto eu e o capitão Hod voltámos para a Steam House .

Não é meu intento expor em pormenor os incidentes das nossas expedições no Tarryani, a menos que estes incidentes apresentem algum carácter particular.

Limito-me por isso a dizer, daqui em diante, que o capitão Hod e Fox não tiveram razão de queixa.

A 10 de Julho, por ocasião de uma caçada ao hudd, isto é, de cabana, foram favorecidos por um acaso feliz, que não lhes permitiu incorrer em perigo.

O huddi é, além disso, muito próprio para a emboscada às grandes feras.

É uma espécie de forte com ameias, cujas paredes, guarnecidas de seteiras, dominam as margens de um regato aonde os animais têm por hábito beber.

Costumados a verem estas construções, não desconfiam e expõem-se directamente aos tiros dos caçadores. Mas neste modo de caçar, como em outro qualquer, é preciso ferir mortalmente o animal logo ao primeiro tiro, senão a luta torna-se perigosa porque o huddi nem sempre deixa o caçador ao abrigo das feras, cujo ferimento as torna furiosas.

Foi o que precisamente sucedeu nesta ocasião, como se vai ver.

Matias Van Guitt acompanhava-nos. Talvez esperasse que algum tigre, ligeiramente ferido, pudesse ser levado para o kraal, onde se encarregaria de o tratar e curar.

Naquele dia, o nosso grupo de caçadores teve de bater-se com três tigres, que a primeira descarga não impedira que saltassem sobre as paredes do huddi.

com grande pena do fornecedor, os dois primeiros foram mortos ao segundo tiro, quando transpunham o recinto fortificado.

Quanto ao terceiro, pulou para dentro, com a espádua vertendo sangue, mas não ferido mortalmente.

– Este havemos de apanhá-lo! – exclamou Matias Van Guitt, expondo-se um pouco. – Havemos de apanhá-lo vivo. . .

Ainda não concluíra a sua frase imprudente e já o animal se precipitava sobre ele e o derrubava. E o fornecedor teria ficado logo ali se uma bala do capitão Hod não acertasse na cabeça do tigre, que caiu fulminado.

Matias Van Guitt levantou-se rapidamente.

Em vez de agradecer ao nosso companheiro, exclamou:

– Capitão, poderia ter esperado um pouco!

– Esperar. . . o quê? – respondeu o capitão Hod. – Que o animal lhe esmagasse o peito com uma patada?

– Uma patada não é coisa de morte!

– Bem! replicou serenamente o capitão Hod. – Para a outra vez esperarei.

A verdade é que o animal, incapaz de figurar na colecção do kraal, só estava bom para um tapete de quarto.

Esta feliz expedição elevou a quarenta e dois para o capitão e a trinta e oito para o impedido o número de tigres mortos por ambos, sem falar na metade de tigre que já figurava no seu activo.

Não se suponha que estas grandes caçadas faziam esquecer as pequenas. Não consentiria em tal Monsieur' Parazard.

Antílopes, cabritos monteses, grandes abetardas, que eram muito numerosas em volta da Steam House, perdizes e lebres forneciam à nossa mesa grande variedade de caça.

Quando íamos bater o Tarryani, Banks raramente ia connosco. Se a mim começavam a interessar estas expedições, ele é que não tomava gosto por elas.

As zonas superiores do Himalaia ofereciam-lhe sem dúvida mais atractivos, e ele comprazia-se nessas excursões, principalmente quando o coronel Munro consentia em acompanhá-lo.

Mas só uma vez ou duas os passeios do engenheiro se fizeram nestas condições. Pude observar que, depois da sua instalação no sanitarium, Sir Edward Munro se tornara apreensivo.

Falava menos, conservava-se afastado, conferenciava algumas vezes com o sargento Mac Neil.

Estariam ambos planeando algum novo projecto que quisessem esconder até do próprio Banks?

No dia 13 de Julho, Matias Van Guitt veio fazer-nos uma visita.

Menos afortunado que o capitão Hod, não pudera acrescentar qualquer novo exemplar à sua colecção. Nem tigres, nem leões, nem leopardos pareciam dispostos a deixar-se apanhar.

É que, certamente, a ideia de irem figurar em exposições nas regiões do Extremo Ocidente não os tentava.

O fornecedor estava muito despeitado e não procurava disfarçar o despeito.

Kalagani e dois chikaris do seu pessoal acompanhavam Matias Van Guitt.

A instalação do sanitarium, naquele local encantado, agradou-lhe sobremodo.

O coronel Munro convidou-o para jantar. Aceitou com gosto e prometeu mostrar-se bom conviva.

Enquanto esperava pelo jantar, Matias Van Guitt quis visitar a Steam House, cujo conforto formava contraste com a modesta instalação do kraal.

As duas casas rodantes mereceram-lhe alguns elogios; mas devo confessar que o Gigante de Aço não lhe despertou admiração.

Um naturalista da sua força não poderia deixar de ficar insensível diante daquele primor de mecânica. Como é que ele havia de aprovar, por muito admirável que fosse, a criação daquele bicho artificial?

– Não fique mal impressionado com o elefante, senhor Matias Van Guitt! – disse-lhe Banks. – É um animal possante, e não teria qualquer dificuldade se o obrigassem a puxar, juntamente com os nossos dois carros, todas as jaulas da sua casa ambulante.

– Tenho os meus búfalos, e prefiro o seu passo tranquilo e seguro.

– O Gigante de Aço não teme nem as garras nem os dentes dos tigres! – acrescentou o capitão Hod.

– Também porque haviam as feras de atacá-los? – retorquiu Matias Van Guitt. – Não fazem caso de carne de folha de ferro.

Em compensação, se o naturalista não dissimulou a sua indiferença pelo nosso elefante, os indianos, e em especial Kalagani, não cessavam de devorá-lo com os olhos, um momento sequer.

Via-se que na sua admiração pelo gigantesco animal entrava certa dose de supersticioso respeito.

Kalagani até se mostrou surpreendido quando o engenheiro repetiu que o Gigante de Aço era mais forte que todos os animais de tiro juntos que havia no kraal.

Foi um ensejo para o capitão Hod contar, não sem algum orgulho, a nossa aventura com os três proboscídeos do príncipe Guru Singh.

Nos lábios do fornecedor pairou um sorriso de incredulidade, mas não disse nada.

O jantar decorreu com boa disposição. Matias Van Guitt mostrou-se bom conviva.

Deve dizer-se que a despensa estava muito bem guarnecida com os produtos das nossas últimas caçadas, e que Parazard caprichara em se mostrar superior a si próprio.

A adega da Steam House forneceu-nos algumas bebidas variadas, que o nosso hóspede pareceu apreciar, principalmente dois copos de vinho francês, cuja absorção foi seguida de um incomparável estalo de língua.

E tão apreciador se mostrou que depois de jantar, quando nos separámos, pudemos reconhecer, pela incerteza do seu andar, que se o vinho lhe subira à cabeça também lhe descera às pernas.

À noite despedimo-nos muito amigos, e graças aos seus companheiros de caminho, Matias Van Guitt pôde regressar ao kraal sem novidade.

Contudo, no dia 16 de Julho, houve um incidente que por pouco não semeou a discórdia entre o fornecedor e

o capitão Hod. O capitão matou um tigre no momento em que o animal ia entrar na armadilha. Por isso, se este veio a ser o quadragésimo terceiro de Hod, não veio a ser o oitavo do fornecedor.

Após algumas explicações trocadas com vivacidade, reataram-se as boas relações, graças à intervenção do coronel Munro, e o capitão Hod comprometeu-se a respeitar as feras que mostrassem tenções de se deixar cair nas armadilhas de Matias Van Guitt.

Nos dias seguintes o tempo esteve detestável. com vontade ou sem ela, tivemos de ficar na Steam House . O nosso maior desejo era que terminasse a estação das chuvas, o que não podia tardar, porque já tinha mais de três meses.

Executando-se o programa nas condições em que o assentara Banks, apenas nos restavam seis semanas a passar no sanitarium. No dia 23 de Julho vieram alguns montanheses da fronteira fazer segunda visita ao coronel Munro. A sua aldeia, chamada Suari, situada quase no extremo superior do Tarryani, distava, apenas cinco milhas do nosso acampamento.

Disse um deles que havia algumas semanas que um tigre fêmea fazia grandes estragos naquelas paragens. Os rebanhos andavam dizimados, e já se falava em abandonar Suari, que se tornava inabitável.

Já não havia segurança, nem para os animais domésticos, nem para as pessoas. Laços, armadilhas, coisa alguma servia para aquele animal feroz, que já entrava para o número das feras afamadas a que os 'montanheses velhos se referiam.

Como bem se imagina, esta descrição era própria para excitar os instintos do capitão Hod.

Ofereceu-se imediatamente aos montanheses para os acompanhar à aldeia de Suari, inteiramente disposto a pôr a sua experiência de caçador e a segurança do seu golpe de vista ao serviço daquela boa

gente, que, segundo me parece, contava um pouco com aquele oferecimento.

– Vem, Maucler? – perguntou-me o capitão Hod com um tom de quem não procura exercer influência alguma numa determinação.

– Decerto – respondi. – Não quero faltar a uma expedição tão importante.

– Desta vez acompanhá-los-ei – declarou o engenheiro.

– Boa ideia, Banks.

– Sim, Hod! Desejo muito vê-los em acção.

– E eu não vou, meu capitão? – perguntou Fox.

– Ah, velhaco! – exclamou o capitão Hod. – Teima por força em completar a sua metade de tigre fêmea. Sim, Fox, farás parte da expedição!

Como se tratava de deixar a Steam House por três ou quatro dias, Banks perguntou ao coronel se lhe conviria acompanhar-nos à aldeia de Suari.

Sir Edward Munro agradeceu. A sua tenção era aproveitar a nossa ausência para visitar, acompanhado por Gumi e pelo sargento Mac Neil, a zona média do Himalaia, pela parte superior do Tarryani.

Banks não insistiu.

Resolveu-se que partiríamos naquele mesmo dia para o kraal, a fim de pedirmos a Van Guitt alguns dos seus chikaris, que podiam ser-nos úteis.

Dali a uma hora, por volta do meio-dia, chegávamos ao kraal. Pusemos o fornecedor a par dos nossos projectos. Não ocultou a sua secreta satisfação ao saber das proezas daquela fera, própria, dizia ele, para realçar, na opinião dos conhecedores, a reputação das feras da península.

Em seguida, pôs à nossa disposição três dos seus indianos sem falar em Kalagani, sempre pronto a marchar para o perigo.

Entretanto, ficou bem assente entre o capitão Hod e o fornecedor que se, por um acaso extraordinário, aquela fera se deixasse apanhar viva, ficaria pertencendo por direito à colecção de Matias Van Guitt.

Que grande atractivo não seria o de um papel pregado nos ferros da jaula, que em algarismos eloquentes contasse as notáveis proezas de uma das rainhas do Tarryani, que não devorara menos de cento e trinta e oito pessoas de ambos os sexos!

A nossa pequena expedição deixou o kraal às duas horas.

Antes das quatro, depois de subir obliquamente na direcção de leste, chegava a Suari sem novidade.

O pânico estava no seu auge.

Naquela mesma manhã, uma infeliz indiana, surpreendida pelo tigre junto de um ribeiro, fora arrebatada para o mato.

Fomos hospitaleiramente recebidos em casa de um dos montanhesez, abastado cultivador inglês.

O nosso hospedeiro tinha, como nenhum outro, razões de queixa contra a intangível fera, e daria de boa vontade muitos milhares de rupias pela sua pele.

Capitão Hod disse ele, há alguns anos, na província do centro, um tigre fêmea obrigou habitantes de treze aldeias a fugirem, e tiveram de ficar de baldio duzentas e cinquenta milhas quadradas de terra! Pois aqui, por pouco tempo que isto continue, será a província inteira que precisaremos de abandonar!

- E têm empregado todos os meios possíveis para acabarem com essa fera? perguntou Banks.

- Todos, senhor engenheiro: armadilhas, fossos, até iscas preparadas com estriçnina! Nada deu resultado!

- Meu amigo - disse o capitão Hod, - não afirmo que lhe vamos satisfazer os seus desejos; todavia havemos de fazer tudo quanto pudermos!

Assim que terminámos a nossa instalação em Suari, organizámos uma batida. À nossa gente e aos chikaris do kraal reuniram-se uns vinte montanheses, que conheciam perfeitamente a região onde se ia operar.

Apesar de não ser grande caçador, parecia-me que Banks seguia a nossa expedição com o maior interesse.

Durante três dias, 24, 25 e 26 de Julho, toda aquela parte da montanha foi esquadrihada, sem que as nossas pesquisas dessem resultado algum, salvo dois tigres de que não se falava e que morreram às balas do capitão.

Quarenta e cinco! limitou-se o capitão Hod a dizer com displicência. Finalmente, a 27, o tigre fêmea anunciou a sua presença com um novo malefício. Um búfalo, pertencente ao nosso hospedeiro, desapareceu de uma pastagem próxima do Suari, e só se lhe encontraram os restos a um quarto de milha da aldeia. O assassinato, morte com premeditação, como diria um legista, efectuara-se um pouco antes do romper do dia.

O assassino não podia estar longe.

Mas o autor do crime seria efectivamente aquele tigre, inutilmente procurado até então?

A esse respeito os indianos do Suari não alimentavam a menor dúvida.

Foi o meu tio, não pode ser senão ele, o autor dos estragos disse-nos um dos montanheses.

É por meu tio que os indianos geralmente designam o tigre na maior parte da Índia.

Desta vez poderiam dizer com mais razão: foi a minha tia!

Tomou-se logo a resolução de procurar o animal, sem se esperar sequer pela noite, porque a noite punha a fera mais a salvo das nossas pesquisas.

Demais, devia estar farta, e não sairia do covil por dois ou três dias.

Pusemo-nos em campo. A partir do sítio onde o búfalo fora apanhado, as manchas de sangue marcavam o caminho seguido pelo tigre. Acabavam numa pequena mata, que já fora batida muitas vezes, sem que se pudesse descobrir coisa alguma.

Resolvemos por isso cercar a mata, de modo que o animal não pudesse sair sem ser visto.

Os montanheses dispersaram-se em volta, formando um círculo que iam apertando à medida que caminhavam para o centro.

Eu, o capitão Hod e Kalagani íamos de um lado; Banks e Fox do outro, mas em comunicação constante com a gente do kraal e da aldeia.

Evidentemente, cada ponto da circunferência era perigoso, porque em cada ponto o tigre podia facilmente tentar romper o cerco.

Depois, não havia dúvida de que a fera estivesse na mata. Os vestígios de sangue, que aí iam dar de um lado, não se tornavam a ver do outro. Que fosse aquele o seu refúgio habitual, não estava provado, porque ali a tinham procurado debalde, mas todos os indícios faziam supor que a mata lhe servia naquela ocasião de refúgio.

Eram oito horas da manhã. Tomadas todas as disposições, avançámos pouco a pouco, sem ruído, fechando cada vez mais o círculo de ataque.

Dali a meia hora achávamo-nos junto das primeiras árvores.

Até então não se dera nenhum incidente, coisa alguma denunciava a presença do animal e eu perguntava-me se tudo aquilo não redundava em pura perda.

Neste momento só se podiam ver uns aos outros os que ocupavam um arco muito limitado da circunferência, e contudo era preciso marchar em perfeita uniformidade.

Combinara-se previamente que se disparasse um tiro de espingarda no momento em que entrasse no bosque o primeiro caçador.

Foi feito o sinal pelo capitão Hod, que ia sempre na frente, e assim se transpôs a entrada do bosque.

Consultei o relógio. Indicava oito e trinta e cinco.

Dali a um quarto de hora, tendo-se apertado o círculo, tocávamos uns nos outros, e parávamos no mais denso da mata, sem termos encontrado coisa alguma, O silêncio só fora perturbado até ali pelos ruídos dos ramos secos que, apesar das nossas precauções, estalavam debaixo dos nossos pés.

Ouviu-se então um uivo.

– A fera está acolá! – exclamou o capitão Hod, apontando para a boca de uma caverna, escavada num montão de rochedos rodeados de arvoredos.

O capitão não se enganava.

Se não era o antro habitual do tigre, era pelo menos o lugar onde se refugiara, ao sentir-se perseguido por um bando de caçadores.

Hod, Banks, Fox, Kalagani e alguns homens pertencentes ao kraal tinham-se aproximado da estreita abertura, aonde vinha terminar o trilho ensanguentado.

– É preciso entrar lá dentro – disse o capitão Hod.

– Empreendimento arriscado! – observou Banks. – O primeiro que entrar corre perigo de ficar gravemente ferido.

– Em todo o caso eu entro declarou o capitão Hod, verificando se a sua carabina estava pronta para fazer fogo.

– Depois de mim, meu capitão – acudiu Fox, que se curvou para a abertura da caverna.

– Não, Fox, não! – exclamou Hod.– A mim é que me pertence!

– Ah, meu capitão – volveu Fox brandamente, em tom de queixa, – tenho sete a menos!

Ainda num momento daqueles estavam a contar os seus tigres!

– Nem um nem outro entra! interveio Banks. – Não, não consentirei.
. .

– Haverá talvez um meio – lembrou então Kalagani, interrompendo o engenheiro.

– Que meio?

– Encher de fumo esta caverna explicou o indiano. – O animal ver-se-á obrigado a fugir. Matá-lo-emos fora com mais facilidade e menos risco.

– Kalagani tem razão – afirmou Banks. – Vamos, meus amigos, ervas e ramos secos. Tapem convenientemente a abertura. O vento fará entrar na caverna o fumo e as chamas. A fera não terá remédio senão fugir ou deixar-se assar.

– Pois que fuja –olveu o capitão. – Cá estaremos para a saudar na passagem.

E, num ápice, empilharam à entrada da caverna um montão de tojo, de lenha, de ervas secas, em suma, de toda a casta de matérias combustíveis, de que havia naquele mato grande abundância.

Lá dentro nada se movera. Naquele corredor sombrio, que devia ser bastante comprido, não assomava coisa alguma.

Não obstante, os ouvidos não se tinham enganado.

O uivo por certo que tinha partido dali.

Lançou-se fogo às ervas e a chama levantou-se logo.

A fogueira deitava um fumo acre e espesso, que o vento acamava e que devia tornar lá dentro o ar irrespirável.

Segundo rugido, mais furioso que o primeiro, ouviu-se então. O animal sentia-se acossado no seu último refúgio, e, para não morrer sufocado, ia ver-se obrigado a saltar para fora.

Nós esperávamos o animal postados em esquadria ao longo das paredes laterais do rochedo, meio encobertos pelos troncos das árvores, de modo que evitássemos o choque do primeiro salto.

Quanto ao capitão, escolhera outro lugar, o qual, devemos admitir, era o mais arriscado. Postara-se em frente de uma abertura do mato, a única saída por onde a fera poderia passar, quando procurasse fugir através do bosque.

Hod pôs um joelho em terra, a fim de fazer tiro mais certo, e meteu a carabina à cara com toda a firmeza.

Todo ele tinha a imobilidade do mármore.

Eram decorridos três minutos apenas depois que se lançara fogo ao monte de lenha, quando um terceiro uivo, ou, melhor dizendo, um estertor do animal sufocado, se ouviu à entrada do covil.

Num relance, a fogueira espalhou-se, e apareceu um corpo enorme entre os rolos de fumo.

Era efectivamente o tigre.

– Fogo! - bradou Banks.

Soou o estampido de dez tiros de espingarda, mas verificámos depois que nenhuma das balas tocara o animal.

Fora muito rápido o seu aparecimento. Como é que se lhe poderia fazer pontaria com alguma precisão em meio das nuvens de fumo que o envolviam?

Depois do primeiro pulo, se o animal pousou em terra, foi só para obter novo ponto de apoio e saltar para a espessura com um novo pulo ainda mais comprido que o primeiro.

O capitão Hod esperava-o com o maior sangue-frio, e, apanhando-o por assim dizer no voo, enviou-lhe uma bala que o alcançou por cima da espádua.

Rápido como o relâmpago, o animal precipitou-se sobre o nosso companheiro, deitou-o por terra e ia despedaçar-lhe o crânio com as suas enormes garras.

Kalagani saltou empunhando uma faca.

Ainda se ouvia o grito que soltáramos e já o corajoso indiano caía sobre a fera, e agarrava-a pelo pescoço no momento em que ela ia

descarregar a garra direita sobre o crânio do capitão.

Surpreendido por este inesperado ataque, o animal derrubou o indiano com um movimento dos quartos traseiros e voltou-se para ele.

Mas o capitão Hod levantara-se de um pulo e, apanhando a faca que Kalagani deixara cair, enterrou-a toda com mão firme no coração do animal.

O tigre rolou pelo solo.

Tinham bastado cinco segundos para se desenrolarem as diversas peripécias desta cena comovente.

O capitão Hod estava de joelhos ao chegarmos ao pé dele.

Kalagani, com o ombro em sangue, acabara de levantar se.

– Bag, mahryaga! Bag mahryaga! – gritavam os indianos, o que significava: O tigre está morto!

E bem morto! Que soberbo animal! Tinha dez pés de comprimento do focinho à extremidade da cauda, corpo em proporção, patas enormes, munidas de compridas garras aceradas, que pareciam ter sido aguçadas em pedra de afiar.

Enquanto admirávamos a fera, os indianos, muito rancorosos, e com razão, cobriam-na de invectivas.

Quanto a Kalagani, aproximara-se do capitão Hod.

– Obrigado, capitão – disse.

– Como? ! Obrigado? ! exclamou Hod. Mas eu é que devo agradecer-te, meu valente! Se não fosse a tua coragem era uma vez um dos capitães do primeiro esquadrão de carabineiros do exército real!

– Se não fosse o capitão, estava eu morto a estas horas – redarguiu friamente Kalagani.

– Com mil demónios! Pois não foste tu que te precipitaste de faca em punho sobre a fera no momento em que ela me ia despedaçar o crânio?

– O capitão é que a matou, e com este perfaz quarenta e seis!

– Viva! Viva! – gritaram os indianos.– Viva o capitão Hod!

E, na verdade, o capitão tinha todo o direito de lançar este tigre na sua conta, mas sempre deu um bom aperto de mão a Kalagani.

– Volte à Steam House – disse-lhe Banks. – Tem o ombro rasgado, mas nós encontraremos na farmácia de viagem com que tratar a sua ferida.

Kalagani inclinou-se em sinal de quem concordava, e depois de nos despedirmos dos montanheses do Suari, que se desfizeram em agradecimentos, dirigimo-nos para o sanitarium.

Os chikaris despediram-se de nós para voltarem para o kraal. Ainda desta vez regressaram com as mãos vazias, e, se Matias Van Guitt contava com aquela rainha do Tarryani, tinha de deitar luto, se bem que em tais condições seria impossível apanhá-la.

Por volta do meio-dia chegávamos à Steam House.

Com grande dissabor nosso, soubemos que o coronel Munro, o sargento Mac Neil e Gumi tinham partido.

Um bilhete dirigido a Banks dizia-lhe que não se inquietasse com a sua ausência, que Sir Edward Munro, desejoso de levar o seu reconhecimento até à fronteira do Nepal, queria esclarecer certas dúvidas relativas aos companheiros de Nana Sahib, e que estaria de volta antes da época em que devíamos abandonar o Himalaia.

Ao ouvir a leitura deste bilhete, pareceu-me que Kalagani fazia um movimento de contrariedade, quase involuntário.

Qual a razão daquele movimento? Enganava-me de certo.

CAPÍTULO V



Ataque Nocturno

A retirada do coronel não deixava de nos causar grandes inquietações.

Relacionava-se com um passado que julgávamos nunca mais voltar.

Que fazer, porém?

Devíamos ir no encalço de Sir Edward Munro?

Ignorávamos que direcção tinha tomado e que ponto da fronteira do Nepal pretendia alcançar.

Por outro lado, não podíamos deixar de confessar que, se ele não falara em coisa alguma a Banks, era porque receava as observações do amigo, às quais queria subtrair-se.

Banks bastante se arrependeu de nos haver acompanhado naquela expedição.

Não tínhamos remédio senão resignar-nos e esperar.

Com certeza que o coronel Munro estaria de volta antes do fim de Agosto, porque este mês era o último que devíamos passar no sanitarium, antes de tomarmos, por sudoeste, o caminho de Bombaim.

Bem tratado por Banks, Kalagani só esteve vinte e quatro horas na Steam House.

O seu ferimento depressa deveria cicatrizar, e deixou-nos para voltar ao seu serviço no kraal.

O mês de Agosto começou ainda com grandes chuvas, um tempo capaz de constipar o demónio, como dizia o capitão Hod. Em todo o

caso sempre menos chuvoso que o mês de Julho, por conseguinte mais propício às nossas excursões ao Tarryani.

As relações eram frequentes com o kraal. Matias Van Guitt continuava a estar pouco satisfeito.

Também ele tencionava levantar o acampamento nos primeiros dias de Setembro.

Mas na sua colecção faltavam ainda um leão, dois tigres, dois leopardos, e tinha dúvidas se poderia ainda completá-la.

Em compensação, à falta dos actores que ele queria contratar por conta dos seus comitentes, apresentaram-se na sua agência outros que não lhe serviam para nada. No dia 4 de Agosto deixou-se cair na armadilha um urso magnífico.

Sucedeu exactamente estarmos no kraal quando os chikaris trouxeram na jaula de rodas um prisioneiro de grande estampa, pêlo negro, garras aceradas, orelhas compridas guarnecidas de peles, o que é peculiar nos representantes da família ursina na Índia.

– Ora, para que serve este inútil plantigrade! comentou o fornecedor, encolhendo os ombros.

– Irmão Ballon! Irmão Ballon! – exclamavam os indianos.

Segundo parece, os indianos consideram-se sobrinhos dos tigres e irmãos dos ursos.

Porém, Matias Van Guitt, não obstante este grau de parentesco, recebeu o irmão Ballon com umas disposições de mau humor pouco equívocas.

Agarrar ursos quando precisava de tigres não era coisa que o satisfizesse.

O que havia de fazer daquele importuno bicho? Não lhe convinha muito sustentá-lo sem esperanças de se indemnizar das despesas. Nos mercados da Europa é pouco pedido o urso da Índia. Não tem o valor comercial do grizzly da América, nem do urso polar, e por isso Matias Van Guitt, bom comerciante, não dava apreço a um animal incomodativo, de que só se desfaria com dificuldade.

- Quer este bicho? – perguntou ao capitão Hod.
- E o que quer que faça dele? – retorquiu o capitão.
- Faça bifés – disse o fornecedor, – se me é permitido servir-me desta catacrese.
- Senhor Van Guitt – voltou-lhe Banks, com muita seriedade, – a catacrese é uma figura permitida quando, à falta de outra expressão, traduz convenientemente o pensamento.
- É também essa a minha opinião replicou o fornecedor.
- Então, Hod – prosseguiu Banks, – fica ou não fica com o urso oferecido pelo senhor Van Guitt?
- Isso é que não!– respondeu o capitão Hod. – Comer bifés de urso que está morto, vá, mas matar de propósito o urso para fazer bifés é uma coisa que não me provoca apetite.
- Nesse caso, restitua-se a liberdade a esse plantígrado – ordenou Matias Van Guitt, voltando-se para os seus chikaris.

O fornecedor foi obedecido. A jaula foi trazida para fora do kraal. Um dos indianos abriu a porta.

O irmão Ballon, que parecia muito envergonhado pela sua situação, não precisou que lho dissessem duas vezes.

Saiu tranquilamente da jaula, fez um pequeno movimento com a cabeça, que se podia tomar por um agradecimento, e abalou soltando um grunhido de satisfação.

– Foi uma boa acção que o senhor praticou – disse Banks. – Há-de conseguir-lhe boa sorte, senhor Van Guitt.

Banks não podia falar mais acertadamente. O dia 5 de Agosto devia recompensar o fornecedor, proporcionando-lhe uma das feras que faltavam na sua colecção.

Eis como foi. Matias Van Guitt, acompanhado por mim, pelo capitão Hod, por Fox, pelo maquinista Storr e por Kalagani, batia desde o romper da alva um espesso matagal, formado de cactos e de lentiscos, quando se ouviram uns uivos meio abafados.

No mesmo instante, com as espingardas preparadas, bem agrupados todos os seis, de modo que ficássemos em posição de rechaçar qualquer ataque inesperado, dirigimo-nos para o local suspeito.

Cinquenta passos mais adiante, o fornecedor fez-nos parar. Pela natureza dos rugidos, parecia que tinha reconhecido o que era, e, dirigindo-se especialmente ao capitão Hod, recomendou-lhe:

– Sobretudo, nada de tiro inútil.

Depois, avançando alguns passos, fazendo-nos ao mesmo tempo sinal para que ficássemos atrás, exclamou:

– Um leão!

Efectivamente, preso pela extremidade de uma sólida corda, segura à pernada de uma árvore, debatia-se um leão.

Era um desses leões sem juba, que por esta particularidade se distinguem dos seus congéneres de África, mas um verdadeiro leão, o leão que Matias Van Guitt exigia.

A fera, pendurada por uma das suas patas dianteiras no nó corredio da corda que lha apertava, dava formidáveis esticções, sem conseguir soltar-se.

Apesar da recomendação do fornecedor, o primeiro impulso do capitão Hod foi desfechar.

– Não atire, capitão! – exclamou Matias Van Guitt. – Por amor de Deus, não atire!

– Mas. . .

– Não! Não, repito! Esse leão caiu num dos meus laços e pertence-me!

Era um laço efectivamente um laço dos que chamam de força, coisa a um tempo simples e engenhosa.

A um ramo de árvore, forte e flexível, amarra-se uma corda resistente. Faz-se vergar o ramo para o solo, de modo que a extremidade inferior da corda, terminada por um nó corredio, se possa prender no corte de um poste solidamente cravado no chão. No poste põe-se uma isca, de modo que, se algum animal quiser tocar nela, terá de meter na laçada a cabeça ou uma das patas.

Logo que isso acontece, a corda solta-se do corte, o ramo endireita-se, o animal é levantado do chão, e no mesmo instante um pesado cilindro de madeira, deslizando ao longo da corda, puxa pela laçada, segura-a com força e impede que ela possa soltar-se com os esforços do prisioneiro.

Este género de armadilha prepara-se muitas vezes nas florestas da Índia, e as feras caem nela mais frequentemente do que se poderia crer.

Na maior parte dos casos, o que sucede é o animal ficar preso pelo pescoço, provocando uma estrangulação quase imediata, ao mesmo tempo que a cabeça lhe fica meio esmagada pelo pesado cilindro de madeira. Mas o leão que se debatia à nossa vista só ficara preso pela pata.

Estava pois vivo e bem vivo, e pronto a figurar entre os comensais do fornecedor. Encantado com a aventura, Matias Van Guitt enviou Kalagani ao kraal com ordem de trazer a jaula de rodas com o respectivo condutor.

Durante este tempo, pudemos observar, muito à nossa vontade, o animal, cujo furor aumentava com a nossa presença.

O fornecedor não tirava os olhos da fera. Andava à roda da árvore, mas tendo sempre o cuidado de se conservar fora do alcance das patadas que o leão despedia para a direita e para a esquerda.

Dali a meia hora chegava a jaula, puxada pelos dois búfalos. Meteram nela o prisioneiro, não sem alguma dificuldade, e tornámos a tomar o caminho do kraal.

Começava na verdade a desesperar disse-nos Matias Van Guitt. Os leões não figuram em número importante entre as feras nemorais da

Índia. . .

– Nemorais? perguntou o capitão Hod.

– Sim, os animais que habitam nas florestas; e eu felicito-me por ter podido apanhar esta fera, que honrará a minha colecção!

Daquele dia em diante, Matias Van Guitt não teve que se queixar da sua má sorte.

No dia 11 de Agosto foram apanhados juntos dois leopardos na armadilha que primeiro descrevemos e donde tirámos o próprio fornecedor.

Eram dois tchitas, semelhantes ao que tão audaciosamente atacara o Gigante de Aço nas planícies de Rohilkhande, e de que nos não tínhamos podido apoderar.

Só faltavam dois tigres para ficar completo o fornecimento de Matias Van Guitt.

Estávamos a 15 de Agosto.

O coronel Munro não tinha ainda aparecido.

Notícias dele não havia nenhuma.

Banks estava mais inquieto do que poderia parecer.

Interrogou Kalagani, que conhecia a fortaleza do Nepal, acerca dos perigos que Sir Edward Munro podia correr em se aventurar por aqueles territórios independentes.

O indiano assegurou-lhe que já não restava sequer um partidário de Nana Sahib nos confins do Tibete.

Todavia, pareceu penalizado por o coronel não o haver escolhido como guia, porque os seus serviços ter-lhe-iam sido úteis num país cujos menores atalhos lhe eram conhecidos.

Agora, porém, nem se podia pensar em alcançá-lo.

Entretanto, o capitão Hod e Fox continuavam nas excursões pelo Tarryani.

Auxiliados pelos chikaris do kraal, conseguiram matar três outros tigres de tamanho médio, não sem grande perigo.

Duas das feras foram lançadas na conta do capitão, a terceira na conta do impedido.

– Quarenta e oito. – disse o capitão Hod, que desejava alcançar a cifra redonda de cinquenta antes de deixar o Himalaia.

– Trinta e nove! dissera Fox, sem falar de uma temível pantera, morta por ele.

No dia 20 de Agosto, o penúltimo dos tigres reclamados por Matias Van Guitt deixava-se cair num dos fossos, dos quais, quer por acaso, quer por instinto, se livrara até ali.

Como quase sempre sucede, o animal feriu-se na queda, mas o ferimento não apresentava gravidade.

Bastariam alguns dias de descanso para o curarem, e da ferida não restaria indício quando se fizesse entrega do animal por conta de Hagenbeck, de Hamburgo.

O emprego dos fossos é considerado pelos entendedores como bárbaro. Quando se trata de matar os animais, é claro que todos os meios são convenientes, mas, quando se pretende apanhá-los vivos, a morte é quase sempre consequência da queda, principalmente quando caem nos fossos de profundidade de quinze a vinte pés, destinados aos elefantes.

De entre os animais que caem, poucos se contarão que não tenham alguma fractura mortal. Por isso, até no Mysore, onde principalmente este sistema está em voga, disse-nos o fornecedor, principiam a abandoná-lo.

Afinal, só faltava um tigre na colecção do kraal, e Matias Van Guitt bem desejaria tê-lo em seu poder. Precisava de partir quanto antes para Bombaim.

Devia a sorte permitir que depressa o alcançasse, mas por que preço! Precisa isto de ser contado miúdamente, porque o animal custou caro, muito caro. . .

Graças ao capitão Hod, organizou-se uma expedição para a noite de 26 de Agosto.

As circunstâncias favoreciam a caçada; o céu estava limpo de nuvens, a atmosfera tranquila, a Lua no minguante.

Quando as trevas são muito densas, as feras não saem facilmente dos covis. Mas já uma meia obscuridade as convida a sair. Precisamente naquela noite, o menisco, palavra usada por Matias Van Guitt para designar o crescente lunar, ia derramar alguma claridade depois da meia-noite.

Formavam o núcleo desta expedição eu, o capitão Hod, Fox, o próprio Storr, que tomara gosto por estas empresas, e deviam-se-lhe juntar o fornecedor, Kalagani e alguns indianos.

Terminado o jantar, depois de nos despedirmos de Banks, que declinou o convite para nos acompanhar, deixámos a Steam House por volta das sete horas, e às oito chegámos ao kraal, sem termos tido nenhum encontro desagradável.

Matias Van Guitt acabava de cear. Recebeu-nos com as suas habituais manifestações. Formou-se conselho, e assentou-se logo no plano da caçada.

Tínhamos de nos ir emboscar à beira de uma torrente, no fundo de um dos desfiladeiros chamados nullah, a duas milhas de distância do kraal, num lugar visitado regularmente de noite por um casal de tigres.

Não se pôs previamente ali nenhuma isca. Segundo os indianos, era inútil. Uma batida, que recentemente se fizera naquela região do Tarryani, provou que a necessidade de matarem a sede era bastante para atrair os tigres ao fundo daquele nullah.

Também se sabia que era fácil tomar ali uma posição vantajosa. Não devíamos deixar o kraal antes da meia-noite, e ainda eram apenas

sete horas.

Tratava-se pois de esperar, sem grande aborrecimento, o momento de nos pormos a caminho.

– Senhores – disse-nos Matias Van Guitt. – a minha residência está inteiramente à vossa disposição. Convido-os a fazerem o que eu faço: deitarem-se. É preciso sermos mais do que madrugadores e algumas horas de sono dispor-nos-ão melhor para a luta. Tem vontade de dormir, Maucler? perguntou o capitão Hod.

– Não – respondi eu, – e prefiro esperar a hora passeando a ver-me obrigado a acordar quando estiver profundamente adormecido.

– Como os senhores quiserem – respondeu o fornecedor. – Pela minha parte, já sinto o pestanejar espasmódico das pálpebras, que a necessidade de dormir costuma ocasionar. Bem vêem, já estou nos meus primeiros movimentos de pendiculação.

E Matias Van Guitt, levantando os braços, deitando para trás o tronco e a cabeça, por efeito de uma involuntária distensão dos músculos abdominais, soltou alguns bocejos significativos.

Por isso, depois de bastante pendicular muito à sua vontade, fez-nos um último gesto de despedida, passou ao seu cubículo, e decerto não levou muito tempo a adormecer.

– E nós, o que vamos fazer? perguntei.

O capitão Hod respondeu-me:

– Vamos passear para o kraal. Está uma bela noite e assim encontrar-me-ei mais bem disposto para a jornada do que se carregasse as pálpebras com o peso de três ou quatro horas de sono. Demais, se o sono é o nosso melhor amigo, é um amigo que muitas vezes se faz esperar.

E começámos então a passear pelo kraal, umas vezes meditando, outras conversando.

Storr, a quem o seu melhor amigo não tinha por costume fazer esperar, estava deitado ao pé de uma árvore e dormia já. Os chiharis e os carreiros estavam igualmente agachados no seu canto, e não havia ninguém que velasse dentro do recinto.

Isto, afinal, tornava-se inútil, pois o kraal era hermeticamente fechado em redor com uma sólida paliçada.

O próprio Kalagani foi certificar-se se a porta tinha sido cuidadosamente fechada; feito isto, depois de nos dar as boas-noites quando passou por nós, recolheu-se ao compartimento que ele e os seus companheiros ocupavam.

Eu e o capitão Hod estávamos completamente sós.

Não só os homens de Matias Van Guitt dormiam, como também os animais domésticos e ferozes, estes nas suas jaulas, aqueles em grupos, debaixo das grandes árvores, na extremidade do kraal.

Silêncio absoluto, tanto dentro como fora do kraal.

No nosso passeio fomos ter primeiramente ao lugar ocupado pelos búfalos.

Estes magníficos ruminantes, mansos e pacíficos, nem sequer estavam peados. Habitados a repousar sob a folhagem dos gigantescos bordos, ali estavam, tranquilamente estendidos, os chifres entrelaçados, as pernas dobradas para baixo do corpo, e ouvia-se uma lenta e ruidosa respiração que saía daquelas massas enormes.

Nem despertaram à nossa aproximação. Apenas um levantou por um instante a grande cabeça, deitou-nos o olhar sem fixidez, que é particular aos animais daquela espécie, depois confundiu-se novamente com a massa total.

Aí está ao que os reduz a domesticidade, ou, melhor dizendo, a domesticação observei eu para Hod, Sim respondeu-me o capitão, e, não obstante os búfalos são, no estado selvagem, animais terríveis.

Mas, se têm a seu favor a força, não têm a flexibilidade, e o que podem os seus chifres com o dente dos leões ou a garra dos tigres?

Decididamente, a vantagem pertence às feras.

Assim conversando, tínhamos voltado para junto das jaulas. Aqui o sossego era absoluto. Tigres, leões, panteras, leopardos, dormiam nos seus compartimentos separados.

Matias Van Guitt só os reunia depois de amansados por algumas semanas de cativo, e tinha razão.

Nos primeiros dias de prisão, as feras com certeza se devorariam umas às outras.

Três leões, absolutamente imóveis, estavam deitados em semicírculo como gatos muito grandes. Só se viam as cabeças, escondidas num montão de pêlo escuro, e dormiam o sono dos justos.

Mas No compartimento dos tigres a modorra era menos completa.

Na escuridão flamejavam pupilas. De quando em quando aparecia uma grande pata agatanhando os varões da jaula.

Era um sono de feras que pretendiam quebrar os ferros da prisão.

Têm sonhos maus, e compreendo isso! disse o capitão, condoído.

Alguns remorsos, ou, pelo menos, alguns pesares, agitavam também as três panteras. Àquela hora, se estivessem soltas, andariam a correr pelo- mato. Vagueariam em volta das pastagens, em busca de carne viva.

Quanto aos leopardos, nenhum pesadelo lhes perturbava o sono. Dormiam sossegadamente. Duas destas feras, o 'macho e a fêmea, ocupavam o mesmo compartimento, e achavam-se aí tão bem como se estivessem no fundo do seu covil.

Só um compartimento ainda estava vazio era o destinado ao sexto tigre, que não se deixava apanhar, e pelo qual Matias Van Guitt só esperava para deixar o Tarryani.

O nosso passeio durou quase uma hora.

Depois de darmos uma volta pelo recinto interior do kraal, voltámos para junto de uma enorme mimosa.

Reinava em toda a floresta um silêncio profundo. O vento, que murmurava por entre a folhagem até ao cair do dia, emudecera. Nem uma folha bulia nas árvores.

O espaço estava tão sereno na superfície do solo como nas altas regiões, privadas de ar, por onde a Lua girava com o seu disco meio chanfrado.

Eu e o capitão Hod, sentados um ao pé do outro, já não conversávamos. Não obstante, o sono entrava connosco, ou, para melhor dizer, a absorção, mais moral que física, cuja influência se faz sentir durante o perfeito repouso da natureza.

Nessas ocasiões pensamos, mas não formulamos os nossos pensamentos.

Sonhamos como sonharia um homem que não dormisse, e o olhar, que as pálpebras ainda não velam, tende antes a perder-se nalguma visão fantástica.

Contudo, havia uma particularidade que espantava o capitão, e em voz baixa, como se faz quase inconscientemente quando tudo se cala em volta de nós, observou-me:

– Maucler, um silêncio destes causa-me assombro!

As feras rugem habitualmente na escuridão, e de noite a floresta costuma ser ruidosa. À falta de tigres ou de panteras, são os chacais que nunca descansam. Este kraal, cheio de criaturas vivas, devia atraí-los às centenas, e contudo não ouvimos nada, nem um uivo, nem um estalido sequer sobre o solo. Se Matias Van Guitt estivesse acordado, não ficaria menos surpreendido do que eu.

– Meu caro Hod, a sua observação é justa, e não sei a que deva atribuir a ausência desses vagabundos nocturnos. Mas tomemos cuidado em nós mesmos; aliás, no meio deste sossego, acabaríamos por adormecer. Resistamos, resistamos! retorquiu o capitão, estendendo os braços. Vai chegando a hora de partir.

E continuámos a conversar, mas as frases saíam a custo e eram intercaladas de longos silêncios.

Não sei dizer quanto tempo durou este divagar. De repente sentiu-se uma surda agitação, que me tirou subitamente deste estado de sonolência.

Igualmente sacudido do seu torpor, o capitão Hod levantara-se ao mesmo tempo que eu.

Não havia que duvidar, a agitação dava-se nas jaulas. Leões, panteras e tigres, pouco antes tão sossegados, soltavam agora um 'murmúrio abafado de cólera. Em pé nos compartimentos, andando de um lado para o outro vagorosamente, aspiravam com força algumas emanações de fora, e levantavam-se, bufando raivosos, de encontro aos varões de ferro das suas jaulas.

– Que terão os animais? – perguntei.

– Não sei – respondeu o capitão, – mas receio que tenham sentido a aproximação de. . .

De repente, soaram formidáveis rugidos em volta do kraal.

- São tigres! exclamou o capitão Hod, correndo para a residência de Matias Van Guitt.

Mas fora tal a violência dos rugidos que todo o pessoal do kraal já se encontrava levantado, e o fornecedor, seguido dos seus homens, apareceu à porta.

– Um ataque! . . . – exclamou.

– Assim me parece – volveu o capitão Hod.

– Espere! É preciso ver! . . .

E, sem perder tempo em concluir a frase, Matias Van Guitt agarrou numa escada e encostou-a à paliçada. Num ápice chegou ao último degrau.

– Dez tigres e uma dúzia de panteras! – exclamou.

– Isto vai ser sério – afirmou o capitão Hod.– Queríamos ir caçá-los, e são eles que nos vêm caçar!

– Às espingardas! Às espingardas! – gritou o fornecedor. E todos nós, obedecendo às suas ordens, nos achámos, no espaço de vinte

segundos, preparados para fazer fogo.

Estes ataques de bandos de feras não são raros nas índias. Quantas vezes os habitantes dos territórios frequentados por tigres, e mais particularmente os dos Sunderbunds, não têm sido assaltados nas suas habitações! É esta uma terrível eventualidade, e na maior parte das vezes os assaltantes é que levam a melhor.

Aos rugidos de fora juntavam-se os de dentro. O kraal respondia à floresta. Já ninguém se podia entender dentro do kraal.

– À paliçada! – exclamou Matias Van Guitt, que se fez compreender mais pelo gesto que pela voz.

E todos nós nos precipitámos para o recinto. Os búfalos, já assaltados pelo terror, agitavam-se para se afastarem do seu lugar. Os carreiros em vão diligenciavam contê-los.

De repente, a porta, que estava com certeza mal trancada, abriu-se violentamente, e um bando de feras forçou a entrada do kraal.

Não obstante, Kalagani fechara aquela porta com o maior cuidado, como costumava fazer todas as noites Para casa! Para casa! bradou Matias Van Guitt, correndo para ali, que era o único refúgio que se lhe deparava.

Mas teríamos tempo de lá chegar?

Já dois chikaris, alcançados pelos tigres, acabavam de cair por terra. Os outros, como já não podiam chegar à choupana, fugiam rapidamente através do kraal, à procura de um abrigo qualquer.

O fornecedor, Storr e seis indianos já se encontravam na residência, cuja porta se fechou no momento em que duas panteras iam ali precipitar-se.

Kalagani, Fox e outros indianos, trepando pelas árvores, tinham-se empoleirado nos primeiros ramos.

Eu e o capitão Hod não havíamos tido tempo nem possibilidade de nos reunirmos a Matias Van Cuitt.

– Maucler! Maucler! – bradou o capitão Hod, cujo braço direito acabava de ser rasgado por um golpe de garra de um dos animais. com uma só pancada de cauda, um tigre enorme acabava de me deitar por terra.

Levantei-me no momento em que o animal voltava sobre mim e corri para o capitão Hod a fim de o socorrer.

Só um refúgio nos restava então. Era o compartimento vazio da sexta jaula. Ali nos metemos num instante, e a porta fechada punha-nos momentaneamente ao abrigo das feras, que saltavam uivando sobre os varões de ferro.

Então, foi tal o encarniçamento destes vizinhos, que a jaula, oscilando sobre as rodas, esteve a ponto de se voltar.

Mas os tigres abandonaram-me logo para se voltarem para alguma presa mais segura.

Que espectáculo, de que não perdíamos nenhum pormenor, através dos varões do nosso compartimento!

– É o mundo às avessas – exclamou Hod, que se desesperava. – Nós de dentro e eles de fora!

– E a sua ferida? perguntei.

– Não é nada!

Ouviram-se cinco ou seis tiros. Partiam da choupana ocupada por Matias Van Guitt, contra a qual se encarniçavam dois tigres e três panteras.

Um dos animais caiu fulminado por uma bala explosiva, que devia ter saído da carabina de Storr.

Quanto aos outros, tinham-se logo precipitado sobre o grupo de búfalos, e estes pobres ruminantes iam achar-se sem defesa contra os adversários.

Fox, Kalagani e os indianos, que se viram obrigados a deitar fora as armas para poderem trepar mais depressa às árvores, não podiam socorrê-los.

O capitão Hod, metendo a espingarda por entre os varões da nossa jaula, fez fogo. Apesar de o seu braço direito, meio paralisado pela ferida, não lhe permitir atirar com a precisão habitual, teve ainda a sorte de matar o seu quadragésimo nono tigre.

Neste momento os búfalos, espantados, precipitaram-se uivando através do recinto. Debalde procuraram fazer rente aos tigres, os quais, dando pulos formidáveis, se livravam das marradas. Um dos búfalos, levando em cima de si uma pantera, cujas garras lhe despedaçavam a cernelha, chegou à porta do kraal e saltou para fora.

Cinco ou seis outros, perseguidos de mais perto pelas feras, saíram atrás dele e desapareceram.

Alguns dos tigres foram em sua perseguição, e os búfalos que não tinham podido abandonar o kraal, degolados ou estripados, jaziam já sobre o solo.

Das janelas da casa do fornecedor partiam outros tiros.

Da nossa parte, eu e o capitão Hod, fazíamos o que podíamos. Ameaçava-nos um novo perigo.

Os animais fechados nas jaulas, excitados pelo encarniçamento da luta, pelo cheiro a sangue e pelos uivos dos seus congéneres, debatiam-se com indescritível violência.

Conseguiriam despedaçar os varões? Devíamos recear isso, na verdade.

Efectivamente, uma das jaulas dos tigres foi derribada.

Julguei por um momento que as suas paredes despedaçadas iam dar-lhes saída! . . . Felizmente, não sucedeu nada disso, e os prisioneiros nem sequer puderam ver o que se passava da parte de fora, porque o lado dos varões é que tinha ficado voltado para o chão.

Decididamente, são de mais! murmurou o capitão Hod, carregando a carabina.

Neste momento um tigre deu um salto prodigioso e, com a ajuda das garras, conseguiu pendurar-se nas pernas de uma árvore, sobre a qual dois ou três chikaris tinham procurado refúgio.

Um destes infelizes, apanhado pela garganta, procurou debalde resistir, acabando por precipitar-se no solo.

Uma pantera veio disputar ao tigre este corpo já privado de vida, cujos ossos estalavam em meio de um lago de sangue.

– Fogo! Fogo! – bradou o capitão Hod, como se se pudesse fazer ouvir de Matias Van Guitt e dos seus companheiros.

Quanto a nós, era-nos impossível intervir. Já tínhamos gasto todos os cartuchos e só podíamos ser agora os espectadores impotentes daquela luta!

Mas, de repente, no compartimento vizinho do nosso, um tigre, que diligenciava quebrar os varões, conseguiu com uma violenta sacudidela destruir o equilíbrio da jaula. Esta oscilou por um momento e voltou-se.

Magoados um pouco pela queda, levantámo-nos sobre os joelhos. As paredes tinham resistido, mas não podíamos ver nada do que se passava da banda de fora.

Em todo o caso, se não se via, sempre se ouvia. Que estrondear de uivos dentro do kraal! Que cheiro de sangue impregnava a atmosfera!

Parecia que a luta tinha tomado um carácter mais violento.

Que se passara? Teriam fugido os prisioneiros das outras jaulas? Estariam atacando o reduto de Matias Van Guitt? Ou os tigres e as panteras saltariam sobre as árvores para de lá arrancar os indianos?

– E não se poder sair desta caixa! – exclamava o capitão Hod, verdadeiramente desesperado.

Perto de um quarto de hora um quarto de hora cujos intermináveis minutos contávamos! se passou nestas condições.

Depois, o ruído da luta foi diminuindo gradualmente. Os uivos enfraqueceram. Os saltos dos tigres que ocupavam um dos compartimentos da nossa jaula foram rareando.

Teria então terminado a carnificina?

De repente, ouvi a porta do kraal fechar-se com estrondo.

Depois, Kalagani chamou por nós em grandes gritos.

A sua voz juntava-se à de Fox, repetindo:

– Meu capitão! Meu capitão!

– Por aqui – respondeu Hod.

Foi ouvido, e quase no mesmo momento senti que a jaula se levantava.

Dali a pouco estávamos livres.

– Fox! Storr! – exclamou o capitão, cujo primeiro pensamento foi para os seus companheiros.

– Presentes! responderam o maquinista e o impedido Nem feridos estavam. Matias Van Guitt e Kalagani achavam-se igualmente são e salvos. No solo jaziam sem vida dois tigres e uma pantera. As outras feras tinham abandonado o kraal, cuja porta Kalagani acabava de fechar.

Estávamos pois em segurança.

Nenhuma das feras da colecção conseguira fugir durante a luta, e o fornecedor até contava um prisioneiro a mais.

Era um tigre novo, preso na jaula de rodas, a qual se voltara sobre ele e o apanhara como uma armadilha.

O fornecimento de Matias Van Guitt achava-se pois completo, mas como lhe saíra caro!

Estavam mortos cinco búfalos, os outros tinham fugido, e três indianos, horrivelmente mutilados, nadavam no próprio sangue sobre o solo do kraal!

-

CAPÍTULO VI



O Último Adeus de Matias Van Guitt

O resto da noite decorreu sem novidade, quer dentro, quer fora do recinto. Desta vez a porta ficara muito bem trancada. Como fora que ela se abrisse no momento em que o bando das feras andava em roda da paliçada?

Era inexplicável, pois que o próprio Kalagani tinha metido as fortes trancas de madeira nos respectivos encaixes da parede.

A ferida do capitão Hod incomodava-o bastante, embora fosse apenas uma esfoladura. Pouco faltou, porém, para não perder o braço direito.

Pela minha parte já nada sentia da violenta pancada da cauda que me atirara por terra.

Quanto a Matias Van Guitt, salvo a mágoa muito verdadeira de ter perdido três dos seus servidores, não se mostrava desesperado com a situação, embora a falta dos seus búfalos devesse colocá-lo em alguma dificuldade na ocasião de se pôr a caminho.

São os percalços do ofício disse-nos ele, e eu tinha uma espécie de pressentimento de que me havia de suceder alguma coisa neste sentido.

Depois mandou enterrar os três indianos, cujos restos foram depositados a um canto do kraal, a bastante profundidade, para que as feras não os pudessem desenterrar.

Não tardou que a alva branqueasse a parte inferior do Tarryani, e, depois de muitos apertos de mão, despedimo-nos de Matias Van Guitt.

Para nos acompanhar pelo menos durante o trânsito através da floresta, o fornecedor queria pôr à nossa disposição Kalagani e os seus dois indianos.

Foi aceite o oferecimento, e às seis horas transpúnhamos o recinto do kraal.

No regresso não tivemos nenhum mau encontro.

Não se viam sinais de tigres nem de panteras. As feras, muito fartas, tinham decerto regressado ao antro, e a altura não era propícia de aí as ir perseguir.

Quanto aos búfalos, que tinham fugido do kraal, ou estavam mortos e jaziam sobre as altas ervas, ou andavam perdidos pelas profundezas do Tarryani e não se devia esperar que o instinto os fizesse voltar ao kraal.

Kalagani e os dois indianos deixaram-nos à saída da floresta. Uma hora depois, Phann e Black anunciaram o nosso regresso à Steam House .

Contei a Banks as nossas aventuras. Escusado é dizer que nos felicitou por havermos sido tão felizes.

Muitas vezes, nos ataques deste género, não voltava sequer um atacado que pudesse contar as proezas dos atacantes!

Quanto ao capitão Hod, não teve remédio senão pôr o braço ao peito. Mas o engenheiro, que era o verdadeiro médico da expedição, não reconheceu ser grave a ferida, e afirmou que em poucos dias não restaria dela indício.

No seu íntimo, o capitão Hod estava muito mortificado por ter recebido um ferimento sem o haver retribuído, apesar de ter acrescentado um tigre aos quarenta e oito que figuravam no seu activo.

No dia seguinte, 27 de Agosto, de tarde, ouviram-se os cães latir com força, mas alegremente.

Era o coronel Munro, Mac Neil e Gumi que voltavam ao sanitarium. O regresso foi para nós motivo de verdadeira satisfação.

Realizaria Sir Edward Munro com êxito a sua expedição? Ainda não o sabíamos. Voltava, porém, são e salvo, e era isso que importava.

Banks correria logo para ele, apertava-lhe a mão, interrogava-o com o olhar.

– Nada! – limitou-se o coronel a responder com um simples sinal de cabeça.

Esta palavra significava não só que as pesquisas na fronteira do Nepal tinham sido infrutíferas, mas também que toda a conversa a este respeito se tornava inútil.

Parecia-nos dizer que nem já se devia falar em semelhante coisa.

Mac Neil e Gumi, a quem Banks interrogou naquela noite, foram mais explícitos. Informaram-no de que o coronel Munro efectivamente quisera tornar a ver aquela região indostânica onde Nana Sahib se refugiara antes da sua reaparição na presidência de Bombaim.

Averiguar o que fora feito dos companheiros do nababo, indagar se restava algum vestígio, saber se, à falta de Nana Sahib, seu irmão Balão Rao não se ocultaria naquele território subtraído ainda ao domínio inglês, tal fora o fim de Sir Edward Munro. Destas pesquisas colhera-se a certeza de que os rebeldes tinham abandonado o país.

Do acampamento, onde se tinham celebrado as falsas exéquias destinadas a fazer crer a morte de Nana Sahib, já não havia sinal. De Balão Rao também não se dava notícia. Dos seus companheiros não se encontravam vestígios por onde se pudesse seguir-lhes a pista.

Morto o nababo nos desfiladeiros dos montes Sautpurra, dispersos os seus, muito provavelmente para além dos limites da península, a obra do vingador já não tinha lugar.

No que unicamente devíamos pensar era em deixarmos a fronteira do Himalaia, continuarmos para o sul a viagem de regresso, e

terminarmos finalmente o nosso itinerário de Calcutá a Bombaim.

Decidiu-se que partíssemos dali a oito dias, a 3 de Setembro.

Convinha deixar ao capitão Hod o tempo necessário para a completa cura do braço. E, depois, o coronel Munro, visivelmente fatigado com aquela rude excursão numa região de trânsito difícil, tinha necessidade de alguns dias de descanso.

Entretanto, Banks trataria dos preparativos da viagem.

Pôr o nosso trem em estado de tornar a descer a estrada do Himalaia à presidência de Bombaim dava-lhe trabalho para uma semana.

Primeiro que tudo, combinou-se que o itinerário se modificasse pela segunda vez, de modo que se evitassem as grandes cidades do noroeste, Mirat, Deli, Agra, Gwalior, Jamie e outras, nas quais a revolta de 1857 deixara grandes ruínas. com os últimos rebeldes da insurreição desaparecera tudo quanto podia recordar este facto ao coronel Munro.

Em virtude desta resolução, as nossas casas rodariam através das províncias, mas sem se deterem nas idades principais, o que não importava, porque aquelas regiões mereciam ser visitadas, quando mais não fosse por causa das suas belezas naturais.

Sob este aspecto, o imenso reino de Sindhia não fica abaixo de qualquer outro.

Em frente do nosso Gigante de Aço iam-se desenrolar as estradas mais pitorescas da península.

A monção terminara com a estação das chuvas, cujo período não se prolonga além do mês de Agosto.

Os primeiros dias de Setembro prometiam uma temperatura agradável, que devia tornar menos penosa esta segunda parte da viagem.

Durante a segunda semana da nossa permanência no sanitarium, Fox e Gumi tiveram de se arvorar em fornecedores quotidianos da cozinha. Acompanhados dos dois cães, percorreram a zona onde abundam as perdizes, os faisões e as abetardas.

Estes voláteis, conservados na geleira da Steam House, deviam fornecer carne excelente para a jornada.

Fomos mais duas ou três vezes visitar o kraal. Aqui, também Matias Van Guitt se ocupava dos seus preparativos de viagem para Bombaim, encarando os seus contratempos e dissabores como filósofo que está acima das pequenas ou grandes misérias do mundo.

Já sabemos que em resultado da captura do segundo tigre, que tão cara saíra, o fornecimento estava completo.

Por conseguinte, Matias Van Guitt só tinha de se preocupar com os búfalos de tracção.

Nenhum dos ruminantes que fugiram durante o ataque tornara a aparecer no kraal. Segundo todas as probabilidades, o que se devia crer era que, dispersos pela floresta, tivessem perecido de morte violenta. Havia, portanto, que os substituir, o que não deixava de ser algo difícil naquelas circunstâncias.

Para esse fim, o fornecedor enviara Kalagani em visita às herdades e aldeias vizinhas do Tarryani, e esperava o seu regresso com alguma impaciência.

Esta última semana que residimos no sanitarium passou-se sem novidade.

A ferida do capitão Hod ia-se curando a pouco e pouco. Talvez até que ele contasse encerrar a campanha com uma última expedição; teve, porém, de desistir disso por instâncias do coronel Munro. Se ainda não estava inteiramente seguro do braço, para que é que se havia de expor? Pois não teria um ensejo muito natural de tirar a sua desforra se durante o resto da viagem encontrasse pelo caminho alguma fera?

– Demais ponderou-lhe Banks, o capitão ainda está vivo, e pela sua mão já foram mortos quarenta e nove tigres, sem falar nos feridos! A balança pende, pois, para o seu lado!

– Sim, quarenta e nove – respondeu o capitão Hod, suspirando, – mas o que eu desejava era completar os cinquenta!

Incontestavelmente, era um pesar que o afligia.

Chegou o dia 2 de Setembro. Achávamo-nos em véspera da partida. Naquele dia, pela manhã, Gumi veio anunciar-nos a visita do fornecedor.

Efectivamente, Matias Van Guitt, acompanhado de Kalagani, chegava à Steam House . No momento de partir, queria decerto despedir-se de nós com todas as formalidades.

O coronel Munro recebeu-o cordialmente. Matias Van Guitt lançou-se então numa longa conversação, onde se observava todo o improvisado da sua fraseologia habitual.

Pareceu-me, porém, que os seus cumprimentos ocultavam algum pensamento reservado, que ele hesitava em formular.

Por acaso, Banks tocou o ponto principal da questão, quando perguntou a Matias Van Guitt se tivera a sorte de poder renovar os seus animais de tiro.

– Não, senhor Banks – respondeu o fornecedor; – Kalagani debalde percorreu as aldeias; apesar de ir munido dos meus plenos poderes, não pôde obter uma parelha sequer destes úteis ruminantes.

– Vejo-me pois obrigado a confessar, com bastante pena, que, para dirigir a minha colecção para a estação mais próxima, me falta exactamente o motor. A dispersão dos meus búfalos, ocasionada pelo súbito ataque da noite de 25 para 26 de Agosto, coloca-me em sérios embaraços. As minhas jaulas, com os seus moradores de quatro pés, são pesadas. . .

– E o que vai fazer para as conduzir à estação? perguntou o engenheiro.

– Não sei lá muito bem – respondeu Matias Van Guitt. – Procuo, combino, hesito. . . Entretanto, soou a hora de partir, e é a 20 de Setembro, isto é, dentro de dezoito dias, que devo entregar em Bombaim a minha encomenda de feras. . .

– Dezoito dias observou Banks, mas então não tem uma hora a perder!

– Bem sei, senhor engenheiro. Por isso só me resta um meio, um só. . .

– Qual?

– E, sem querer com isto incomodá-lo de forma alguma, vou fazer ao coronel um pedido muito indiscreto. . . decerto. . .

– Explique-se, senhor Van Guitt – disse o coronel Munro – e, se puder obsequiá-lo, creia que o farei com satisfação.

Matias Van Guitt inclinou-se, levou a mão direita aos lábios, meneou suavemente a parte superior do corpo, e tomou a perfeita atitude de um homem que verga ao peso de inesperados favores.

Afinal, o fornecedor perguntou se, dada a potência de tracção do Gigante de Aço, não seria possível prender as jaulas de rodas às traseiras do nosso comboio, e puxá-las deste modo até Etawah, que era a mais próxima estação do caminho de ferro de Deli a Allahabad.

Era um trajecto que não excedia trezentos e cinquenta quilómetros, e que se fazia sobre uma estrada bastante cómoda.

– possível fazer-se o que o senhor Van Guitt pretende? – perguntou o coronel ao engenheiro.

– Não vejo nisso dificuldade alguma – respondeu Banks, – e o Gigante de Aço nem sequer dará por esse aumento de carga.

– Concedido – declarou o coronel Munro. – Conduziremos o seu material até Etawah. Entre vizinhos é preciso auxiliarmo-nos mutuamente, mesmo no Himalaia.

– Coronel – redarguiu Matias Van Guitt, – conhecia a sua bondade, e, para falar com franqueza, como se tratava de m embaraço em que eu me encontrava, contara um pouco com o seu génio obsequiador. . .

– Fez bem volveu o coronel.

Combinado isto, Matias Van Guitt dispôs-se a voltar para o kraal, a fim de despedir uma parte do seu pessoal, que se tornava desnecessário. Só contava conservar consigo quatro chikaris, os precisos para cuidarem das jaulas.

– Então até amanhã disse o coronel Munro.

– Até amanhã, senhores correspondeu Matias Van Guitt. Espero no kraal a chegada do seu Gigante de Aço.

E o fornecedor, muito satisfeito com o resultado da sua visita à Steam House, retirou-se, não sem ter feito a sua saída à maneira de um actor que recolhe a bastidores conforme todas as tradições da comédia moderna.

Kalagani, depois de olhar por bastante tempo para o coronel Munro, cuja viagem à fronteira do Nepal parecia tê-lo preocupado seriamente, seguiu o fornecedor.

Estavam concluídos os nossos últimos preparativos.

O material fora arrumado. Do sanitarium da Steam House já não restava coisa alguma de pé. Os dois carros só esperavam pelo nosso Gigante de Aço. O elefante devia descê-los até à planície e depois ir ao kraal buscar as jaulas para se formar todo o comboio.

Feito isto, partiria directamente através das planícies de Rohilkhande.

No dia seguinte, 3 de Setembro, às sete horas da manhã, o Gigante de Aço estava pronto para novamente se encarregar das funções que conscienciosamente desempenhara até então.

Neste momento, porém, com grande espanto de todos nós, produziu-se um incidente inesperado.

A fornalha, encerrada nos flancos do animal, fora atulhada de combustível.

Kalouth, que acabava de a acender, teve então a ideia de abrir a caixa do fumo, a cujas paredes vêm soldar-se os tubos destinados a conduzir os vapores da combustão através da caldeira, para ver se alguma coisa embaraçava a tiragem.

Mas, mal abriu as portas do compartimento, recuou precipitadamente ante uma espécie de correias que dali eram arremessadas, sibilando de um modo singular.

Eu, Banks e Storr olhávamos para aquele fenómeno sem lhe podermos compreender a causa.

– Olá, Kalouth, que temos? – perguntou Banks.

– Um molho de serpentes, senhor – respondeu o fogueiro. Efectivamente, aquelas correias eram serpentes, que tinham escolhido domicílio nos tubos da caldeira, para ali decerto dormirem melhor. As primeiras chamas acabavam de as alcançar. Alguns dos répteis, já queimados, tinham caído no solo, e se Kalouth não abrisse o compartimento teriam todas morrido queimadas certamente.

– Que é isto! exclamou o capitão Hod, que acudiu.

– O nosso Gigante de Aço tem um ninho de serpentes nas entranhas!

Era verdade, e das mais perigosas, das whip snakes, serpentes-chicotes, gulabis, cobras negras, najas de olhos orlados de um círculo, pertencentes todas às mais peçonhentas espécies.

E ao mesmo tempo um formidável pitão-tigre, da família das jibóias, metia a cabeça pontiaguda pelo orifício da chaminé, isto é, aparecia na extremidade da tromba do elefante, a qual se desenrolava no meio das primeiras volutas de vapor.

As serpentes, que saíam vivas dos tubos, tinham-se dispersado rápida e desembaraçadamente pelo mato, sem nos darem tempo de as destruímos.

Mas o pitão é que não pôde tão facilmente safar-se.

Por isso, o capitão Hod foi logo buscar a carabina e despedaçou-lhe a cabeça com uma bala.

Gumi subiu então ao Gigante de Aço, chegou-se ao orifício superior da tromba e, auxiliado por Storr e Kalouth, conseguiu tirar para fora o enorme réptil.

Nada tão magnífico como esta jibóia, com a sua pele verde com reflexos azuis, decorada de anéis regulares, e que parecia ter sido cortada da pele de um tigre. Não media menos de cinco metros de comprimento e era da grossura de um braço.

Tínhamos diante de nós um esplêndido exemplar dos ofídios da Índia, que vantajosamente poderia figurar na colecção de Matias Van Guitt, visto o nome de pitão-tigre que lhe dão. Devo, porém, confessar que o capitão Hod não entendeu dever lançá-lo na sua conta.

Feita a execução, Kalouth fechou o compartimento, a tiragem operou-se regularmente, o fogo da fornalha ateou-se com a passagem da corrente de ar, a caldeira não tardou a roncar surdamente, e três quartos de hora depois o manómetro indicava uma pressão suficiente de vapor. Não havia senão que partir.

Atrelaram-se os dois carros um ao outro, e o Gigante de Aço manobrou para se colocar à frente do comboio.

Olhámos pela última vez para o esplêndido panorama que se desenrolava ao sul, e para a admirável cordilheira, cujo contorno se recortava para a banda do norte, no fundo do céu. Demos um último adeus ao Davalaghiri, cujo cimo dominava todo aquele território da Índia setentrional, e um apito anunciou o momento de partir.

Realizou-se sem dificuldade a descida pela estrada sinuosa. O freio atmosférico sopeava irresistivelmente as rodas sobre os declives

muito íngremes.

Dali a uma hora o nosso comboio parava no limite inferior do Tarryani, na extremidade da planície.

Desprendeu-se então o Gigante de Aço, e sob a direcção de Banks, do maquinista e do fogueiro, meteu-se lentamente por uma das largas estradas da floresta.

Passadas duas horas, ouviam-se os seus silvos, e desembocava da espessa mata, puxando as seis jaulas da colecção.

Assim que chegou, Matias Van Guitt renovou os seus agradecimentos ao coronel Munro.

As jaulas, precedidas de uma carruagem destinada à residência do fornecedor e dos seus homens, foram atreladas ao nosso trem um verdadeiro comboio composto de oito vagões.

A um novo sinal de Banks, a um novo apito regulamentar, o Gigante de Aço oscilou e avançou majestosamente pela magnífica estrada que descia na direcção do sul.

A Steam House e as jaulas de Matias Van Guitt, carregadas de feras, não pareciam pesar-lhe mais que um simples carro de mudança.

– Então que lhe parece, senhor fornecedor? perguntou o capitão Hod.

– Parece-me, capitão – respondeu com alguma razão Matias Van Guitt -, que se esse elefante fosse de carne e osso ainda seria mais extraordinário!

A estrada já não era a mesma que nos conduzira à base do Himalaia.

Inclinava-se para sudoeste, na direcção do Philibit, pequena cidade situada a cento e cinquenta quilómetros do nosso ponto de partida.

Este trajecto fez-se tranquilamente, com uma velocidade moderada, sem obstáculos nem contratempos.

Matias Van Guitt tomava quotidianamente lugar à mesa da Steam House, onde o seu magnífico apetite fazia sempre as devidas honras à cozinha de Monsieur Parazard.

Não tardou que o consumo da despensa exigisse que os fornecedores habituais contribuíssem com a sua quota, e o capitão Hod, já completamente curado- e o tiro à cabeça do pitão provara isso, tornou a pegar na sua espingarda de caçador.

Depois, era necessário sustentar, além do nosso pessoal, também o do fornecedor.

Este cuidado competia aos chikans. Estes hábeis indianos, sob a direcção de Kalagani, também destro atirador, não deixavam diminuir a carne de bisão e de antílope.

Kalagani era na verdade um homem excepcional.

Apesar de pouco comunicativo, o coronel Munro tratava-o muito amigavelmente, porque o coronel não era homem que facilmente esquecesse qualquer serviço que lhe prestassem.

No dia 10 de Setembro, o comboio passava à vista de Philibit, sem aí parar, mas não pôde evitar um juntamento considerável de indianos, que vieram vê-lo.

Incontestavelmente, as feras de Matias Van Guitt, por muito notáveis que fossem, não podiam admitir comparação com o Gigante de Aço.

Nem sequer olhavam para elas através dos varões das jaulas, e a admiração geral convergia sobre o elefante mecânico. O comboio continuava a descer aquelas extensas planícies da Índia setentrional, deixando a algumas léguas a oeste Bareilli, uma das principais cidades do Rohilkhande.

Avançava ora por meio de florestas povoadas de uma multidão de aves, de que Matias Van Guitt nos fazia admirar a brilhante plumagem, ora através da espessura de acácias espinhosas, da altura de dois a três metros, chamadas pelos Ingleses wai-a-bitbush.

Encontravam-se ali em grande quantidade javalis, que são muito gulosos da baga amarelada que estes arbustos produzem.

Matámos, não sem perigo, alguns destes animais, verdadeiramente bravios e perigosos. O capitão Hod e Kalagani tiveram em diversas ocasiões de exhibir a destreza e o sangue-frio que faziam deles dois caçadores excepcionais.

Entre Philibit e a estação de Etawah, o comboio teve de transpor uma parte do alto Ganges, e pouco tempo depois um dos seus mais importantes tributários, o Kali-Nadi.

Desprendeu-se todo o material de tracção do fornecedor, e a Steam House, transformada em aparelho flutuante, facilmente passou de uma margem para a outra sobre as águas do rio.

Não sucedeu o mesmo com o trem de Matias Van Guitt.

Foi preciso recorrer às jangadas, e as jaulas tiveram de atravessar as duas correntes uma depois de outra.

Se a passagem exigiu certo tempo, ao menos efectuou-se sem grandes dificuldades. O fornecedor não se estreava nesta manobra e a sua gente já tivera de transpor muitos rios quando se dirigiu para a fronteira do Himalaia.

Em resumo, sem incidentes que mereçam relatar-se, alcançávamos a 17 de Setembro o caminho de ferro de Deli a Allahabad, a menos de cem passos da estação de Etawah.

Era aqui que o nosso comboio se ia dividir em duas partes, as quais não deviam tornar a juntar-se.

A primeira deveria descer para o sul, através dos territórios do vasto reino de Sindhia, de modo que alcançasse os Vindhya e a presidência de Bombaim.

A segunda, colocada sobre os trucks dos caminhos de ferro, dirigia-se para Allahabad, e daí pelo caminho de ferro de Bombaim alcançava o litoral do mar das Índias.

Parámos e organizámos o acampamento para a noite.

No dia seguinte, logo de madrugada, enquanto o fornecedor tomava a direcção do sueste, devíamos nós, cortando esta direcção em ângulo recto, seguir pouco mais ou menos o meridiano setenta e sete.

Mas, ao mesmo tempo que nos deixava, Matias Van Guitt ia separar-se do pessoal que não lhe servia. com excepção de dois indianos, necessários ao serviço das jaulas, de ninguém mais precisava.

Quando chegasse ao porto de Bombaim, onde o esperava um navio com destino à Europa, o transbordo da sua mercadoria far-se-ia pelos carregadores habituais do porto.

Resultava daqui que alguns dos chikaris se tornavam livres, e principalmente Kalagani.

Sabe-se de que forma e por que razão nos havíamos afeiçoado deveras a este indiano, depois dos serviços que ele prestara ao coronel Munro e ao capitão Hod.

Depois de Matias Van Guitt despedir a sua gente, Banks desconfiou de que Kalagani não sabia muito bem o que fazer, e perguntou-lhe por isso se lhe convinha acompanhar-nos até Bombaim.

Após um momento de reflexão, Kalagani aceitou o oferecimento do engenheiro, e o coronel Munro manifestou-lhe a sua satisfação por lhe poder servir de alguma coisa neste ensejo.

Ia, portanto, o indiano fazer parte do pessoal da Steam House .

Dado o conhecimento que tinha de toda esta parte da Índia, podia ser-nos muito útil.

No dia seguinte o acampamento levantou-se. Já não tínhamos interesse em prolongar a nossa demora.

O Gigante de Aço estava em pressão. Banks deu ordem a Storr para estar pronto.

Só faltava despedirmo-nos do nosso amigo fornecedor.

Da nossa parte foi uma coisa muito simples; da parte de Matias Van Guitt foi coisa mais teatral, como era de supor.

Os agradecimentos de Matias Van Guitt pelos serviços que o coronel Munro acabava de lhe prestar tomaram necessariamente a forma significativa. Desempenhou de um modo notável o último acto, e foi perfeito na grande cena da despedida.

Por um movimento dos músculos do antebraço, a sua mão direita colocou-se em pronação, de modo que a palma ficava voltada para o chão.

Queria isto dizer que, neste mundo, não esqueceria nunca o que devia ao coronel Munro, e, que se o reconhecimento fora banido da Terra, achara um último asilo no seu coração.

Depois, por um movimento inverso, ergueu a mão em supinação, isto é, revirou-a, levantando-a para o zénite.

O que significava que, mesmo lá em cima, os sentimentos não se extinguiriam nele, e que toda uma eternidade e gratidão não seria suficiente para satisfazer as obrigações que contraíra.

O coronel Munro agradeceu como devia a Matias Van Guitt, e alguns minutos depois o fornecedor das casas de Hamburgo e de Londres desaparecia aos nossos olhos.

CAPÍTULO VII



A Passagem do Betwa

Na data precisa de 18 de Setembro, eis qual era a nossa posição, calculada segundo a distância do ponto de partida, do ponto em que fizéramos alto, e do ponto a que nos dirigíamos.

1º De Calcutá, trezentos quilómetros;

2º Do sanitarium do Himalaia, trezentos e oitenta quilómetros;

3º De Bombaim, mil e seiscentos quilómetros.

Considerando apenas a distância, não tínhamos ainda percorrido metade do nosso itinerário; tomando, porém, em conta as sete semanas que a Steam House estacionara junto à fronteira do Himalaia, decorrera mais de metade do tempo que se destinara para a viagem.

Deixáramos Calcutá a 6 de Março.

Em menos de dois meses, se nada embaraçasse a nossa marcha, esperávamos chegar ao litoral oeste do Indostão.

Demais, o nosso itinerário ia, até certo ponto, ser reduzido. A resolução que tomáramos de evitar as grandes cidades comprometidas na revolta de 1857 obrigava-nos a descer mais directamente para o sul. Através das magníficas províncias do reino de Sindhia estendiam-se estradas esplêndidas, transitáveis para veículos, e o Gigante de Aço não devia encontrar nenhum obstáculo, pelo menos até às montanhas do centro.

A viagem prometia fazer-se nas melhores condições de facilidade e segurança.

O que devia torná-la ainda mais fácil era a presença de Kalagani entre o pessoal da Steam House

Este indiano conhecia admiravelmente toda esta parte da península. Naquele mesmo dia Banks pôde reconhecer isso.

Depois do almoço, enquanto o coronel Munro e o capitão Hod dormiam a sesta, Banks perguntou-lhe em que condição ele percorrera muitas vezes aquelas províncias.

Eu fazia parte explicou Kalagani de uma dessas numerosas caravanas de banjaris, que transportam sobre o dorso de bois carregamentos de cereais, quer por conta do Governo, quer por conta de particulares. Nesta qualidade tenho muitas vezes descido e subido aos territórios do centro e do norte da Índia.

– E essas caravanas percorrem ainda esta parte da península? – perguntou o engenheiro.

– Sim, senhor – respondeu Kalagani, – e muito me admiraria se nesta época do ano não encontrássemos um bando de banjaris em marcha para o norte.

– Muito bem, Kalagani – redarguiu Banks, – o perfeito conhecimento que tem destes territórios ser-nos-á muito útil. Em vez de passarmos pelas grandes cidades do reino de Sindhia, atravessaremos os campos e será nosso guia.

– Como quiser – retorquiu o indiano, com o tom frio que lhe era habitual.

Depois acrescentou:

– Quer que lhe indique, de um modo geral, a direcção que devemos seguir?

– Se lhe apraz. . .

E Banks, para verificar a exactidão das informações de Kalagani, estendeu sobre a mesa um grande mapa, que apresentava a parte da Índia por onde viajávamos.

O indiano tomou novamente a palavra:

– Nada mais simples. Uma linha quase directa vai conduzir-nos do caminho de ferro de Deli ao caminho de ferro de Bombaim, que fazem junção em Allahabad. Da estação de Etawah, que acabamos de deixar, à fronteira do Bundelkund, só haverá uma corrente importante a transpor, o Jumna, e desta fronteira aos montes Vindhya uma segunda corrente, o Betwa. Dado até o caso de haver cheia nestes dois rios por causa das chuvas, o trem flutuante não terá grande dificuldade, parece-me, em passar de uma corrente para a outra.

– Não haverá nenhuma dificuldade séria – confirmou o engenheiro.
– E logo que chegarmos aos Vindhya?

– Inclinaremos um pouco para sueste, a fim de se escolher um desfiladeiro praticável. Ainda aí nenhum obstáculo embaraçará a nossa marcha. Conheço uma passagem cujos declives são suaves. É o desfiladeiro de Sirgur, por onde as carroças seguem de preferência.

– Por onde passarem os cavalos não pode passar o nosso Gigante de Aço? observei eu.

– Com certeza respondeu Banks; mas, para além do desfiladeiro de Sirgur, o solo é muito acidentado. Não nos poderíamos meter pelos Vindhya, dirigindo-nos através de Bopal?

– Aí as cidades são numerosas – elucidou Kalagani; – será difícil evitá-las, e os sipaios que ali vivem distinguiram-se imenso na guerra da independência.

Fiquei um pouco surpreendido com a qualificação de guerra da independência que Kalagani aplicava à revolta de 1857. Depois, não parecia que Kalagani houvesse tomado parte na revolta, ou, pelo menos, ele nunca dissera coisa que nos levasse a crer em tal.

– Pois bem – retorquiu Banks, – deixaremos as cidades de Bopal a oeste, e se tem a certeza de que o desfiladeiro de Sirgur nos dá acesso a qualquer estrada praticável. . .

– Uma estrada que eu tenho muitas vezes percorrido, senhor, e que, depois de contornar o lago Puturia, vai, a quarenta milhas daí,

terminar no caminho de ferro de Bombaim a Allahabad, junto de Jubbulpore.

– Efectivamente observou Banks, que seguia no mapa as indicações fornecidas pelo indiano. – E a partir deste ponto?

A estrada real dirige-se para o sudoeste e corre por assim dizer ao longo da via férrea até Bombaim.

– Fica entendido aprovou Banks. - Não vejo nenhum obstáculo sério em atravessar os Vindhya, e este itinerário convém-nos. Aos serviços que já nos tem prestado, Kalagani, acrescenta outro, que não esqueceremos.

Kalagani inclinou-se, e ia retirar-se quando, reconsiderando, se voltou novamente para o engenheiro.

– Tem alguma pergunta a fazer-me? – inquiriu Banks.

– Sim, senhor – respondeu o indiano. – Permita-me que lhe pergunte porque é que tem tanto interesse em evitar as principais cidades do Bundelkund?

Banks olhou para mim. Não havia motivo para ocultar a Kalagani o que dizia respeito a Sir Edward Munro, e o indiano foi informado da situação do coronel.

Kalagani escutou muito atentamente o que o coronel lhe disse. Depois, num tom de quem estava um pouco surpreendido, retorquiu:

– O coronel nada tem a temer de Nana Sahib, pelo menos nestas províncias.

– Nem nestas províncias nem em outras contrapôs Banks. Porque diz nestas províncias ?

– Porque se o nababo, como pretenderam, reapareceu, lá alguns meses atrás, na presidência de Bombaim, não foi possível conhecer o seu esconderijo, e é provável que novamente transpusesse a fronteira indo-chinesa.

A sua resposta parecia provar o seguinte: que Kalagani ignorava o que se passara nas regiões dos montes Sautpurra e que Nana Sahib fora morto por soldados do exército real no vale de Tandit.

– Vejo, Kalagani – disse então Banks -, que as notícias que correm pela Índia chegam com alguma dificuldade às florestas do Himalaia!

O indiano olhou para nós fixamente, sem responder, como homem que não entende o que lhe dizem.

Continuou Banks: – Kalagani parece ignorar que Nana Sahib morreu.

– Pois Nana Sahib morreu? exclamou Kalagani.

– Decerto – respondeu Banks, – e foi o Governo que deu a saber em que circunstâncias ocorreu a sua morte.

– A sua morte? – voltou Kalagani, abanando a cabeça. – Onde foi então que mataram Nana Sahib?

– No pai de Tandit, nos montes Sautpurra.

– E quando?

– Há quase quatro meses esclareceu o engenheiro -, no dia 25 de Maio último.

Kalagani, cujo olhar me parecera estranho naquele momento, cruzara os braços e ficara silencioso.

– Tem razões perguntei-lhe para não querer na morte de Nana Sahib?

– Nenhuma – limitou-se Kalagani a responder.

– Acredito no que me dizem.

Um instante depois, Banks, a sós comigo, acrescentou, não sem razão:

– Todos os indianos são o mesmo! O chefe dos sipaios revoltados tornou-se legendário. Nunca estes supersticiosos acreditarão que ele morreu, porque não o viram enforcar. Sucede com eles observei exactamente o que sucedia com os caturras do Império, que, vinte

anos depois de Napoleão ter morrido, sustentavam que ele continuava ainda vivo!

Depois da passagem do alto Ganges, que a Steam House efectuara quinze dias antes, uma fértil região desenrolava as suas magníficas estradas diante do Gigante de Aço.

Esta região era o Doâb, o qual se compreende no ângulo formado pelo Ganges e pelo Jumna, antes de se reunirem junto de Allahabad.

Planícies de aluvião, arroteadas pelos brâmanes vinte séculos antes da era cristã, processos de cultura ainda muito rudimentares entre os campónios, grandes trabalhos de canalização devidos aos engenheiros ingleses, campos de algodoeiros, os quais se dão especialmente naqueles terrenos, gemidos do engenho que funciona junto de cada aldeia, canções dos homens de trabalho que põem o engenho em movimento, tais são as impressões que me ficam do Doâb, onde foi outrora fundada a primitiva igreja.

A viagem realizou-se nas melhores condições. As perspectivas variavam por assim dizer ao sabor da nossa fantasia.

A nossa residência desdobrava-se, sem fadiga, para deleite dos nossos olhos.

Não era isto, como Banks dissera, a última palavra do progresso na arte da locomoção?

Carros de bois, carruagens de cavalos ou de mulas, vagões de caminhos de ferro, que sois ao pé das nossas casas de rodas!

No dia 19 de Setembro, a Steam House parava sobre a margem esquerda do Jumna.

Este importante rio separa, na parte central da península, o país dos rajás propriamente dito, ou Rajastão, do Indostão, que é mais particularmente o país dos indianos. Uma primeira cheia principiava a elevar as águas do Jumna. A força da corrente fazia-se mais

rapidamente sentir; mas, ainda que tornava a nossa passagem um pouco menos fácil, não podia impedi-la.

Banks tomou algumas precauções. Foi preciso procurar um ponto melhor para abordar a terra. Achou-se esse ponto. Meia hora depois, a Steam House subia a margem oposta do rio.

Aos comboios dos caminhos de ferro são precisas pontes muito dispendiosas, e uma dessas pontes, de construção tubular, atravessa o Jumna junto da fortaleza de Selingarh, perto de Deli. Ao nosso Gigante de Aço, aos dois carros que puxava, as correntes ofereciam uma via tão fácil como as belas estradas macadamizadas da península.

Para além do Jumna, os territórios do Rajastão contam certo número dessas cidades que a previdência do engenheiro queria afastar do seu itinerário.

À esquerda ficava Gwalior, na margem do rio de Sawunrika, erguida sobre a sua mole de basalto, como a magnífica mesquita de Musjid, o palácio de Pal, a curiosa fonte dos elefantes, a fortaleza célebre, o Vihara de criação búdica; cidade velha, à qual a cidade moderna de Lashkar, edificada dois quilómetros mais longe, faz agora uma concorrência muito séria. Ali, no fundo dessa Gibraltar da Índia, a Rani de Jansi, a companheira dedicada de Nana Sahib, lutara heroicamente até ao último instante.

Fora ali que, no encontro dos dois esquadrões do 8 de húsares do exército real, ela morrerá, como se sabe, às mãos do próprio coronel Munro, que tomara parte na acção com um batalhão do seu regimento.

Daquele dia, como se sabe também, é que datava o ódio implacável de Nana Sahib, que o nababo procurara satisfazer até ao último dia da sua vida. Sim, mais valia que Sir Edward Munro não fosse avivar as suas recordações às portas de Gwalior!

Depois de Gwalior, na parte ocidental do nosso novo itinerário, havia Antri e a sua vasta planície, de onde emergem por todos os lados grande número de picos, como as ilhotas de um arquipélago. Havia

também Duttiah, que ainda não conta cinco séculos de existência, da qual se admiram as casas graciosas, a fortaleza central, os templos de variadas agulhas, o palácio abandonado de Birsing-Deo, o arsenal de Tôpe-Kana, formando tudo isto a capital deste reino de Duttiah, talhado no ângulo norte do Bundelkund, que se colocou sob o protectorado da Inglaterra. Do mesmo modo que Gwalior, Antri e Duttiah tinham sido gravemente prejudicadas com o movimento insurreccional de 1857.

Encontrava-se, afinal, Jansi, da qual passávamos a menos de quarenta quilómetros, no dia 22 de Setembro.

Esta cidade forma a mais importante estação militar do Bundelkund, e nas camadas inferiores o espírito de revolta conserva-se ali sempre vivaz.

Jansi, cidade relativamente moderna, faz importante comércio de musselinas indígenas e de algodões azuis.

Não se encontra nela nenhum monumento anterior à sua fundação, a qual data do século XVII. Contudo, são coisas dignas de se visitarem a sua cidadela, cujas muralhas interiores não puderam ser destruídas pela metralha dos ingleses, e a necrópole dos rajás, de um aspecto extremamente pitoresco.

Foi ali a principal fortaleza dos sipaios revoltados da Índia central. Foi ali que a intrépida Rani promoveu o primeiro levantamento, que depressa devia propagar-se por todo o Bundelkund. Sir Hugh Rose teve de ali lançar um combate, que não durou menos de seis dias, durante o qual perdeu quinze por cento dos seus efectivos. Apesar do seu encarniçamento e de serem auxiliados por uma guarnição de doze mil sipaios e de um exército de socorro em número de vinte mil, Tantia Topi, Balão Rao, irmão de Nana Sahib, e finalmente a Rani tiveram de ceder diante da superioridade das armas inglesas! Como nos contara Mac Neil, fora naquela cidade que o coronel Munro salvara a vida do seu sargento, fazendo-lhe esmola da última gota de água que lhe restava.

Sim, mais depressa que qualquer outra das cidades de funestas recordações, devia ser riscada de um itinerário cujas paragens tinham sido escolhidas pelos melhores amigos do coronel.

No dia seguinte, 23 de Setembro, um encontro, que nos demorou por espaço de algumas horas, veio justificar uma das observações precedentemente apresentadas por Kalagani.

Eram onze horas da manhã.

Terminado o almoço, sentámo-nos todos para dormir a sesta, uns debaixo do toldo, outros na sala da Steam House .

O Gigante de Aço caminhava na razão de dez quilómetros por hora.

Uma estrada esplêndida, sombreada de belas árvores, ia-se desenrolando diante dele, por entre campos de algodoeiros e de cereais. O tempo estava bom e o sol muito forte. Uma rega municipal naquela estrada não seria para desprezar, e o vento-levantava uma nuvem de fina poeira branca em frente do nosso comboio.

Foi, porém, muito pior quando, ao fim de duas ou três milhas, a atmosfera nos apareceu tão cheia de poeira que nem no deserto da Líbia, quando o violento simum revolve os incomensuráveis areais.

– Não percebo como se pode produzir este fenómeno – disse Banks, – porque o vento não sopra com muita força.

– Kalagani há-de explicar-nos isso – retorquiu o coronel Munro.

Chamámos o indiano, que se aproximou da varanda, observou a estrada e respondeu sem hesitar:

– É uma grande caravana que sobe para o norte, e, como já o preveni, senhor Banks, é muito provavelmente uma caravana de banjaris.

– Visto isso – disse Banks, – Kalagani vai decerto encontrar entre eles alguns dos seus antigos companheiros.

- É possível, senhor – admitiu o indiano, – porque vivi muito tempo entre essas tribos nómadas.
- Tenciona então deixar-nos para se lhes reunir? – perguntou o capitão Hod.
- Não tenho tal ideia – respondeu Kalagani.

O indiano não se enganara. Daí a meia hora, o Gigante de Aço, apesar de toda a sua grande força, era obrigado a suspender a marcha diante de uma muralha de ruminantes.

Mas não tivemos motivo para nos arrepender. O espectáculo que se oferecia a nossos olhos valia a pena ser observado.

Para a banda do sul, uma manada, que não teria menos de quatro ou cinco mil bois, impedia a estrada numa extensão de muitos quilómetros.

Como Kalagani acabava de dizer, este comboio de ruminantes pertencia a uma caravana de banjaris.

– Os banjaris – explicou Banks – são os verdadeiros ciganos do Indostão. Mais um povo do que uma tribo, sem localidade fixa, vivem no Verão sob tendas, de Inverno em cabanas. São os carregadores da península, e vi-os na sua lida durante a insurreição de 1857. Por uma espécie de convenção tácita entre os beligerantes, deixavam-se os seus comboios atravessar as províncias alvorotadas pela revolta. Efectivamente, eram os fornecedores do país, e alimentaram tanto o exército real como o exército indígena. Se fosse absolutamente preciso determinar na Índia a pátria destes nómadas, essa pátria seria a Raputana, e talvez mais especialmente o reino de Milwar. Mas como eles vão desfilar por diante de nós, meu querido Maucler, convido-o a examiná-los atentamente.

O nosso comboio afastara-se prudentemente para um dos lados da estrada. Não poderia resistir àquele avançar de animais corníferos, diante dos quais as próprias feras não hesitam em fugir.

Como Banks me havia recomendado, observei com atenção aquele grande cortejo, mas primeiramente devo declarar que a Steam House não pareceu produzir o seu efeito costumado.

O Gigante de Aço, tão habituado a concitar a admiração geral, mal despertou a atenção dos banjaris, decerto acostumados a não se espantarem com coisa alguma. Os homens e as mulheres daquela raça vagabunda eram admiráveis: os homens, altos, vigorosos, feições delicadas, nariz aquilino, cabelos encaracolados, cor de um bronze em que o cobre avermelhado dominasse o estanho, trajados de túnica comprida e de turbante, armados de lança, escudo, rodela e da grande espada que se traz a tiracolo; as mulheres, altas, bem proporcionadas, aspecto altivo como os homens da sua tribo, o busto resguardado num corpete, a parte inferior do corpo perdida por entre as pregas de uma farta saia, e sobre este traje, da cabeça aos pés, lançado um manto elegante, e, como adorno, brincos nas orelhas, colares no pescoço, e nos tornozelos anilhas de ouro, de marfim, de conchas. Ao pé dos homens, dos velhos, das crianças, caminhavam, com o seu passo tranquilo, milhares de bois, sem sela nem arreata, agitando as glandes vermelhas ou fazendo tilintar as campainhas que lhes enfeitam a cabeça e trazendo no dorso um duplo saco em que transportam trigo ou outros cereais.

Era uma tribo inteira, que se pusera a caminho em caravana, sob a direcção de um chefe eleito, o naik, cujo poder é ilimitado enquanto dura o seu mandato. Só a ele pertence dirigir o comboio, determinar as horas de paragem, designar a disposição do acampamento.

À frente vinha um touro de grande estampa, majestosos movimentos, coberto de brilhantes tecidos e enfeitado de campainhas e de conchas.

Perguntei a Banks se sabia quais eram as funções deste magnífico animal.

– Kalagani é que nos pode responder positivamente a tal respeito – disse o engenheiro. – Onde é que ele está?

Chamou-se Kalagani. Não apareceu. Procuraram-no. Não estava na Steam House .

– Foi decerto renovar conhecimento com algum dos seus antigos companheiros sugeriu o coronel Munro; mas há-de tornar a aparecer antes de nos pormos a caminho.

Era a coisa mais natural. A ausência momentânea do indiano não era motivo para nos inquietarmos; não obstante, pela minha parte, não deixava de me preocupar.

– Pois se não me engano – informou então Banks, – esse touro nas caravanas dos banjaris é o representante da sua divindade. Vão para onde ele vai. Quando ele pára, acampa a caravana, mas a mim parece-me que ele obedece secretamente às prescrições do naik. Numa palavra, é nele que se resume toda a religião daqueles nómadas.

Só ao fim de duas horas é que principiámos a ver o fim da interminável comitiva.

Procurava Kalagani na retaguarda, quando ele apareceu, acompanhado de um indiano que não pertencia ao tipo banjari.

Era, sem dúvida alguma, dos indígenas que temporariamente alugam os seus serviços às caravanas, como muitas vezes fizera Kalagani.

Iam ambos conversando friamente, por meias palavras, poder-se-ia dizer.

De que ou de que falavam eles?

Provavelmente a região que a tribo em marcha acabava de atravessar, região que íamos percorrer sob a direcção do nosso novo guia.

Este indígena, que ficara na cauda da caravana, parou por um instante ao passar por diante da Steam House . Observou com interesse o trem precedido do seu elefante artificial, e pareceu-me que olhava mais particularmente para o coronel, mas não nos dirigiu

a palavra. Depois, dizendo adeus com a mão a Kalagani, incorporou-se novamente no cortejo e não tardou que desaparecesse em meio de uma nuvem de poeira.

Quando voltou para junto de nós, Kalagani, sem esperar que o interrogassem, limitou-se a dizer:

– Um dos meus antigos companheiros, que está há dois meses ao serviço da caravana.

Mais nada.

Kalagani tomou lugar no nosso trem, e daí a pouco a Steam House deslizava sobre a estrada, em que se viam as grandes pegadas daquela enorme quantidade de bois.

No dia seguinte, 24 de Setembro, parávamos, durante a noite, a cinco ou seis quilómetros a leste de Ourtcha, na margem esquerda do Betwa, um dos tributários do Jumna.

De Ourtcha não há mais nada que dizer nem que ver.

É a antiga capital do Bundelkund, cidade que foi florescente na primeira metade do século XVIII. Mas, por um lado os Mongóis, por outro os Maratas, dirigiram-lhe terríveis ataques, dos quais nunca mais se restaurou.

E, agora, uma das grandes cidades da Índia central não passa de uma aldeia, onde miseravelmente se abrigam algumas centenas de campônios.

Disse que viéramos acampar nas margens do Betwa.

É porém mais verdadeiro dizer que o comboio fez alto a uma certa distância da margem esquerda.

Este importante rio, onde então havia grande cheia, transbordava, espalhando-se extensamente pelas margens.

Originavam-se talvez desta circunstância algumas dificuldades para nós passarmos.

Ficava para o dia seguinte o exame dessas dificuldades.

A noite estava demasiado escura para Banks tomar alguma resolução. Por isso, logo depois da sesta da tarde, cada qual voltou para o seu camarote e foi deitar-se.

Nunca, salvo em ocasiões extraordinárias, vigiávamos o acampamento durante a noite.

Para quê? Podiam por acaso roubar-nos as nossas casas ambulantes? Não! Podiam roubar-nos o elefante? Menos. Bastava o seu peso para o defender. Quanto à possibilidade de um ataque da parte de uns ratoneiros que vagueiam por aquelas províncias, seria coisa inverosímil.

Demais, se nenhum de nós fazia sentinela de noite, lá estavam os dois cães, Phann e Black, que nos preveniriam de qualquer aproximação suspeita.

Foi precisamente o que sucedeu naquela noite.

Por volta das duas horas acordou-nos o ladrar dos cães.

Levantei-me logo e achei os meus companheiros a pé.

- Que temos? – perguntou o coronel Munro.

– São os cães que ladram – respondeu Banks, – e com certeza que o não fazem sem razão.

– Alguma pantera que rosnou nas sebes próximas! – supôs o capitão Hod. – Apeemo-nos e vamos visitar a entrada da floresta, e por cautela levemos as nossas espingardas.

O sargento Mac Neil, Kalagani e Gumi estavam já na frente do acampamento, escutando, discutindo, procurando averiguar o que se passava no escuro.

Juntámo-nos a eles.

– Então disse o capitão Hod, não teremos que nos haver com duas ou três feras que viessem beber ao rio?

– Kalagani diz que não lhe parece que seja assim – observou Mac Neil.

– Que julga então? – perguntou o coronel Munro ao indiano, que se nos reunira.

– Não sei o que seja, senhor coronel –olveu Kalagani, – só sei que não se trata nem de tigres, nem de panteras, nem de chacais. Parece-me entrever debaixo das árvores uma massa confusa. . .

– Nós averiguaremos! – exclamou o capitão Hod, continuando a pensar no quinquagésimo tigre que lhe faltava.

– Espere, Hod – advertiu Banks. – No Bundelkund é sempre conveniente desconfiar dos vadios das estradas.

– Somos numerosos e estamos bem armados – redarguiu o capitão Hod. – Quero ficar descansado a este respeito.

– Pois seja! – acedeu Banks.

Os dois cães continuavam a latir, mas sem manifestarem sintomas dessa cólera que é inevitavelmente causada pela aproximação de animais ferozes.

Eu parto em reconhecimento com Hod, Maucler e Kalagani, e Munro fica no acampamento com Mac Neil e os outros.

- E tu vens? gritou o capitão Hod ao seu impedido, fazendo ao mesmo tempo sinal para que ele o acompanhasse.

Hann e Black, por baixo já das primeiras árvores, iam indicando o caminho. Não havia mais nada a fazer do que segui-los.

Mal nos metemos pelas árvores, ouviu-se ruído de passos. Era evidente que numeroso bando batia a estrada ao longo do nosso acampamento.

Entreviam-se alguns vultos silenciosos, fugindo através do mato.

Os dois cães, ladrando, corriam alguns passos adiante de nós, ora avançando, ora recuando.

– Quem vem lá? – gritou o capitão Hod. – Não obtive resposta.

– Ou essa gente não quer responder – disse Banks, – ou não compreende o inglês.

– Ora, hão-de compreender a língua do país – volvi eu. – Kalagani ordenou Banks, grite-lhes na sua língua que, se não respondem, fazemos fogo.

Kalagani, servindo-se do idioma especial dos indígenas da Índia central, deu ordem aos rondadores que avançassem.

Houve a mesma resposta que da primeira vez.

Soou um tiro de espingarda. O impaciente capitão Hod acabava de atirar, ao acaso, sobre um vulto que ia a fugir por entre as árvores. À detonação da carabina seguiu-se uma grande agitação.

Pareceu-nos que um bando de indivíduos se dispersava à direita e à esquerda.

Tivemos até a certeza disso quando vimos Phann e Black, que tinham corrido para a frente, voltarem sossegadamente, sem darem nenhum sinal de inquietação.

– Fossem quem fossem, rondadores ou ratoneiros, fugiram depressa! – observou o capitão Hod.

– Exactamente – confirmou Banks, – e não temos mais que fazer do que voltar para a Steam House . Porém, por precaução, far-se-á sentinela até ao romper do dia.

Poucos instantes depois, estávamos junto dos nossos companheiros. Mac Neil, Gumi e Fox combinaram entre si o modo de fazer guarda ao acampamento e nós recolhemo-nos aos nossos camarotes.

O resto da noite passou-se sem novidade.

Era, pois, de crer que os visitantes, tendo visto que a Steam House estava bem defendida, haviam desistido da ideia de prolongarem a sua visita.

No dia seguinte, 25 de Setembro, enquanto se faziam os preparativos para nos pormos a caminho, eu, o coronel Munro, o capitão Hod, Mac Neil e Kalagani lembrámo-nos de, pela última vez, explorar a entrada do bosque.

Do bando que por ali andara de noite não restavam vestígios. Fosse como fosse, não tínhamos de nos preocupar com semelhante coisa.

De regresso, Banks tomou as suas disposições para efectuar a passagem do Betwa. Este rio transbordara muito, derramando as águas amareladas muito para além das margens.

A corrente deslizava com extrema rapidez, e seria preciso que o Gigante de Aço lhe fizesse cabeça, para não derivar muito para a foz.

Primeiro que tudo, o engenheiro tratara de procurar o lugar mais próprio para o desembarque. Com o seu óculo de alcance em posição, diligenciava descobrir o ponto onde lhe conviria alcançar a margem direita.

Naquele sítio, o leito do Betwa atingia a largura de cerca de uma milha. Seria este, portanto, o trajecto náutico mais extenso que o trem flutuante teria de fazer.

Mas perguntei eu como é que os viajantes ou os comerciantes, em ocasião de cheias como esta, conseguem passar o rio? Parece coisa difícil que as barcaças possam resistir a correntes tão rápidas.

– Ora respondeu o capitão Hod, não há nada mais simples! Não passam!

– Passam, sim, senhor, quando têm elefantes à sua disposição! – replicou Banks.

– Ora essa! Pois os elefantes podem transpor tamanhas distâncias a nado?

– Com certeza, e eis como se procede explicou o engenheiro. As bagagens são todas postas sobre o dorso destes. . .

– Proboscídeos! . . . – concluiu o capitão Hod. Diga assim, em lembrança do seu amigo Matias Van Guitt.

E os mahuls obrigam-nos a entrar na corrente prosseguiu Banks. A princípio, os animais hesitam, recuam, soltam berros; mas depressa se decidem, entram no rio, deitam-se a nado e atravessam a corrente com arreganho. Admito que às vezes alguns sejam levados

pela corrente; mas raras vezes isto sucede quando é um guia hábil que os dirige.

– Bem – ponderou o capitão Hod, – se não temos elefantes, temos ao menos um elefante. . .

– E esse bastará –olveu Banks. – Não se parece ele com o *oructor amphibolis* do americano Evans, que desde 1804 rodava sobre a terra e nadava sobre as águas?

Cada um tomou o seu lugar no trem, Kalouth à fornalha, Storr na torre e Banks junto dele, fazendo de timoneiro.

Era preciso percorrer uns cinquenta pés de extensão sobre a praia inundada antes que se alcançassem as primeiras águas da corrente.

O Gigante de Aço pôs-se em movimento e principiou a caminhar suavemente.

Molhava já as grandes patas, mas ainda não flutuava.

A passagem do terreno sólido para a superfície líquida só se devia fazer com precaução.

De repente, o ruído daquela agitação que houvera de noite chegou-nos de novo aos ouvidos.

Uns cem indivíduos, gesticulando e careteando, saíam do mato.

– Oh! com os demónios! Eram macacos! – exclamou o capitão Hod, rindo com gosto.

Efectivamente, um grande bando de representantes da raça simiana dirigia-se em coluna cerrada para a Steam House .

– Que querem eles? – perguntou Mac Neil.

– Atacarem-nos por certo – respondeu o capitão Hod, que estava sempre pronto para a defesa.

– Não! Não há nada a recear – disse Kalagani, que tivera tempo para observar os macacos.

– Mas, afinal, o que pretende a bicharia? – perguntou outra vez o sargento.

– Passar o rio na nossa companhia, mais nada! – respondeu o indiano.

Kalagani não se enganava. Não tínhamos de nos haver com gibões, de grandes braços cabeludos, nem com os membros da família aristocrática que reside no palácio de Benares.

Eram macacos da espécie dos langurds, os maiores na península, ligeiros quadrúmanos, de pele negra, face esverdeada, circundada de um colar de barbas brancas, que lhes dá o aspecto de velhos advogados.

Quanto a atitudes extravagantes e gestos descompassados, poderiam dar lições ao próprio Matias Van Guitt.

Tinham o pêlo pardacento nas costas, branco no ventre, e traziam a cauda arqueada, em forma de trombeta.

Soube então que aquela raça de macacos é uma espécie sagrada em toda a Índia.

Diz uma lenda que descendem dos guerreiros de Rama, que conquistaram a ilha de Ceilão.

Em Amber, ocupam um palácio, o Zenanah, do qual fazem amigavelmente as honras aos viajantes.

É expressamente proibido matá-los, e a desobediência a esta lei tem já custado a vida a muitos oficiais ingleses.

Muito mansos, facilmente domesticáveis, são deveras perigosos quando os atacam, e se ficam levemente feridos, diz Luís Rousselet, tornam-se tão temíveis como panteras ou hienas.

Mas não se tratava de atacar os langurds, e o capitão Hod pôs a espingarda no descanso.

Tivera, pois, Kalagani razão em dizer que todo aquele bando, não se atrevendo a meter-se à corrente da cheia, queria aproveitar-se do nosso aparelho flutuante para passar o Betwa?

Era possível, e ía-mos vê-lo. O Gigante de Aço acabava de chegar ao leito do rio.

Não tardou que flutuasse com todo o material.

Naquele sítio, uma curva do rio produziu uma espécie de borbulhar de águas estagnadas, e a Steam House

ficou logo imóvel.

O bando de macacos aproximara-se e patinhava já na água pouco profunda que cobria o talude da margem.

Não houve demonstrações hostis, mas, de súbito, machos e fêmeas, velhos e novos, de mãos dadas, aos pulos e fazendo toda a casta de cabriolas, saltavam para cima do trem, que parecia esperá-los.

Em poucos segundos havia dez sobre o Gigante de Aço, trinta em cima de cada uma das casas, ao todo uns cem, alegres, familiares, dir-se-ia até conversadores, pelo menos lá uns com os outros, e felicitando-se decerto por terem encontrado tão a propósito um aparelho de navegação que lhes permitia continuar a viagem.

O Gigante de Aço meteu-se pela corrente, e, voltando para a parte de cima, fez cabeça à força das águas.

Por um momento, Banks receou que o comboio ficasse muito pesado com aquele aumento de passageiros.

Não havia motivo para isto. Os macacos tinham-se distribuído de uma maneira muito judiciosa.

Empoleiravam-se sobre a garupa, sobre a torre, sobre o pescoço do elefante, até à extremidade da tromba, não mostrando o menor receio dos jactos de vapor. Havia-os em cima dos tectos arredondados dos carros, uns agachados, outros em pé, uns sobre as patas, com o lombo em curva, outros pendurados pela cauda na parte inferior do dossel que cobria os balcões.

Graças à boa disposição dos seus reservatórios de ar, a Steam House mantinha-se na linha de flutuação, e nada tinha a recear daquele aumento de peso.

O capitão e Fox estavam maravilhados, sobretudo Fox. Pouco faltava para fazer as honras da Steam House àquele bando' todo caretas e sem-cerimónia.

Falava com eles, apertava-lhes a mão, tirava-lhes o chapéu. Teria até dado cabo de todas as gulodices da despensa, se Parazard, formalizado por se achar em semelhante companhia, não pusesse cobro àquilo.

O Gigante de Aço ia manejando rudemente as quatro patas, que batiam na água e funcionavam como grandes esparrelas. Seguia, derivando, a linha oblíqua por onde devíamos alcançar a terra.

Daí a meia hora chegava ao seu destino; mas, assim que tocou em terra, todo o bando dos clowns quadrúmanos saltou na margem e desapareceu com grandes cabriolas.

– Podiam ter dito obrigado! – exclamou Fox, descontente com a sem-cerimónia dos seus companheiros de passagem.

Respondeu-lhe uma gargalhada. Era quanto merecia a observação do impedido.

-

CAPÍTULO VIII



Hod Contra Banks

Estavam transposto o Betwa.

Cem quilómetros nos separavam já da estação de Etawah.

Decorreram quatro dias sem incidentes, até sem incidentes de caça.

Naquela região do reino de Sindia as feras eram em pequeno número.

– Decididamente – repetia o capitão Hod, não sem algum despeito, – chegarei a Bombaim sem ter morto o meu quinquagésimo!

Kalagani guiava-nos com maravilhosa sagacidade através daquela porção menos povoada do território, cuja topografia conhecia muito bem, e a 29 de Setembro os nossos veículos principiavam a subir o reverso setentrional dos Vindhya, a fim de irem alcançar o desfiladeiro de Sirgur.

Até aqui a jornada através do Bundelkund efectuara-se sem dificuldade.

Não obstante, este país é um dos mais suspeitos da Índia. Os criminosos procuram nele refúgio. Não faltam ali os salteadores de estradas.

É por isso conveniente grande prudência ao atravessar aquele território.

A parte pior do Bundelkund é exactamente a região montanhosa dos Vindhya, por onde ia embrenhar-se a Steam House;). O trajecto não era muito extenso, cem quilómetros o muito, até Jubbulpore, a estação mais próxima do caminho de ferro de Bombaim a Allahabad.

Não podíamos, porém, contar com uma marcha tão rápida, tão fácil como a que efectuáramos através das planícies de Sindia.

Declives bastante íngremes, estradas mal construídas, terrenos pedregosos, caminhos com grandes curvas e em certos pontos muito estreitas, tudo devia concorrer para reduzir a média da nossa velocidade.

Banks não contava obter mais de quinze a vinte quilômetros durante as dez horas de que se compunham os nossos dias de marcha. Além disso, dia e noite, havíamos de ter o cuidado de vigiar com extrema cautela as vizinhanças das estradas e dos acampamentos.

Kalagani fora o primeiro a dar-nos estes conselhos.

Não era porque não estivéssemos em força e bem armados.

O nosso pequeno grupo, com as suas duas casas e a torrinha, verdadeira casamata que o Gigante de Aço levava às costas, poderia oferecer grande resistência.

Os bandidos, dacoits, ou outros, os próprios tugues que fossem, caso os houvesse ainda naquela região do Bundelkund, hesitariam com certeza em nos atacar. Mas a prudência nunca faz mal, e mais valia estarmos preparados para todas as eventualidades.

Chegámos pela manhã ao desfiladeiro de Sirgur, e os veículos meteram-se por ele sem grande dificuldade.

Houve momentos, ao subirmos alguns desfiladeiros um pouco íngremes, em que foi preciso darmos mais força ao vapor, mas o Gigante de Aço, sob a mão de Storr, desenvolvia instantaneamente a força necessária e muitas vezes galgámos rampas de doze a quinze centímetros por metro.

Quanto a erros de itinerário parece que não devíamos ter receio disso.

Kalagani conhecia perfeitamente as passagens sinuosas da região dos Vindhya, e principalmente o desfiladeiro de Sirgur.

Por isso, nunca hesitava, nem quando diversas estradas vinham dar a alguma encruzilhada perdida entre as altas rochas, no fundo de estreitos desfiladeiros, em meio das espessas florestas de árvores

alpestres, que a duzentos ou trezentos passos de distância limitavam o olhar.

Se às vezes nos deixava, se partia adiante, umas vezes acompanhado por mim, por Banks ou por outro qualquer companheiro nosso, era para reconhecer, não a estrada, mas o seu estado de viabilidade.

As chuvas, durante a húmida estação que terminara, não deixaram de deteriorar os macadames, de formar barrancos no solo, circunstâncias estas que era preciso tomar em muita conta, antes de nos metermos pelos caminhos onde o recuo não seria fácil. Sob o simples ponto de vista da locomoção, ia tudo o melhor possível.

A chuva cessara completamente. O céu, meio velado por ligeiras nuvens, que filtravam os raios do sol, não encerrava nenhuma ameaça dessas tempestades cuja violência se receia principalmente na região central da península.

Apesar de não ser intenso, o calor não deixava de nos incomodar um pouco, durante algumas horas do dia; em todo o caso, porém, conservava-se em termo médio, temperatura muito suportável para viajantes perfeitamente fechados e abrigados. Não faltava a caça miúda, e os nossos caçadores ocorriam às necessidades da mesa, sem precisarem de se afastar da Steam House mais do que convinha.

O capitão Hod, e por certo também Fox, podia estar penalizado com a ausência das feras, que abundavam no Tarryani. Mas deviam esperar ver leões, tigres, panteras, em sítios onde faltavam os ruminantes necessários

à sua alimentação? Mas, se estes carnívoros faltavam na fauna dos Vindhya, ofereceu-se-nos ensejo de mais amplamente travarmos conhecimento com os elefantes da Índia, quero dizer, com os elefantes não domesticados, de que até ali só tínhamos visto raros exemplares.

Foi no dia 30 de Setembro, por volta do meio-dia, que descobrimos dois destes magníficos animais em frente do nosso comboio.

Quando nos aproximámos, afastaram-se para os lados da estrada, a fim de deixarem passar aquele trem novo

para eles, que por certo os assustara.

Matá-los sem necessidade, por simples satisfação de caçador, para que servia?

O capitão Hod nem nisso pensou.

Contentou-se com admirar aqueles magníficos animais, que em liberdade percorriam os desfiladeiros desertos, onde regatos, torrentes e pastagens deviam chegar para todas as suas necessidades.

– Eis uma bela ocasião para o nosso amigo Van Guitt nos fazer um curso de zoologia prática! – disse ele.

Sabe-se que a Índia é o país dos elefantes. Ali, estes paquidermes pertencem todos a uma mesma espécie, que é um pouco inferior à dos elefantes da África, tanto os que percorrem as diferentes províncias da península, como aqueles cujos vestígios se vão procurar na Birmânia, no reino de Sião e até em todos os territórios situados a leste do golfo de Bengala.

Como se apanham? A maior parte das vezes num kiddah, recinto fechado por um tapume.

Quando se trata de apanhar uma manada inteira, os caçadores, em número de trezentos a quatrocentos, dirigidos especialmente por um djamadar ou sargento indígena, vão-os pouco a pouco acoissando para dentro do kiddah, fecham-nos aí, separam-nos uns dos outros com o auxílio de elefantes domesticados, ensinados ad hoc, prendem-lhes as patas traseiras, e fica realizada a captura.

Mas este método, que exige tempo e certo aparato de forças, deixa de ser a maior parte das vezes eficaz quando se querem apanhar os machos muito grandes.

Estes são efectivamente mais matreiros, assaz inteligentes para romper o círculo dos perseguidores, e sabem evitar o aprisionamento no kiddah. Por isso, para os poderem apanhar, mandam-se fêmeas domesticadas segui-los por espaço de alguns dias. As fêmeas levam em cima do dorso os seus mahuts, embrulhados em panos escuros, e quando os elefantes, que de nada suspeitam, se entregam tranquilamente às doçuras do sono, são apanhados e levados, sem terem tempo sequer de perceber o que lhes sucede.

Como já tive ocasião de dizer, outrora apanhavam-se os elefantes por meio de fossos, que se abriam nos caminhos que eles costumavam seguir, fossos da profundidade de quinze pés, mas na queda o elefante feria-se ou morria, e este meio bárbaro está geralmente abandonado.

Finalmente, o laço é ainda empregado em Bengala e no Nepal.

É uma verdadeira caçada, cheia de interessantes peripécias.

Montam em elefantes bem ensinados três homens: no pescoço, o mahut que os dirige; na traseira, o indivíduo que os estimula ou com o malho de pau ou com o croque; no dorso, o indiano encarregado de atirar o laço, munido de nó corredio.

Equipados desta maneira, os paquidermes perseguem o elefante selvagem, às vezes durante horas, pelas planícies através das florestas, muitas vezes para maior dano dos que os montam, e finalmente o animal, quando o laço o apanha, cai pesadamente ao chão, ficando à mercê dos caçadores.

Com estes diversos métodos apanham-se anualmente na Índia grande número de elefantes.

Não é má especulação. Uma fêmea chega a ser vendida por sete mil francos, um macho por vinte mil e até por cinquenta mil quando é de sangue puro.

São realmente úteis estes animais para se pagarem por tais preços? Sim, quando bem alimentados. Dando-se-lhes seiscentas a setecentas libras de forragem verde de dezoito em dezoito horas,

isto é, quase o que eles podem transportar numa jornada regular, obtêm-se deles verdadeiros serviços: transporte de soldados e de munições, condução de artilharia nas regiões montanhosas ou nos juncais inacessíveis aos cavalos, carretos por conta de particulares, que os empregam como animais de tracção.

Estes gigantes, fortes e dóceis, que, levados de um instinto especial de obediência, se ensinam fácil e rapidamente, são de um emprego geral nas diversas províncias do Indostão. Ora, como eles não se multiplicam no estado doméstico, é preciso fazer-lhes continuamente caça para se ocorrer às necessidades da península e do estrangeiro.

É por isso que são perseguidos, cercados, apanhados pelos referidos meios. E contudo, apesar do consumo que deles se faz, o seu número não parece diminuir, e ainda existe grande abundância destes animais por toda a Índia. E até digo que existe demasiada abundância, como se vai ver. ,

Como disse, os dois elefantes tinham-se afastado para deixar passar o nosso trem. Depois, haviam continuado a sua marcha por um momento interrompida.

Mas, no mesmo instante, apareciam atrás deles outros elefantes, e, precipitando o passo, juntavam-se ao grupo que acabávamos de deixar para trás de nós.

Um quarto de hora depois, podia-se contar uma dúzia de elefantes.

Observaram a Steam House, seguiam-nos, conservando-se a uma distância de cinquenta metros o muito.

Não pareciam ter desejos de nos alcançar, nem de nos abandonar. E alcançarem-nos seria coisa fácil, porque sobre as rampas que ladeiam os principais cumes dos Vindhya o Gigante de Aço não poderia acelerar o passo.

Depois, um elefante pode andar com uma velocidade mais considerável do que seria para julgar. Segundo M. Sanderson, que é

muito competente neste assunto, essa velocidade é às vezes superior a vinte e cinco quilómetros por hora. Por conseguinte, nada mais fácil para os elefantes que tínhamos à vista do que alcançarem-nos ou passarem-nos adiante.

Mas não parecia que fosse esta a sua intenção, pelo menos por agora.

O que eles queriam, por certo, era reunirem-se em maior número, tanto que aos gritos que lançavam, como uma chamada, das vastas goelas, correspondiam outros gritos de retardatários que seguiam o mesmo caminho.

Por volta da uma hora depois do meio-dia marchavam atrás de nós uns trinta elefantes, em massa cerrada.

Agora era uma verdadeira manada.

Nada provava que o seu número ainda não aumentasse.

Se uma manada destes paquidermes se compõe ordinariamente de trinta a quarenta indivíduos, que formam uma família de parentes mais ou menos próximos, não é raro encontrar ajuntamentos de cem animais, e os viajantes não deixam de encarar com inquietação esta eventualidade.

Eu, Munro, Banks, Hod, o sargento e Kalagani tomámos o lugar na varanda do segundo carro, e observávamos o que se passava atrás de nós.

– O número continua a aumentar – disse Banks – com certeza há-de aumentar com todos os elefantes dispersos pela região! Contudo observei, não podem estender-se além de um espaço bastante limitado.

– Não – volveu o engenheiro, – mas dá-lhes o faro, e tal é a delicadeza do seu olfacto que os elefantes domesticados reconhecem a presença dos elefantes selvagens, mesmo a três ou quatro milhas de distância.

– É uma verdadeira migração – disse então o coronel Munro. – Veja-me, vem atrás de nós uma verdadeira manada, dividida em grupos

de dez a doze elefantes. É preciso apressar a marcha do nosso comboio, Banks.

O Gigante de Aço faz o que pode, Munro retorquiu o engenheiro. Estamos com cinco atmosferas de pressão, há tiragem, e a estrada é muito íngreme.

– Mas para que havemos de nos apressar? – exclamou o capitão Hod, a quem estes incidentes nunca deixavam de pôr de bom humor. – Deixemo-nos acompanhar destes amáveis animais! É um cortejo digno do nosso trem. A região apresentava-se-nos deserta, já não está, e vamos escoltados como rajás que viajam!

– Que remédio senão deixá-los fazer o que quiserem!

– Não vejo maneira de obstar a que eles nos sigam – retorquiu Banks.

– Mas o que receiam? – perguntou o capitão Hod.

– Não ignoram que uma manada é menos temível que um elefante solitário! São uns excelentes animais! . . . Carneiros, grandes carneiros de tromba, é o que eles são.

– Bem, aí temos Hod a entusiasmar-se! – disse o coronel Munro. – Não posso deixar de admitir que, se a tal manada se conserva à distância, nada temos a recear; mas, se lhe dá o capricho de nos querer passar para a frente nesta estrada estreita, poderá resultar daí vários prejuízos para a Steam House .

– E, depois – acrescentei eu, – não sabemos que espécie de acolhimento eles farão ao Gigante de Aço quando se encontrarem na sua frente.

– Cumprimentá-lo-ão, com a breca! – exclamou o capitão Hod. – Cumprimentá-lo-ão, como cumprimentam os elefantes do príncipe Guru Singh.

– Esses eram elefantes domesticados – observou, não sem razão, o sargento Mac Neil.

– Ora! replicou o capitão Hod. – Estes domesticam-se, ou, por outra, em presença do nosso Gigante de Aço apoderar-se-á deles um

espanto que se mudará em respeito.

Como se vê, o nosso amigo nada tinha perdido do seu entusiasmo pelo elefante artificial, essa obra-prima mecânica, devida à habilidade de um engenheiro inglês!

– Depois – acrescentou, – estes proboscídeos o capitão afeiçoara-se à palavra, são muito inteligentes: discorrem, formam o seu juízo, associam ideias, dão mostras de uma inteligência quase humana.

– Isso é contestável retorquiou Banks.

– Como! Contestável? – exclamou o capitão Hod.

– É preciso não ter vivido na Índia para falar assim! Pois não empregam estes dignos animais em todos os usos domésticos? Há algum criado de dois pés, sem penas, que os possa igualar? Não está o elefante em casa do seu dono pronto para todos os serviços? Pois Maucler não sabe o que dizem os escritores que melhor o têm conhecido? A crer o que eles dizem, o elefante é obsequioso para aqueles a quem ama, descarrega-os dos seus fardos, vai colher para eles flores ou frutos, pede esmola para a comunidade, como fazem os elefantes do célebre pagode de Willenoor, próximo de Pondichery, paga nos bazares as canas-de-açúcar, as bananas ou as mangas que compra por sua própria conta, no Sunderbund protege das feras os rebanhos e a habitação do seu senhor, tira água das cisternas, passeia as crianças que lhe confiam com mais cuidado que a melhor ama de toda a Inglaterra. Humano e reconhecido, porque a sua memória é prodigiosa, não esquece os benefícios nem os agravos.

«Olhem, meus amigos, a estes gigantes da humanidade não seriam capazes de fazer esmagar um insecto inofensivo! Um amigo meu isto são rasgos que não podem esquecer viu colocarem em cima de uma pedra um bichinho chamado boi-de-deus e mandarem a um elefante domesticado que o esmagasse! Pois o excelente paquiderme levantava a pata todas as vezes que passava por cima da pedra, e nem ordens nem pancadas foram capazes de o resolverem a pisar o insecto! E, pelo contrário, se lhe mandavam que o fosse buscar, trazia-o delicadamente, com aquela espécie de mão maravilhosa que

tem na extremidade da tromba, e dava-lhe liberdade! Há-de agora dizer, Banks, que o elefante não é bom, generoso, superior a todos os animais, até ao macaco, ao cão, e devemos reconhecer que os indianos têm razão quando lhe atribuem tanta inteligência como tem o homem. E o capitão Hod, para terminar o seu discurso, não achou coisa melhor do que tirar o chapéu e cumprimentar a temível manada que nos seguia a passos contados.

– Bem falado, capitão Hod! aprovou o coronel Munro, sorrindo. – Os elefantes têm no capitão um entusiástico defensor.

– Pois não tenho absolutamente razão, meu coronel? – perguntou o capitão Hod.

– O Sanderson não aprecia o elefante de modo tão lisonjeiro – afirmou então Banks.

– E o que diz o seu Sanderson? – perguntou o capitão, em tom desdenhoso. – Pretende que o elefante tem uma inteligência muito medíocre, que os actos mais admiráveis que se vêem praticar a estes animais resultam apenas de uma obediência bastante servil às ordens que os cornacas lhes dão mais ou menos secretamente. Ora essa! – retrucou o capitão Hod, já um pouco exaltado.

– Por isso, observa ele – continuou Banks, – os indianos nunca escolheram os elefantes como símbolos de inteligência para as suas esculturas ou para os seus desenhos sagrados, e deram preferência à raposa, ao corvo e ao macaco.

– Protesto! – exclamou o capitão Hod, cujo braço, gesticulando, tomava os movimentos ondulatórios de uma tromba.

– Proteste, meu capitão, mas escute prosseguiu Banks. Sanderson acrescenta que o que distingue mais particularmente o elefante é ter no mais alto grau a bossa da obediência, o que lhe deve produzir sobre o crânio uma protuberância menos má. Observa também que se deixa cair em laços infantis, infantis é o termo que ele emprega, tais como fossos cobertos de ramos de árvores, e que não faz nenhum esforço para sair deles. . . Nota que o elefante se deixa meter em cerrados onde seria impossível meter outros animais

selvagens. . . Finalmente, afirma que os elefantes cativos, que logram fugir, deixam-se apanhar outra vez com uma facilidade que não faz muita honra ao seu tino. A experiência nem sequer lhes ensina a serem prudentes!

– Pobres animais – retorquiu o capitão Hod num tom cómico, como este engenheiro vos rebaixa!

– Finalmente, acrescenta, e é um último argumento em favor da minha tese – tornou Banks, – que os elefantes resistem muitas vezes a todas as tentativas de domesticação, por falta de inteligência, e é principalmente difícil domá-los quando são novos ou quando pertencem ao sexo frágil!

– É uma semelhança mais com as criaturas humanas! – retorquiu o capitão Hod – Pois não são os homens mais fáceis de submeter que as mulheres e as crianças?)

– Meu capitão – respondeu Banks, – ambos somos celibatários e não temos grande competência sobre a matéria.

– Bem respondido!

– Para concluir – acrescentou Banks, – digo que não nos devemos fiar muito na bondade suposta do elefante, que seria impossível resistir a um bando destes gigantes, se por algum motivo se enfurecessem, e estimaria muito que os que neste momento nos acompanham tivessem que fazer na banda do norte, visto que nos dirigimos para o sul. .

– Tanto mais, Banks – ponderou o coronel Munro, – que, enquanto os senhores discutem, o seu número aumenta numa proporção inquietante.

-

CAPÍTULO IX



Cem Contra Um

Sir Edward Munro não se enganava.

Uma manada de cinquenta a sessenta elefantes marchava agora atrás de nós. Vinham em fileiras muito unidas, e os da frente tinham-se aproximado bastante da Steam House já estavam a menos de dez metros para se poderem observar minuciosamente.

À frente vinha um dos maiores do grupo, embora o seu tamanho, medido verticalmente na espádua, não excedesse com certeza três metros.

Como já disse, é um tamanho inferior ao dos elefantes de África, alguns dos quais atingem quatro metros. , As presas, também menos compridas que as do seu congénere africano, não tinham mais de um metro e cinquenta na curva exterior. Se se encontra nas ilhas de Ceilão um certo número destes animais privados das presas armas formidáveis de que se servem com destreza os mucknas, que é o nome que lhes dão, no território propriamente dito do Indostão animais sem presas são muito raros.

Atrás deste elefante vinham muitas fêmeas, que são as verdadeiras condutoras da caravana.

Se não fosse a presença da Steam House, teriam elas formado a vanguarda, e o macho viria atrás.

Os machos, efectivamente, nada entendem da condução da manada. Também não se encarregam dos filhos.

Não sabem quando é preciso parar para ocorrer às necessidades dos nenés, nem que espécie de acampamentos lhes convêm.

São pois as fêmeas que no lar doméstico têm moralmente a seu cargo os filhos e que dirigem as grandes migrações.

Mas, o que fazia pôr-se todo aquele bando em movimento através dos desfiladeiros dos Vindhya? Seria a necessidade de abandonar pastagens já esgotadas, a precisão de evitarem a picada de certas moscas muito noviças ou o desejo de seguirem o estranho comboio? Era uma questão bastante difícil de resolver.

A região que atravessavam tinha pouco arvoredo, e conforme com os seus hábitos, quando não caminham por florestas, os elefantes viajavam de dia.

E deter-se-iam quando caísse a noite, como nós mesmos seríamos obrigados a fazê-lo?

É o que havíamos de ver.

– Capitão Hod – observei ao nosso amigo, – olhe a retaguarda dos elefantes que aumenta. Persiste em não recear nada?

– Qual? – respondeu o capitão. – Porque é que esses animais nos hão-de querer mal? Não são tigres, não é verdade, Fox?

– Nem panteras, sequer! – disse Fox, que se associava, como era natural, às ideias do amo.

Mas a estas palavras vi Kalagani abanar a cabeça em sinal de desaprovação.

Era claro que não participava da tranquilidade dos dois caçadores.

– Não me parece sossegado, Kalagani – observou-lhe Banks, que olhava naquele momento para ele.

– Não se poderia apressar o andamento do comboio? – volveu unicamente o indiano.

– É muito difícil – replicou o engenheiro. – Vamos em todo o caso experimentar.

E Banks, retirando-se da varanda de trás, voltou à torrinha onde Storr se encontrava.

Logo em seguida, os apitos do Gigante de Aço tornaram-se mais precipitados, e a velocidade dos trens aumentou consideravelmente. Pouco resultado deu isso, porque a estrada era má.

Mas ainda que se conseguisse aumentar o andamento, a situação não se modificaria. O que os elefantes fariam seria apressarem também o passo, mais nada.

Foi até o que eles fizeram, e a distância que os separava da Steam House não diminuía.

Passaram-se assim muitas horas sem modificação importante. Depois do jantar, viemos outra vez para a varanda da segunda carruagem.

Neste momento, a estrada desenrolava-se à nossa retaguarda numa direcção rectilínea da extensão de duas milhas pelo menos. Por conseguinte, o nosso olhar já não estava limitado por quaisquer curvas súbitas do caminho.

Qual não foi então o nosso desassossego ao ver que o número dos elefantes aumentara durante a última hora!

Não se contavam menos de cem.

Estes animais marchavam então em duas ou três fileiras, conforme a largura do caminho; silenciosos, por assim dizer, com o mesmo passo, uns com a tromba, outros com as presas levantadas.

A noite ia-se avizinhando, uma noite a que haviam de faltar a claridade da Lua e o esplendor das estrelas.

Nas altas zonas do céu corria uma espécie de nevoeiro. Como Banks dissera, quando a noite fosse profunda não nos poderíamos obstinar em seguir aquelas estradas difíceis, e não teríamos remédio senão parar.

O engenheiro resolveu por isso parar logo que qualquer alargamento do vale ou algum desfiladeiro menos estreito permitisse à ameaçadora manada passar pelos lados do comboio e continuar a sua migração para o sul.

Mas os elefantes fariam isso, ou acampariam, antes, no mesmo lugar onde nós mesmos acampássemos?

Esta é que era a questão importante.

Depois, ao cair da noite, percebeu-se bem que os elefantes manifestavam alguma apreensão, da qual durante o dia não observámos nem um sintoma.

Dos seus vastos pulmões saía uma espécie de mugido, poderoso mas sonoro.

A este ruído inquietador sucedeu outro, de natureza particular.

– Que é isto agora? – perguntou o coronel.

– É o som que estes animais soltam quando na sua presença se acha algum inimigo – respondeu Kalagani.

– E é a nós que eles consideram como inimigos. Não pode ser senão a nós – objectou Banks.

– Assim receio – retorquiu o indiano. Lembrava o estrondo que se produz no teatro pela vibração de uma folha de zinco suspensa.

Roçando a tromba pelo solo, soltavam sopros imensos, resultado de uma aspiração prolongada. Era isto que produzia a sonoridade formidável que sobressaltava como o ribombar do trovão.

Eram então nove horas da noite. Naquele sítio, uma pequena planície, da largura de meia milha, servia de desembocadura ao lago Puturia, junto do qual Kalagani tivera a lembrança de assentar o nosso acampamento.

O lago, porém, achava-se ainda a quinze quilómetros, e tínhamos de desistir da ideia de o alcançarmos durante a noite. Banks deu o sinal de parar.

O Gigante de Aço ficou estacionário, mas não se desatrelou. Nem sequer se empurrou o lume para o fundo da fornalha. Storr recebeu ordem de a conservar sempre em pressão, para que pudéssemos

partir ao primeiro sinal. Convinha estarmos prontos para qualquer eventualidade.

O coronel Munro recolheu-se ao seu camarote.

Quanto a Banks e ao capitão Hod, não quiseram deitar-se, e eu preferi fazer-lhes companhia.

Depois, o pessoal estava todo a pé. Mas que poderíamos fazer se os elefantes tivessem o capricho de se lançarem sobre a Steam House ? Durante a primeira hora em que estivemos de vigia continuou a propagar-se em volta do acampamento um murmúrio abafado.

Não havia dúvida de que o bando se estendia pela pequena planície. Atravessá-la-iam os elefantes e continuariam a sua marcha para o sul?

– Afinal, é possível – admitiu Banks

– É até provável – acrescentou o capitão Hod, cujo optimismo não vacilava.

Cerca das onze horas o ruído foi diminuindo e, passados dez minutos, cessara completamente.

A noite estava então perfeitamente sossegada. O mais pequeno som estranho chegar-nos-ia aos ouvidos.

Nada, porém, se ouvia, além do surdo rouquido do Gigante de Aço. Nada se via também, a não ser o feixe de espirros que lhe saía às vezes da tromba.

– Então disse o capitão Hod, tinha ou não razão?

– Foram-se os sons dos elefantes.

– Boa viagem volvi eu.

– Foram-se – acudiu Banks, abanando a cabeça.

– É o que vamos saber. . .

Em seguida chamou pelo maquinista.

– Storr – disse, – os faróis.

– Pronto, senhor Banks.

Vinte segundos depois, dois feixes de luz eléctrica jorravam dos olhos do Gigante de Aço e, por um maquinismo automático, giravam por todos os pontos do horizonte.

Os elefantes lá estavam, formando um grande círculo em volta do acampamento, parecendo que dormiam, e talvez dormindo efectivamente.

Estes fogos, que iluminavam de um modo confuso as suas massas profundas, pareciam animá-las com uma vida sobrenatural.

Por uma simples ilusão de óptica, os monstros sobre que incidiam os violentos meniscos de luz tomavam então proporções gigantescas, dignas de rivalizarem com as do Gigante de Aço.

Feridos por aquelas vivas projecções, punham-se subitamente de pé, como se tivessem sido tocados por um agulhão de fogo. Enristavam a tromba, levantavam as presas.

Dir-se-ia que iam assaltar o comboio.

Soltavam das vastas goelas roucos grunhidos. Não tardou que aquele súbito furor se comunicasse a todos, erguendo-se em redor do nosso acampamento um concerto ensurdecido, como se cem clarins soltassem ao mesmo tempo um toque de chamada.

– Apaga! gritou Banks.

A corrente eléctrica foi subitamente interrompida, e a matinal cessou instantaneamente.

– Lá estão em círculos – informou o engenheiro, – e ainda ali estarão ao raiar do dia!

– Olá! – exclamou o capitão Hod, cuja confiança nos pareceu um pouco abalada.

Que resolução se devia tomar? Kalagani foi consultado.

Não ocultou a sua inquietação.

Era possível deixar o acampamento no meio daquela noite tão escura? Não. Depois, de que nos serviria?

O bando dos elefantes seguir-nos-ia decerto, e as dificuldades seriam maiores do que durante o dia.

Combinou-se, portanto, que só ao romper da manhã nos poríamos a caminho. Seguiríamos com toda a prudência e toda a celeridade possíveis, mas sem espantar aquele terrível cortejo.

– E se eles teimam em nos escoltar? – perguntei.

– Diligenciaremos alcançar algum lugar onde a Steam House possa ficar fora das suas investidas – respondeu Banks.

– E encontraremos esse lugar antes de saírmos dos Vindhya? – perguntou o capitão Hod.

– Há um – respondeu o indiano.

– Que lugar? – perguntou Banks.

– O lago Puturia.

– A que distância fica?

– Cerca de nove milhas.

– Mas os elefantes nadam – observou Banks – e talvez melhor que qualquer outro quadrúpede! Tem-se visto elefantes sustentarem-se à superfície da água por espaço de mais de meio dia. Não é pois de recear que eles nos sigam sobre o lago Puturia e a situação da Steam House não fique ainda mais comprometida?

– Não vejo outro meio de nos subtraírmos ao seu ataque disse Kalagani.

– Tentá-lo-emos, pois! – retorquiu o engenheiro.

Era efectivamente a única resolução que se poderia tomar.

Talvez os elefantes não ousassem aventurar-se a nado naquelas condições, e talvez até os pudéssemos vencer em velocidade.

Esperámos impacientemente pelo dia. Não tardou que aparecesse. Durante o resto da noite não houvera nenhuma demonstração hostil;

porém, ao romper do Sol, víamos que nem um elefante sequer se mexera e que a Steam House estava rodeada por todos os lados.

Deu-se então um movimento geral no acampamento.

Dir-se-ia que os elefantes obedeciam a um sinal combinado.

Sacudiram a tromba, esfregaram as presas contra o solo, fizeram as suas lavagens, aspergindo-se com água fresca, acabaram de comer num ou noutro ponto alguns punhados de erva tenra, que abundava naquelas paragens, e finalmente aproximaram-se da Steam House a ponto de lhes podermos chegar às lançadas através das janelas, Banks recomendou-nos expressamente que não os provocássemos.

O que importava era não dar nenhum pretexto a uma agressão inesperada.

Alguns elefantes chegavam-se mais para o nosso Gigante de Aço.

Evidentemente queriam reconhecer o que era aquele enorme animal, tão imóvel.

Considerá-lo-iam como um dos seus congéneres? Suspeitariam que havia nele uma força maravilhosa?

Na véspera não tiveram ocasião de o ver em acção, porque as suas primeiras fileiras tinham-se sempre conservado a alguma distância para trás de nós.

Mas que faziam eles quando o ouvissem relinchar, quando a sua tromba lançasse novelos de fumo, quando o vissem levantar e baixar as suas grandes patas articuladas, pôr-se em marcha, levar atrás de si dois carros de rodas!

Eu, o coronel Munro, o capitão Hod e Kalagani tínhamos tomado lugar na frente; o sargento Mac Neil e os seus companheiros conservavam-se atrás.

Kalouth estava em frente da fornalha, que ele continuava a carregar de combustível, apesar de a pressão do vapor chegar já a cinco atmosferas; Banks, na torrinha, ao pé de Storr, apoiava a mão no regulador.

O momento de nos pormos a caminho era chegado.

A um sinal de Banks, o maquinista carregou na alavanca e fez soar um violento apito.

Os elefantes arrebitaram as orelhas; depois, recuando um pouco, deixaram o caminho livre na extensão de alguns passos. O fluido entrou nos cilindros, saiu da tromba um jacto de vapor, as rodas da máquina, postas em movimento, actuaram nas patas do Gigante de Aço, e o comboio moveu-se todo a um tempo.

Nenhum dos meus companheiros me há-de contradizer se eu lhes afirmar que os animais que estavam nas primeiras filas fizeram logo um vivo movimento de surpresa.

Abriram mais largo caminho, e a estrada pareceu-nos suficientemente livre para que se pudesse imprimir à Steam House uma velocidade igual à de um cavalo a pequeno trote.

Mas no mesmo instante toda a massa proboscídea segundo uma expressão do capitão Hod se moveu, tanto na frente como na retaguarda.

Os primeiros grupos puseram-se à frente do cortejo, os últimos seguiram o comboio.

Todos se mostravam resolvidos a não o abandonarem.

Ao mesmo tempo, dos lados da estrada, que naquele ponto era mais larga, puseram-se a acompanhar-nos outros elefantes, como cavaleiros às portinholas de uma carruagem.

Estavam misturados machos e fêmeas. Havia-os de todos os tamanhos, de todas as idades, adultos de vinte e cinco anos, homens feitos de sessenta, velhos paquidermes mais que centenários, meninos ao pé das mães, andando e mamando ao mesmo tempo, com a boca apoiada às tetas, a boca e não a tromba, como algumas vezes se tem suposto.

Todo o bando guardava certa ordem, não se apressava mais do que era preciso, regulando o passo pelo Gigante de Aço.

– Que nos escoltem assim até ao lago – disse o coronel

– Munro, consinto. . .

– Sim – retorquiu Kalagani, – mas que sucederá quando a estrada se tornar mais estreita?

Era nisto que estava o perigo.

Não houve nada de extraordinário durante as três horas que levámos a transpor onze quilómetros dos quinze que media a distância do acampamento ao lago Puturia.

Apenas por duas ou três vezes alguns elefantes se atravessaram na estrada, como se fosse sua intenção impedirem o caminho; mas o Gigante de Aço, com as presas apontadas horizontalmente, marchou sobre eles,

cuspiu-lhes o seu vapor no focinho e eles afastaram-se para dar passagem.

Às dez horas da manhã faltavam quatro a cinco quilómetros para chegar ao lago. Ali, pelo menos assim o esperávamos, estaríamos relativamente em segurança.

Escusado é dizer que, se as demonstrações hostis da enorme manada não se acentuassem antes da nossa chegada ao lago, Banks tencionava deixar o Puturia, para oeste, sem aí parar, por forma que saísse no dia seguinte da região dos Vindhya.

Depois, até à estação de Jubbulpore, seria apenas questão de algumas horas.

Devo acrescentar que a região que atravessávamos era não só silvestre, mas absolutamente deserta.

Não se via uma aldeia, uma herdade, e, o que era motivado pela insuficiência das pastagens, nem sequer uma caravana ou um viajante.

Desde que entrámos na parte montanhosa do Bundelkund não tínhamos encontrado viva alma.

Pelas onze horas, o vale por onde seguia a Steam House, entre dois formidáveis contrafortes da cordilheira, começou a apertar. Como Kalagani dissera, a estrada ia tornar-se muito estreita até ao sítio onde desembocava sobre o lago.

A nossa situação, já muito inquietadora, não podia dali em diante senão agravar-se.

Os elefantes que nos ladeavam não podiam conservar-se no mesmo lugar. Ou nos esmagariam contra as rochas que formavam os lados da estrada, ou seriam lançados nos precipícios que se encontravam em alguns pontos.

Por instinto, trataram de formar adiante e atrás do comboio. Daqui resultou que dentro em pouco se tornou impossível recuar ou avançar.

– Isto vai-se complicando – observou o coronel Munro.

– Sim, – disse Banks, – e eis-nos na necessidade de romper esta massa.

– Pois rompe-se, rompe-se! – exclamou o capitão Hod. – Que demónio! As presas de aço do nosso gigante valem bem as presas de marfim desses tolos animais!

Os proboscídeos já não passavam de animais tolos para o volúvel e inconstante capitão!

– Já se vê que valem acudiu o sargento Mac Neil, mas nós somos um contra cem!

– Para a frente, em todo o caso! – exclamou Banks. – Ou toda essa manada vai passar por cima de nós!

Algumas golfadas de vapor imprimiram mais rápido movimento ao Gigante de Aço.

As suas presas tocaram na garupa de um dos elefantes que se encontravam na frente.

O animal soltou um grito de dor, a que responderam os clamores furiosos de todo o bando.

Estava pois iminente uma luta, cujas consequências não eram fáceis de prever.

Pegámos nas armas. As espingardas estavam carregadas de balas cónicas, as carabinas de balas explosivas, os revólveres munidos dos seus cartuchos.

Era preciso estarmos preparados para repelir qualquer agressão.

A primeira investida partiu de um macho gigantesco, de feroz aspecto, o qual, com presas em riste, as patas traseiras fortemente apoiadas sobre o solo, se voltou para o Gigante de Aço.

– Um gunesh! – exclamou Kalagani.

– Ora! Tem só uma presa! – objectou o capitão Hod, encolhendo os ombros em sinal de desprezo.

– Por isso mesmo é mais terrível – tornou o indiano. Kalagani dera àquele elefante o nome de que se servem os caçadores para designarem os machos que só têm uma presa.

São animais particularmente venerados dos indianos, principalmente quando é a presa do lado direito que lhes falta.

Era o que sucedia a este, e, como dissera Kalagani, era muito temível, como todos os da sua espécie.

Viu-se isso logo. O gunesh soltou uma demorada nota de clarim, recurvou a tromba, de que os elefantes nunca se servem para combater, e precipitou-se sobre o Gigante de Aço.

A sua presa bateu em cheio na chapa de ferro do peito, atravessou-a de lado a lado; mas, encontrando a espessa armadura da fornalha interior, quebrou-se logo com a força da pancada.

Todo o trem sentiu o abalo. Contudo, em resultado da força adquirida, continuou para a frente e repeliu o gunesh, que, marrando em vão, procurou resistir.

Mas o grito do gunesh fora ouvido e compreendido.

Todos os elefantes que marchavam à frente do Gigante de Aço pararam e apresentaram um invencível obstáculo de carne viva. No mesmo momento, os grupos da retaguarda, continuando a sua marcha, impeliram-se violentamente uns aos outros contra a varanda.

Como resistir a semelhante esmagamento?

Ao mesmo tempo os dos lados, com as trombas erguidas, agarravam-se à armação das carruagens, as quais sacudiam com violência. Não devíamos parar, senão adeus comboio, mas devíamos defender-nos. Não havia hesitação possível. Carabinas e espingardas foram logo apontadas para os assaltantes.

– Não percamos um tiro! – bradou o capitão Hod. Meus amigos, façam-lhes pontaria ao sítio onde começa a tromba ou à cavidade por baixo do olho. É infalível!

O capitão Hod foi obedecido.

Soaram muitas detonações, que foram seguidas de uivos de dor.

Três ou quatro elefantes, feridos em lugar seguro, caíram em sentido lateral, circunstância feliz, porque os cadáveres não nos obstruíram o caminho.

Os primeiros grupos recuaram um pouco, e o trem pôde continuar a sua marcha.

– Tornem a carregar e esperem! – bradou o capitão Hod.

Se o que ele esperava era o ataque de todo o bando, esse ataque não se fez esperar muito tempo. E deu-se com tamanha violência que nos julgámos perdidos.

Levantou-se subitamente um concerto de uivos cavos e furiosos.

Dir-se-ia o uivar dos elefantes de combate que os indianos, graças a um tratamento particular, levam a essa sobreexcitação de raiva chamada musth.

Não há nada mais terrível, e os arrojados elephantadors, educados no Guicowar para lutarem contra estes temíveis animais, haveriam

decerto recuado diante dos assaltantes da Steam House .

– Avante! bradou Banks.

– Fogo! gritava Hod.

E aos silvos mais precipitados da máquina juntavam-se as detonações das armas.

Em meio daquela informe massa, tornava-se difícil fazer boa pontaria, como o capitão recomendara.

Cada uma das balas achava sempre algum pedaço de carne para furar, mas não feria de morte.

Por isso, os elefantes, feridos, redobravam de furor, e aos nossos tiros correspondiam com arremessos das presas, que estripavam as paredes da Steam House .

Às detonações das carabinas, que desfechávamos na frente e na traseira do comboio, ao rebentar das balas explosivas no corpo dos animais, juntavam-se os assobios do vapor, excessivamente aquecido pela tiragem artificial.

A pressão ia sempre aumentando. O Gigante de Aço carregava sobre o bando, dividia-o, repelia-o.

Ao mesmo tempo a sua tromba móvel, erguendo-se e caindo como formidável maça, despedia repetidas pancadas sobre o montão de carne, que as presas iam dilacerando ao mesmo tempo.

Avançávamos entretanto pela estrada estreita. Por vezes, as rodas escorregavam na superfície do solo, mas acabavam por morder o terreno com as cambas raiadas, e aproximávamo-nos do lago.

– Hurra! – gritava o capitão Hod, como um soldado que se lança no mais aceso da refrega.

– Hurra! Hurra! – secundávamos nós.

Mas, de repente, baixa uma tromba sobre a varanda da frente. Vejo que o coronel Munro vai ser arrebatado por este laço vivo e precipitado sob as patas dos elefantes.

E assim seria se não fosse a intervenção de Kalagani, que cortou a tromba com um vigoroso golpe de machado.

Como se vê, ao mesmo tempo que tomava parte na defesa comum, o indiano não perdia de vista Sir Edward Munro.

Na sua dedicação, que nunca se desmentira, pela pessoa do coronel, parecia compreender que era ele a quem devíamos proteger primeiro que tudo.

Ah! Que força o nosso Gigante de Aço continha nos flancos! com que segurança avançava sobre o bando, à maneira de uma cunha, cuja força de penetração era por assim dizer infinita!

De repente, ouviu-se um novo ruído em meio do estrondo geral.

Era a segunda carruagem que um grupo de elefantes esmagava de encontro às rochas da estrada.

– Venham para ao pé de nós! Venham para ao pé de nós! – bradou Banks aos nossos companheiros que defendiam traseira da Steam House . Gumi e o sargento Fox já tinham, precipitadamente, passado da segunda para a primeira carruagem.

– E Parazard? perguntou o capitão Hod.

– Não quer abandonar a cozinha – respondeu Fox.

– Arranquem-no de lá!

Ao tomar aquela atitude o nosso chefe cozinheiro considerava como uma desonra para ele abandonar o posto que lhe fora confiado. Mas resistir aos braços vigorosos de Gumi, quando ele se punha em acção, era o mesmo que pretender resistir aos dentes de uma tenaz.

– Estão aí todos? – perguntou Banks.

– Sim, senhor – respondeu Gumi,

– Cortem o jogo dianteiro,

– Abandonar uma parte do comboio! . . . – exclamou o capitão Hod.

– Assim é preciso! – volveu Banks.

E, feito isto, despedaçada a pontezinha de passagem a golpes de machado, a nossa segunda carruagem ficou para trás.

Era tempo.

A carruagem foi sacudida, levantada, depois voltada, e os elefantes, caindo-lhe em cima, acabaram de a destroçar com todo o seu peso.

Era agora apenas uma ruína informe, que obstruía a estrada no sítio por onde acabávamos de passar.

– E então! – exclamava o capitão Hod, num tom que nos faria rir se a situação fosse para isso. – E dizerem que estes animais não são capazes de esmagar um bichinho sequer!

Se os elefantes tratassem a primeira carruagem como haviam tratado a segunda, não podíamos alimentar ilusões sobre a sorte que nos esperava.

– Ateia a fornalha, Kalouth! ordenou o engenheiro.

Mais meio quilómetro, um último esforço, e alcançaríamos talvez o lago Puturia!

Este último esforço, que esperávamos do Gigante de Aço, fê-lo o possante animal, dirigido pela mão de Storr, que abriu todo o regulador.

Produziu uma verdadeira abertura na muralha dos elefantes, cujos quartos traseiros se desenhavam por sobre a massa total como as enormes garupas de cavalos que se vêem nos quadros de Salvador Rosa.

Depois não se limitou a espicaçá-los com as suas presas: lançou-lhes esguichos de vapor ardente, como fizera aos peregrinos de Phalgou, vergastou-os com jactos de água a ferver. . .

Estava esplêndido!

Se o nosso trem pudesse resistir mais dez minutos, ficaria relativamente em segurança.

Os elefantes decerto que perceberam isso, o que provava a favor da sua inteligência, cuja causa o capitão advogara. Quiseram por um

último esforço derribar a nossa carruagem.

Mas os tiros ribombaram novamente.

Sobre os primeiros grupos caiu uma chuva de balas. Apenas cinco ou seis elefantes nos impediam ainda a passagem.

A maior parte tombara, e as rodas rangeram sobre um solo coberto de sangue.

A cem passos do lago foi preciso repelir os animais que ainda formavam um último obstáculo.

– Mais, mais ainda! – gritou Banks ao maquinista.

O Gigante de Aço roncava como se tivesse dentro de si uma oficina de dobadoras mecânicas.

O vapor esguichava pelas válvulas sob uma pressão de oito atmosferas.

Carregando-as mais, pouco que fosse, far-se-ia saltar a caldeira, cujas paredes vibravam.

Não foi preciso, felizmente. A força do Gigante de Aço era agora irresistível.

Parecia que saltava sob os movimentos do pistão. O que restava do comboio seguiu-o, esmagando os membros dos elefantes deitados por terra, em risco de se virar. Se tal sucedesse, ficariam perdidos todos os que iam na Steam House .

Não se deu semelhante acidente. Chegámos finalmente à beira do lago, e daí a nada o comboio flutuava sobre as águas tranquilas.

– Louvado seja Deus! disse o coronel.

Dois ou três elefantes, cegos de furor, precipitaram-se no lago, e procuraram perseguir à superfície das águas o que não tinham podido aniquilar em terra firme.

Mas as patas do Gigante de Aço fizeram o seu dever.

O comboio foi pouco a pouco afastando-se da margem, e umas últimas balas, a que se deu boa pontaria, livraram-nos dos monstros

marinhos, no momento em que iam baixar a tromba sobre a varanda de trás.

– Agora, meu capitão, que pensa da mansidão dos elefantes da Índia?

– Ora! Não chegam aos tigres! respondeu o capitão. – Se em vez desses cem paquidermes, fossem trinta tigres a atacar-nos, garantimos que neste momento nem um de nós estaria vivo para narrar o acontecimento!

-

CAPÍTULO X



O Lago Puturia

O lago Puturia, onde a Steam House acabava de procurar provisoriamente refúgio, está situado a quase quarenta quilómetros a leste de Dumoh.

Esta cidade, que é a capital da província inglesa a que deu o nome, está em franca prosperidade, e com os seus doze mil habitantes, reforçados por uma pequena guarnição, domina a perigosa região do Bundelkund.

Mas, na direcção oriental da província, na região mais inculta dos Vindhya, cujo centro é ocupado pelo lago, a sua influência só dificilmente se faz sentir.

Afinal, que podia agora suceder-nos pior do que o encontro com os elefantes, de que havíamos saído sãos e salvos?

Entretanto, a situação não podia deixar de ser inquietante, pois que a maior parte do nosso material havia desaparecido.

Uma das carruagens de que se compunha o comboio da Steam House estava inteiramente destruída.

Não tínhamos meio algum de a consertar.

Derribada no solo, esmagada de encontro aos rochedos, do seu madeiramento, sobre o qual inevitavelmente passara a maioria dos elefantes, só deviam restar informes destroços.

E essa carruagem, ao mesmo tempo que servia para abrigar o pessoal da expedição, continha não só a cozinha e a despensa, mas também a reserva dos mantimentos e das munições.

Destas só nos restavam uma dúzia de cartuchos, mas não era provável que tivéssemos de nos servir de armas de fogo antes de

chegarmos a Jubbulpore.

Quanto aos alimentos, era essa outra questão, e mais difícil de resolver.

Das provisões da despensa já não restava nada.

Supondo que chegássemos no outro dia à noite à estação, distante ainda setenta quilómetros, teríamos de nos resignar a passarmos vinte e quatro horas sem comer. Palavra que nos havíamos de conformar!

Nestas circunstâncias, quem mais consternado se mostrou foi, como era natural, Parazard.

A perda da sua despensa, a destruição do seu laboratório, a dispersão da sua reserva, tinham-no ferido no coração.

Não ocultou o seu desespero, e, esquecendo os perigos aos quais acabávamos quase milagrosamente de escapar, só se mostrou preocupado com a situação pessoal que lhe fora criada.

Por isso, no momento em que, reunidos na sala principal, íamos discutir a resolução que em tais circunstâncias se devia tomar, Monsieur Parazard, sempre solene, assomou ao limiar da porta e pediu licença para fazer uma comunicação da mais alta gravidade.

– Fale, Monsieur Parazard – disse-lhe o coronel Munro, convidando-o a entrar.

– Senhores – começou gravemente o nosso cozinheiro negro, – não ignoram que todo o material que se continha na segunda carruagem da Steam House foi destruído pela catástrofe! Ainda que se desse o caso de nos restarem algumas provisões, ver-me-ia muito embaraçado, por falta de cozinha, para lhes preparar uma refeição, mesmo ainda a mais modesta que fosse!

– Bem sabemos isso, Monsieur Parazard – redarguiu o coronel Munro. – É triste, mas faremos o que pudermos, e jejuaremos se for preciso jejuar.

– E, com efeito, senhor, é tanto mais triste – recomeçou o nosso cozinheiro – que à vista desses grupos de elefantes que nos

atacavam e dos quais mais de um caiu sob as vossas balas mortíferas. . .

– Bonita frase, Monsieur Parazard! . . . – exclamou o capitão Hod. – Com algumas lições há-de chegar a exprimir-se como o nosso amigo Van Guitt.

Parazard inclinou-se perante este cumprimento, que ele tomou muito a sério; e, depois de soltar um suspiro, continuou: – Digo, pois, meus senhores, que se me ofereceu uma ocasião única de me distinguir nas minhas funções. A carne de elefante, apesar de tudo quanto se tenha pensado a respeito dela, não é boa em todas as suas partes, algumas das quais são incontestavelmente duras e coriáceas; mas parece que o Autor de todas as coisas quis reservar nesta massa carnuda duas partes que são de primeira qualidade, dignas de serem servidas na mesa do vice-rei das Índias. Refiro-me à língua do animal, que é extraordinariamente saborosa, quando preparada segundo uma receita cuja aplicação é propriamente minha, e os pés do paquiderme. . .

– Paquiderme! . . . Muito bem, ainda que proboscídeo seja mais elegante! – disse o capitão Hod, aprovando com um gesto.

– Pés – prosseguiu Parazard, - com os quais se faz uma das melhores sopas conhecidas nessa arte culinária da qual sou representante na Steam House .

– Monsieur Parazard faz-nos crescer água na boca – redarguiu Banks. – Mas, infelizmente por um lado e felizmente pelo outro, os elefantes não nos seguiram no lago, e receio que tenhamos de desistir, pelo menos por algum tempo, da sopa de pés e do guisado de língua desse saboroso animal.

– Não seria possível – tornou o cozinheiro – voltar a terra para se obterem. . .

– Não é possível acudiu Banks. - Por muito perfeitas que fossem as suas preparações, não podemos correr o risco. . .

– Nesse caso, meus senhores, recebam a expressão de todo o pesar que me causa esta deplorável aventura.

– O seu pesar está expresso, Monsieur Parazard voltou o coronel Munro, e dele lhe passamos certidão.

– Quanto ao jantar e ao almoço, não se preocupe com eles enquanto não chegarmos a Jubbulpore. Só me resta retirar – concluiu Parazard, inclinando-se sem perder coisa alguma da sua gravidade habitual.

Houvéramos de bom grado rido da atitude do nosso cozinheiro se não tivéssemos então outras preocupações.

Vinha juntar-se uma complicação a tantas outras. Banks declarou-nos que naquele momento o que mais tínhamos de sentir não era a falta de víveres nem de munições, mas de combustível. Esta falta não era para admirar, porque havia quarenta e oito horas que não era possível renovar a provisão de lenha necessária para alimentação da máquina.

Ao chegarmos ao lago tínhamos toda a nossa reserva esgotada. Se carecêssemos de mais uma hora de marcha, não nos teria sido possível alcançá-lo, e a primeira carruagem da Steam House houvera tido a mesma sorte que a segunda.

– Agora acrescentou Banks nada mais temos que queimar, a pressão vai diminuindo, já desceu a duas atmosferas, e não há meio de a elevar.

– Pois a situação é tão grave como parece supô-la? – perguntou o coronel Munro.

– Se se tratasse de voltar à margem, de que ainda estamos pouco afastados, a coisa era possível – respondeu Banks. – Bastaria um quarto de hora para lá chegarmos. Mas, voltarmos ao sítio onde a manada de elefantes ainda está reunida, seria muito imprudente. Não, o que convém, pelo contrário, é atravessarmos o Puturia e procurar na margem do sul um ponto de desembarque.

– Que largura terá o lago nesse sítio? perguntou o coronel Munro.

– Kalagani calcula-a numas sete a oito milhas. Nas condições em que nos encontramos, seriam necessárias muitas horas para a

transpormos, e em menos de quarenta minutos a máquina estará impossibilitada de funcionar.

– Pois nesse caso – ponderou Sir Edward Munro – passemos sossegadamente a noite no lago. Estamos aqui em segurança. Amanhã veremos o que se terá de fazer.

Era o mais aconselhável. Demais, necessitávamos de um bom descanso. Na última vez que fizemos alto, tínhamo-nos visto rodeados de elefantes e ninguém pudera dormir na Steam House, passando-se, como se costuma dizer, a noite em branco.

Mas se aquela se passara em branco, esta tinha de se passar em negro, e mais em negro do que convinha. Com efeito, por volta das sete horas, principiou a levantar-se sobre o lago um ténue nevoeiro.

Na noite precedente, como não deve ter esquecido, já grandes nuvens corriam pelas altas zonas do céu.

Em razão da diferença das localidades, aqui dera-se uma modificação. Se no acampamento dos elefantes estes vapores se conservavam a algumas centenas de pés acima do solo, não sucedia o mesmo sobre a extensão do Puturia, graças à evaporação das águas.

Após um dia bastante quente, entraram a confundir-se as camadas altas com as camadas baixas da atmosfera, e não tardou que todo o lago desaparecesse sob um denso nevoeiro, a princípio pouco intenso, mas que de momento para momento ia engrossando.

Como Banks dissera, era uma complicação que tinha de se tomar em conta.

Como também o engenheiro anunciara, fizeram-se ouvir os últimos gemidos do Gigante de Aço, os movimentos do pistão tornaram-se menos rápidos, as patas articuladas cessaram de bater na água e a pressão desceu abaixo de uma atmosfera.

Combustível já não havia, nem meio de o obter.

O Gigante de Aço e a única carruagem que ele puxava flutuavam agora serenamente sobre as águas do lago, mas já não se deslocavam.

Nestas condições, em meio do nevoeiro, era difícil calcular exactamente a nossa situação.

Durante o pouco tempo que a máquina funcionara, o comboio dirigia-se para a margem sueste do lago, a fim de aí procurar um ponto de desembarque. Como o lago Puturia dá ares de uma oval bastante alongada, era possível que a Steam House não estivesse muito distante de alguma das suas margens.

É escusado dizer que os berros dos elefantes, que nos tinham perseguido durante quase uma hora, agora, apagados pela distância, já não se ouviam.

Pusemo-nos a conversar a respeito das diversas eventualidades que nos reservava esta nova situação.

Banks chamou Kalagani, a quem desejava consultar.

O indiano apresentou-se logo e pediu-se-lhe o seu parecer.

Estávamos então reunidos na casa de jantar, a qual, como recebia a claridade pela clarabóia superior, não tinha janelas laterais. Por este motivo, as luzes com que nos alumiávamos não podiam ser vistas.

Esta precaução era conveniente, precaução útil, afinal, porque se desejava que a situação da Steam House não fosse conhecida de quaisquer rondadores que acaso andassem pelas margens do lago.

Às perguntas que se lhe fizeram, Kalagani pelo menos assim me pareceu como que hesitou a princípio em responder.

Tratava-se de determinar a posição que o Gigante de Aço devia ocupar sobre as águas do Puturia, e concordei que a resposta não deixava de ser embaraçosa.

Quem sabe se a brisa do noroeste teria actuado sobre a marcha da Steam House ? Quem sabe também se uma corrente pouco forte nos arrastava para a extremidade inferior do lago?

- Vejamos, Kalagani – disse Banks ao indiano, – você conhece perfeitamente qual é a extensão do Puturia?
- Decerto, senhor – respondeu o indiano, – mas é difícil, no meio deste nevoeiro.
- Poderia avaliar aproximadamente a distância a que nos achamos agora da margem mais próxima?
- Posso – respondeu Kalagani, depois de reflectir por algum tempo.
- A distância não deve exceder milha e meia.
- A leste? - perguntou Banks.
- A leste.
- Posto isto, se tomássemos terra nesta direcção, achar-nos-íamos mais perto de Jubbulpore do que de Dumoh?
- Com certeza.
- Seria, pois, em Jubbulpore que nos conviria reabastecer-nos disse Banks. Ora quem sabe quando e como poderemos alcançar a margem. Isto pode durar um ou dois dias, e as nossas provisões estão esgotadas. . .
- Mas – tornou Kalagani – não seria possível tentarmos, ou pelo menos um de nós tentar desembarcar esta noite mesmo?
- Mas como?
- Alcançando a terra a nado.
- Milha e meia, no meio deste espesso nevoeiro! – observou Banks. Seria arriscar a vida.
- Não é uma razão para se não experimentar – retorquiu o indiano. Não sei porquê, mas tornou a parecer-me que a voz de Kalagani não tinha a sua franqueza habitual.
- Era capaz de tentar a passagem do lago a nado? – perguntou o coronel Munro, que observava atentamente o indiano.
- Sim, coronel, e tenho razões para crer que hei-de sair-me bem.

– Pois, meu amigo, prestar-nos-ia um grande serviço! Se alcançasse a terra, ser-lhe-ia fácil ir à estação de Jubbulpore e trazer-nos os socorros de que temos necessidade.

– Estou pronto para partir – declarou Kalagani com toda a simplicidade.

Esperava que o coronel Munro agradecesse ao nosso guia, que se oferecia para desempenhar tão arriscada empresa, mas o coronel, depois de olhar para ele mais atentamente ainda, chamou por Gumi.

– Gumi disse, tu és um excelente nadador?

– Sim, meu coronel.

– Milha e meia nesta noite, pelas águas tranquilas do lago, não seria para ti de grande dificuldade?

– Nem uma milha, nem duas.

– Pois aqui está Kalagani que se oferece para alcançar a nado a margem mais próxima de Jubbulpore – tornou o coronel. – Julgo que tanto no lago como nesta parte de Bundelkund, dois homens inteligentes e atrevidos, que se auxiliem mutuamente, têm mais probabilidades de êxito. Queres acompanhar Kalagani?

– Pronto, meu coronel! respondeu Gumi.

– Não tenho necessidade de pessoa alguma – objectou Kalagani, – mas se o coronel Munro assim o quer, aceito de boa vontade Gumi por companheiro.

– Vão pois, meus amigos rematou Banks, e sejam tão prudentes como são corajosos.

Combinado isto, o coronel Munro, chamando Gumi à parte, fez-lhe algumas recomendações formuladas em poucas palavras.

Dali a cinco minutos, os dois indianos, com a trouxa do fato à cabeça, deixaram-se deslizar pelas águas do lago, O nevoeiro era então muito intenso, e bastaram algumas braçadas para os pôr fora do alcance da vista.

Perguntei então ao coronel Munro porque é que mostrara tantos desejos de dar um companheiro a Kalagani.

– Meus amigos – respondeu Sir Edward Munro, – as respostas deste indiano, de cuja fidelidade não desconfiara até hoje, não me pareceram francas.

– Experimentei a mesma impressão disse eu.

– Da minha parte, coisa alguma notei – observou o engenheiro.

– Ouve lá, Banks – tornou o coronel Munro.

– Quando se nos ofereceu para ir a terra, Kalagani tinha um pensamento reservado.

– E que pensamento?

– Não sei, mas se me pediu para desembarcar não foi na ideia de ir buscar socorros a Jubbulpore!

– Que é isso? perguntou o capitão Hod.

Banks olhava para o coronel, carregando muito as sobrancelhas.

– Munro disse ele, até aqui este indiano tem-se mostrado muito dedicado, principalmente a ti! Hoje pretendes que Kalagani nos atraíça! Que provas tens disso?

– Enquanto Kalagani falava – respondeu o coronel Munro, – vi-lhe enegrecer a cara, e quando isto sucede aos indivíduos de cor acobreada é porque 'mentem! Muitas vezes tenho por este 'modo perturbado indianos e bengalis, e nunca me enganei. Repito, pois, que Kalagani, apesar de todas as presunções em seu favor, não diz a verdade. Como muitas vezes verifiquei depois, esta observação de Sir Edward Munro era fundada. Quando mentem, os indianos escurecem levemente, como os brancos coram.

Este sintoma não escapara à perspicácia do coronel, e devia tomar em conta a sua observação.

– Mas quais serão então os projectos de Kalagani, e porque nos atraíçoará ele? – perguntou Banks.

– É o que mais tarde havemos de saber. . . – respondeu o coronel Munro tarde de mais talvez!

– Tarde de mais! – exclamou o capitão Hod. – Ora! Parece-me que não estamos perdidos!

– Em todo o caso, Munro acrescentou o engenheiro, fizeste bem em lhe juntares Gumi. Este ser-nos-á dedicado até à morte. Esperto, inteligente, se suspeitar algum perigo, saberá. . .

– Tanto mais – interrompeu o coronel Munro – que está prevenido e desconfiará do seu companheiro.

– Bem disse Banks, agora só temos de esperar o dia. Este nevoeiro desfar-se-á decerto com o sol, e então veremos que resolução devemos tomar.

Efectivamente tínhamos de esperar! Aquela noite devia-se passar numa insónia completa.

O nevoeiro tornara-se mais denso, mas nada fazia pressagiar a aproximação do mau tempo. E ainda bem que assim era, porque, se o nosso aparelho podia flutuar, não tinha construção para aguentar o mar.

Enquanto o nosso pessoal tomava lugar na casa de jantar, instalávamo-nos nos divãs do salão, conversando pouco, mas prestando ouvidos ao menor ruído exterior.

De repente, por volta das duas horas da noite, um concerto de feras veio perturbar o silêncio.

A margem ficava, portanto, além, na direcção de sueste, mas devia estar ainda bastante afastada.

Os rugidos chegavam muito enfraquecidos pela distância, a qual Banks calculou em menos de uma boa milha.

Um bando de animais selvagens viera decerto mitigar a sede na extremidade do lago.

Depressa também verificámos que, sob o impulso de uma ligeira brisa, o aparelho flutuante ia derivando para a argem de uma maneira lenta e continuada.

Efectivamente, não só os uivos nos iam chegando mais distintamente aos ouvidos, como já se diferenciava o grave rugido do tigre e do bramido rouco da pantera.

– Hem? Que excelente ocasião de matar o quinquagésimo!

– Outra vez será, meu capitão! – retorquiu Banks.

– Quando romper o dia, apraz-me pensar que, no momento em que tocarmos em terra, o bando das feras já nos terá cedido o lugar.

– Haverá algum inconveniente em pôr os faróis eléctricos em actividade?

– Não me parece – respondeu Banks. – Provavelmente esta parte da margem só está ocupada por animais que vêm beber, e portanto não haverá inconveniente em proceder a um reconhecimento.

E por ordem de Banks projectaram-se na direcção de sueste dois fachos luminosos. Mas a luz eléctrica, impotente perante aquele opaco nevoeiro, só pôde iluminar um pequeno sector em frente da Steam House, e a margem continuou absolutamente invisível para nós.

Entretanto, estes uivos, cuja intensidade ia pouco a pouco aumentando, indicavam que o comboio não cessava de derivar sobre a superfície do lago. Os animais reunidos na margem deviam ser muito numerosos, o que não admirava, porque o lago Puturia é como um bebedouro natural para as feras daquela região do Bundelkund.

– Contanto que Kalagani e Gumi não caíssem no meio do bando! – exclamou o capitão Hod.

– Não são os tigres que eu receio por Gumi! – contrapôs o coronel Munro.

Decididamente as suspeitas continuavam a aumentar no espírito do coronel.

Pela minha parte principiava a partilhá-las. Os obséquios de Kalagani desde a nossa chegada à região do Himalaia, os seus serviços incontestáveis, a sua dedicação naquelas duas circunstâncias em que ele arriscara a vida pelo coronel Edward Munro e pelo capitão Hod, tudo depunha em seu favor. Mas quando o espírito se deixa invadir pela dúvida, a valia dos factos consumados altera-se, muda a sua fisionomia, esquece-se o passado, receia-se pelo futuro.

Contudo, qual poderia ser o móbil que levava o indiano a atraírcos-nos? Teria motivos de ódio pessoal contra os viajantes da Steam House? Não, por certo! Porque os teria atraído a uma cilada? Era inexplicável. Todos se perdiam em confusas suposições, e a impaciência pelo desenlace da situação apoderava-se de nós.

De repente, pelas quatro horas da manhã, os animais cessaram de repente os seus rugidos.

O que sobretudo atraiu o nosso reparo foi que eles não se afastaram pouco a pouco, uns depois dos outros, voltando o último rugido após o último golo.

Não, foi instantâneo. Dir-se-ia que uma circunstância fortuita acabava de os perturbar na sua tarefa e os fizera fugir.

Era claro que regressavam aos seus covis, não como animais que se retiram, mas como animais que fogem!

O silêncio sucedera ao ruído sem transições.

Produziu-se um efeito cuja causa ainda não conhecíamos, mas que não deixou de aumentar a nossa inquietação.

Por prudência, Banks deu ordem de apagar os faróis. Se os animais tinham fugido diante de algum bando destes salteadores de estrada que frequentam os Vindhya e o Bundelkund, era conveniente ocultar com toda a cautela a situação da Steam House. Agora, o silêncio nem já era perturbado pelo ligeiro marulhar das águas.

A brisa amainara.

Era impossível saber se a Steam House continuava ou não a derivar. Mas o dia não tardaria a romper, e havia decerto de varrer aqueles nevoeiros, que pairavam nas camadas inferiores da atmosfera.

Consultei o relógio. Eram cinco horas.

Se não fosse o nevoeiro, a alva já teria alargado o campo de visão por espaço de algumas milhas. Avistar-se-ia a margem. Mas o véu não se rasgava. Era preciso enchermo-nos de paciência por mais algum tempo ainda.

Eu, o coronel e Mac Neil na parte da frente do salão, Fox, Kalouth e Parazard na parte de trás da casa de jantar, Banks e Storr na torrinha, o capitão Hod escarranchado no lombo do gigantesco animal, próximo da tromba, como um marinheiro de vigia na proa do navio, esperávamos que um de nós gritasse: Terra!

Pelas seis horas levantou-se uma brisa, a princípio pouco sensível, mas que depressa refrescou.

Os primeiros raios do Sol romperam a névoa, e o horizonte surgiu aos nossos olhos.

Descobrimos a margem a sueste. Formava na extremidade do lago uma espécie de angra em bico, muito coberta de arvoredos no plano do fundo.

Os vapores foram pouco a pouco subindo e deixaram ver um fundo formado de montanhas, cujos cumes rapidamente se descobriram.

– Terra! – bradou o capitão Hod.

O comboio flutuante não estava então a mais de duzentos metros da angra do Puturia e derivava impelido pela brisa que soprava do noroeste.

Nada se descobriu em terra.

Nem um animal, nem uma criatura humana. Parecia estar absolutamente deserta. Nem uma planta sob a densa ramada das primeiras árvores.

Parecia, portanto, que se podia tomar terra sem haver perigo.

Como o vento ajudava, fez-se isto com facilidade junto de uma margem muito plana, como se fora uma praia de areia. Mas, por falta de vapor, não era possível nem subi-la nem tomar por uma estrada que, segundo a direcção dada pela bússola, devia ser a estrada de Jubbulpore.

Sem perda de um instante, seguimos o capitão Hod, que fora o primeiro a saltar em terra.

– Vamos ao combustível!– bradou Banks. Numa hora, estaremos em pressão, e avante!

A apanha era fácil. Havia lenha por todos os lados, e o solo estava bastante seco para a podermos imediatamente utilizar. Bastava encher a fornalha, carregar o tênder.

Deitaram-se todos à faina.

Só Kalouth ficou diante da sua caldeira, enquanto nós apanhávamos combustível para vinte e quatro horas.

Não precisávamos de mais para alcançar a estação de Jubbulpore, onde o carvão não nos faltaria.

Quanto ao alimento, cuja necessidade se fazia sentir, não seria proibido aos caçadores que se fornecessem pelo caminho.

O cozinheiro pediria lume emprestado a Kalouth, e iríamos saciando a fome conforme pudéssemos.

Dali a três quartos de hora, o vapor tinha pressão suficiente, e o Gigante de Aço punha-se em movimento e assentava finalmente as patas no declive da praia, à entrada da estrada.

– Para Jubbulpore! – bradou Banks.

Mas não tinha ainda Storr bem tempo de dar meia volta ao regulador, quando à beira da floresta reboaram gritos furiosos.

Caía sobre a Steam House um bando de nada menos de cento e cinquenta indianos.

A torrinha do Gigante de Aço, a carruagem, tanto pela frente como pela parte de trás, eram invadidas ainda antes de termos tempo de compreendermos o que se passava.

Quase no mesmo instante, os indianos levavam-nos para cinquenta passos de distância do comboio, tirando-nos a possibilidade de fugir!

Avalie-se a nossa cólera e a nossa raiva perante a cena de destruição e saque que se seguiu!

Os selvagens, de machado em punho, precipitaram-se ao assalto da Steam House .

Foi tudo saqueado, roubado, destruído. Dentro em pouco, nada restava da mobília interior! Depois o fogo acabou a obra de destruição, e em poucos minutos tudo o que podia arder da nossa última carruagem foi destruído pelas chamas!

– Poltrões! Canalhas! – exclamou o capitão Hod, que muitos indianos com dificuldade continham.

Mas, como nós, via-se reduzido a inúteis injúrias, que os selvagens não podiam compreender sequer.

Quanto à fuga, nem nisso devíamos pensar.

Extinguiram-se as últimas chamas, e daí a pouco apenas restava o esqueleto informe do pagode ambulante, que acabava de atravessar metade da península! Os indianos assaltaram em seguida o nosso Gigante de Aço. Também o queriam destruir.

Mas perante ele achavam-se impotentes. Nem o machado nem o fogo podiam coisa alguma contra a espessa armadura de chapas de ferro que formava o corpo do elefante artificial, nem contra a máquina que trazia dentro de si.

Apesar dos esforços dos selvagens, o Gigante ficou imóvel, com grandes aplausos do capitão Hod, que soltava hurras de prazer e de raiva. Apareceu naquele momento um homem. Devia ser o chefe dos assaltantes.

O bando veio logo formar todo em frente dele.

Acompanhava-o outro homem.

Tudo se explicou. O segundo era Kalagani, o nosso guia.

De Gumi não havia vestígios.

Desaparecera o fiel, restava o traidor.

A dedicação do nosso bravo servidor custara-lhe a vida, e não devíamos tornar a vê-lo!

Kalagani avançou para o coronel Munro, e friamente, sem baixar os olhos, disse, apontando para ele:

– Este!

A um gesto, Sir Edward Munro foi agarrado, levado à força, e desapareceu no meio do bando, que subiu a estrada na direcção do sul, sem ter podido apertar-nos a mão pela última vez, nem dizer-nos um último adeus!

O capitão Hod, Banks, o sargento, Fox, todos nós, enfim, nos quisemos soltar para o arrancarmos das mãos dos selvagens!

Cinquenta braços nos lançaram por terra.

Mais um movimento que fizéssemos e esganavam-nos.

– Nada de resistência – recomendou Banks.

O engenheiro tinha razão. Nada podíamos fazer neste momento para livrar o coronel Munro.

Portanto, valia mais reservarmo-nos, na previsão de ulteriores acontecimentos.

Dali a um quarto de hora os indianos abandonavam-nos e partiam no encalço do primeiro bando.

Se os seguíssemos, poderia ocasionar uma catástrofe sem proveito para o coronel Munro, e não obstante íamos tentar tudo para nos reunirmos a ele. . .

– Nem mais um passo! – ordenou Banks.

Obedecemos-lhe.

Afinal, era com certeza ao coronel Munro, a ele só, que vinham buscar os companheiros de Kalagani.

Quais seriam as intenções daquele traidor?

Era claro que não procedia por conta própria. Mas a quem obedecia? Ocorreu-me o nome de Nana Sahib Acaba aqui o manuscrito redigido por Maucler. O jovem francês não teria ocasião de relatar mais nada dos sucessos que iam precipitar o desenlace deste drama.

Estes sucessos, porém, foram conhecidos mais tarde e, reunidos sob a forma de uma narrativa, completam a relação desta viagem através da Índia setentrional.

-

CAPÍTULO XI



Frente A Frente

Os tuges, de sanguinária memória, de que o Indostão parece ter ficado livre, deixaram sucessores dignos deles, os dacoits, espécie de tuges transformados.

Mudou a maneira de execução destes malfeitores, o fito dos assassinos já não é o mesmo, mas o resultado é idêntico: é a morte premeditada, o assassinato.

Já não se trata, na verdade, de uma vítima à Kali, deusa da morte. Se os novos fanáticos não operam por estrangulação, envenenam para roubar.

Aos estranguladores sucederam criminosos mais práticos, mas igualmente temíveis.

Os dacoits, que formam bandos em certos territórios da península, acolhem todos os assassinos que a justiça anglo-indiana deixa escapar pelas malhas da sua rede.

Batem dia e noite as estradas principais, particularmente nas regiões mais selváticas, e é sabido que o Bundelkund proporciona teatros já preparados para estas cenas de violência e de roubo.

Muitas vezes os bandidos reúnem-se em maior número para atacarem uma aldeia isolada. Os habitantes só têm um recurso: fugir. A tortura, com todos os seus requintes, espera aqueles que ficam em poder dos dacoits.

As tradições dos inquisidores do Extremo Ocidente renovam-se. A crer o que diz Luís Rousseleí, os ardis daqueles miseráveis, os seus meios de acção, ultrapassam tudo o que os mais fantasiosos romancistas têm imaginado!

Fora em poder de um bando de dacoits, guiados por Kalagani, que o coronel Munro caíra.

Ainda antes de poder apreciar a sua situação, brutalmente separado dos companheiros, fora violentamente impelido pela estrada de Jubbulpore.

O procedimento de Kalagani, desde o dia em que entrara em relações com os hóspedes da Steam House, não fora mais que o de um traidor.

Pelo próprio Nana Sahib é que ele fora enviado, por ele é que fora escolhido para lhe preparar a vingança.

Hão-de estar lembrados que no dia 24 de Maio último, em Bopal, por ocasião das últimas festas do Moharum, em que audaciosamente se infiltrara, o nababo foi prevenido da partida de Sir Edward Munro para as províncias setentrionais da Índia.

Por sua ordem, Kalagani, um dos indianos mais inteiramente dedicados à sua causa e à sua pessoa, deixara o Nepal.

Lançar-se nas pegadas do coronel, encontrá-lo, segui-lo, não mais o perder de vista, jogar a vida, se preciso fosse, para se fazer admitir na comitiva do implacável inimigo de Nana Sahib, tal era a sua missão.

Kalagani pusera-se logo a caminho, dirigindo-se para as regiões do norte.

Em Cawnpore pôde alcançar a Steam House .

A partir daquele momento, sem se deixar ver, pôs-se à espreita de ocasiões que não apareceram.

Foi por isso que enquanto o coronel e os seus companheiros se instalavam no sanitarium do Himalaia, decidia e a entrar para o serviço de Matias Van Guitt.

O instinto de Kalagani dizia-lhe que forçosamente se estabeleceriam relações quase quotidianas entre o kraal e o sanitarium. Foi o que efectivamente sucedeu, e logo no primeiro dia foi tão feliz que não

só se fez notado pelo coronel Munro, como até adquiriu direitos ao seu reconhecimento.

O mais difícil estava feito.

Sabe-se o resto.

O indiano foi muitas vezes à Steam House .

Pôs-se ao facto dos projectos ulteriores dos seus hóspedes e pôde conhecer o itinerário que Banks tencionava seguir.

A partir de então, uma ideia dominou todos os seus actos: conseguir que o aceitassem como guia da expedição, quando esta descesse para o sul.

Para alcançar este fim, Kalagani não desprezou a mais pequena coisa.

Não hesitou em arriscar, não só a vida dos outros, mas também a sua.

Em que circunstâncias?

O leitor não o deve ter esquecido.

Acudira-lhe ao pensamento que, se acompanhasse a expedição desde o princípio da viagem, ficando ao mesmo tempo ao serviço de Matias Van Guitt, desvanecer-se-ia Qualquer suspeita, e até o próprio coronel Munro se lembraria de oferecer-lhe o que ele queria precisamente obter.

Mas, para alcançar isso, era preciso que o fornecedor, privado dos seus búfalos, se visse obrigado a pedir o auxílio do Gigante de Aço.

Provém daqui o assalto das feras.

Em risco de ocasionar um desastre, não hesitou, sem que dessem por isso, em destrancar as portas do kraal.

Os tigres e as panteras precipitaram-se no recinto, os búfalos foram dispersos ou aniquilados, muitos indianos sucumbiram, mas o plano de Kalagani deu bom resultado.

Matias Van Guitt viu-se obrigado a recorrer ao coronel Munro para poder pôr-se novamente a caminho de Bombaim com a sua casa de bichos ambulante. com efeito, renovar os seus animais de tiro naquela região quase deserta do Himalaia seria difícil. Em todo o caso, foi Kalagani que se encarregou desta diligência por conta do fornecedor.

Como não podia deixar de ser, nada conseguiu, e foi assim que Matias Van Guitt, caminhando a reboque do Gigante de Aço, desceu com todo o seu pessoal até à estação de Etawah.

Aí o caminho de ferro é que devia incumbir-se do material da colecção.

Despediram-se os chikaris, e Kalagani, que já não servia para coisa alguma, ia partilhar a sua sorte.

Foi então que se mostrou muito embaraçado com o que ia ser dele.

Banks caiu no logro.

Disse consigo que aquele indiano, inteligente e dedicado, conhecendo perfeitamente todas aquelas regiões da Índia, poderia prestar verdadeiros serviços.

Kalagani ofereceu-se-lhe para guia até Bombaim, e daquele dia em diante a sorte da expedição ficou imediatamente nas mãos do miserável.

Ninguém podia suspeitar um traidor naquele homem sempre pronto a sacrificar a sua pessoa.

Houve um momento em que Kalagani se ia denunciando.

Foi quando Banks lhe falou na morte de Nana Sahib.

Não pôde conter um gesto de incredulidade, e meneou a cabeça como homem que não podia acreditar o que ouvia. Mas não sucederia o mesmo a todo o indiano, para quem o legendário nababo era um desses entes sobrenaturais perante os quais a morte é impotente? Teria Kalagani a confirmação desta nova quando e isto não foi acaso encontrou um dos antigos companheiros na caravana

dos banjaris? Ignoramos, mas é de supor que ficasse sabendo a verdade.

O certo é que o traidor não abandonou os seus desígnios odiosos, como se quisesse realizar por sua conta os projectos do nababo.

Foi por isto que a Steam House continuou a sua jornada através dos desfiladeiros dos Vindhya, e, depois das peripécias que conhecem, os viajantes chegaram às margens do Puturia, ao qual foi preciso pedir refúgio. Aí, quando Kalagani quis deixar o comboio flutuante, sob pretexto de se dirigir a Jubbulpore, denunciou-se.

Por muito bem que ele se soubesse dominar, um simples fenómeno fisiológico, que não podia escapar à perspicácia do coronel, tornara-o suspeito, e sabe-se agora que as suspeitas de Sir Edward Munro eram muito fundadas.

Deixaram-no partir, mas agregaram-lhe Gumi. Precipitaram-se ambos nas águas do lago, e, passada uma hora, alcançavam a margem sueste do Puturia.

Ei-los, pois, marchando de companhia, pela escuridão da noite, um suspeitando do outro e Kalagani sem saber que se tornara suspeito. A vantagem estava então da parte de Gumi.

Por espaço de três horas, os dois indianos foram assim caminhando por aquela grande estrada que atravessa as pequenas cordilheiras de montes meridionais dos Vindhya e vai terminar na estação de Jubbulpore.

O nevoeiro era muito menos intenso no campo que no lago. Gumi vigiava de perto o seu companheiro. Levava à cinta uma sólida faca.

Ao primeiro movimento suspeito, como era de carácter muito decidido, tencionava saltar sobre Kalagani e impossibilitá-lo de fazer mal.

Infelizmente, o fiel indiano não teve, como esperava, tempo de operar.

Não havia luar e a noite estava muito escura.

A vinte passos não se poderia distinguir um homem em marcha.

Ao chegar a uma curva da estrada, ouviu-se repentinamente uma voz que chamava Kalagani.

– Sim, Nassim! – respondeu o indiano.

E ao mesmo tempo um grito agudo, muito estranho, soou à esquerda da estrada.

O grito era o kisri das tribos ferozes do Gundwana, que Gumi conhecia muito bem.

Gumi, surpreendido, nada pudera tentar.

Depois, morto Kalagani, que teria ele podido fazer contra um bando de selvagens ao qual este grito devia servir de sinal de reunir?

Disse-lhe um pressentimento que fugisse e tentasse prevenir os companheiros.

Sim, primeiro ficar livre, depois voltar ao lago, e procurar alcançar a nado o Gigante de Aço, para impedir que se chegasse à margem, era só o que tinha a fazer. Gumi não hesitou. No momento em que Kalagani se juntava a (Nassim, que lhe respondera, saltou para o lado e desapareceu nos juncais que ladeavam a estrada.

E quando Kalagani voltou com o seu cúmplice, na intenção de se desembaraçar do companheiro que o coronel lhe impusera, Gumi já ali não se encontrava.

Nassim era o chefe de um bando de dacoits, dedicado à causa de homens através dos juncais.

Queria a todo o custo tornar a apanhar o honrado servidor que acabara de fugir.

As pesquisas foram inúteis. Gumi, ou porque se perdesse na escuridão, ou porque se refugiara em alguma cova, desaparecera e deviam perder as esperanças de o encontrar.

Mas, em suma, que podiam esses dacoits temer de Gumi, entregue só aos seus recursos, no meio daquela região selvática, aí a três

horas de marcha do lago Puturia, aonde ele não poderia, fosse qual fosse a sua diligência, chegar primeiro que eles!

Kalagani resignou-se.

Conferenciou um instante com o chefe dos dacoits, que parecia esperar as suas ordens.

Depois, tornaram todos a descer a estrada, dirigindo-se apressadamente para o lago.

Se aquele bando deixara os desfiladeiros dos Vindhya, onde acampava havia algum tempo, fora porque Kalagani pudera participar aos bandidos do lago Puturia a próxima chegada do coronel Munro. Mas por quem?

Por aquele indiano, que não era outro senão Nassim, o qual seguia na caravana dos banjaris. A quem? Àquele cuja mão dirigia nas trevas toda aquela 'maquinação!

O que se passara, o que se passava então, era o resultado de um plano bem concebido, ao qual o coronel Munro e os seus companheiros não se podiam subtrair.

Por isso, os dacoits, no momento em que o comboio alcançava a ponta meridional do lago, puderam atacá-lo sob as ordens de Nassim e de Kalagani.

Mas os ódios eram só contra o coronel. Dos seus companheiros, abandonados naquela região, destruído o seu último refúgio, nada havia que recear.

Levaram-no por isso à força, e às sete horas da manhã seis milhas o separavam do lago Puturia.

Não era admissível que Kalagani conduzisse o coronel à estação de Jubbulpore.

Por isso, Munro dizia consigo que não devia deixar a região dos Vindhya, e que, logo que caíra em poder dos seus inimigos, talvez nunca mais dali saísse. Mas aquele homem corajoso nada perdera do seu sangue-frio.

Caminhava no meio daqueles miseráveis, disposto a tudo. Até fingia não dar pela presença de Kalagani.

O traidor pusera-se à frente do bando, e com efeito era o seu chefe.

Fugir tornava-se impossível. Apesar de não ir amarrado, o coronel Munro não via nem na frente, nem na retaguarda, nem nos flancos da escolta, nenhuma aberta que lhe pudesse dar passagem. Depois, ainda que assim não fosse, seria logo apanhado.

Reflectia, por isso, nas consequências da sua situação. Seria lícito imaginar que em tudo aquilo andasse a intervenção de Nana Sahib? Não! Para ele, o nababo estava bem morto. Mas algum companheiro do antigo chefe dos rebeldes, talvez Balão Rao, tivesse resolvido satisfazer o seu ódio, realizando aquela vingança, à qual seu irmão dedicara a existência. Sir Edward Munro pressentia algum manejo deste género.

Ao mesmo tempo lembrava-se do infeliz Gumi, que não estava prisioneiro dos dacois.

Teria ele podido fugir? Era possível. Ou teria logo sucumbido? Era mais provável. Poder-se-ia contar com o seu auxílio dado o caso de estar são e salvo? Decerto.

Se Gumi entendera dever ir à estação de Jubbulpore pedir socorro, chegaria muito tarde. Se, pelo contrário, fora ter com Banks e os seus companheiros à ponta meridional do lago, que haviam eles de fazer, quase desprovidos de munições? Meter-se-iam pela estrada de Jubbulpore? Mas primeiro que lá chegassem teria o prisioneiro sido levado para algum inacessível esconderijo dos Vindhya!

Deste lado, portanto, não se devia alimentar esperança alguma.

O coronel Munro encarava friamente a situação.

Não desesperava, não era homem que esmorecesse, e preferia ver as coisas em toda a sua realidade a entregar-se a alguma desilusão indigna de um espírito que coisa alguma podia perturbar.

Entretanto o bando ia marchando apressadamente. Era evidente que Nassim e Kalagani queriam chegar antes do pôr do Sol a algum lugar convencionado, onde a sorte do coronel se havia de decidir.

Se o traidor tinha pressa, o coronel Munro não tinha menos, fosse qual fosse a sorte que o esperasse.

Só uma vez, próximo do meio-dia, por espaço de meia hora, Kalagani mandou fazer alto.

Os dacoits iam prevenidos de víveres e comeram à beira de um pequeno regato.

Puseram à disposição do coronel um pouco de pão e de carne seca, que ele recusou.

Não havia comido nada desde a véspera, e não queria dar aos seus inimigos a alegria de o verem, fraquejar fisicamente na hora suprema.

Durante esta marcha tinham-se percorrido dezassete milhas.

Por ordem de Kalagani puseram-se novamente a caminho, continuando sempre na direcção de Jubbulpore.

Só por volta das cinco horas da tarde é que o bando dos dacoits abandonou a estrada pública, para se dirigir para a esquerda.

Se o coronel Munro podia, enquanto ia pela estrada, conservar uns restos de esperança, agora devia compreender que a sua salvação só estava em poder de Deus.

Dali a um quarto de hora Kalagani e os seus atravessavam um estreito desfiladeiro, que formava o limite extremo do vale de Nerbudda, na direcção da parte mais sertaneja do Bundelkund.

O lugar de que falamos ficava a uns trezentos e cinquenta quilómetros do vale de Tandit, a leste dos montes de Sautpurra, que se pode considerar como o prolongamento ocidental dos Vindhya.

Num dos últimos contrafortes elevava-se a velha fortaleza de Ripore, abandonada havia muito tempo, porque não podia ser reabastecida

logo que os desfiladeiros de oeste se achassem ocupados pelo inimigo, ainda que fosse em pequena extensão.

Dominava esta fortaleza uma das últimas saliências da cordilheira, espécie de redentes naturais, da altura de quinhentos pés, a pique sobre um grande envasamento do desfiladeiro, no meio das cumeadas circunvizinhas.

A fortaleza só era acessível por um estreito caminho, tortuosamente aberto na rocha, caminho apenas praticável para peões. No alto ainda se erguiam algumas muralhas desmanteladas, alguns bastiões em ruínas.

No meio da esplanada, resguardada do lado do abismo por um parapeito de pedra, levantava-se um edifício que servira outrora de quartel à pequena guarnição de Ripore e que não se queria agora nem para estábulo.

No meio do planalto central restava um só engenho de guerra de entre os que em outros tempos se alongavam através das canhoneiras da muralha. Era uma peça enorme, assestada na direcção da face anterior da esplanada.

Muito pesada para ser descida, e também muito deteriorada para conservar um valor qualquer, tinha para ali sido abandonada, sobre o reparo, à acção destruidora da ferrugem que lhe ia comendo o ferro.

Pelo comprimento e pela grossura era, na verdade, rival digna do célebre canhão de Bhilsa, fundido no tempo de Jehanghir, canhão enorme do comprimento de seis metros, e com um calibre de quarenta e quatro.

Poder-se-ia também compará-la com o não menos famoso canhão de Bidjapur, cuja detonação, no dizer dos indígenas, não deixaria de pé um só dos monumentos da cidade.

Tal era a fortaleza de Ripore, para onde o prisioneiro foi conduzido pelo bando de Kalagani.

Eram cinco horas da tarde quando ali chegou, após um dia de marcha de mais de vinte e cinco milhas.

Perante qual dos seus inimigos ia finalmente achar-se o coronel Munro?

Não devia tardar que o soubesse.

Um grupo de indianos ocupava então o edifício em ruínas, que se elevava no fundo da esplanada.

Este grupo afastou-se das ruínas, enquanto o bando dos dacoits formava um círculo, ao longo do parapeito.

O coronel Munro ocupava o centro do círculo. De braços cruzados, esperava.

Kalagani deixou o lugar que ocupava na fileira e deu alguns passos em direcção do grupo.

À frente vinha um indiano, vestido com toda a simplicidade.

Kalagani parou diante dele e inclinou-se.

O indiano, estendeu a mão e Kalagani beijou-lha respeitosamente.

Um sinal de cabeça deu-lhe a saber que estava contente com os seus serviços.

Depois, o indiano avançou para o prisioneiro lentamente, mas com os olhos incendiados, com todos os sintomas de uma cólera mal refreada.

Dir-se-ia uma fera avançando para a presa.

O coronel Munro deixou-o aproximar-se, sem recuar um passo, fitando-o com tanta fixidez como o fitavam a ele.

Quando o indiano apenas distava dele uns cinco passos, o coronel exclamou, num tom que revelava o mais profundo desprezo:

– É apenas Balão Rao, irmão do nababo!

– Olha melhor! – retorquiu o selvagem.

– Nana Sahib! – exclamou o coronel Munro, recuando desta vez, mau grado seu. – Nana Sahib ainda vive! . . .

Sim, era o próprio nababo, o antigo chefe da revolta dos sipaios, o implacável inimigo de Munro!

Mas quem sucumbira então no encontro no vale de Tandit?

Fora Balão Rao, seu irmão.

A extraordinária semelhança destes dois homens, ambos chupados da cara e com o mesmo dedo da mesma mão amputado, enganara os soldados de Lucknow e de Cawnpore, que não hesitaram em tomar pelo nababo aquele que era afinal seu irmão, e ser-lhes-ia impossível evitar tal engano.

Quando se dirigiu às autoridades, comunicando-lhes que Nana Sahib já não vivia, quem já não existia era Balão Rao.

Nana Sahib tivera todo o cuidado em explorar aquela nova circunstância.

Mais uma vez ela lhe garantia uma segurança quase absoluta. Seu irmão não devia ser procurado pela polícia inglesa com o mesmo furor, e não o foi efectivamente.

Não só a carnificina de Cawnpore não lhe era imputada, como não tinha sobre os indianos do centro a influência perniciosa que o nababo possuía.

Nana Sahib resolvera fingir de morto até ao momento em que pudesse definitivamente pôr-se em acção, e, renunciando temporariamente aos seus projectos de insurreição, entregara-se completamente à sua vingança.

Depois, nunca as circunstâncias tinham sido tão favoráveis.

O coronel Munro, sempre vigiado pelos seus agentes, acabava de deixar Calcutá, a fim de seguir uma viagem que o devia levar na direcção de Bombaim Não seria possível encaminhá-lo para a região dos Vindhya, através das províncias do Lundelkund?

Nana Sahib assim pensou, e foi com esse fim que ele fez partir o inteligente Kalagani.

O nababo deixou o pai de Tandit, que já não lhe oferecia asilo seguro.

Meteu-se pelo vale do Nerbudda, até aos últimos desfiladeiros dos Vindhya.

Elevava-se ali a fortaleza de Ripore, que lhe pareceu um lugar de refúgio aonde a polícia não se lembraria de o ir procurar, porque o devia julgar morto.

Nana Sahib aí se instalou com alguns indianos dedicados à sua pessoa.

Reforçou-os logo com um bando de dacoits, dignos de serem comandados por um tal chefe, e aguardou.

Mas que esperava ele havia quatro meses? Que Kalagani desempenhasse a sua missão e lhe fizesse saber a próxima chegada do coronel Munro a esta parte dos Vindhya, onde ficaria à sua mercê.

Um receio, porém, se apoderou de Nana Sahib.

Foi que a notícia da sua morte, espalhada subitamente por toda a península, viesse a chegar aos ouvidos de Kalagani.

Se o indiano acreditasse nessa notícia, não abandonaria a sua empresa traiçoeira contra o coronel Munro?

Para evitar esse risco enviou outro indiano através do Bundelkund, Nassim, que, fazendo parte da caravana dos banjaris, encontrou o comboio da Steam House na estrada de Sindhia, se pôs em comunicação com Kalagani e o instruiu do verdadeiro estado das coisas.

Feito isto, Nassim, sem perda de uma hora, voltou à fortaleza de Ripore, e informou Nana Sahib de tudo quanto se passara desde o dia em que Kalagani deixara Bopal.

O coronel Munro e os seus companheiros avançavam por pequenas jornadas na direcção dos Vindhya. Kalagani guiava-os, e era com certeza nos arredores do lago Puturia que deveria esperá-los.

Saíra, pois, tudo à medida dos desejos do nababo. Não lhe podia fugir a vingança.

E, com efeito, ali tinha o coronel Munro na sua presença, só, desarmado, à sua mercê.

Trocadas as primeiras palavras, os dois contemplaram-se por um momento sem dizerem nada.

Mas de repente, como a imagem de Lady Munro se lhe representasse mais vivamente na lembrança, o coronel sentiu o sangue subir-lhe do coração à cabeça.

Precipitou-se sobre o assassino dos prisioneiros de Cawnpore.

Nana Sahib limitou-se a dar dois passos atrás.

Tinham-se lançado sobre o coronel três selvagens, e facilmente o subjugaram.

Sir Edward Munro tornara-se senhor de si. O nababo decerto assim o compreendeu, porque fez afastar os três selvagens com um gesto.

Os dois inimigos acharam-se outra vez frente a frente.

– Munro – disse Nana Sahib, – os teus amarraram à boca dos seus canhões os cento e vinte prisioneiros de Peschawar, e desde esse dia mais de mil e duzentos sipaios pereceram por esse meio horroroso! Os teus mataram sem piedade os fugitivos de Lahore; degolaram, depois da tomada de Deli, os três príncipes e vinte e nove membros da família do rei, trucidaram em Lucknow seis mil dos nossos e três mil depois da campanha do Pendjabli. Ao todo, pelo canhão, pela espingarda, pela força ou pela espada, cento e vinte mil oficiais e soldados nativos e duzentos mil indígenas têm pago com a vida este levantamento pela independência nacional!

– À morte! À morte! exclamaram os dacoits e os indianos formados em volta de Nana Sahib.

O nababo impôs-lhes silêncio com um gesto, e esperou que o coronel Munro respondesse.

O coronel não respondeu.

– Quanto a ti, Munro – prosseguiu o nababo, – mataste com a tua própria mão a Rani de Jansi, minha fiel companheira. . . e ela não

está ainda vingada!

O coronel Munro não lhe deu resposta.

– Finalmente, há quatro meses – continuou Nana Sahib, – meu irmão Balão Rao caiu sob as balas inglesas dirigidas contra mim. . . e meu irmão ainda não foi vingado!

– À morte! À morte!

Desta vez os gritos soavam com mais violência e todo o bando fez um movimento para cair sobre o prisioneiro .

– Silêncio! – exclamou Nana Sahib. – Aguardem a hora da justiça!

Calaram-se todos.

– Munro – prosseguiu o nababo - foi um dos teus antepassados, Heitor Munro, o primeiro que ousou aplicar este horroroso suplício, de que os teus fizeram tão horrível uso durante a guerra de 1857! Foi ele que deu ordem de amarrar vivos, à boca das peças, os indianos, os nossos parentes, os nossos irmãos. . .

Novos gritos, novas demonstrações, que daquela vez Nana Sahib não poderia reprimir.

Por isso, acrescentou:

– Munro, morrerás pela mesma forma por que morreram tantos dos nossos!

Voltando-se, disse:

– Vês esta peça?

E mostrava o enorme canhão do comprimento de cinco metros, que estava no centro da esplanada.

– Vais ser amarrado à boca deste canhão. Está carregado, e amanhã, ao romper do Sol, a sua detonação, prolongando-se até ao fundo dos Vindhya, fará saber a todos que a vingança de Nana Sahib se consumou finalmente!

O coronel Munro olhava fixamente para o nababo com uma serenidade que não podia ser perturbada pelo anúncio do seu

próximo suplício.

– Muito bem – disse, – fazes o que eu teria feito se tivesses caído em meu poder!

E foi ele próprio colocar-se diante da boca do canhão, ao qual, com as mãos atadas atrás das costas, foi amarrado com fortes cordas.

Então, durante uma longa hora, todo o bando de dacoits e de indianos veio cobardemente insultá-lo.

Dir-se-iam índios Sioux em volta de um prisioneiro amarrado ao poste de tortura.

O coronel Munro conservou-se impassível perante o ultraje, como queria conservar-se perante a morte.

Sobreveio a noite, e Nana Sahib, Kalagani e Nassim retiraram-se para a velha caserna.

Cansado finalmente, o bando retirou-se e reuniu-se aos chefes.

Sir Edward Munro ficou em presença de Deus e da morte.

-

CAPÍTULO XII



Na Boca de Uma Peça

Não durou muito tempo o silêncio.

Tinham-se posto provisões à disposição do bando dos dacoits.

Enquanto comiam, podia-se ouvir os miseráveis gritar e vociferar sob a influência desse violento licor de araca, de que faziam tão imoderado uso.

Mas todo este ruído se foi apaziguando pouco a pouco.

O sono não devia tardar a apoderar-se daqueles brutos, já muito derrancados por um longo dia de fadiga.

Iria pois Sir Edward Munro ficar sem sentinela até ao momento em que soasse a hora da sua morte? Não faria Nana vigiar o seu prisioneiro, embora este, solidamente amarrado por cordas, que em muitas voltas lhe circundavam os braços e o peito, ficasse impossibilitado de fazer um movimento?

O coronel fazia esta pergunta a si mesmo quando, por volta das oito horas, viu um indiano sair da caserna e avançar pela esplanada.

Este homem tinha ordem de se conservar por toda a noite junto do coronel Munro.

Primeiro que tudo, depois de atravessar obliquamente a planura, veio direito à peça para se certificar de que o prisioneiro ainda ali se encontrava.

Com pulso vigoroso experimentou as cordas, que não cederam.

Depois, sem se dirigir ao coronel, mas falando consigo mesmo, disse:

– Dez libras de boa pólvora! Há muito tempo que não fala o velho canhão de Ripore, mas amanhã há-de falar! . . .

Esta reflexão fez assomar um sorriso de desdém ao rosto altivo do coronel.

A morte, por muito horrorosa que tivesse de ser, não era coisa para o assustar.

Depois de examinar a parte exterior da boca de fogo, o indiano voltou atrás, afagou a culatra e pôs por um momento o dedo no ouvido da peça, que a pólvora enchia até acima.

Em seguida deixou-se ficar encostado ao botão da culatra. Parecia ter esquecido completamente que o prisioneiro ali se encontrava, como o condenado junto à forca, à espera que o alçapão lhe fuja debaixo dos pés. Ou fosse indiferença ou efeito da araca que acabava de beber, o indiano pôs-se a cantar por entre os dentes um velho estribilho de Gundwana.

Calava-se por momentos e recomeçava como um homem que, por efeito da sua embriaguez, só emitisse o pensamento pouco a pouco.

Passado um quarto de hora, o indiano endireitou-se. Passou a mão pelo cano da peça. Rodeou-a e, parando em frente do coronel, olhou para ele, murmurando palavras incoerentes.

Instintivamente, tateou mais uma vez as cordas, como para as apertar mais solidamente; depois, abanando a cabeça como homem que ficou tranquilizado, foi encostar-se ao parapeito, à esquerda da boca de fogo e na distância de uns dez passos.

Durante dez minutos, o indiano ali se deixou ficar, umas vezes voltado para a planura, outras debruçado para fora, olhando para o abismo que se escancarava junto à fortaleza.

Percebia-se que fazia um último esforço para não se deixar vencer pelo sono.

Mas, por fim, como a fadiga pudesse mais que ele, deixou-se escorregar até ao chão, estendeu-se, e a sombra do parapeito tornou-o absolutamente invisível.

Demais, a noite apresentava-se já muito escura. Espessas nuvens, imóveis, estendiam-se pelo céu. A atmosfera estava muito sossegada. Os rumores do vale não chegavam àquela altura. O silêncio era absoluto.

Como ia o coronel Munro suportar uma tal noite de angústias devemos também dizê-lo, para honra daquele homem enérgico.

Nem por um momento pensou naquele último instante da sua vida, durante o qual todos os órgãos do seu corpo, violentamente dilacerados, horrivelmente dispersos, iriam perder-se no espaço.

Afinal de contas, não seria mais que o fulminar do raio, o que não era coisa que abalasse uma índole que nunca fora susceptível do terror físico-moral.

Restavam-lhe ainda algumas horas para viver, algumas horas daquela existência que tão feliz fora durante longo período.

Todo o seu passado lhe brotava agora na memória com singular precisão.

Surgia a seus olhos a imagem de Lady Munro.

Via, ouvia aquela que ele chorava como nos primeiros dias da sua mágoa, não já com os olhos, mas com o coração!

Novamente contemplava a donzela na funesta cidade de Cawnpore, naquela residência onde pela primeira vez a admirara, conhecera e amara.

Aqueles poucos anos de felicidade, repentinamente terminados pela mais horrorosa das catástrofes, reavivaram-se no seu espírito.

Todas as circunstâncias daquele tempo, por mais pequenas que fossem, lhe volveram à memória com uma nitidez tal que a realidade não podia ser mais viva!

Já passava da meia-noite, e Sir Edward Munro não dera por isso.

Concentrara-se todo nas recordações do seu viver de outrora com aquela esposa adorada.

Resumira em três horas os três anos que vivera junto dela.

Sim, a imaginação arrebatara-o com força irresistível da plataforma da fortaleza de Ripore, arrancara-o

da boca daquela peça, a cuja espoleta o primeiro raio de Sol ia por assim dizer deitar fogo!

Mas naquele momento recordou-se do horrível desfecho do cerco de Cawnpore, da prisão de Lady Munro e de sua mãe, no Bibi Ghar, da carnificina das suas desgraçadas companheiras, e, finalmente, daquele poço, túmulo de duzentas vítimas, sobre o qual, quatro meses antes, fora uma última vez chorar.

E aquele odioso Nana Sahib, que estava ali, a alguns passos, detrás dos muros daquela caserna em ruínas, fora o mandante daqueles assassinos, o sicário de Lady Munro e de tantos outros infelizes!

E era em poder daquele homem que ele acabava de cair, ele que pretendia fazer-se o executor do assassino que a justiça não pudera apanhar!

Impulsionado por uma cólera cega, Sir Edward Munro fez um esforço desesperado para quebrar os laços que o prendiam.

As cordas gemeram e os nós, esticados, entraram-lhe nas carnes. Soltou um grito, não de dor, mas de raiva impotente.

A este grito, o indiano estendido à sombra do parapeito levantou a cabeça. Compenetrou-se novamente da sua situação.

Lembrou-se de que era o guarda do prisioneiro.

Levantou-se, pois, avançou hesitante para o coronel Munro, pôs-lhe uma das mãos no ombro, para se certificar de que ele ainda ali estava, e no tom de um homem meio adormecido disse:

– Amanhã, ao romper do Sol. . . Pum!

Depois voltou para a muralha, a fim de aí tornar a procurar um ponto de apoio.

Assim que lá chegou, deitou-se no chão; e não tardou que adormecesse profundamente.

Em seguida a este inútil esforço o coronel readquirira uma espécie de serenidade.

O curso dos seus pensamentos modificou-se, sem que se tornasse a lembrar da sorte que o esperava.

Por uma associação de ideias muito natural, pensou nos seus amigos, nos seus companheiros.

Perguntou de si para si se também eles não teriam caído em poder de algum bando de dacoits, que pululam nos Vindhya, se lhes não estava reservada uma sorte igual à sua, e este pensamento oprimiu-lhe o coração.

Mas reconsiderou logo que isso não era possível.

Com efeito, se o nababo houvesse resolvido que eles morressem, tê-los-ia reunido no mesmo suplício.

Queria aumentar a sua agonia com o espectáculo da dos seus amigos.

Não! Era nele, nele somente, assim o esperava, que Nana Sahib queria saciar o seu ódio!

Mas se, pelo mais incrível dos acasos, Banks, o capitão Hod e Maucler se achavam livres, que faziam eles?

Teriam tomado a estrada de Jubbulpore, pela qual o Gigante de Aço, que os dacoits não tinham conseguido destruir, poderia transportá-los rapidamente?

Aí os socorros não lhes faltariam! Mas para quê?

Como haviam eles de saber onde estava o coronel Munro?

Ninguém conhecia a fortaleza de Ripore, aquele antro de Nana Sahib.

E, depois, porque lhes havia de vir à ideia o nome do nababo? Para eles não morrera Nana Sahib? Não sucumbira no ataque ao pai de Tandit? Não, nada poderiam fazer em favor do prisioneiro!

Do lado de Gumi também não restava esperança alguma.

Kalagani tinha todo o interesse em se desfazer daquele servidor dedicado, e, visto que Gumi ali não se encontrava, é que precedera seu amo na morte.

Contar com alguma probabilidade de salvação era inútil.

O coronel Munro não era homem que alimentasse ilusões. Via as coisas sob o seu verdadeiro aspecto, e volveu aos seus primeiros pensamentos, à recordação dos dias felizes que lhe faziam transbordar o coração.

Ser-lhe-ia difícil avaliar quantas horas tinham decorrido depois que assim sonhava.

A noite continuava escura.

Sobre os cumes de leste nada assomava que anunciasse os primeiros alvares matutinos, Mas deviam ser quatro da manhã quando um fenómeno bastante extraordinário despertou a atenção do coronel Munro.

Até àquele momento, enquanto se recordara da sua existência passada, olhara mais para dentro de si do que para fora.

Os objectos exteriores, pouco distintos em meio daquelas profundas trevas, não teriam podido distraí-lo; mas agora os seus olhos tornaram-se mais fixos, e todas as imagens invocadas na sua memória se desvaneceram subitamente diante de uma espécie de aparição tão inesperada como inexplicável.

O coronel já não se encontrava só na plataforma de Ripore.

Uma luz, ainda indecisa, brilhava na extremidade do caminho, junto ao postigo da fortaleza.

Avançava, retirava-se, vacilante, turva, ameaçando extinguir-se, tornando a adquirir o brilho, como se a segurasse mão pouco firme, Na situação em que se encontrava o prisioneiro, todo o incidente podia ter importância.

Não despregou mais os olhos da luz.

Observou que se desprendia dela uma espécie de vapor fuliginoso e que era móvel.

Daqui derivava-se a conclusão de que não era possível ser um farol.

Um dos meus companheiros, disse consigo o coronel Munro. . . Gumi talvez! Qual! . . . Não viria com uma luz, que o denunciaria. . . Quem será?

A luz aproximava-se lentamente. Deslizou, primeiro ao longo do muro da velha caserna, e Sir Edward Munro teve receios de que a luz fosse vista por alguns indianos que dormiam da banda de dentro.

Não sucedeu assim. A luz passou sem ser notada.

De quando em quando a mão que a empunhava agitava-se com um movimento febril, e o seu fulgor ateava-se, adquirindo mais vivo brilho.

Dali a pouco, o facho chegava ao parapeito, e seguia por sobre ele, como um fogo-de-santelmo em noites de tempestade.

Então o coronel Munro principiou a distinguir uma espécie de fantasma, sem forma apreciável, uma sombra que o facho vagamente iluminava.

O ente, qualquer que ele fosse, que assim avançava, devia vir coberto com um comprido manto, sob o qual se ocultavam os braços e a cabeça. O prisioneiro não se mexia.

Reprimia a respiração.

Receava assustar a aparição, ver extinguir a chama cuja claridade o guiava na sombra. Conservava-se tão imóvel como a pesada peça de metal, que parecia segurá-lo na sua enorme goela.

Entretanto, o fantasma continuava a deslizar ao longo do parapeito.

Não podia suceder que esbarrasse no corpo do indiano adormecido?

Não. O indiano estava estendido à esquerda da peça, a aparição vinha pela direita, parando às vezes, outras continuando a avançar vagarosamente.

Por fim, aproximou-se o suficiente para o coronel poder distingui-lo melhor.

Era uma criatura de estatura mediana, cuja longa tanga lhe cobria efectivamente todo o corpo.

Debaixo da tanga saía a mão que segurava o ramo inflamado.

Algum louco, que tem o costume de frequentar o acampamento dos dacoits, disse consigo o coronel e com o qual não há cuidado. Em vez de um facho, porque não traz ele um punhal! ? . . . Talvez eu pudesse. . .

Não era um louco, e contudo Sir Edward Munro quase adivinhara.

Era a louca do vale do Nerbudda, a inconsciente criatura que às vezes divagava através dos Vindhya, sempre respeitada e hospitaleiramente acolhida pelos gunds supersticiosos.

Nem Nana nem nenhum dos seus companheiros sabiam que parte tomara a Chama Errante no ataque do pai de Tandit.

Muitas vezes a tinham encontrado naquela região montanhosa do Bundelkund, sem por isso se inquietarem com a sua presença.

Já muitas vezes, nas suas incessantes deambulações, ela se encaminhara para a fortaleza de Ripore e ninguém se lembrara de a expulsar.

Era apenas o acaso das suas peregrinações nocturnas que naquela noite ali a trazia.

O coronel Munro coisa alguma sabia do que dizia respeito à louca.

Nunca ouvira falar da Chama Errante, e contudo aquele ente desconhecido, que se aproximava, que ia tocar-lhe, falar-lhe talvez, fazia-lhe bater o coração com inexplicável violência.

A louca fora pouco a pouco aproximando-se da peça.

O seu facho apenas lançava fracos clarões, e não parecia ver o prisioneiro, apesar de se encontrar em frente dele e de poder olhar

através do manto, que tinha buracos como a cogula de um penitente.

Sir Edward Munro não se mexia.

Nem com um movimento de cabeça, nem mesmo com uma palavra, procurava atrair a atenção daquela estranha criatura.

Demais, ela virou quase no mesmo instante para trás, de modo que deu uma volta em redor do imenso canhão, sobre o qual o seu facho desenhava umas pequenas sombras movediças.

Compreenderia a louca para que servia aquela peça, ali estendida como um monstro, e porque é que aquele homem estava amarrado àquela goela, de onde ia sair um relâmpago e um trovão ao primeiro raiar do dia?

Com certeza que não.

A Chama Errante andava ali, como sempre, inconscientemente.

Divagava naquela noite, como já divagara muitas vezes, pela plataforma do Ripore.

Depois, retirar-se-ia, tornaria a descer o caminho sinuoso, voltaria ao vale, e iria para onde a levasse a sua imaginação extravagante.

O coronel Munro, que podia virar a cabeça à vontade, seguia todos os seus movimentos.

Viu-a passar por detrás da peça.

Depois, a Chama Errante encaminhou-se para a muralha, decerto para seguir ao longo dela, até ao ponto onde se abria o postigo.

De facto, a Chama Errante tomou esta direcção, mas, parando de súbito, a alguns passos do indiano adormecido, voltou-se.

Não a deixaria alguma misteriosa causa seguir o seu caminho?

Fosse o que fosse, inexplicável instinto a reconduziu para junto do coronel Munro, e deixou-se ficar imóvel diante dele.

Desta vez o coração de Sir Edward Munro bateu com violência tal que desejaria levar aí as mãos para lhe conter as pulsações!

A Chama Errante aproximara-se mais.

Levantara o facho à altura do rosto do prisioneiro, como se quisesse vê-lo melhor.

Através dos buracos da sua túnica, os olhos iluminaram-se-lhe como uma chama ardente.

Involuntariamente fascinado por aquele fogo, o coronel Munro devorava-a com o olhar.

Então a louca afastou um pouco as dobras da túnica.

Deixou ver todo o rosto, e agitou com a mão direita o facho, que lançou um clarão mais intenso.

O prisioneiro soltou um grito meio sufocado.

– Laurence! Laurence! exclamou.

Também ele agora se julgava louco! Fechou por um momento os olhos.

Era Lady Munro! Sim! Lady Munro em pessoa, que tinha diante de si!

– Laurence. . . Tu. . . tu. . . repetiu.

Lady Munro nada respondeu.

Não o reconhecia.

Nem parecia ouvi-lo.

– Laurence! Louca! Louca, sim. . . mas viva!

Sir Edward Munro não se poderia enganar com uma suposta semelhança.

Tinha a imagem da esposa muito profundamente gravada na memória.

Não se enganara, não; mesmo depois de nove anos de uma separação que ele devia julgar eterna, Lady Munro, mudada sim, mas era Lady Munro, que por milagre se salvara dos verdugos de Nana Sahib.

A infeliz, depois de fazer tudo quanto lhe fora possível para salvar sua mãe, caíra ferida. Não era, porém, de morte o seu ferimento, e, confundida com tantas outras, fora precipitada no poço de Cawnpore, no montão de vítimas que já o enchia.

Sobrevindo a noite, o instinto da conservação fê-la aproximar-se da borda do poço, e dizemos o instinto porque a razão, em resultado das terríveis cenas que presenciara, já a abandonara.

Depois de tudo o que ela sofrera desde o princípio do cerco, na prisão de Bibi Ghar, no teatro do morticínio, depois de ver degolar a mãe, perdera o juízo.

Estava louca, mas viva, como Munro acabava de o reconhecer.

Louca, arrastara-se para fora do poço, vagueara pelos arredores, pudera deixar a cidade no momento em que Nana Sahib e os seus a abandonavam, após a sangrenta execução. Louca, salvara-se no meio das trevas, caminhando em frente pelos campos fora.

Evitando as cidades, fugindo de regiões habitadas, num e noutro ponto recolhida pelos pobres raiots, respeitada como uma criatura privada de razão, a pobre louca caminhara assim até aos montes Sautpurra, até aos Vindhya!

E morta para todos havia nove anos, mas com a recordação dos horrores do cerco ainda viva no espírito, vagueava sem cessar.

Oh! Não havia dúvida, era ela!

O coronel Munro tornou a chamá-la. . . Não respondeu.

Quanto ele daria para poder estreitá-la nos braços, arrebatá-la, recomeçar junto dela uma nova existência, restituir-lhe a razão à força de cuidados e de amor. . .

E, contudo, ele achava-se ligado àquela massa de metal, o sangue corria-lhe dos braços pelos cortes que neles faziam as cordas e nada o podiam arrancar com ela daquele lugar maldito!

Que suplício, que tortura, que nem a cruel imaginação de Nana Sahib chegara a conceber! Ah! Se aquele monstro ali estivesse, se

soubesse que Lady Munro estava em seu poder, que alegria horrível não houvera sentido!

Que requinte não acrescentaria decerto às angústias do prisioneiro!

– Laurence! Laurence! Repetia Sir Edward Munro.

Chamava-a em voz alta, com risco de despertar o indiano, que dormia a alguns passos, com risco de atrair os dacoits, deitados na velha caserna do próprio Nana Sahib.

Mas Lady Munro, sem compreender coisa alguma, continuava a olhar para ele com os seus olhos espantados.

Não percebia os espantosos sofrimentos que aquele infeliz padecia, aquele infeliz que a tornava a encontrar exactamente no momento em que ia morrer!

Decorreram assim alguns minutos; depois, a sua mão abaixou-se, a túnica caiu-lhe novamente sobre o rosto e recuou um passo.

O coronel Munro julgou que ela ia fugir!

– Laurence! gritou ele mais uma vez, como se lhe dissesse um supremo adeus.

Mas não. Lady Munro não tencionava abandonar a plataforma de Ripore, e a situação, apesar de 'muito periclitante, ia ainda agravar-se.

Lady Munro parou. Indubitavelmente a peça de artilharia atraíra-lhe a atenção. Talvez lhe despertasse alguma recordação vaga do cerco de Cawnpore!

Aproximou-se outra vez da peça e começou a passear por cima dela a mão que empunhava o facho, e bastaria uma faísca, que inflamasse o rastilho, para que a peça fizesse imediatamente fogo.

Iria, pois, Munro morrer àquelas mãos?

Não pôde suportar esta ideia. Mais valia perecer à vista de Nana Sahib e dos seus!

Munro dispunha-se já a chamar, a despertar os seus verdugos! . . .

De repente sentiu que de dentro da peça alguém lhe apertava as mãos, que ele tinha amarradas atrás das costas.

Era, porém, um aperto de mão amiga, que diligenciava desamarrá-lo.

No mesmo instante, o frio de uma lâmina de aço, que deslizava cautelosamente entre as cordas e os seus pulsos, fez-lhe saber que na alma daquela enorme peça, sem saber por que milagre, existia um libertador.

Não se podia enganar! Cortavam-lhe as cordas que o amarravam! . . .

No espaço de um segundo estava isto conseguido.

Pôde dar um passo em frente.

Achava-se livre!

Apesar de muito senhor de si, iria perdê-lo um grito?

A mão desconhecida saiu da peça. . . Munro agarrou-a, puxou-a, e caiu-lhe aos pés um homem, que saía da boca da peça, graças a um último esforço.

Era Gumi.

O fiel servidor, depois de fugir, continuara a subir a estrada de Jubulpore, em vez de voltar ao lago, para o qual se dirigia o bando de Nassim.

Chegando ao caminho de Ripore, tivera de se esconder segunda vez.

Achava-se ali um grupo de indianos a falar do coronel Munro, que os dacoits, dirigidos por Kalagani, iam conduzir àquela fortaleza, onde Nana Sahib lhe reservava a morte pelo canhão.

Sem hesitar, Gumi deslizara pelo escuro até ao caminho de caracol, e chegara à esplanada, deserta naquele momento.

Acudira-lhe então a ideia heróica de se introduzir na enorme máquina de guerra, com o pensamento de libertar o seu amo, se as

circunstâncias se prestassem a isso, ou, se o não pudesse salvar, acompanhá-lo na morte.

– O dia vai romper! . . . – advertiu Gumi em voz baixa. – Fujamos! .

. .

– E Lady Munro?

O coronel, imóvel, em pé, apontava para a louca.

– Vai nos nossos braços, senhor – disse Gumi, sem pedir outra explicação.

Era demasiado tarde!

No momento em que o coronel e Gumi se aproximavam dela para a agarrarem, Lady Munro, querendo fugir-lhes, agarrou-se à peça, o facho caiu sobre o ouvido, e uma formidável detonação, repercutida pelos ecos dos

Vindhya, encheu com um ribombo de trovão todo o vale do Nerbudda.

-

CAPÍTULO XIII



O Gigante de Aço

Ao ruído da detonação, Lady Munro caíra desmaiada nos braços do marido.

Sem perda de um instante, o coronel Munro precipitou-se pela esplanada fora, seguido de Gumi.

Com a sua grande faca, o indiano livrou-se depressa do guarda, que a detonação fizera acordar espavorido.

Tomaram ambos pelo estreito caminho que conduzia à estrada de Ripore.

Sir Edward Munro e Gumi tinham apenas transposto o postigo quando já o bando de Nana Sahib, despertado em sobressalto, invadira a plataforma.

Houve entre os indianos um momento de hesitação, que podia ser favorável aos fugitivos.

Nana Sahib raras vezes passava a noite na fortaleza.

Na véspera, depois de mandar amarrar o coronel Munro à boca da peça, fora ter com alguns chefes da tribo do Gundwana, que ele nunca visitava em pleno dia.

Era aquela hora em que costumava recolher-se e não devia tardar.

Kalagani, Nassim, os indianos, mais de cem homens, estavam prontos a lançar-se em perseguição do prisioneiro.

Só uma ideia ainda os continha. Ignoravam absolutamente o que se passara.

O cadáver do guarda nada lhes podia dizer.

De todas as probabilidades, o que podiam concluir era o seguinte: por uma circunstância fortuita, comunicara-se fogo à peça, antes da hora determinada para o suplício, e que do prisioneiro só restavam agora leves vestígios.

O furor de Kalagani e dos companheiros manifestou-se por um concerto de maldições.

Nem Nana Sahib, nem nenhum deles podiam ter a alegria de assistir aos últimos momentos do coronel Munro!

Porém, o nababo não estava longe.

Devia ter ouvido a detonação e voltaria com a maior brevidade à fortaleza.

O que lhe responderiam quando pedisse contas do prisioneiro que ele ali deixara?

De tudo isto provinha uma hesitação que dera aos fugitivos tempo de ganharem alguma dianteira, antes de serem avistados.

Por isso, Sir Edward Munro e Gumi, cheios de esperança, depois daquele milagroso salvamento, desciam rapidamente o sinuoso caracol.

Apesar de desmaiada, Lady Munro não fazia peso algum nos braços do vigoroso coronel.

Demais, ia com ele o seu servidor, pronto a auxiliá-lo no que pudesse.

Cinco minutos depois de transporem o postigo achavam-se ambos a meio caminho da plataforma e do vale.

Mas principiava a raiar o dia, e os primeiros alvares matutinos iluminavam já o fundo estreito do desfiladeiro.

Por sobre a cabeça dos fugitivos estrugiam formidáveis brados.

Debruçado do parapeito, Kalagani acabava de vagamente aperceber os vultos de dois homens que fugiam.

Um dos homens não podia deixar de ser o prisioneiro de Nana Sahib.

– Munro! É Munro! – bradou Kalagani, louco de furor.

E, transpondo o postigo, lançou-se em sua perseguição, seguido de todo o seu bando.

– Fomos descobertos – disse o coronel, sem afrouxar o passo.

– Deterei os primeiros –olveu Gumi. – Matar-me-ão, mas isso dar-lhe-á tempo de ganhar terreno!

– Ou nos matam ambos, ou ambos lhes fugiremos! – exclamou o coronel Munro.

Sir Edward e Gumi haviam apressado o passo.

Como tinham chegado- à parte inferior do caminho, já menos íngreme, podiam correr.

Faltava-lhes apenas uns quarenta passos para alcançarem o caminho de Ripore, que terminava na estrada principal, por onde a fuga se lhes tornaria mais fácil.

É verdade que também mais fácil se tornaria a perseguição.

Procurar um refúgio era inútil. Depressa seriam descobertos.

Havia, pois, necessidade de ganhar grande dianteira aos facínoras, e, além disso, de sair antes deles do último desfiladeiro dos Vindhya.

O coronel Munro tomou logo a sua resolução. Não cairia vivo nas mãos de Nana Sahib. Aquela que acabava de lhe ser restituída, primeiro a mataria com o punhal de Gumi do que a entregaria ao nababo, e em seguida, com aquele mesmo punhal, daria cabo de si!

Tinham ganho já um considerável avanço. No momento em que os primeiros indianos transpunham o postigo, já o coronel Munro e Gumi avistavam o caminho a que ia dar o atalho, e a estrada ficava apenas a um quarto de milha.

– Ânimo, senhor! – dizia Gumi, pronto para fazer com o seu corpo uma trincheira ao coronel. – E em menos de cinco minutos estaremos na estrada de Jubulpore!

– Permita Deus que nós aí encontremos auxílio! – murmurou o coronel Munro.

Os clamores dos indianos tornavam-se cada vez mais distintos.

No momento em que os fugitivos desembocavam no atalho, dois homens que caminhavam rapidamente chegavam ao mesmo ponto, vindos do lado oposto.

A claridade do dia já era então suficiente para mutuamente se poderem reconhecer, e dois nomes, como dois gritos de ódio, trocaram-se ao mesmo tempo:

– Munro!

– Nana Sahib!

Ao ouvir a detonação, o nababo acudira e subia a toda a pressa para a fortaleza.

Não podia compreender porque é que as suas ordens tinham sido executadas antes de tempo.

Acompanhava-o um indiano, mas, antes que este tivesse tido tempo de dar um passo ou fazer um gesto, caía aos pés de Gumi, ferido mortalmente pela faca que cortara as cordas do coronel.

– A mim! gritou Nana Sahib, chamando pelo bando que descia o atalho.

– Sim, a ti! redarguiu Gumi.

E com mais rapidez que um raio lançou-se sobre o nababo.

Fora sua intenção, dado o caso de não o matar ao primeiro golpe, lutar pelo menos com ele, de modo que desse ao coronel Munro tempo de ganhar a estrada. Mas a mão de ferro do nababo suspendera a sua, e a faca acabara de lhe escapar.

Furioso por se sentir desarmado, Gumi agarrou então o seu adversário pela cintura, e, apertando-o contra o peito, arrebatou-o nos braços vigorosos, resolvido a precipitar-se com ele no primeiro abismo que encontrasse. Entretanto, Kalagani e os seus companheiros aproximavam-se e iam alcançar a extremidade inferior

do atalho, ficando assim perdida toda a esperança de lhes poderem escapar.

– Mais um esforço! – disse Gumi. – Poderei resistir ainda alguns minutos, fazendo do nababo um escudo! Fuja, senhor, fuja sem mim!

Mas apenas algumas centenas de passos separavam agora os fugitivos daqueles que os perseguiam, e o nababo chamava por Kalagani com a voz sufocada.

De repente, a vinte passos à frente, ouviram-se novos gritos.

– É Munro! Munro! – diziam.

Além, no caminho de Ripore, estava Banks com o capitão Hod, Maucler, o sargento Mac Neil, Fox, Parazard, e a cem passos mais adiante, na estrada principal, o Gigante de Aço, vomitando imensos novelos de fumo, esperava-os com Storr e Kalouth!

Depois da destruição da última carruagem da Steam House, o engenheiro e os seus companheiros só tinham um partido a tomar: utilizarem como veículo o elefante que o bando dos dacoits não pudera destruir.

Por isso, empoleirados sobre o Gigante de Aço, tinham logo deixado o lago Puturia e subido a estrada de Jubbulpore. No momento em que passavam por diante da estrada que conduzia à fortaleza, ouviram por cima de si uma formidável detonação e pararam.

Um pressentimento, um instinto, se quiserem, impelira-os a tomarem por ali.

Que esperavam eles?

Não teriam podido dizê-lo.

A verdade é que, alguns instantes depois, estava diante deles o coronel e gritava-lhes:

– Salvem Lady Munro!

– E segurem bem Nana, Nana Sahib, o verdadeiro! – acrescentou Gumi.

Num esforço derradeiro, lançara por terra o nababo, meio sufocado, e Nana foi logo agarrado pelo capitão Hod, Mac Neil e Fox.

Em seguida, sem pedirem explicações, voltaram todos para o Gigante de Aço.

Por ordem do coronel, que o queriam entregar à polícia inglesa, Nana Sahib foi logo amarrado ao pescoço do elefante.

Quanto a Lady Munro, levaram-na para a torrinha, e seu marido colocou-se ao lado dela.

Todo entregue a sua mulher, que principiava a voltar a si, observava-a para ver se descobria nela algum vislumbre de razão.

O engenheiro e os seus companheiros haviam rapidamente trepado pelo Gigante de Aço.

– A toda a força! – bradou Banks.

Era já dia claro! Cem passos atrás aparecia um grupo de indianos.

Era preciso a todo o custo alcançar, primeiro que eles, o posto avançado do acampamento militar de Jubbulpore, que domina o último desfiladeiro dos Vindhya.

O Gigante de Aço tinha em abundância água e combustível, tudo o que era necessário para o manter em pressão e dar-lhe o seu máximo de velocidade. Mas naquela estrada cheia de curvas não se podia lançar às cegas.

Os gritos dos indianos redobravam então, e era visível que todo o bando lhes ganhava distância.

– Há-de ser preciso defendermo-nos! preveniu Mac Neil.

– Defender-nos-emos – redarguiu o capitão Hod.

Restavam ainda algumas balas. Convinha, portanto, não perder uma só, porque os indianos vinham armados, e era preciso mantê-los à distância.

O capitão Hod e Fox, de carabina em punho, postaram-se sobre a garupa do elefante, um pouco atrás da tromba. Gumi, à frente, colocara-se de maneira que pudesse atirar obliquamente.

Mac Neil, junto de Nana Sahib, com um revólver numa mão e um punhal na outra, estava pronto a matar se os miseráveis se aproximassem dele.

Kalouth e Parazard, diante da fornalha, atulhavam-na de combustível.

Banks e Storr dirigiam a marcha do Gigante de Aço.

A perseguição durava já havia cinco minutos.

Duzentos passos, o muito, separavam os perseguidores dos perseguidos.

Se os primeiros podiam caminhar mais depressa, o elefante artificial podia caminhar mais tempo que eles.

Toda a tática consistia, portanto, em não os deixar ganhar dianteira.

Soaram uns dez tiros. As balas passaram sibilando por cima do Gigante de Aço, salvo uma, que o alcançou na extremidade da tromba.

– Não atirem! Não se deve atirar senão com segurança! – gritou o capitão Hod. – Poupe as balas! Eles estão ainda muito longe!

Banks, vendo então diante de si uma milha de estrada em linha recta, abriu largamente o regulador, e o Gigante de Aço, aumentando em velocidade, deixou o bando muito mais para trás.

– Hurra! Hurra! pelo nosso Gigante! – exclamou o capitão Hod, que não se podia conter. – Ah! Canalhas! Não o apanharão!

Mas, na extremidade da parte rectilínea da estrada, uma espécie de desfiladeiro em subida e sinuoso, última garganta do reverso meridional dos Vindhya, ia necessariamente retardar a marcha de Banks e dos seus companheiros.

Kalagani e o seu bando, sabendo isto muito bem, não abandonaram a perseguição.

O Gigante de Aço alcançou rapidamente esta parte estreita do caminho, que passava entre dois altos taludes de rocha.

Foi então preciso diminuir a velocidade e só avançar com extrema precaução.

Em consequência deste retardamento, os indianos recuperaram todo o terreno perdido.

Se já não tinham esperanças de salvar Nana Sahib, que estava à mercê de uma punhalada, pelo menos vingariam a sua morte.

Dali a nada soavam novas detonações, mas também nenhum dos tiros alcançou os que iam no Gigante de Aço.

– Isto vai tornar-se sério! – disse o capitão Hod, pondo a carabina à cara. – Atenção!

Ele e Gumi fizeram fogo, simultaneamente.

Dois dos indianos mais próximos, atingidos em cheio no peito, caíram por terra.

– Dois de menos! – exclamou Gumi, tornando a carregar a arma.

– Dois por cento! – exclamou o capitão Hod. – Não é bastante! É preciso dizimá-los mais!

E as carabinas do capitão e de Gumi feriram mortalmente três outros indianos.

Mas por aquele desfiladeiro sinuoso não se caminhava depressa.

A estrada, ao mesmo tempo que estreitava, apresentava um declive muito pronunciado.

Em todo o caso, mais meia milha que se fizesse, ficaria transposta a última rampa dos Vindhya, e o Gigante de Aço desembocaria a cem passos de um posto quase à vista da estação de Jubbulpore!

Os miseráveis não eram indivíduos que recuassem diante do fogo do capitão Hod e dos seus companheiros.

A vida perdia para eles a importância logo que se tratasse de salvar ou vingar Nana Sahib!

Cairiam dez, vinte, sob as balas, mas ainda restariam oitenta para se lançarem sobre o Gigante de Aço e vencerem o pequeno grupo a que aquela máquina servia de cidade ambulante.

Por isso redobraram os esforços para alcançarem os perseguidos.

Kalagani também não ignorava que o capitão Hod e os seus companheiros deviam estar reduzidos às últimas balas, e não tardariam que espingardas e carabinas se tornassem dali a pouco em armas para eles inúteis.

Efectivamente, os fugitivos haviam esgotado metade das munições que lhes restavam e iam ficar impossibilitados de se defenderem.

Entretanto soaram ainda quatro tiros e outros tantos indianos caíram mortos.

Só restavam ao capitão e a Fox duas balas.

Naquele momento Kalagani, que se poupou até então, avançou mais do que era prudente.

– Ah! Apanhei-te agora! – exclamou o capitão Hod, fazendo pontaria com o maior sangue-frio.

A bala saiu da carabina para ir direita ao meio da testa daquele traidor.

Kalagani agitou as mãos por um momento, deu uma reviravolta e caiu de chofre.

Apareceu então a extremidade sul do desfiladeiro. O Gigante de Aço fez um esforço supremo.

A carabina de Fox fez-se ouvir.

Mais um indiano caiu morto.

Mas o bando inimigo, percebendo que o fogo cessara, correu ao assalto do elefante, do qual apenas distava uns cinquenta passos.

– Para terra! Para terra! – exclamou Banks.

Sim, naquela altura era mais aconselhável abandonar o Gigante de Aço e correr para o posto, que não ficava longe.

O coronel Munro, levando a mulher nos braços, saltou para terra.

O capitão Hod, Maucler, o sargento e os demais fizeram o mesmo imediatamente.

Só Banks ficara na torrinha.

– E este patife? – inquiriu o capitão Hod, indicando Nana Sahib, amarrado ao pescoço do elefante.

– Deixe-me fazer o que entendo, capitão! – redarguiu Banks em tom singular.

Depois, dando uma pequena volta ao regulador, apeou-se também.

Deitaram todos a fugir, de punhal em punho, prontos a vender cara a vida.

Entretanto, sob a acção do vapor, apesar de entregue a si mesmo, o Gigante de Aço continuava a subir a rampa, mas, como ninguém o dirigia, foi esbarrar contra o talude esquerdo da estrada, e, parando repentinamente, impediu completamente a passagem.

Banks e os seus companheiros já iam a trinta passos de distância quando os indianos se lançaram em massa sobre o Gigante de Aço, a fim de soltarem Nana Sahib. De repente, um estrondo espantoso, igual aos mais violentos trovões, agitou as camadas do ar com indescritível violência.

Antes de abandonar a torrinha, Banks carregara excessivamente as válvulas da máquina.

O vapor atingiu por isso uma tensão extrema, e quando o Gigante de Aço esbarrou contra a parede de rocha, não tendo saída pelos cilindros, fez rebentar a caldeira, cujos destroços se espalharam em todas as direcções.

– Pobre Gigante! – exclamou o capitão Hod. – Morto para nos salvar!

-

CAPÍTULO XIV



O Quinquagésimo Tigre do Capitão

O coronel Munro, os seus companheiros e os seus amigos já nada tinham a recear do nababo, nem dos indianos que seguiam a sua sorte, nem dos dacoits, com os quais ele formara um terrível bando naquela região do Bundelkund.

Ao estrondo da explosão, os soldados do posto de Jubbulpore haviam saído em número considerável.

Os restantes companheiros de Nana, vendo-se sem chefe, tomaram logo a fuga.

O coronel Munro deu-se a conhecer.

Meia hora depois todos chegavam ao posto, onde encontraram em abundância tudo quanto precisavam, e principalmente víveres, que era o que mais necessitavam.

Lady Munro foi para um hotel, enquanto não chegava o momento de a conduzirem a Bombaim.

Aqui, Sir Edward Munro esperava restituir a vida da alma àquela que só tinha a vida do corpo, e que para ele continuaria morta enquanto não recuperasse a razão.

Para dizer a verdade, nenhum dos seus amigos se resignava a desesperar da próxima cura de Lady Munro.

Todos esperavam, cheios de confiança, o grande acontecimento, que poderia profundamente modificar a existência do coronel.

Combinou-se que logo no dia seguinte partiriam para Bombaim.

O primeiro comboio reconduziria todos os moradores da Steam House à capital da Índia ocidental.

Desta vez seria a locomotiva vulgar que os transportaria com toda a velocidade, e não o infatigável Gigante de Aço, de que só restavam agora fragmentos informes.

Mas nem o capitão, seu fanático admirador, nem Banks, seu criador engenhoso, nem nenhum outro dos membros da expedição deviam jamais esquecer aquele animal fiel, a quem tinham acabado por dar uma vida real.

Na sua memória repercutir-se-ia por muito tempo o ruído da explosão que o aniquilara.

Por isso, não deve causar admiração que, antes de deixarem o posto de Jubbulpore, Banks, o capitão Hod, Maucler, Fox e Gumi quisessem voltar ao teatro da catástrofe.

Não havia mais nada a rezear do bando dos dacoits. Em todo o caso, por excesso de precaução, quando o engenheiro e os seus companheiros chegaram ao posto dos Vindhya, agregou-se-lhes um destacamento de soldados, e pelas onze horas davam entrada no desfiladeiro.

Em primeiro lugar encontraram, espalhados pelo solo, cinco ou seis cadáveres mutilados. Eram os que tinham investido sobre o Gigante de Aço, a fim de soltarem Nana Sahib.

Do resto do bando não havia vestígios.

Em vez de voltarem para o seu refúgio de Ripore, agora conhecido, os últimos fiéis de Nana Sahib deviam ter-se dispersado pelo vale do Nerbudda.

Quanto ao Gigante de Aço, fora inteiramente destruído pela explosão da caldeira.

Uma das suas grandes patas tinha sido arremessada a grande distância. Uma parte da tromba, atirada de encontro ao talude, ali se cravara, parecendo um braço gigantesco que saía da rocha.

Viam-se por toda a parte chapas de ferro empenadas, porcas, cavilhas, fragmentos de cilindros, articulações de bielas.

No momento da explosão, quando as válvulas carregadas já não podiam dar saída ao vapor, a tensão deste devia ter sido terrível e exceder vinte atmosferas.

Agora, do elefante artificial, de que tanto se orgulhavam os moradores da Steam House, do colosso que desafiava a supersticiosa admiração dos indianos da obra-prima mecânica do engenheiro Banks, do sonho realizado do rajá fantasista de Bouthan, só restava um arcabouço irreconhecível e sem valor.

– Pobre animal! – não pôde deixar de exclamar o capitão Hod em presença do cadáver do seu querido Gigante de Aço.

– Poder-se-á fabricar outro. . . outro que será ainda mais poderoso!
– lembrou Banks.

– Decerto – retorquiu o capitão, soltando um suspiro, – mas já não é o mesmo.

Enquanto se entregavam a estas investigações, o engenheiro e os seus companheiros lembraram-se de ver se encontrariam alguns restos de Nana Sahib.

À falta do rosto, fácil de reconhecer, a mão privada de um dedo seria bastante para se verificar a sua identidade.

Desejavam muito obter a prova incontestável da morte daquele que não se podia confundir com Balão Rao, seu irmão.

Mas nenhum dos restos ensanguentados que juncavam o solo parecia ter pertencido a Nana Sahib. Os seus fanáticos teriam levado consigo até ao último vestígio das suas relíquias? Era mais que provável.

Em todo o caso chegava-se a este resultado: logo que não havia prova alguma da morte de Nana Sahib, a lenda ia recuperar os seus direitos, isto é, no espírito das populações da Índia- central o intangível nababo continuaria a passar por vivo, enquanto não se fazia um deus imortal do antigo chefe dos sipaios.

Mas para Banks e seus amigos não era admissível que Nana tivesse podido sobreviver à explosão.

Voltaram para o posto, não sem o capitão Hod apanhar primeiramente um pedaço das presas do Gigante de Aço, fragmento precioso que ele queria para recordação.

No dia seguinte, 4 de Outubro, deixaram todos Jubj bulpore num vagão que fora posto à disposição do coronel Munro e do seu pessoal.

Vinte e quatro horas depois transpunham as Gates ocidentais, aqueles Andes indianos, que se estendem por uma extensão de trezentas léguas, em meio de espessas florestas de banianas, de sicômoros, de tecas, de palmeiras, de coqueiros, de arecas, de pimenteiras, de sândalos, de bambus.

Horas depois, o comboio depunha-os na ilha de bombaim, a qual, com as ilhas de Salsete, de Elefanta e outras, forma um ancoradouro magnífico, em cujo extremo sueste está a capital da presidência.

O coronel Munro não devia permanecer naquela grande cidade, onde se acotovelavam árabes, persas, banianos, abexins, parses, guebros, sindos, europeus de todas as nacionalidades, e até, segundo parece, índios.

Os médicos, consultados acerca do estado de Lady Munro, recomendaram que a levassem para uma vivenda de campo nos arredores, onde a tranquilidade que ali desfrutasse, os cuidados que dia a dia lhe dispensassem e o incessante desvelo do marido não podiam deixar de produzir efeito salutar.

Passou-se um mês. Nenhum dos companheiros do coronel, assim como dos seus serviçais, se lembrou por momentos de o abandonar.

Queriam todos estar presentes no dia em que se previa a cura da jovem, dia que não vinha longe.

Tiveram afinal essa alegria. Lady Munro recuperou pouco a pouco a razão. Aquele espírito encantador começou novamente a pensar.

Do que fora a Chama Errante não restava nada, nem a lembrança.

– Laurence! Laurence! exclamou o coronel; e Lady Munro, reconhecendo-o afinal, caíra-lhe nos braços.

Uma semana depois, os viajantes da Steam House estavam reunidos no bungalow de Calcutá. Ia ali recomeçar uma existência bem diferente da que se passara até então naquela rica residência.

Banks ali devia passar os momentos de ócio que lhe ficassem livres dos seus trabalhos e o capitão Hod as licenças que pudesse obter.

Quanto a Mac Neil e a Gumi, pertenciam à casa e não deviam nunca separar-se do coronel Munro.

Por este tempo Maucler foi obrigado a deixar Calcutá para voltar à Europa.

Fê-lo ao mesmo tempo que o capitão Hod, cuja licença expirava e a quem o dedicado Fox ia seguir aos acantonamentos militares de Madrasta.

– Adeus, capitão – disse-lhe o coronel – Com satisfação penso que nada tem a lastimar na sua viagem à Índia setentrional, salvo o não haver morto o seu quinquagésimo tigre!

– Mas é que o matei, coronel.

– Como! Matou-o?

– Pois não? respondeu o capitão Hod, com um gesto magnífico. Pois quarenta e nove tigres e. . . Kalagani. . . não somarão os meus cinquenta?

FIM

Júlio Verne, um Escritor Apaixonado pela Ciência

O pai da ficção científica escreveu livros que até hoje encantam leitores do mundo inteiro



Muitos acreditam que ciência é assunto só de cientistas. Grande engano. Ciência é um tema que pode render ótimas histórias. Júlio Verne que o diga! O escritor francês - que há exatos 100 anos faleceu e, por isso, tem sido lembrado em todo o mundo em 2005 - é considerado um dos pais da ficção científica. Você sabe o que é isso?

“Ficção científica é um gênero literário dedicado a criar mundos fictícios que, de alguma forma, são diferentes do mundo real em que vivem seus autores”, explica Lucia de La Rocque, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz. “Esses mundos inventados, em geral, são mais avançados nas áreas da ciência e da tecnologia. Isso porque a ficção científica se dá ao luxo de inventar coisas mirabolantes, que os cientistas ainda não têm como realizar! Afinal, ela é literatura e

pode usar e abusar da imaginação.” Foi o que Júlio Verne fez: em seus livros, criou inventos que, na época, eram impossíveis de produzir!

Nascido em 1828 na cidade portuária de Nantes, na França, Júlio Verne desde criança gostava de observar os navios, o mar e os viajantes. Aos vinte anos, foi estudar direito em Paris. Lá, começou sua carreira literária, com a publicação de algumas peças de teatro. Em 1863, um dos seus contos, Cinco semanas em um balão , teve sucesso ao ser publicado. A partir daí, Júlio Verne passou a se dedicar exclusivamente à escrita.

Com histórias futuristas e muito reais, os livros de Verne tornaram-se populares em todo o mundo. O mais famoso, considerado sua obra-prima, é Vinte mil léguas submarinas, que conta a história do capitão Nemo e seu submarino, Nautilus. Júlio Verne escreveu essa história em 1873, quando não havia tecnologia para construir um submarino! O primeiro veículo desse tipo só foi feito 25 anos após a publicação do texto.

Mas como um escritor poderia saber tanto sobre ciência a ponto de prever diversas invenções que só viriam a se concretizar no futuro? Sem a formação de um cientista e sem a experiência de um viajante, Verne pesquisava bastante antes de escrever suas histórias. Por isso, bolou ficções científicas cheias de detalhes e que pareciam reais. Além disso, conseguiu retratar muito bem a época em que viveu!

Você já ouviu falar na Revolução Industrial, que ocorreu no século 19? Nesse período, sobretudo na Europa, os investimentos em tecnologia ficaram mais intensos e foram construídas as primeiras máquinas industriais. Havia um clima de progresso no ar, que está presente nas histórias fantásticas que Verne escreveu até a década de 1880. A partir daí, nos romances que o autor publicou, encontramos algo bem diferente: uma atmosfera de pessimismo e insegurança, que refletia o clima do final de século na Europa.

Júlio Verne escreveu muito durante toda a vida. Vinte mil léguas submarinas, Viagem ao centro da Terra, A volta ao mundo em oitenta dias e Viagem da Terra à Lua são considerados os livros mais

importantes de sua obra. Se você ainda não leu nenhum deles, procure já nas bibliotecas ou livrarias.



http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

{1} Uma mulher não titular que desposa um baronete ou um cavaleiro toma o título de lady, que antepõe ao nome do marido. Porém, este qualificativo de lady não pode preceder o nome de baptismo, porque em tais casos é unicamente reservado para as filhas dos pares

{2} São assim chamados os condutores de palanquim na Índia.

{3} O que havia de reinar de Portugal, dominado então pelos Espanhóis, que tratavam isto como país conquistado? Três nações, como três abutres, baixaram a cevar-se nos despojos do vencido leão dos séculos XV e XVI: Franceses, Ingleses e Holandeses. Destes ainda recuperámos depois algumas colónias; mas a Índia, de que os Ingleses lançaram mão, essa é que nunca reconquistámos. (N. do T.)

{4} Dois milhões de francos

{5} quase oitenta quilómetros

{6} Chama-se quilogrâmetro à força requerida para se elevar um peso de um quilograma à altura de um metro. (N. do T.)

{7} A igreja comemorativa concluiu-se depois. Era lápidas de mármore conserva-se a memória dos engenheiros do caminho de ferro East Indian, que morreram de doença ou de ferimentos durante a grande insurreição de 1857, dos soldados, sargentos e oficiais do 34.º Regimento do exército real, mortos no combate de 17 de Novembro em frente de Cawnpore, do capitão Stuart Beatson, dos oficiais, homens e mulheres do 32.º Regimento que morreram durante os cercos de Lucknow e Cawnpore, ou durante a insurreição, finalmente a memória dos mártires de Bibi-Ghar, assassinados em Julho de 1857.

{8} Quase setecentos e trinta milímetros.

{9} Em 1877 pereceram pela mordedura das serpentes 1677 criaturas humanas. Os prémios pagos pelo Governo para a destruição daqueles répteis demonstram que naquele mesmo ano se mataram 127 295.

{10} Se é lícito comparar as pequenas coisas às grandes (Virgílio, Geórgicas).